



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

KLYCIA FONTENELE OLIVEIRA

**PRÁXIS COMUNICATIVA NO ANTÔNIO BEZERRA: DAS MEMÓRIAS DO
VIVIDO ÀS IMAGENS DO BAIRRO E DE SI QUE OS MORADORES CONSTROEM**

FORTALEZA

2015

KLYCIA FONTENELE OLIVEIRA

PRÁXIS COMUNICATIVA NO ANTÔNIO BEZERRA: DAS MEMÓRIAS DO VIVIDO
ÀS IMAGENS DO BAIRRO E DE SI QUE OS MORADORES CONSTROEM

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

O48p Oliveira, Klycia Fontenele.
Práxis comunicativa no Antônio Bezerra: das memórias do vivido às imagens do bairro
e de si que os moradores constroem / Klycia Fontenele Oliveira. – 2015.
254 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte,
Departamento de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza,
2015.

Área de Concentração: Comunicação e linguagens.

Orientação: Catarina Tereza Farias de Oliveira.

1. Comunicação e cultura. 2. Antônio Bezerra (Fortaleza,CE) – Aspectos sociais. 3. Memória – Aspectos sociais. I. Título.

CDD 302.2098131

KLYCIA FONTENELE OLIVEIRA

PRÁXIS COMUNICATIVA NO ANTÔNIO BEZERRA: DAS MEMÓRIAS DO VIVIDO
ÀS IMAGENS DO BAIRRO E DE SI QUE OS MORADORES CONSTROEM

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Teresa Cristina Furtado Matos
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Profa. Dra. Márcia Vidal Nunes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Para minha amiga, jornalista, professora e moradora do bairro Antônio Bezerra, Joana D'arc Pereira Dutra (*in memoriam*). Ela que sempre apostou na comunicação popular como forma de expressão daqueles que lutam por uma sociedade mais justa... “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.” (Caetano Veloso).

AGRADECIMENTOS

A cada dia, mais eu me convenço de que o olhar que eu tenho da vida é construído pelos diálogos que travei ao longo de minha existência. Que minha visão de mundo é resultado da práxis do meu viver. Que minha compreensão da realidade, ou das tantas realidades com as quais me deparei, e os conhecimentos que porventura eu construí são frutos das interações, com as pessoas e as coisas do mundo, que vivenciei e vivencio.

Um olhar que se firma na elaboração de ideias, ou seja, que se firma na razão. Mas, que está embrenhado de afetividades, porque minha razão também sente. Porque também sou fruto de sentimentos e emoções vividas. Meu olhar sobre o mundo é, portanto, mutante, fluido, sujeito a imprecisões, em um processo ininterrupto de construções e desconstruções. Afinal, viver no mundo me modifica ao mesmo tempo em que eu interfiro nele.

É por isso que a lista de agradecimentos será sempre injusta por quão limitada ela é e, de antemão, já peço desculpas a quem não for aqui citado, pois estes agradecimentos se concentram naqueles que diretamente influenciaram na realização desta pesquisa de mestrado. Seja pela razão, seja pelo sentimento.

Agradeço inicialmente a todos os meus professores – com carinho especial àqueles que mais do que mestres, foram educadores, ou melhor, educadores; para lembrar a sábia ideia de que educação e comunicação devem caminhar juntas na construção de conhecimentos críticos que se prestem a pensar o mundo para transformá-lo em algo melhor. Sem sombras de dúvida, cada um, à sua maneira, contribuiu para a minha formação acadêmica e humana.

Dedico atenção especial aos professores dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Educação, História e Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). O primeiro porque foi o que me acolheu como mestranda, e os demais pelas disciplinas que cursei, e que foram extremamente importantes para os diálogos interdisciplinares que tentei realizar.

Agradeço especialmente aos professores da Educação, Maria das Dores Mendes Segundo e Osterne Nonato Maia Filho; da Sociologia, Leonardo Damasceno de Sá e Glória Maria dos Santos Diógenes; e da História, Kênia Sousa Rios e Ana Rita Fonteles Duarte. Destas últimas, guardo uma afeição particular, a primeira porque sua sagacidade e humor deram um brilho especial às aulas e a segunda por eu, felizmente, ter confirmado sua competência, coisa que eu já sabia existir desde o tempo da graduação quando estudamos juntas.

Entre os da Comunicação, agradeço com um carinho de discípula à professora Júlia Maria Pereira de Miranda Henriques (eita que mulher danada de inteligente é essa!). Ao

professor Silas José de Paula cuja criatividade nas ideias me deixa em pavorosa desde os tempos da graduação. À professora Márcia Vidal Nunes cuja retidão de caráter e compromisso com o social me encantam sobremaneira. E às professoras, Inês Vitorino e Sílvia Helena Belmino, cuja disciplina de Seminário de Pesquisa muito me inspirou.

Também agradeço, com uma dose a mais de amor, ao professor Edgard Patrício de Almeida Filho. Amigo, companheiro de sonhos e de trabalho, que aceitou gentilmente, mas nem por isso de forma acrítica, o convite para compor minha banca de qualificação e defesa. Aliás, o carinho que ele tem por mim tornou seu olhar mais aguçado ao ler e questionar o meu trabalho.

Agradeço à professora Teresa Cristina Furtado Matos, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que reservou um tempo – inclusive, enquanto estava fora do país, trabalhando – para conhecer minha pesquisa e enriquecer minhas ideias com suas contribuições. Agradeço, mais uma vez, à professora Márcia Vidal Nunes, que também contribuiu em minha banca de qualificação e defesa. Encerro a lista de agradecimentos aos professores, com o nome da minha querida amiga e orientadora Catarina Tereza Farias de Oliveira, da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Catarina, obrigada por efetivamente dialogar comigo. Sei da minha intransigência e teimosia... obrigada, de verdade, por não tolher as asas de minha imaginação. Obrigada também por me escutar verdadeiramente, porque só essa escuta sincera é que pode justificar as suas orientações tão acertadas. Todas as leituras sugeridas e ponderações feitas por você foram de grande valia. Nunca vi isso! (risos). Mesmo assim, eu assumo o risco pelas decisões aqui tomadas.

Não posso terminar esse agradecimento, porém, sem citar meus colegas de Mestrado, em especial as minhas salvadoras da Pátria, Evilene Abreu e Amanda Nogueira, que me ajudaram com as questões burocráticas do PPG-COM (eu nunca entendia nada!) e tecnológicas (não é, Amandita?!). Carinho também para com Ilana Landim, Angela Soares e Camila Coelho, com elas, tive o prazer de dividir a sala de aula e compartilhar ideias que muito me engrandeceram. Agradeço, ainda, à Márcia Ximenes, amiga também de docência, que foi um anjo me mostrando o caminho das pedras a poucas semanas da qualificação...

Agradeço ainda aos amigos jornalistas e pesquisadores Rones Maciel, Luana Amorim, Angela Marinho, Gisa Carvalho, Ana Luíza Monte e (mais uma vez) Márcia Ximenes e Amandita. Amigos que guardo no coração e que presenciaram, várias vezes, minhas tensões, lamúrias e euforias ao longo dessa caminhada. A gente fica um tanto grávida quando está gestando a dissertação...

À Luana, por estar sempre disposta a facilitar a minha vida na Faculdade Cearense (FaC) onde eu leciono e ela é coordenadora. À Angela, sempre animada para uma boa discussão sobre comunicação e jornalismo. À Gisa que, mesmo longe geograficamente, sempre me deixa perceber o carinho que tem por mim. À Amandita que esteve firme e forte nos dias da qualificação e defesa; e cujos telefonemas para saber como eu estou sempre me acarinham. À Márcia, pelas rápidas conversas sobre o andamento da pesquisa que tivemos pelos corredores da FaC. E à Aninha – prova viva de que amizade também se faz pela diferença. Amiga, nossas conversas e seus pontos de vista, tantas vezes distintos dos meus, só me fazem crescer!

À jornalista, Thaíla Ferreira Cavalcante, agradeço o amor e afeto dedicados a mim enquanto me ajudava a transcrever entrevistas, a digitalizar imagens e ao me acompanhar em algumas das visitas ao bairro Antônio Bezerra. Mas, principalmente, por aguentar meus chiquinhos (sim, também fico afetada!) e se dispor a ficar do meu lado. Obrigada, amor meu.

Pelo afeto sempre demonstrado, agradeço também à minha prima e amiga, Wlândia Fontenele, às minhas amigas Alyce Thé (a risada mais gostosa de ouvir), Ana Romaniello (irmã que a vida me deu), Cibele Marinho (que me atura há mais de duas décadas!), Karol Conde (a prima que ganhei e não quero mais perder), Christiane Luci (amor para tantas vidas) e Virgínia Neves (a Virges, fiel parceira na vida!), que traduziu para o inglês o meu resumo. Apesar de seguirem caminhos distintos do meu, elas estão sempre dispostas a me dizer uma palavra bem-humorada ou de incentivo. Precisei de muitas delas ao longo desse Mestrado... É bom demais ter amigos!

Agradeço também àqueles que decidiram me contar suas memórias. A Léo Davi Terto Facundo, à sua avó Margarida Terto e à mãe Regina Facundo; Paulo Gleison e sua mãe Carolina Rodrigues; ao jovem Mateus Miranda e ao ex-vereador Edmar Mendes (o Didi do Frifor). Aos comunicadores Inácio e Viviane Rocha, Valentim Santos, Francisco Tavares, Jailson Pereira, Rondinelle Mendes, Marcos Gonçalves, Tony Almeida e Graça Tavares. E a outros tantos moradores do bairro Antônio Bezerra que me acolheram e me ajudaram a me localizar no bairro, trocando meia dúzia de palavras em conversas informais enquanto eu comprava um lanche ou perguntava sobre uma ou outra construção do bairro.

Agradeço ainda aos meus pais, Maria Lêda Fontenele Oliveira e José Paes de Oliveira. Mais uma vez, eles demonstraram que apoiam as minhas decisões e que estão comigo para o que der e vier. Eles me amam como ninguém nunca me amou (e como é bom sentir isso!) e fazem tudo (mas é tudo mesmo!) por mim; desde questões materiais como me dar um computador novíssimo quando o meu já não aguentava mais até as prazerosas discussões sobre a minha pesquisa que muitas vezes tivemos. Atentos, ouviam os meus relatos sobre as visitas

ao Antônio Bezerra e sempre davam um jeito de opinar com algum questionamento ou recordações de uma Fortaleza que eu não conheci.

Da minha família, também preciso agradecer aos meus amores: José Paes de Oliveira Filho, Emmanuel Fontenele Oliveira e Filipe Fontenele Oliveira. Irmãos na mais forte acepção da palavra. Crescemos os quatro, apoiando uns aos outros. E, mesmo eu sendo a mais velha, aprendo demais com eles – tanto pelos conhecimentos que compartilham comigo, quanto pelos exemplos de homens bons que eles são. Agradeço também às minhas cunhadas Karol Moita (esposa do Emmanuel) e Andreza Pimenta (esposa do Zé Filho) que demonstram um carinho de irmãs para comigo e que, junto com meus irmãos, me deram as alegrias do meu viver: João Vitor (meu John John) e Pedro Lucas (o galego da tia).

Preciso, ainda, dedicar mais algumas linhas ao meu irmão caçula, o Filipe. Por morarmos na mesma casa, ele acompanhou bem de perto todo o Mestrado. Foi ele quem me ajudou na documentação quando fiz seleção para o PPG-COM, que imprimiu as inúmeras versões da dissertação, que me levou algumas vezes ao Antônio Bezerra e à faculdade. Que torceu por mim, revisou as regras da Gramática Normativa e me deu chocolate quando eu andava tensa... Irmão, não sei o que seria de mim sem você! Eu te amo muito!

Agradeço, por fim, a essa força motriz que nos mantém vivos, belos e resilientes. Essa força que me acompanha, na qual encontro alento e que eu chamo de Deus... Gratidão é uma prática nobre, embora bem difícil de ser vivenciada. Mas, sou insistente e busco cultivá-la, sendo assim, meu muito obrigada à vida!

“Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; mas o que importa é transformá-lo.” (Karl Marx).

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado reflete sobre como práticas socioculturais constituem-se como práxis comunicativa para, assim, identificar e compreender processos de construção das imagens que moradores e os comunicadores do Antônio Bezerra fazem sobre o bairro, sobre as experiências comunicativas e sobre si. Último bairro do lado noroeste de Fortaleza e integrante da Secretaria Executiva Regional – SER III, o Antônio Bezerra é o cenário do site BAB (<www.bairroantoniobezerra.com.br>), da rádio comunitária Costa Oeste 87,9 FM, e da antiga Rádio Comunitária Antônio Bezerra, 103,5 FM. Experiências comunicativas, vividas por moradores do bairro, que se distanciam da comunicação orientada pelo mercado. Como objetivos específicos, busca-se identificar os processos que contribuem para a construção de identificações sociais; compreender como as imagens sobre o bairro, que os moradores constroem, dialogam com as imagens que eles têm de si, das radiocom e do site e encontrar os contrapontos e aproximações entre essas imagens e autoimagens, refletindo sobre como a elaboração dessas representações e as ligações afetivas com o lugar afetam-se mutuamente. Para tanto, optou-se por uma metodologia que dialoga com os princípios da cartografia ao compreender que toda pesquisa mais intervém do que representa a realidade investigada; haja vista a inexistência de neutralidade no conhecimento. E que, para compreender um determinado objeto, é preciso ser flexível diante dos fenômenos estudados, entendendo que a pesquisa científica é feita de encontros que atingem, provocam e transformam tanto pesquisador como objeto, especialmente quando este objeto é formado por pessoas. Utiliza-se, ainda, a memória como principal estratégia metodológica, associada à entrevista de história oral, concebida de forma dialógica quando vivenciada como prática de interação social. Visto que os resíduos das ações cotidianas, retidos na memória, contribuem para a elaboração das representações de si (e do outro) que, por sua vez, guiam as identificações sociais, ou seja, definem diferenças e identidades. Os relatos de memória contribuem, então, para que o indivíduo defina seu lugar social e as relações que mantém com os outros e com as coisas do mundo. Por fim, embora se compreenda a investigação científica como um processo contínuo, este estudo infere que os moradores do Antônio Bezerra – no caso, moradores cujas famílias moram no bairro há tempos e que integram a rede de contatos desta pesquisa – mantêm forte elo de afetos com o bairro, criado pelo convívio de quem habita o mesmo lugar há décadas. Essa ligação resulta em imagens positivas sobre o bairro, contrariando os estigmas sociais que assolam um bairro de periferia. Apesar dos péssimos índices de criminalidade e baixos indicadores sociais, o bairro é visto como um bom lugar para viver, pacato, com características próximas à vida do interior,

indo na contramão do frenético ritmo metropolitano. Já os comunicadores se percebem como moradores que valorizam e defendem o Antônio Bezerra, enquanto as experiências comunicativas carregam imagens distintas. O BAB e a 103,5 seriam veículos que se importam com as questões do bairro, enquanto a fase atual da Costa Oeste teria uma imagem negativa, de uma emissora que se distanciou da comunidade.

Palavras-chave: Práxis comunicativa. Relatos de memória. Imagens e autoimagens. Bairro Antônio Bezerra.

ABSTRACT

This Master's research discusses about how sociocultural practices are communicative praxis to thereby identify and understand the processes of construction of the images that the dwellers and communicators of Antonio Bezerra district make of the neighborhood, about their communicative experiences and about themselves. Last district of the northwest of Fortaleza and part of Regional Executive Office – SER III, Antonio Bezerra is the scenario of the website <bairroantoniobezerra.com.br>, the community radio station Costa Oeste 87,9 FM, and the old Radio Comunitaria Antonio Bezerra, 103,5 FM. Communicative experiences, lived by the neighborhood residents, who get far from the market-guided. As specific objectives, we aim to identify the processes that contribute to the construction of social identifications; understand how the images about the neighborhood, constructed by the residents, dialogue with the images they have about themselves, of the radiocom and the website and find the counterpoints and the similarities between these images and self images, reflecting on how the elaboration of these representations and the affective liaisons of the communicators with the place affect each other mutually. We chose a methodology that uses the cartography principles understanding that every research intervenes more than represents the reality investigated, given the lack of neutrality in knowledge. And to understand a given object, it's necessary to be flexible before the phenomena studied, understanding that the scientific research is made of meetings that reach, provoke and transform the researcher and the object, especially when this object is made of people. We use the memory as the main methodological strategy, associated to the interview of oral story, conceived in a dialogical form when experienced as social interaction practice. The residues of the everyday actions, retained in memory, contribute to the elaboration of the self representations (and the others') that guide the social identifications, define differences and identities. The reports by memory contribute, then, for the individual to define his place and the relationships that keep with the others and the things. Finally, although the scientific investigation is a continuous process, this study infers that the Antonio Bezerra residents – inhabitants whose families live in the district for a long time and who are part of a net of contacts of this research – keep a strong link of affect with the district, created by living together with people who live at the same place for decades. This link results in positive images of the district, contradicting the social stigma that reach the poor neighborhoods. In spite of the bad indices of criminality and low social indicators, the district is seen as a good and calm place to live, with features close to the country life, against the frenetic metropolitan rhythm. The communicators see themselves as residents who value and defend Antonio Bezerra neighborhood, whereas the

communicative experiences carry different images. BAB and 103,5 are means that worry about the district issues, while the current phase of Costa Oeste has a negative image, as a radio station that got apart from the community.

Keywords: Communicative praxis. Memory reports. Images and self images. Antonio Bezerra neighborhood.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do bairro Antônio Bezerra	40
Figura 2 – Avenida Mister Hull (vista de cima do viaduto) e o viaduto da Perimetral	92
Figura 3 – Entrada da Chácara Salubre	117
Figura 4 – Estação Ferroviária de Antônio Bezerra (estrutura atual)	118
Figura 5 – Feira da rua Dr. Vale Costa	120
Figura 6 – Mapa do “coração” do bairro Antônio Bezerra	122
Figura 7 - Página inicial do site oficial da Costa Oeste (topo da página)	162
Figura 8 - Página da Costa Oeste no site Radios.com	163
Figura 9 - Logotipo do site BAB/página inicial do BAB	187
Figura 10 - Convite para interagir no Livro de Visitas – publicado dia 10/012004	189
Figura 11 - Anúncio das coberturas do BAB e Guia Comercial/página inicial do BAB	194
Figura 12 - Página inicial da revista BAB na plataforma ISSUU	195
Figura 13 - Ícones da campanha “Não se cale” e do Livro de Visitas	196
Figura 14 - Webmail Hostdime (empresa de hospedagem de site)	196
Gráfico 1 - Divisão dos usuários por sexo	189
Gráfico 2 - Quantidade de comentários por ano	190
Gráfico 3 - Principais motivações para os comentários	191
Gráfico 4 - Assunto central dos comentários	191
Quadro 1 - Grade da programação semanal – segunda à sexta	163
Quadro 2 - Grade da programação de sábado	164
Quadro 3 - Grade da programação de domingo	164
Quadro 4 - Chamadas históricas da página inicial	187

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - A rede de contatos	63
Tabela 2 - População do Antônio Bezerra e bairros vizinhos	126
Tabela 3 - Número de emissoras de rádio com licença para funcionar	150

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abert	Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão
Abraço-Ce	Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária – Seção Ceará
Abraço Nacional	Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária – Seção Nacional
Anatel	Agência Nacional de Telecomunicações
ASA-Brasil	Articulação no Semiárido Brasileiro
BAB	Bairro Antônio Bezerra
Bancesa	Banco de Sobral S/A
BNH	Banco Nacional de Habitação
CA	Centro Acadêmico
DCE	Diretório Central dos Estudantes
DS	Democracia Socialista
ECC	Encontro de Casais com Cristo
EEFM	Escola de Ensino Fundamental e Médio
FaC	Faculdade Cearense
FCVS	Fórum Cearense pela Vida no Semiárido
FIC	Faculdade Integrada do Ceará
FIDA	Fundo Internacional para o Desenvolvimento da Agricultura
FNDC	Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação
Gedam	Grupo de Educação Ambiental
GRAB	Grêmio Recreativo do Antônio Bezerra
Hemoce	Centro de Hematologia e Hemoterapia do Ceará
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM-B	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - por bairro
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
INAF	Indicador de Analfabetismo Funcional
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Ipece	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
Iplanfor	Instituto de Planejamento de Fortaleza
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano

ITI	Instituto Nacional de Tecnologia da Informação
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MEC	Ministério da Educação
MER	Movimento de Estudantes Revolucionários
Metrofor	Companhia Cearense de Transportes Metropolitanos
MID	Mapa da Inclusão Digital no Brasil
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra
OBSCOMCOM	Observatório de Comunicação Comunitária
ONG	Organização não-governamental
ONU	Organizações das Nações Unidas
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PDHC	Projeto Dom Hélder Câmara
PIB	Produto Interno Bruto
PIDs	Pontos de Inclusão Digital
PMF	Prefeitura Municipal de Fortaleza
PPG-COM	Programa de Pós-graduação em Comunicação
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio
Pronatec	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PT	Partido dos Trabalhadores
P1MC	Programa de Formação e Mobilização para a Convivência com o Semiárido: Um Milhão de Cisternas Rurais
P1+2	Programa Uma Terra e Duas Águas
Radiocom	Rádio(s) Comunitária(s)
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
RFESA	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
RVC	Rede de Viação Cearense
Secom	Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República do Brasil
Semace	Secretaria do Meio Ambiente
Semas	Secretaria Municipal de Assistência Social
SER III	Secretaria Executiva Regional III

SESC	Serviço Social do Comércio
Sindjorce	Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNE	União Nacional dos Estudantes
Unifor	Universidade de Fortaleza
UVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	22
PARTE I – A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	28
2 MEMORIAL DE AFETOS: “VOCÊ NÃO SABE O QUANTO EU CAMINHEI PRA CHEGAR ATÉ AQUI”	28
2.1 Contornos iniciais para uma pesquisa em comunicação	35
2.2 Nova configuração da pesquisa	42
3 METODOLOGIA: “NÃO SEI ONDE EU TÔ INDO MAS SEI QUE EU TÔ NO MEU CAMINHO”	45
3.1 Memória: uma experiência sensorial-analítica	46
3.1.1 <i>Para explorar o vivido: a entrevista como prática de interação social</i>	55
3.2 Percursos e percalços na estrada	59
3.2.1 <i>A rede de contatos</i>	61
4 CRÔNICAS DA VIAGEM: “UM SEXTO SENTIDO MAIOR QUE A RAZÃO”	67
4.1 A primeira entrevista	68
4.2 A rádio Costa Oeste	68
4.3 A casa de dona Carol	71
4.4 A casa da dona Margarida	75
4.5 Um oásis verde amarelo	76
4.6 Do silêncio que as fábricas fazem	79
PARTE II - A PESQUISA	83
5 SOBRE A METRÓPOLE: “A CIDADE NÃO PARA. A CIDADE SÓ CRESCE”	84
5.1 É nas áreas que se vive	88
5.2 Fortaleza: “entre luzes que lhe escondem”	97
5.3 Antônio Bezerra: para além do barro vermelho	110
6 A COMUNICAÇÃO FORA DA MÍDIA: “SEPARA UM LUGAR NESSA AREIA NÓS VAMOS CHACOALHAR A SUA ALDEIA”	132
6.1 “E no mundo dizem que são tantos saltimbancos como somos nós”	137
6.2 As radiocom no Antônio Bezerra	147
6.2.1 <i>Da 103,5 à 87,9 FM</i>	151
6.3 Um site popular (?) no Antônio Bezerra	173
6.3.1 <i>BairroAntonioBezerra.Com.Br – dez anos de trajetória</i>	176
6.3.2 <i>A estrutura do BAB</i>	186

7 DAS IMAGENS QUE OS MORADORES CONSTROEM: “É QUE NARCISO ACHA FEIO O QUE NÃO É ESPELHO”	200
7.1 Imagens de si e estigmas sociais	205
7.2 Antônio Bezerra: imagens que constroem um bairro	215
7.2.1 O bairro pelo site e as radiocom	230
7.3 As tantas faces das experiências de comunicação	233
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	242
REFERÊNCIAS	247

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de Mestrado se volta para os processos de construção das imagens do bairro e de autoimagens, protagonizados por moradores, especialmente moradores comunicadores, do Antônio Bezerra. Localizado na Secretaria Executiva Regional (SER III) e último bairro do lado noroeste de Fortaleza, o Antônio Bezerra é o *locus* desta investigação, pois é o principal cenário das experiências comunicativas que inspiraram minha pesquisa por se distanciarem da lógica do mercado e pelo tempo de existência na cena da comunicação de Fortaleza. São elas:

O site BAB (<www.bairroantoniobezerra.com.br>) que foi criado em 16 de junho de 2005 e tem à frente o casal Inácio e Viviane Rocha. A Costa Oeste 87,9 FM – rádio comunitária (radiocom) cuja licença provisória foi outorgada em 9 de agosto de 2002 – que permanece na ativa. E sua antecessora, a Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM, primeira experiência de radiocom do bairro iniciada em 1999, cujos integrantes se uniram à Costa Oeste em 2006, após a 103,5 ser fechada pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e seu diretor presidente, Rondinelle Mendes, ter sido detido e alvo de processo por parte do Ministério Público.

Compreendendo que as práticas socioculturais constituem-se como práxis comunicativa, este estudo tem como objetivos específicos refletir sobre os processos que contribuem para a construção de identificações sociais; identificar e compreender como as imagens sobre o bairro e de si, criadas pelos moradores, dialogam com as imagens construídas, a partir das radiocom e do site; e encontrar os contrapontos e aproximações entre imagens e autoimagens, refletindo sobre a relação mútua entre as representações criadas e as ligações afetivas com o lugar, dos moradores, especialmente, dos moradores comunicadores.

Esses objetivos partem da compreensão de que o cotidiano das relações sociais se constitui como práxis comunicativa que não necessariamente é mediada pela tecnologia, e que a partir dessa práxis imagens e autoimagens são elaboradas. Há também a tentativa de não reduzir os envolvidos com o site e com as radiocom à condição de comunicadores, pois suas existências são mais amplas e complexas do que os papéis que desempenham (ou desempenhavam) diante do BAB, da 87,9 e da 103,5. Distancia-se, portanto, da tradição das pesquisas em comunicação que priorizam análises de conteúdo e discussões somente em torno da relação comunicação e tecnologia.

Esta pesquisa é também impulsionada pela minha curiosidade em conhecer as motivações e processos que levaram moradores do Antônio Bezerra a vivenciar experiências

de comunicação associadas à tecnologia, mas que se distanciam da lógica do mercado que rege a mídia; no caso, o BAB e as radiocom 87,9 e 103,5. Quero ainda entender como as imagens sobre as radiocom e o site, como também as autoimagens de comunicador são construídas e se haveria uma percepção do papel social que eles desempenham e que papel seria esse. Porquanto intenciono contribuir no fortalecimento da luta em defesa da democratização da comunicação no Brasil, refletindo sobre as táticas usadas pelos sujeitos para burlar a hegemonia da mídia e do capital.

Por conseguinte, este estudo sustenta-se na relação entre três variáveis: convivência em um lugar (moradores antigos); experiências comunicativas que não seguem a lógica do mercado midiático (site BAB e as radiocom 87,9 e 103,5) e processos de produção de imagens e autoimagens (de moradores e comunicadores). Tais variáveis não puderam ser tratadas de forma isolada e acabaram por me levar a relacioná-las a outros aspectos. E, muito embora eu tenha feito este exercício relacional, tenho ciência de que muitas outras reflexões ficaram por vir.

Isso reforça minha compreensão da pesquisa como algo processual e infundável, cuja intermitência tem mais causa em questões institucionais, como os prazos dos programas de pós-graduação; e pessoais, como o próprio amadurecimento da pesquisadora, do que no esgotamento das discussões. Nesse sentido, apesar de esta dissertação encerrar um ciclo, permanece aberto um leque de possibilidades de pesquisas futuras e de antemão já ressalto o desejo de avançar com novos estudos.

Esta pesquisa orienta-se, ainda, pelos princípios da cartografia, a qual defende a investigação científica mais como um ato de intervenção do que de representação, dada a inexistência de neutralidade na construção do conhecimento. Por conseguinte, reconhece a necessidade de que o pesquisador assuma uma postura flexível diante dos fenômenos estudados, haja vista a compreensão da pesquisa como um exercício dialógico, por ser feita de encontros e desencontros que atingem, provocam e transformam tanto pesquisador como objeto.

Utiliza-se, também, a memória como principal estratégia metodológica, associada à entrevista de história oral, concebida como uma prática de interação social. Tal escolha tem origem no entendimento de que os resíduos das ações cotidianas, retidos na memória, contribuem para a elaboração das representações de si (e do outro) que, por sua vez, guiam as identificações sociais, ou seja, definem diferenças e identidades. Desse modo, os relatos de memória contribuem para que o indivíduo defina seu lugar social e as relações que mantém com os outros e com as coisas do mundo.

Construiu-se, assim, uma rede de contato com 16 indivíduos, com os quais foram realizadas 21 entrevistas, entre presenciais (13) e pela rede social *Facebook* (8). Importante dizer que a princípio a intenção era realizar somente entrevistas presenciais, mas alguns interlocutores se mostraram resistentes ao contato direto. Além disso, o *Facebook* foi uma ferramenta útil para conversas informais com quase todos que compuseram a rede.

A escolha dos interlocutores seguiu dois critérios básicos: que eles fossem moradores do Antônio Bezerra sem envolvimento com o site ou com as radiocom, mas cujas famílias já morassem no bairro há gerações, ou que fossem comunicadores ou ex-comunicadores, com atuação no bairro. Foram incorporadas ainda visitas ao Antônio Bezerra quando também conversei informalmente com outros moradores. Além de audição da programação atual da Costa Oeste e navegação pelo BAB, e pela página e *Fanpage*¹ da emissora.

A definição da metodologia foi consequência da observação direta que realizei já nas primeiras incursões pelo bairro quando iniciei uma pesquisa exploratória, associada a leituras de autores como Bosi (1995), Pollak (1980; 1992), Portelli (2001), Alberti (2004), Medina (2001) e Vogel (2009). Entretanto, trabalhar com relatos de memória acenderia uma nova questão: estar atenta à lógica e à coerência interna dos discursos dos moradores eleitos meus interlocutores. Nesse ponto, Bakhtin (2006) e Foucault (1987; 1999; 2010) foram cruciais.

Sob pena de reduzir por demais a realidade na qual me debrucei, as variáveis de minha investigação – convívio com o lugar, experiências comunicativas e produção de imagens e autoimagens – não puderam ser tratadas de maneira insular. A elas foram associadas outras discussões que dialogam com os fenômenos sociais aqui estudados, cuja fluidez é característica principal, quão constituído pelos fluxos, refluxos, conexões e desconexões das práticas cotidianas, entendidas aqui como práxis comunicativa.

Nesse sentido, foi preciso relacionar o Antônio Bezerra a um espaço mais amplo – Fortaleza – e à condição de bairro de periferia, apesar de não haver consenso, entre os seus moradores, de que ele seja um bairro periférico. Ao lidar com a cidade de Fortaleza, necessitei discutir sua condição de metrópole, problematizando a dicotomia entre a iminência das perdas de referenciais – devido à dinâmica homogeneizante da sociedade das mercadorias que dita o ritmo das cidades – e a busca por táticas (CERTEAU, 2012a) para resistir a essa homogeneização, quando se constroem referências e identificações socioespaciais.

¹ *Fanpage* ou Página de Fãs é uma página específica no *Facebook*, criada por indivíduos ou por organizações com ou sem fins lucrativos. Ela é utilizada para aproximar aqueles que se identificam com o teor da página, para que estes interajam de maneira mais direta e frequente.

Ademais, optei por tratar a metrópole e o bairro não como espaços estritamente geográficos. Voltei-me às relações socioeconômicas e socioculturais que estruturam e são estruturadas na e pela cidade, compreendendo o espaço urbano como instância simbólica e, portanto, comunicativa. Tais reflexões foram reforçadas por uma contextualização histórica de Fortaleza e do Antônio Bezerra, apoiada em dados demográficos, para que fossem traçados panoramas da capital cearense e do bairro em questão, que se apresentam marcados por significativas desigualdades sociais.

Para realizar tais discussões, aproximei-me das noções de trajeto, mancha e pedaço, definidas por Magnani (2003 e 2008) e Montes (2008); e da compreensão da metrópole como forma de organização da contemporaneidade, defendida por Carlos (2007), Prysthon e Cunha (2008) e Sposito (2008), dialogando também com Bauman (2009), Certeau (2012a) e Velho (2013). Além de Girão (1959 e 1971), Costa (2008 e 2009), Dantas (2009), Silva (2009) e Souza (2009) para os aspectos históricos sobre Fortaleza; e Caldeira (1984), Moreira (2009), Bento (2011) e Facundo (2012) nas discussões sobre periferia e o bairro Antônio Bezerra.

Já as experiências do site e das radiocom conduziram-me para reflexões sobre as aproximações e distanciamentos entre os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária cunhados no Brasil, a partir dos efervescentes anos de 1970 e 1980 quando o país foi palco de várias experiências comunicativas, associadas a movimentos sociais e culturais populares. Refletiu-se também sobre como as tecnologias da informação e comunicação (TICs) e a tendência ao tribalismo (MAFFESOLI, 2010) dão novas configurações a experiências de comunicação não ligadas, diretamente, à lógica do capital.

Tais discussões foram ainda pautadas pela compreensão de que a comunicação está no centro da convivência social, interligando-se à cultura, compreendida como uma linguagem em constante e ininterrupto processo. Ressaltou-se, também, a hegemonia da mídia – composta pela tríade comunicação-tecnologia-mercado – que restringe experiências comunicativas àquelas ligadas aos meios, considerando a mediação tecnológica como a principal maneira de contato do indivíduo com o mundo.

Para tanto, utilizei como referencial teórico, mais uma vez, Velho (2013) e Bauman (2003). Além de Maffesoli (2010), Costa (2005), Gohn (2000), Martín-Barbero (2008), Hall (2003) e Cogo (2004). Amparei-me também nas contribuições de Peruzzo (2002; 2004; 2006), Festa (1986), Pereira (1986), Paiva (2003) e Marcondes Filho (1986). Além de Fragoso (2008), Oliveira (2007), Matos (2011), Lemos e Levy (2010) e em trabalhos que escrevi em 2012.

Junto a isso, foi necessário contextualizar as trajetórias do site BAB; e da Costa Oeste 87,9 FM e sua ligação com a Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM. Essa

contextualização foi importante para pensar sobre como as imagens do bairro, dos próprios comunicadores e das experiências em questão são construídas. Para desvendar os processos que resultam na construção das autoimagens e imagens, ensaiei uma tímida aproximação com as ideias de Freud (2011), que entende a psicologia individual e social como um mesmo fenômeno.

Nessa lógica, as imagens de si e do outro foram tratadas numa relação com o social, entendendo que estigmas sociais interferem na construção de tais representações. E, por ser forte a incidência de famílias morando há gerações no bairro Antônio Bezerra, refleti sobre a importância das relações de convívio, intrinsecamente ligadas à dimensão temporal e a relações de poder, na elaboração das ideias de si e dos outros. Baseei-me, então, nas definições de estabelecidos e outsiders – propostas por Elias e Scotson (2000) –, fazendo também uma analogia com as concepções de normais e anormais, defendidas por Foucault.

Estatísticas do Censo 2010 e da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD 2011 e 2013), de responsabilidade do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), juntamente com dados sobre Fortaleza do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece, 2012) complementam os referenciais teóricos. Além de informações coletadas junto à Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço Nacional), Observatório de Comunicação Comunitária (OBSCOMCOM), Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI), Anatel e outras instituições.

Importante ressaltar que as narrativas dos moradores do Antônio Bezerra, principalmente os comunicadores, colhidas nas entrevistas realizadas, e a percepção que construí pela observação direta que fiz no campo foram fundamentais para a construção deste trabalho. Afinal, o contato com o empírico me ajudou a não cair em apriorismos, travando um diálogo ferrenho entre realidade e teoria. É necessário ainda dizer que, durante todas as etapas da pesquisa, procurei orientar-me pela compreensão dialética e materialista da história, e o papel político e social reservado ao pesquisador para quem a compreensão da realidade deve servir como suporte para transformá-la, defendida por Marx e Engels (2012).

Por fim, esses anos de Mestrado – que me levaram a um bairro geograficamente próximo ao lugar onde eu moro, mas bem distante do meu cotidiano – causaram transformações na maneira como hoje encaro a mim e à vida na cidade de Fortaleza. O contato com esse universo que, apesar dos traços semelhantes, é distinto do meu, fez-me pensar sobre o que já apontava a cartografia ao falar que o fenômeno que se estuda, principalmente quando se trata de pessoas, tem o poder de transformar o pesquisador quando é sincera a interação entre ambos.

Foi pensando na importância dessas transformações – iniciei meu trabalho ousando compreender a realidade para modificá-la, mas com o final dessa jornada percebi que mudanças

significativas operaram em mim –, que reservei um espaço nesta dissertação a um memorial sobre como a minha trajetória profissional, política e pessoal me levou a ter o bairro Antônio Bezerra como *locus* de minha pesquisa. Dediquei também um capítulo ao relato de dentro da experiência quando me permiti fazer um texto mais subjetivo com as impressões que colhi no contato com meus interlocutores e suas recordações; e com o lugar em que eles vivem.

O texto dissertativo está dividido, então, em duas partes e oito capítulos, sendo o primeiro e o último destinados à esta introdução e às considerações finais, respectivamente. Na primeira parte, composta pelos capítulos dois, três e quatro, é apresentado o processo de configuração deste estudo, explicitando objetivos, metodologia e a justificativa da escolha e recorte dos fenômenos estudados. Traz ainda meu memorial e um relato do desenrolar desta investigação, quando são apresentados a construção da rede de contatos e os perfis dos interlocutores que a compuseram. Além de um relato íntimo de impressões que esta experiência me causou, apresentado em forma de crônicas.

A segunda parte – que abrange os capítulos cinco, seis e sete – é destinada às discussões que compõem o cerne desta investigação. De início, é feita uma discussão sobre a metrópole como forma de organização social da contemporaneidade, com foco em Fortaleza e no Antônio Bezerra. Em seguida, são apresentadas as trajetórias e atuais estruturas do BAB e da 87,9 (e a relação desta com a 103,5) quando são discutidos os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária, em contraposição à lógica hegemônica da mídia. Por fim, o capítulo sete volta-se aos processos de construção de imagens e autoimagens, vivenciados pelos moradores e comunicadores do Antônio Bezerra.

Este estudo enquadra-se, assim, como uma pesquisa interdisciplinar, característica bem comum às pesquisas na área da comunicação. Almejo, finalmente, que as reflexões a que cheguei possam enriquecer a literatura especializada. Mas que também cheguem até os moradores do Antônio Bezerra, principalmente até os sujeitos com quem dialoguei. Daí, a minha intenção de publicizá-las, pois somente com a continuidade e ampliação desse diálogo é que o esforço empreendido para a realização deste trabalho terá valido a pena.

PARTE I – A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Os capítulos dois, três e quatro referem-se ao caminho traçado para a configuração desta pesquisa e a um relato, em tom mais subjetivo, de impressões colhidas durante a investigação. No primeiro momento, a partir de um memorial, é apresentada a trajetória política e acadêmica que construí e que me levou ao contato com o bairro Antônio Bezerra, interferindo diretamente nas escolhas que fiz ao longo da investigação. Destina-se, em seguida, um espaço para apresentar as discussões que delimitaram minha metodologia; e o desenrolar da pesquisa no contato com o campo quando é apresentada a rede de contatos.

Já o quarto capítulo destina-se ao registro, em forma de crônicas, das impressões, sentimentos e reflexões que moldaram meu processo de investigação científica. A proposta foi relatar os bastidores da pesquisa, dando vazão à subjetividade, tantas vezes renegada pela ciência, que se constitui hegemonicamente pela construção de representações da realidade. Munida das discussões sistematizadas pelo método cartográfico, ousei dar mais flexibilidade linguística a registros que *a priori* ficariam de fora do texto dissertativo.

2 MEMORIAL DE AFETOS: “VOCÊ NÃO SABE O QUANTO EU CAMINHEI PRA CHEGAR ATÉ AQUI”²

[...] as várias modalidades de consciência (ou ciência), mais ou menos límpidas ou obscurecidas, invertidas ou fetichizadas, constituem-se, segundo as posições relativas das pessoas, grupos e classes sociais, nas relações de dependência, alienação e antagonismo em que se acham inseridas (IANNI, 1979, p. 24).

Início este capítulo com minhas recordações dos anos de estudo, que se misturam a vivências profissionais e à militância política. Dores e alegrias, inquietações e convicções, aqui expostas, servem como um exercício de autorreflexão. Uma espécie de ordenamento das ideias, concepções e visões de mundo que, juntamente com a prática, seja acadêmica, profissional ou militante, construíram minha trajetória, apontando muito do que sou hoje.

Esse ordenamento, porém, não é um cerceamento ou retaliação às possíveis incongruências que marcaram minha vida. Meu propósito é apontar os elos entre as etapas da trajetória aqui narrada e o percurso que me levou a investigar o bairro Antônio Bezerra. Mais do que definir o estágio, posição ou lugar que ocupo, pretendo delinear o caminho que construí,

² Trecho da música A Estrada, do grupo Cidade Negra, álbum Quanto Mais Curtido Melhor, 1998.

entendendo que mais do que chegar, o importante e prazeroso foi o desafio de caminhar enquanto a estrada era erguida.

Em abril de 2013, sob a orientação da professora doutora Catarina Tereza Farias de Oliveira, entrei no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPG-COM). Com o projeto “Bairro Antônio Bezerra: histórias e identidades pelas trajetórias do site AntonioBezerra.Com.Br e da rádio Costa Oeste 87,9 FM”, tinha como objetivo estudar os conteúdos e as dinâmicas em torno do site BAB e da Costa Oeste 87,9 FM.

Ao longo dos anos de mestrado, mudanças essenciais aconteceram. Da proposta inicial, permaneceram o *locus* da pesquisa e o interesse por investigar fenômenos sociais, a partir de processos comunicativos. Direcionei meu estudo para as conexões entre as práticas socioculturais, vivenciadas pelos moradores do Antônio Bezerra, com destaque naquelas ligadas ao site BAB e à rádio Costa Oeste, experiências que se tornaram pano de fundo em minha pesquisa.

A escolha por um bairro da periferia e a relação com o BAB e a Costa Oeste transpareciam o meu apreço e curiosidade por experiências comunicativas que se destoam daquelas hegemônicas, protagonizadas pela mídia³; e por aqueles que estão inseridos nas classes populares⁴. Sinto que permanece em mim o compromisso político, assumido na adolescência, de crítica ao *status quo* desta sociedade das mercadorias, com vistas na transformação social.

Compromisso que acompanha minha trajetória política junto a movimentos populares⁵, iniciada, em 1991, no grêmio da antiga Escola Técnica (hoje, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE). Fortalecida nos anos de graduação quando participei, entre 1997 e 1999, do então Centro Acadêmico de Comunicação Social (CA Tristão de Athayde), do Diretório Central dos Estudantes (DCE-UFC) e do Movimento de Estudantes Revolucionários (MER)⁶. Ampliada pela participação, de 2002 a 2007, no Fórum Cearense pela

³ Compreende-se o termo mídia como a junção da comunicação, tecnologia e mercado, sobre o qual se falará no capítulo 5.

⁴ Apesar de a sociedade capitalista estar mais complexa, ainda é pertinente a relação antagônica de classes, proposta por Marx. Hoje, há uma interferência sobremaneira das TICs e uma divisão social do trabalho mais refinada, mas a lógica do capital ainda permanece a mesma: divisão social de um trabalho que é coletivizado e apropriação privada da riqueza produzida. As classes populares se referem, então, aos trabalhadores que não detêm a propriedade dos meios de produção.

⁵ Compreende-se por movimentos populares os movimentos sociais organizados pelas classes populares, que se diferenciam de movimentos que defendem os setores dominantes da sociedade capitalista e cujo objetivo é manter o *status quo* (a citar sindicatos patronais e associações de empresários).

⁶ No CA, formávamos um grupo sem delimitação partidária, apesar de vários simpatizarem com o PT. Rompi com o grupo na segunda gestão (1997/1998) quando o CA se posicionou contrário à diretoria do DCE da qual eu fazia parte. No DCE, éramos militantes e simpatizantes do grupo Contra a Corrente, reunidos em torno do MER. Entre

Vida no Semiárido (FCVS), vertente local da Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA-Brasil)⁷; e pelo envolvimento com o movimento sindical dos jornalistas e com as mobilizações pela democratização da comunicação, já nesta última década.

Uma trajetória marcada também pela solidariedade às lutas de outros tantos movimentos populares e que segue norteada pela compreensão dialética e materialista da história, entendendo que a consciência é produto social, visto que

a produção de idéias, de representações e da consciência está, no princípio, diretamente vinculada à atividade material e ao intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. [...] São os homens os produtores de suas representações, de suas idéias etc., mas os homens reais e atuantes [...]. A consciência nunca pode ser outra coisa que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo da vida real (MARX; ENGELS, 2012, p. 51).

Já a vontade de entender e intervir na realidade pela comunicação surgiu aos doze anos quando decidi ser jornalista, após entrevistar um ator do Theatro José de Alencar para uma atividade da escola. Inclinação que passou a ganhar forma em 1995 quando entrei, aos 19 anos, no curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, da UFC. Mas, os tempos de graduação foram marcados por altos e baixos.

Antes de completar dois anos na graduação, vivenciei minha grande crise: caíra a ilusão de que jornalista é livre para escrever. A ideia romantizada de que o jornalismo cumpre o papel de tirar a sociedade do obscurantismo, que diz a verdade doa a quem doer, ruíra. Estava eu como os cães perdidos, de Marcondes Filho⁸. Desilusões podem fazer grandes estragos, e por pouco não abandonei a universidade... Permaneci no curso, sem muito ânimo, mas encontrando alento em algumas disciplinas.

1991 e 2001, participei de calouradas; congressos estudantis; greves de professores e de estudantes; ocupações das reitorias da UFC e Uece; e de mobilizações mais gerais como as do Fora Collor, as de protesto às comemorações pelos 500 anos de descobrimento do Brasil (iconizadas na quebra do “relógio da Globo” em muitas cidades brasileiras, entre elas, Fortaleza; em 18 de abril de 2000) e as organizadas pela Ação Global dos Povos, movimento internacional que se mobilizava em torno das reuniões do Banco Mundial e do G7.

⁷ Minha participação se dava como representante do Catavento. A ASA-Brasil é formada por mais de mil organizações da sociedade civil, articuladas a partir de fóruns e redes em nove estados que compõem o Semiárido Brasileiro (AL, BA, CE, PE, PB, PI, SE, RN e MG). A rede encabeça o movimento social em prol da boa convivência com a região semiárida e atua na gestão e no desenvolvimento de políticas públicas para a região à frente de dois grandes projetos: Programa Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC) e Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). Mais informações ver site oficial da Asa-Brasil, disponível em: <<http://www.asabrasil.org.br>>. Último acesso em: 14/07/2014.

⁸ No livro “A saga dos cães perdidos” (2002), Marcondes Filho traça um panorama histórico do jornalismo, com foco no profissional jornalista, para quem, este teria perdido seu faro crítico diante das exigências do mercado no qual estão inseridas as organizações jornalísticas. Embora o autor veja com pessimismo o advento das tecnologias digitais, afino-me com sua análise quando se refere à relação entre imprensa e capitalismo, discutida por ele em muitos dos seus livros.

As aulas do professor Ronaldo Salgado me faziam perceber que era possível correr por entre as pedras. Com ele, descobri o jornalismo literário e todo o prazer que há em entrevistar alguém, principalmente, quando a entrevista se transforma em uma boa conversa. Já nas aulas do professor Agostinho Gósson, entendi a proposta de que o jornalista é um mediador simbólico⁹.

E, apesar do desencanto com a graduação, foi nos bancos da universidade que me deparei com a Teoria Crítica e a Indústria Cultural, elaboradas pela Escola de Frankfurt. Identifiquei-me com a proposta de Horkheimer de romper com a teoria tradicional em valorização a um pensamento analítico e crítico, cujo principal objetivo seria transformar o que estivesse posto; e com Adorno e sua concepção de indústria cultural, entendendo a mídia como instrumento fortalecedor do sistema das mercadorias.

Mas, apesar de concordar com muitas das análises frankfurtianas, entendia que a visão negativa (e por que não dizer derrotista?) sobre a sociedade de massa e a mídia, e a concepção elitista de cultura¹⁰ tornavam inviável qualquer reação à mídia ou ao capital. Aumentavam minhas inquietações, até porque percebia, entre os professores, certo descaso com o pensamento da Escola de Frankfurt, inclusive pelo silêncio na ausência de discussões mais aprofundadas.

O curso de comunicação – pelo menos o grupo reduzido que ia além das técnicas jornalísticas – parecia respirar os estudos culturais, mais precisamente, as concepções latino-americanas. Um olhar tão focado nas microrrelações frustrava meus anseios por conhecer e estudar outros tantos pensadores que analisassem as estruturas e suas formas de dominação. Queria discutir para além da Escola de Frankfurt, para além dos culturalistas, mas, não encontrei e nem construí este espaço nos bancos do Centro de Humanidades. Continuava eu crítica à mídia, mas sem perspectivas para contrapô-la.

Em junho de 2001, porém, a partir de um estágio com a professora Rosane da Silva Nunes, enveredei pela educomunicação, como integrante da organização não-governamental

⁹ Com esses professores conheci os livros de Cremilda Medina. “Entrevista, o diálogo possível” no qual a autora pensa a entrevista como interação social; e “Notícia: um produto à venda” quando a autora relaciona a prática jornalística às exigências do capital. Em ambos os livros, Medina apresenta o jornalista como um mediador simbólico, entendendo que o produto jornalístico é uma representação da realidade e não um espelho desta.

¹⁰ Na divisão da cultura em alta cultura (erudita), midicult (indústria cultural) e cultura popular (tradicional), proposta pelos frankfurtianos, está embutida uma concepção elitista de sociedade, por conseguinte de arte e de cultura. Neste ponto, afino-me com a concepção de cultura como palco de negociações, defendida pelos Estudos Culturais.

(ONG) Catavento Comunicação e Educação¹¹. Fui trabalhar na produção do Rádio Cidadão, um programa voltado para famílias agricultoras, que tratava da boa convivência com o sertão, e que chegou a ser transmitido, gratuitamente, por 145 emissoras de todo o semiárido brasileiro. Aos poucos, ampliei minha atuação e papel dentro da ONG.

Nos anos de Catavento, idealizei, elaborei e mediei oficinas sobre comunicação e rádio pelo interior cearense. Para aprimorar tal prática, passei a estudar educação popular, comunicação popular, alternativa, comunitária e educomunicação. Vieram, então, Paulo Freire, Mário Kaplún, Cicilia Peruzzo, Regina Festa, Ismar Soares, para citar aqueles cujas ideias me influenciam até hoje. E, apesar de parecer paradoxal, foi ao descobrir essas formas diferenciadas de trabalhar a comunicação que encontrei motivação para finalizar meu curso.

Da experiência no Catavento, veio, então, o objeto de pesquisa para a monografia de conclusão da graduação, cujo título foi “Catavento Comunicação e Educação Ambiental e a Experiência de Formação em Comunicação Popular” (2005)¹². Orientada pela professora Kátia Regina Azevedo Patrocínio (Universidade de Fortaleza - Unifor), tratei da experiência de formação em comunicação popular de doze jovens, representantes de cinco assentamentos federais na zona rural de Quixeramobim, município do Sertão Central cearense; uma das ações do Catavento no Projeto Dom Hélder Câmara (PDHC)¹³, as quais eu coordenava.

O relato e a análise da experiência serviram como ponto de partida para que eu refletisse sobre a prática da comunicação popular atrelada à educação, que eu também desenvolvia junto a esses jovens, idealizando e mediando as formações. Muito embora hoje classifique minha pesquisa como observação participante, na época, não estive atenta às discussões metodológicas que só receberiam minha atenção ao orientar os primeiros trabalhos de conclusão de curso, já na condição de docente.

Nessa pesquisa, ainda discuti – sob a ótica de Carlos Montaña (2003) e Maria Glória Gohn (2000) – o papel das organizações não-governamentais (ONGs) nos movimentos sociais, especialmente os populares. Eu concebia que, por serem plurais, os movimentos populares, as ONGs não deveriam ser vistas somente como assessoras desses movimentos. Usava como

¹¹ Na época, Catavento Comunicação e Educação Ambiental. No Catavento, fui estagiária, técnica, coordenadora de projetos e representante política. Saí do cotidiano da entidade em 2007, mas permaneço no quadro de associados, como representante legal.

¹² Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000411.pdf>>. Último acesso em: 15/08/2015.

¹³ Projeto, iniciado em 2001 em Pernambuco, é resultado do acordo de empréstimo estabelecido entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e o Fundo Internacional para o Desenvolvimento da Agricultura (FIDA), órgão vinculado à Organizações das Nações Unidas (ONU). Tem como ponto de partida o desenvolvimento sustentável do semiárido e pretende inserir no mercado, de forma competitiva, os trabalhadores(as) da agricultura familiar. Mais informações: <<http://www.projetedomhelder.gov.br/site/>>. Último acesso em: 15/08/2015.

referência as experiências da ASA-Brasil e do Fórum Cearense, bem como, algumas mobilizações de ONGs ambientalistas. Hoje, entendo que a maioria das ONGs vive uma relação contraditória entre ser empregado (funcionário) e militante de uma causa social. Neste conflito, as questões materiais (sobrevivência financeira) parecem falar mais alto na maioria das vezes.

Como resultado dessa investigação, constatei que as formações e a prática da comunicação popular – especialmente na produção do *Conversa de Alpendre*¹⁴ – despertavam nesses adolescentes o exercício do pensamento crítico. Fortaleciam ainda a autoestima, pois eles eram reconhecidos por outros assentados, inclusive por lideranças comunitárias; e sabiam da importância do trabalho que desenvolviam. A comunicação, com viés educativo, revelava-se um ambiente para desenvolver os potenciais de cada envolvido. Por conseguinte, estimulava a participação política em instâncias como assembleia dos assentamentos, grêmio estudantil, coletivos de jovens e de mulheres. Óbvio, porém, que tais estímulos não eram uniformes na vida de cada adolescente.

Em contraposição, o objetivo, idealizado pelo Catavento, de formar um grupo autônomo de jovens comunicadores populares, não se confirmou. Embora houvesse o discernimento da responsabilidade ética e do compromisso social que cabiam a eles por produzirem um programa de rádio, havia certa dependência às orientações que partiam da ONG. Eles se viam muito mais como educandos – o que de fato eram – do que como comunicadores autônomos.

As reflexões que brotaram deste trabalho monográfico ajudaram-me a reelaborar minha concepção (e conseqüentemente, minha atuação) sobre a natureza da comunicação popular. Confirmei, em minha práxis, o que propunha Peruzzo (2004) de que a comunicação popular precisa estar ligada a movimentos populares; e, embora visse como positiva a experiência daqueles jovens, relutei em chamá-la de comunicação popular devido ao seu distanciamento dos movimentos populares. Com a colação de grau em março de 2006, fechava um extenso ciclo para iniciar outro. Os estudos em pós-graduação, a participação em encontros e congressos de comunicação e de áreas afins às minhas pesquisas (educação, economia política e ciências da linguagem) foram os passos seguintes. Descortinava-se um mundo de imaginação e ciência.

De 2007 a 2009, cursei a especialização em Teorias da Comunicação e da Imagem, na UFC, finalizada com a monografia “É Preciso Consumir! Os Meios de Comunicação de

¹⁴ Paralelamente às atividades de formação, o grupo produzia, com orientação nossa, o programa de rádio *Conversa de Alpendre*, veiculado semanalmente durante quase três anos, pela emissora, Campo Maior, de Quixeramobim, para cerca de 30 municípios do Ceará.

Massa na Lógica do Capital”¹⁵. Orientada pelo professor Ricardo Jorge de Lucena (UFC), refleti sobre como a mídia, inserida na lógica do capital contemporâneo, estimula o consumo ao promover, a partir das formações discursivas, a criação de necessidades inspiradas em desejos, fetiches, fantasias e sonhos de felicidade. Para tanto, apoiei-me em autores com os quais já me identificava, como Karl Marx, Jean Baudrillard e Marcondes Filho; e me aproximei de outros, entre eles, Nestor García Canclini, Guy Debord, Fátima Severiano e Haug Wolfgang Fritz, cujas reflexões ainda corroboro.

Como especialista, fui professora substituta da UFC durante cinco semestres (2009-2011) e como tal, assumi disciplinas diversas, não fugindo do destino que se reserva à maioria dos professores substitutos. Ministrei aulas de História do Jornalismo Brasileiro, Introdução às Técnicas Jornalísticas, Jornalismo na Internet, Assessoria de Comunicação, Jornal Laboratório e Laboratório de Jornalismo Multimídia¹⁶. A pluralidade de disciplinas obrigou-me a enveredar por áreas até então, por mim, pouco investigadas, encontrando afinidades com algumas das pesquisas e ideias de: Nelson Werneck Sodré, Nelson Traquina, Felipe Pena, Jorge Duarte, Muniz Sodré, Marcos Palácios e André Lemos.

Nesse período, intercalava as aulas no curso de Jornalismo ao trabalho como assessora de comunicação da Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas). Este último, apesar de ser uma fonte de renda, era também um espaço de atuação política. Havia me aproximado do Partido dos Trabalhadores (PT), mais precisamente da Democracia Socialista (DS) que trazia como principal expoente Luzianne Lins¹⁷, então prefeita de Fortaleza e minha professora na graduação. Apesar da proximidade com o partido, não militava organicamente em grupo algum e minhas intervenções passaram de cotidianas a pontuais.

Voltei atenção às questões acadêmicas, cursando mais uma especialização, de 2010 a 2012. Dessa vez, uma pós-graduação à distância pela Universidade Gama Filho, de Jornalismo Político, que me rendeu a monografia “Conselho Estadual de Comunicação Social do Ceará: da Assembleia Legislativa à Imprensa, a Construção da Opinião Pública pelo Discurso Jornalístico”¹⁸; e o convite para compor o quadro de tutores daquela instituição, do qual ainda faço parte.

¹⁵ Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000851.pdf>>. Último acesso em: 15/08/2015.

¹⁶ Na UFC, fui também professora de História e Teorias do Jornalismo da turma de Jornalismo da Terra. Tornei-me professora da Faculdade Cearense (FaC) em abril de 2011 onde permaneço até hoje, ministrando as disciplinas de Teorias da Comunicação, Radiojornalismo, Laboratório de Jornalismo Impresso e Comunicação Comunitária.

¹⁷ A jornalista Luizianne de Oliveira Lins foi prefeita de Fortaleza por dois mandatos: 2005-2007 e 2008-2012.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-klycia-2013-assembleia-legislativa-imprensa.pdf>>. Último acesso em: 15/08/2015.

Esta pesquisa foi motivada pela proximidade com o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará (Sindjorce) e com as mobilizações pela democratização da comunicação, como as conferências de comunicação em 2009 e a articulação (sem êxito) para a criação do Conselho Estadual de Comunicação Social do Ceará (em 2010). Ela também me trouxe leituras mais acuradas de Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, Philippe Breton e de Adelmo Genro Filho, para citar aqueles que ainda perduram entre os meus referenciais teóricos.

Os caminhos trilhados em ambas as especializações traziam a marca da herança familiar: o gosto pela língua portuguesa. Com mãe e irmão caçula formados em Letras, minha casa sempre fora espaço para discussões em torno dos usos (e abusos) da palavra – falada e escrita – e da apropriação das distintas formas de linguagem (verbais e não-verbais), e como estas se associam ao poder inerente às relações sociais.

Os três trabalhos monográficos que produzi foram indicativos de minha tentativa de sempre associar minha prática a reflexões teóricas. Ao olhar esta retrospectiva, identifico, nos diferentes papéis sociais que assumi, imbricadas relações acadêmicas, profissionais, políticas, familiares... Não é, então, difícil inferir que as circunstâncias que vivenciei foram cruciais na concepção de mundo que tenho hoje, sendo também resultado de minhas ações.

Das escolhas que fiz, a condição de professora-pesquisadora vem ganhando contornos cada vez mais definidos e tenho consciência de que ela traz ao mesmo tempo uma dimensão política e uma dimensão científica (BOURDIEU, 2004). Assim, enquanto pesquiso, melhor, enquanto vivo, reflito – não sem dor, não sem angústias – sobre o papel social e político que assumo como pesquisadora, que é também professora universitária, poetisa e humana. Cheia de sonhos e ideais, que desembocam em ideias anticapitalistas e libertárias, mas que também não é mais adolescente; e cuja impetuosidade já serenou.

E por mais que me fascinem os versos de Quintana – “A resposta certa, não importa nada: o essencial é que as perguntas estejam certas.”¹⁹ – ousou sonhar que as respostas, por nós, elaboradas, permitam-nos construir um mundo socialmente mais justo.

2.1 Contornos iniciais para uma pesquisa em comunicação

Em eventos da prefeitura de Fortaleza onde eu trabalhava como assessora de comunicação da Semas, conheci Inácio Rocha, idealizador e produtor do site BAB. Eu o via com frequência, cobrindo as atividades da Secretaria e outras de âmbito mais geral quando ele

¹⁹ Mário Quintana, Caderno H, 2ª ed. São Paulo: Globo, 2006.

sempre se apresentava como “do site do Antônio Bezerra”. Isso me chamava atenção, porque, na maioria dos eventos, Inácio era o único comunicador, sem vínculo com empresas de comunicação, fazendo cobertura.

Na época, a gestão municipal da então prefeita Luizianne Lins incentivava grupos de comunicação popular, alternativa e comunitária da cidade, através de formações, apoios institucionais e parcos financiamentos. Havia o Núcleo de Comunicação Popular Alternativa²⁰, ligado à Coordenadoria de Comunicação Social da Prefeitura de Fortaleza, que centralizava as ações e costumava orientar os assessores de imprensa e de comunicação da Prefeitura a tratar da mesma maneira os jornalistas da mídia e os comunicadores.

Isso significava fazer clipagem²¹, mandar *releases*²² e atender as demandas por informação desses veículos com o mesmo profissionalismo usado no trato com a mídia. Assim, fui me aproximando de Inácio (e de outros comunicadores) e passei a ler com frequência o site BAB. Ainda sob essa orientação, a Semas foi uma das secretarias a realizar, em parceria com a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária - Seção Ceará (Abraço-Ce), uma formação para comunicadores populares.

Idealizada pelo Núcleo e pela Abraço-Ce, a formação consistia em vários minicursos práticos que mesclavam as técnicas de produção radiofônica a informações sobre os programas, projetos e ações da secretaria que promovia a oficina. Assim, a “Oficina de Rádio Educativo-Popular para comunicadores populares de Fortaleza (CE)”, promovida pela Semas, foi realizada em dois dias (19 e 26 de novembro de 2010) na Faculdade Sete de Setembro (FA7), onde o jornalista e presidente da Abraço-Ce, Ismar Capistrano Costa Filho, era professor²³.

Na ocasião, representei a Secretaria e fui uma das mediadoras, ministrando algumas técnicas de rádio para um grupo com cerca de 30 comunicadores, ligados a rádios comunitárias,

²⁰ Uma ação de grande envergadura do Núcleo foi a promoção e articulação da I Conferência Municipal de Comunicação, em 16 e 17 de outubro de 2009. A conferência envolveu mais de 20 entidades entre ONGs; rádios comunitárias e educativas; sindicato dos jornalistas; entidades estudantis; além de mandatos parlamentares e outros militantes pela democratização da comunicação. Antecedida por uma série de encontros preparatórios, a etapa de Fortaleza aprovou propostas e elegeu delegados para a conferência estadual, sucedida pela conferência nacional, realizadas, respectivamente de 20 a 22 de novembro e de 14 a 17 de dezembro do mesmo ano.

²¹ O *clipping* (ou clipagem) é uma ferramenta estratégica da assessoria de imprensa que serve para monitorar e selecionar informações, divulgadas na mídia, que tenham ligação com o assessorado.

²² Texto jornalístico que é distribuído à imprensa como sugestão de pauta para futuras matérias.

²³ A gestão municipal transitava entre duas concepções que, muitas vezes, mostraram-se conflituosas. O entendimento de que o poder público, em prol da democratização da comunicação, deveria fomentar experiências comunicativas que não seguissem a lógica do mercado; e o interesse de que tais experiências pudessem ser aliadas da gestão. Nas formações aqui citadas, por exemplo, a possibilidade de aqueles comunicadores divulgarem as ações da Prefeitura serviu como argumento para que os secretários municipais acatassem a proposta das oficinas, viabilizando-as financeiramente. Apesar disso, não havia nenhuma formalização dessa contrapartida, pois o grupo diretamente envolvido com o Núcleo de Comunicação Popular entendia que seria papel da administração pública fomentar formações técnicas que pudessem contribuir com aquelas experiências comunicativas.

radioescolas, *webrádios*, *blogs*, *sites*, portais e jornais impressos. Em conversas informais durante o evento, acabei por saber, muito vagamente, da existência de uma rádio comunitária no Antônio Bezerra, a Costa Oeste FM 87,9. Fiquei curiosa e guardei a informação, pois um bairro de periferia com um site e uma rádio é algo raro em Fortaleza.

Uns meses antes, em setembro, eu havia participado do 1º Encontro de Sites de Bairro de Fortaleza²⁴, como palestrante e representante da Prefeitura. O encontro contou com a participação dos bairros Álvaro Weyne, Centro, Ellery, Genibaú, João XXIII, Messejana e Monte Castelo. Além do integrante do Blog Jangadeiro Comunidade, do Sistema Jangadeiro de Comunicação, que na época mantinha uma proximidade com aqueles sites. Com o tema “O Papel social do site como Ferramenta de Comunicação Popular Alternativa”, o encontro era uma tentativa de organização dos sites de bairro de Fortaleza, que totalizavam onze.

Defensora que sou da comunicação popular, eu vi naquele encontro a chance de fortalecer o movimento pela democratização da comunicação. Aquela efervescência e tantas outras ações, como a I Conferência Municipal de Comunicação, que reuniu muitos comunicadores populares um ano antes, apontavam Fortaleza como um profícuo cenário para experiências comunicativas, distanciadas da lógica mercantil.

Mas, algumas coisas me intrigavam. Entre elas, a percepção de que alguns comunicadores, principalmente os ligados à internet – mesmo se intitulando populares – usavam seus blogs, sites e portais como fonte de renda e boa parte daquelas experiências não se ligavam a movimentos populares. Aquela situação confrontava-se com a definição de comunicação popular como expressão das classes “subalternas”, diante de um “processo de luta de classes” (PERUZZO, 2006) que se realizaria “na própria dinâmica dos movimentos populares de acordo com as suas necessidades.” (PERUZZO, 2004, p. 115).

Apesar disso, eram experiências que de algum modo se colocavam em oposição “ao modelo massivo em poder das classes dominantes, o qual é encarado como impositivo, alienante ou perverso dos interesses populares.” (PERUZZO, 2004, p. 128). Havia nelas fagulhas de resistência ao poderio midiático e isso não poderia ser ignorado.

O empírico me mostrava também que as redes cibernéticas possibilitavam uma conexão entre diversos atores sociais os quais se apropriavam das tecnologias digitais como instrumentos competentes na construção de representações sobre si e sobre a sociedade na qual

²⁴ O encontro foi promovido pelo produtor do site Genibaú e funcionário da UFC, Cleber Freire Aragão; e realizado em 5 de setembro de 2010 no auditório do Serviço Social do Comércio (SESC), sede localizada na avenida Duque de Caxias, no Centro de Fortaleza. Minha palestra tinha como tema “Da sociedade da informação à sociedade do conhecimento: reflexões sobre os processos comunicativos”.

estavam inseridos. Até então ocultados dos processos democráticos, eles se somavam, agora, a grupos historicamente legitimados pelo Estado na condição de cidadãos. Fortaleza era realmente um terreno fértil. Havia apoio do poder público municipal, experiências desenvolvidas por organizações da sociedade civil e iniciativas individuais.

Por outro lado, a enxurrada de experiências comunicativas, impulsionadas pelas tecnologias digitais, colocava em evidência a necessidade de revisitar de forma mais acurada as conceituações de comunicação popular, alternativa e comunitária, como propunha Peruzzo (2006). Nesse cenário, outro ponto que aguçava meu olhar investigativo era a aproximação quase harmônica entre os sites de bairro e o Blog Jangadeiro Comunidade que, apesar do nome, fazia parte de um conglomerado de comunicação.

Em 2011, tentei a seleção do mestrado para o PPG-COM/UFC. Queria estudar as aproximações e distanciamentos entre os discursos das notícias produzidas pelos sites de bairro e as produzidas pela mídia, tendo como objeto de estudo o Blog Jangadeiro Comunidade e os sites do Álvaro Weyne, Messejana e Antônio Bezerra. Mas, a proposta não encontrou eco no Programa. Guardei o sonho e segui como professora de Jornalismo e assessora de comunicação. Já em 2012, com novo objeto de estudo, tentei, com êxito, a seleção para o mestrado no mesmo Programa.

Meu novo projeto se distanciou do jornalismo e enveredou pelo campo da comunicação popular, alternativa e comunitária. No início, tinha como principal objetivo analisar pontos de intersecção e divergência entre os conteúdos publicados e as rotinas de produção do site BAB e da rádio Costa Oeste 87,9 FM. Para assim, discutir a relação que tais veículos mantinham com o que se conceitua por comunicação popular e comunitária, observando, ainda, as convergências tecnológicas e culturais entre eles e destes com os moradores do bairro.

De lá para cá, o projeto sofreu significativas alterações. Mas, um ponto se manteve: o Antônio Bezerra como *locus* da minha pesquisa. Nessa época, eu já sabia que além do BAB e da Costa Oeste (que também possui um site), havia o *Jornal Popular. Antônio Bezerra em destaque*, impresso criado por Totonho Carneiro (dono da Max Ótica e candidato a vereador, derrotado na eleição de 2012). Já sabia também que antes tinha existido no bairro a Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM²⁵, comandada por Rondinelle Mendes, também candidato a vereador, derrotado. Atraía-me a ideia de conhecer mais amiúde aquele bairro com

²⁵ Criada em 1999 e fechada pela Anatel em 2006 (MATOS, 2011).

um pouco mais de 2 km² e quase 26 mil habitantes; e que acumulava experiências de comunicação.

Junto a isso, as disciplinas do PPG-COM que cursei foram decisivas para as alterações que minha pesquisa sofreu, ao revitalizarem temas familiares a mim.

– A comunicação como mediação sociocultural, a partir da concepção de que a cultura é palco de negociações e conflitos que não se dissociam das condições materiais. Afinal, a posição social do indivíduo ou grupo gera um tipo próprio de consciência, uma maneira específica de representar e de (re)criar sistemas de significados. Gera um tipo próprio de cultura, entendida como “o agir e interagir de sujeitos sociais, como uma linguagem, articulação de significados.” (LEAL, 1986, p. 14). Mais do que um produto, a cultura seria o “processo de sua constante recriação num espaço socialmente determinado.” (MAGNANI, 2003, p. 26).

– A possibilidade do encontro, através da vivência na pesquisa de campo. Haja vista a preocupação em não se perder em apriorismos, dada a complexidade da realidade que é sempre mais rica do que o conhecimento, do que a síntese humana possa alcançar. Reconhecer a existência do novo como uma constante obrigou-me, diante do desafio de compreender a realidade, a não cristalizar meus pensamentos, valorizando o diálogo entre a empiria e os referenciais teóricos.

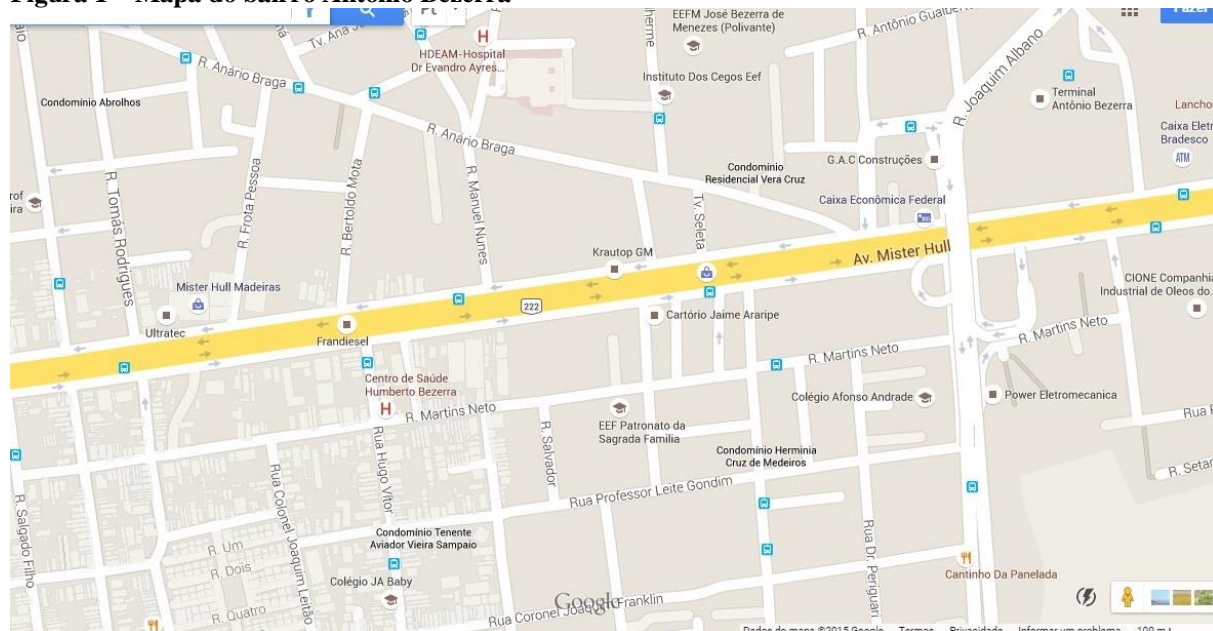
Foram também muito caras as disciplinas que fiz nos programas de pós-graduação da Educação, Sociologia e História, pois me despertaram para temas que até então eu não havia sequer pensado. Destaco a relação entre indivíduo e cidade, especialmente diante das metrópoles; os usos e abusos da memória e sua relação com a construção de si. Além da possibilidade de vislumbrar como objetos de estudo as redes e processos ao invés das tentativas de representação da realidade, tão presentes na ciência moderna.

Os diálogos interdisciplinares também me ajudaram a aprofundar as discussões sobre as estratégias discursivas do poder; a inerência entre enunciações, condições materiais e produção de sentidos; e o materialismo histórico e dialético. Reflexões que venho amadurecendo em minha vida acadêmica e que já encontraram lugar junto à minha visão de mundo. Entretanto, a observação direta durante as visitas ao Antônio Bezerra, associadas às primeiras entrevistas com moradores e comunicadores e às conversas informais que tive pelo *Facebook* ou enquanto caminhava pelo bairro foram cruciais na guinada que dei com a minha investigação.

Apesar de ter andando por todo o bairro, concentrei-me em um polígono que envolvia a Mister Hull e as ruas (paralelas a ela) Martins Neto e Professor Leite Gondim; a

Perimetral (avenida Coronel Matos Dourado) e as ruas Dr. Vale Costa, Hugo Vitor, Perdígão Sampaio e Salgado Filho (figura 1).

Figura 1 – Mapa do bairro Antônio Bezerra



Fonte: Google Maps, 2015.

Nesse território, concentra-se boa parte da rede de serviços do bairro: posto de saúde, delegacia, banco, cartório, mercearias, lojas, igrejas católica e evangélica, campo de futebol, escolas, clubes, bares, lanchonetes, restaurantes etc. É onde acontecem as feiras aos domingos (a livre e a “dos cacarecos”) e se localiza a rádio Costa Oeste 87,9 FM. Lá, mora ainda boa parte dos meus entrevistados, entre eles, Inácio Rocha (a “sede” do BAB).

Nesses contatos, constatei que, apesar dos seus quase 26 mil habitantes, havia ali um clima de familiaridade muito forte. Deduzi que fosse pela predominância de famílias que moram no Antônio Bezerra há gerações. Com exceção da Mister Hull – que tem todas as características de uma grande avenida –, a atmosfera por onde passei era de “cidade do interior”. Sensação reforçada pelas falas dos meus interlocutores que, em várias ocasiões, fizeram essa referência. Identifiquei ainda contradições e dificuldades típicas de um bairro na periferia de uma metrópole, como é Fortaleza.

Ao mesmo tempo, porém, não consegui dimensionar – nem nas falas dos meus interlocutores, nem nas minhas andanças pelo bairro – os limites da comunidade tão citada pelos comunicadores que entrevistei. Lembrei que a heterogeneidade das experiências comunicativas que não seguem a dinâmica dos meios de comunicação comerciais faz com que

elas tenham distintas interpretações do que seja comunidade. Como sinaliza Matos (2011, p. 20-21),

as radiocom compreendem o tipo de comunicação que produzem e sua relação com os ouvintes a partir da ideia de comunidade. Amparadas nessa noção e no que ela significa, elas constroem uma autodefinição do que seja uma emissora comunitária. [...] E nesse ambiente o termo comunidade aparece com um sentido político.

A autora se refere às rádios comunitárias, mas é possível estender essa reflexão às demais experiências comunicativas. Ademais, diante das discussões motivadas pelo sentido de comunidade em pesquisas que abordam a temática e nas práticas do cotidiano, é possível dizer ainda que “há modos de pensar e dar sentido à comunidade que se diferenciam e se modificam a partir dos lugares nos quais os sujeitos se posicionam.” (MATOS, 2012, p. 22). Com essa compreensão, passei a não ver muito nexo em discutir as experiências do BAB e da Costa Oeste sob a categoria comunidade, apesar de não abandonar por completo essa discussão.

Outro aspecto considerado foi que, ao conhecer um pouco mais da trajetória e da dinâmica da Costa Oeste e do BAB, percebi que seria infrutífero tentar enquadrá-los nas tradicionais conceituações de comunicação popular, alternativa e comunitária. O site, apesar de ter colaboradores e de receber sugestões de moradores, é produzido por um casal que nem ao menos participa de algum movimento popular ou organização política. Além disso, ele se tornou fonte de renda da família.

Na emissora, mesmo com uma licença de rádio comunitária e uma associação que responde legalmente por ela, não consegui identificar uma organização comunitária efetivamente comandando a Costa Oeste, inclusive, porque ficou difícil delimitar a comunidade da rádio por ser o Antônio Bezerra um bairro tão diverso e pelo alcance da emissora que chega a bairros vizinhos.

Da trajetória da Costa Oeste, o pouco que apreendi me mostrou ainda o mal estar, entre comunicadores do bairro, sobre o fato de a rádio ter sofrido interferência do vereador Adail Júnior entre os anos 2009 e 2012. Esse mal estar, por exemplo, causou o distanciamento entre a Costa Oeste e o BAB, pois a emissora, segundo Inácio Rocha, tem objetivos bem diferentes do seu que é de ser “a favor da comunidade”. Além do mais, os entrevistados quando perguntados sobre a emissora, aqueles que lembravam se referiam ora ao “programa do Rondinelle” ora à primeira emissora que ele dirigiu, a Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM e que foi também a radiocom pioneira no Antônio Bezerra.

Por outro lado – mantidas as diferenças –, o site e a rádio apresentam-se como uma comunicação alternativa ao massivo comercial. Eles veiculam conteúdos que valorizam o

Antônio Bezerra, não objetivam o lucro e possuem características de gestão que os distanciam da mídia comercial. Essas contradições só fortaleceram a minha visão de que fixar minha análise nas experiências comunicativas do Antônio Bezerra para saber se são genuinamente populares e/ou comunitárias é ignorar que as vivências em comunicação têm particularidades muito extensas e que o poder embrenhado nessas relações é cheio de matizes e variações.

Tomei, então, para mim, a crítica de Malerba (2008, p. 2-3), para quem

[...] grande parte dos pesquisadores que se propõem a refletir sobre comunicação comunitária é motivada por uma inquietação expressa quanto à situação de desequilíbrio de forças no cenário midiático. [...] ávidos por uma espécie de tábua de salvação midiática, passam a tratar a mídia comunitária a partir de um modelo idealizado. [...] O resultado desse tipo de linha de análise é quase sempre binário: ou o veículo em questão se apresenta como um genuíno exemplar de mídia comunitária ou deve ser banido ou condenado por representar sua apropriação abjeta.

Nesse sentido, é até importante encontrar as conexões que o site e a rádio possam ter com a comunicação popular, alternativa e comunitária, e também com a mídia comercial. Não para dar um veredito sobre o que seriam essas duas experiências, mas para tentar compreender a dinâmica de ambas e como elas contribuem na produção de sentidos sobre o bairro. Por fim, outro elemento que chamou minha atenção foi a afetuosidade recorrente nas falas dos meus entrevistados quando eles falavam sobre o Antônio Bezerra. Isso me levou a pensar sobre que bairro é esse e que representações seus moradores guardam dele e, por conseguinte de si e dos outros. Estavam postos cenário e problematizações que definiriam a minha investigação.

2.2 Nova configuração da pesquisa

Nas visitas ao bairro, constatei a multiplicidade de indivíduos que convivem no Antônio Bezerra. Velhos, crianças, adultos, adolescentes, jovens... Homens e mulheres que, ao construir suas vidas dia após dia, constroem também o lugar que habitam. Fazem história porque produzem os meios para suprir suas necessidades vitais; das mais primárias – como comer, beber e dormir – a tantas outras que possam surgir na lida diária pela manutenção da vida.

No andar pelas ruas do bairro, senti (o que já supunha existir) a magnitude que cerca as infinitas práticas de seus quase 26 mil habitantes e percebi que me restringir às dinâmicas da rádio Costa Oeste e do site BAB seria desmerecer a riqueza daquela convivência entre os moradores do bairro, que inundava meus olhos. Mas, também assumi a impossibilidade de dar

conta desse emaranhado que é a vida coletiva. Precisava encontrar um caminho que me levasse ao encontro do bairro, mas que me mantivesse no campo das pesquisas em comunicação.

Assim, reconstruí meu objeto de estudo, apoiada na interdisciplinaridade bem típica às pesquisas em comunicação. Ao invés de me fixar na dinâmica de produção e no conteúdo do site e da rádio, resolvi investigar as conexões entre as práticas socioculturais de moradores do Antônio Bezerra, especialmente aquelas ligadas ao BAB e à Costa Oeste. Trouxe, então, como principal objetivo identificar e refletir sobre os processos de construção das imagens que os moradores e os comunicadores do Antônio Bezerra fazem sobre o bairro, sobre as experiências comunicativas em questão e sobre si.

Delimitei, ainda, como objetivos específicos: identificar os processos – presentes nas práticas cotidianas de moradores e moradores comunicadores – que contribuem para a construção de identificações sociais; e compreender como as imagens sobre o bairro, que os moradores constroem, dialogam com as imagens que eles têm de si, da rádio e do site. Para em seguida, encontrar os contrapontos e aproximações entre essas imagens e autoimagens, refletindo sobre como a elaboração dessas representações incide nos sentimentos de pertença (ligação afetiva) com o lugar.

Entretanto, apesar desses recortes, ainda me deparava com tamanha densidade de vivências no bairro que inviabilizava minha pesquisa. Passei, então, a conversar com moradores de lá e vi que era recorrente a presença de famílias estabelecidas no bairro há gerações, e que tanto o site como a rádio possuíam integrantes que moravam ou tinham contato com o lugar há anos. Além disso, percebi que os residentes no Antônio Bezerra com frequência identificavam algumas ruas como “o coração” do bairro, que é dividido pela avenida Mister Hull.

Encontrei aí uma maneira de construir a minha rede de contatos: escolher moradores dessa região considerada central do Antônio Bezerra e cujas famílias já fossem antigas no bairro. Todavia, mantive-me, durante toda a pesquisa, aberta ao que o campo pudesse me revelar para, assim, ter mais chances de conseguir encontrar as conformidades entre os pontos de vista de distintos moradores, observando, inclusive, os lugares sociais ocupados por eles.

Mas, antes mesmo de decidir quem seriam meus interlocutores, uma decisão estava posta, interligar falas de lideranças e de comunicadores ligados à rádio Costa Oeste e ao site BAB, com as de moradores sem posição de destaque no imaginário coletivo do bairro. Buscar os meus interlocutores nas diferentes gerações de famílias moradoras do bairro e estabelecidas pela convivência. Privilegiar o convívio que eles tinham com o lugar a posições de autoridade, tratando com o mesmo apreço os relatos de fatos e eventos mais abrangentes do ponto de vista coletivo, e as narrativas de acontecimentos ordinários e privados.

Trouxe, portanto, a ideia de me distanciar de pesquisas que privilegiam apenas grupos organizados e lideranças instituídas. Abordagens que dominaram a maioria dos trabalhos, produzidos sobre bairros populares no Brasil até o começo deste século (MATTOS, 2012). Preferi substituir a ideia de grupos pela de redes, rizomas e processos, valorizando as interações sociais concretas entre os moradores.

Mas, para dar andamento à investigação, precisava, ainda, delimitar a metodologia que melhor se enquadrasse em meus propósitos. A ideia que ficou foi trabalhar com a memória, através de entrevistas de história oral, pois queria ter como foco as recordações das trajetórias de vida dos moradores que dialogassem com o bairro. Atralei a isso a observação direta, já iniciada quando da pesquisa exploratória que fiz no primeiro trimestre de 2013.

Em geral, as recordações do cotidiano, alheias a eventos extraordinários e de grande repercussão, parecem tão simples e inofensivas que quase nunca refletimos sobre elas, apesar de elas nos acompanharem e se perpetuarem pelo convívio nas redes de amigos e familiares. Mesmo vivendo no anonimato, essa memória retém resíduos das ações que, na lida diária pela sobrevivência e convivência em sociedade, paulatinamente, delineiam quem somos. Ela contribui para que sejam elaboradas as representações de si (e do outro) que, por sua vez, guiam as identificações sociais – ou seja, as diferenças e identidades que construímos.

Daí, a justificativa para usar relatos de memória como estratégia metodológica, pois

[...] ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros (POLLAK, 1989, p. 13).

Tais reflexões, associadas à minha predileção e ao costume que tenho de recordar o que vivi, foram decisivas na escolha da memória como base para a minha metodologia. Porém, no decorrer do processo, acabei por perceber que a junção memória e entrevistas de história oral (atrelada à observação direta) seria insuficiente. Optei, enfim, por me aproximar de outras estratégias – a observação participante e o método cartográfico –; discussão que faço mais amiúde no próximo capítulo.

3 METODOLOGIA: “NÃO SEI ONDE EU TÔ INDO MAS SEI QUE EU TÔ NO MEU CAMINHO”²⁶

Não há neutralidade do conhecimento, pois toda pesquisa intervém sobre a realidade mais do que apenas a representa ou constata em discurso cioso das evidências (p. 20) [...] Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho (PASSOS; BARROS, 2009a, p. 31).

O objeto e objetivos que elegi para minha pesquisa me levaram a perguntar: como investigar processos, sem que estes escorreguem por entre meus dedos? Afinal, estudar como imagens e autoimagens são construídas me coloca em um campo movediço, dada a fluidez deste fenômeno que se constitui pelos fluxos, refluxos, conexões e desconexões das práticas cotidianas.

Foi preciso pensar em estratégias que me permitissem entender as variações dos percursos daqueles que convivem no bairro e as implicações que existem nos processos de produção do site e da rádio, percebendo as redes (ou rizomas) que formam a vida social no Antônio Bezerra; privilegiar os pontos de fuga e a flexibilidade daqueles indivíduos que vivem na periferia e usam da astúcia para viver em uma cidade desigual, como é Fortaleza; e atentar para as reinvenções do cotidiano (CERTEAU, 2012a) que, oxalá, possam, um dia, alastrar-se e, num efeito dominó, sair da esfera micro, provocando transformações substanciais na ordem material e simbólica da vida.

Diante disso, assumi uma postura flexível para definir minha metodologia à medida que fui conhecendo o bairro, pois, para acompanhar processos é preciso ser maleável e não se fechar em procedimentos metodológicos predeterminados. Mantive o espírito aberto enquanto o caminho da pesquisa era talhado. Essa compreensão me aproximou das reflexões que embasam o método cartográfico, que se distingue da representação de objetos, proposta pela ciência moderna; e propõe acompanhar processos, compartilhando, ainda, as ações de acompanhamento.

Diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. Não se trata de mera falta de controle de variáveis. A ausência do controle purificador da ciência experimental não significa uma atitude de relaxamento, de “deixar rolar” [...] O desafio é evitar que predomine a busca de informações para que então o cartógrafo possa abrir-se ao encontro. Nesse sentido,

²⁶ Trecho da música No Fundo do Quintal da Escola, do cantor Raul Seixas, álbum O Dia em que a Terra Parou, 1977.

usando as palavras de Suely Rolnik, do cartógrafo se espera que ele mergulhe nas intensidades do presente para “dar língua para afetos que pedem passagem (Rolnik, 2007, p. 23)” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57).

Apropriei-me, portanto, da cartografia ao incorporar à minha pesquisa a ousadia de me deixar ser tocada pelo objeto pesquisado e de também tocá-lo, assumindo que a pesquisa é feita de encontros que nos atingem, que nos provocam e nos transformam.

Quis remexer no passado, acionando recordações que mobilizassem os meus interlocutores a mostrarem as imagens que eles têm de si e do lugar onde vivem e, quem sabe, conseguir instigá-los a construir novas perspectivas. Quis também correr o risco de ser alterada pelo brotar dessas reminiscências, reconhecendo que – o tempo todo – estamos todos em obra, porque somos todos humanos.

3.1 Memória: uma experiência sensorial-analítica

As lembranças do olvido ajudam-nos a entender o presente, ao mesmo tempo em que o presente é peça-chave na compreensão do passado (ROSSI, 2010). Essa referência ao passado contribui para que cada indivíduo (ou grupo) possa definir seu lugar na sociedade. Pois, ao contar o vivido a outrem, elaboramos o passado ao mesmo tempo em que nos descobrimos e reforçamos impressões e representações sobre as coisas da vida; e identidades e diferenças são forjadas.

Diante disso, com a intenção de discernir os processos de construção das imagens que moradores do Antônio Bezerra fazem do bairro e, por conseguinte, de si e dos outros, a memória se torna uma importante estratégia. Afinal, sua constituição “é importante porque está atrelada à construção da identidade”, sendo “essencial na percepção de si e dos outros.” (ALBERTI, 2004, p. 27). Mas, que definição de memória norteia a minha investigação?

Apesar de essa ser uma pergunta de difícil resposta – pois não é fácil dizer o que é e como se constitui a memória e como esta se relaciona com o conjunto das atividades cognitivas – pretendo, aqui, discorrer sobre o tema se não para chegar a uma conclusão, pelo menos para deixar explícitas as reflexões que orientaram a minha metodologia.

“É com base na realidade vivida que conseguimos olhar para o passado [...]” (GUEDES-PINTO, s/a, p. 01), mas, fazemos isso a partir da compreensão de vida que temos no momento em que rememoramos. Essa “lembrança imprevista do passado” – referência de Tomás de Aquino à memória (*apud* ROSSI, 2010, p. 16) – não é exclusividade do ser humano, pois os outros animais também a possuem.

Mas, até que se prove o contrário, somente o ser humano tem a habilidade de, a partir das recordações do vivido, elaborar conhecimentos, ou seja, é de nossa espécie a faculdade da reminiscência. A cada rememoração, novas reminiscências surgem, mesmo que alguns elementos se repitam. Assim, o conhecimento, produzido pelas inferências quando do ato de recordar, está sempre sujeito a novas elaborações. Esse conhecer construído pela memória ultrapassaria a ideia de apropriação intelectual, aproximando-se das ações reflexivas, próprias do pensamento.

As reminiscências seriam, pois, o resultado da tentativa de elevar qualquer experiência à sua inteligibilidade. Para que isso aconteça, é preciso que “a experiência fale de si para poder voltar-se sobre si e compreender-se” (DURAN, 2009, p. 139). Foi isso o que pretendi provocar em meus interlocutores. Na medida em que recordavam o que viveram no Antônio Bezerra, foram externando reflexões e compreensões sobre o vivido, deixando vir à tona as representações que faziam de si, dos outros e do bairro.

Trabalhei, então, a memória não como coisa estanque, mas como um processo que, *a priori*, é íntimo e pessoal, mas que logo se revela “como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.” (POLLAK, 1992, p. 201). Uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado”, integrada a “tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais.” (POLLAK, 1989, p. 9).

Essa concepção de que a memória é um fenômeno social já era sublinhada por Maurice Halbwachs nos anos de 1920-30. Ele enfatizava como distintas referências influenciam na estruturação da memória, inserindo-se também em uma memória que é coletiva. Mas, apesar de sua abordagem durkheimiana que trata fatos sociais como coisas, Halbwachs já apontava a presença de certo processo de negociação entre as memórias individuais e a da coletividade, antevendo discussões que surgiriam na contemporaneidade, sob a influência do construtivismo.

Discussões estas que se voltam para os “[...] processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias [...]” (POLLAK, 1989, p. 4). Colocam, portanto, em cheque, memórias coletivas já consolidadas – como aquelas relacionadas ao Holocausto²⁷ ou a outras experiências traumáticas de grande envergadura –, ao questionarem como essas recordações se solidificaram e assumiram a condição de fato, ganhando estabilidade

²⁷ Sinônimo de sacrifício, expiação, a palavra Holocausto é hoje utilizada para se referir às práticas de perseguição política, étnica, religiosa e sexual, estabelecidas durante os anos de governo alemão nazista de Adolf Hitler, que dizimaram milhares de judeus, ciganos, entre outros indivíduos cujas ideias políticas, etnias, orientação sexual ou condição de saúde e idade iam de encontro aos interesses do nazismo.

e duração. Deixam, portanto, em evidência as disputas que há entre as memórias, ou seja, entre as tantas interpretações que surgem ao se recordar os fatos, privilegiando os conflitos à estabilidade.

Mesmo com a compreensão de que as memórias individuais sejam em parte constituídas pela vivência compartilhada em sociedade, elas não perdem sua singularidade, “pois cada sujeito traz consigo uma experiência própria de vida” (PORTELLI, 1997), que jamais se repete. Por ser única, cada memória individual traz uma versão daquilo que foi vivido, e pode ampliar o patrimônio histórico-cultural da humanidade.

Mas, diante de uma sociedade estratificada, econômica e socialmente, o termo “memória enquadrada”, cunhado por Henry Rousso nos anos 1980, parece mais adequado do que o de “memória coletiva”, usado por Halbwachs. Este último enfatiza a força institucional da memória e sua positividade como instrumento de coesão social. Enquanto Rousso identifica a negatividade da memória, usada de forma coercitiva em benefício de grupos específicos.

O enquadramento de memória se relaciona com as negociações que sobrepõem uma memória a outra, numa reinterpretação incessante do passado diante dos embates entre o presente e o futuro. Apesar de esse processo ficar submetido à coerência dos discursos sucessivos, fundamental para a sustentação dessa memória como algo crível (POLLAK, 1989), a consolidação de uma memória da coletividade estaria sujeita a interpretações adequadas aos contextos históricos quando da sua (re)elaboração. Isto é, estaria sujeita a um enquadramento.

Embora o termo seja preferencialmente indicado à memória que direciona a história de um país ou até mundial, é possível fazer uma analogia dessas negociações a memórias que se formam em um plano mais micro, como aquelas que permeiam o bairro Antônio Bezerra. O enquadramento não seria exclusividade daqueles grupos costumeiramente dominantes, ainda mais se forem consideradas as tramas sociais que se formatam numa relação de e pelo poder. Cada um arca com o peso de sua memória, ou seja, com o peso da imagem que quer de si.

Em grande parte das entrevistas que realizei no Antônio Bezerra, meus interlocutores demonstravam um laço afetivo com o bairro e uma preocupação em preservar a imagem do lugar e, conseqüentemente, a sua. Isso ficou evidente em falas do tipo “ele não é um bairro violento”, “ainda é um bairro bom de viver”, “é minha inspiração”. Mais que isso, ao definir pontos em comum, que os diferenciavam dos bairros vizinhos, as lembranças que surgiam davam fundamento e reforçavam os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais dos moradores em questão.

Em vista disso, compreende-se que a memória “coloniza o passado e o reordena tendo por base as concepções e as emoções do presente.” (ROSSI, 2010, p. 97). Por

consequência, o passado pode ser concebido como uma reconstrução, organizada por uma coerência imaginária, portanto, sujeito a imprecisões, contradições e conflitos. O passado que surge pelas reminiscências é o passado dito, narrado, ou seja, é composto por enunciações que não existem fora de um contexto social.

De maneira geral, qualquer narrativa que relate “o que se passa” (ou o que se passou) institui algo de real, na medida em que se considera como a representação de uma realidade (do passado). Ela baseia sua autoridade no fato de se fazer passar por testemunha do que é, ou do que foi; ela seduz e se impõe através dos acontecimentos dos quais pretende ser intérprete [...] No entanto, o “real” representado não corresponde ao real que determina sua produção. Ele esconde, por trás da figuração de um passado, o presente que o organiza. [...] A representação disfarça a práxis que a organiza (CERTEAU, 2012b, p. 49) [grifo no original].

O tempo recordado – também interpretado e reconstruído – depende, pois, da forma e do que dele for evocado. Às vezes, as recordações afloram pelos sentidos. Um cheiro, um som, uma imagem, um gosto podem acionar os dispositivos da memória. E se constato a necessidade da evocação, constato também a participação do inconsciente como depositário da memória. Melhor dizendo: corroboro a relação intrínseca entre inconsciente e memória. Por isso, mesmo sem ter intenção de me estender nessa discussão, é importante antes de seguir, fazer a seguinte referência:

Pouco importa a teoria da matéria a que você se vincule: realista ou idealista, você pensa, evidentemente, quando fala da cidade, da rua, dos outros quartos da casa, em tais e tantas percepções ausentes da sua consciência, e, no entanto, dadas fora dela. Elas não se criam à medida que a consciência as acolhe; elas lá estavam já, de algum modo; ora, como, por hipótese, a sua consciência não as apreendia, como podiam existir em si senão no estado inconsciente? (BERGSON, 1959, p. 284, *apud* BOSI, 1995, p. 52).

O ato de lembrar exige, pois, um “esforço deliberado da mente”, pois ele “é uma espécie de escavação ou de busca voluntária entre os conteúdos da alma [...]” (ROSSI, 2010, p. 16). Afinal, a memória conserva um passado que se apresenta ora consciente, pelas lembranças que o emergem, ora latente, nas profundezas do inconsciente. Como despertá-la foi o desafio a mim imposto diante dos meus interlocutores, especialmente diante do curto tempo de pesquisa.

Esse chamado às lembranças traz, ainda, uma preciosidade: a emoção. Anuncia sentimentos que surgem das sensações experimentadas nas vivências do cotidiano, retidas na memória, mas esquecidas na consciência diária²⁸. Esse recordar é prenhe de afeto, porque

²⁸ É impossível viver sem o esquecimento. Precisamos esquecer para termos esperança e disposição. Afinal, como seríamos nós se sempre nos lembrássemos de nossas limitações, como a sina da mortalidade? Há, porém, que se discutir se o esquecer é para manter a esperança, se é uma autodefesa humana ou um instrumento mantenedor da dominação.

lembrar emocionada até mesmo aqueles que não são dados a comoções. É essa afetividade pelo bairro Antônio Bezerra que procurei encontrar nas reminiscências daqueles com quem conversei.

Diante disso, não puderam ser ignoradas as subjetividades que perpassavam as recordações e os relatos que delas foram frutos. A subjetividade, aqui, é compreendida numa relação entre o *quem sou* e o *quem somos* da cultura; é construída e não dada e sua produção se interliga com as identificações individuais e coletivas. Logo, é primordial entender as formas subjetivas do ponto de vista histórico, percebendo, nas pressões ou tendências que as produzem, possíveis contradições e modificações que, porventura, ocorram provocadas pelas tantas determinações sociais, inclusive, pelas condições materiais (JOHNSON, 2010).

Entra em jogo, aqui, a energia criadora do ser humano concreto, real e não o fantasiado, idealizado. Afinal, não se pode esquecer que a vida é construída em cima de alicerces materiais, de circunstâncias objetivas, sejam elas naturais ou sociais. Voltei, portanto, minha atenção para “indivíduos reais, [para] sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas que eles já encontraram elaboradas quanto aquelas que são o resultado de sua própria ação.” (MARX; ENGELS, 2012, p. 44).

Assim, apesar de ser um árduo exercício, ousei partir de pressupostos que não fossem arbitrários, que tratassem a realidade distanciada de dogmas. Daí, a opção por, a partir das reminiscências sobre o Antônio Bezerra, encontrar elos de afetos, hábitos e ideias que vislumbrassem a construção das identificações dos indivíduos na relação com o bairro. Parti de uma memória, a princípio individual, mas que dialoga com uma memória que é pública, pois “[...] mesmo no nível individual o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida.” (POLLAK, 1989, p. 14).

Atentei-me aos relatos sobre o passado para encontrar as imagens que pudessem existir no bairro Antônio Bezerra, oriundas das recordações de cotidianos diversos. Procurei, nas recordações, por vestígios de datas importantes coletivamente, mas também, por traços ordinários, do dia a dia de moradores locais. Lembranças que partissem da experiência vivida, pois a

experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia (KOSELLECK, 2006, p. 309).

Compactuo, portanto, com a concepção de que cada geração posterior – tendo ou não consciência deste fato – é herdeira da atividade social da geração precedente, pois é essa herança a matéria-prima que aciona as produções sociais da geração que segue (MARX, 2007). Nesse sentido, “nada do que uma vez aconteceu pode ser dado como perdido para a história.” (BENJAMIN, 2012, p. 10). Entretanto, considerar as conexões entre as gerações não significa tratar o passado – e nem a história por ele construída – de maneira linear e mecanicista. Afinal, sua construção se dá pela descontinuidade, ainda mais quando está amparada por relatos de memória.

Nesse processo, foi preciso, também, considerar a natureza limitada da memória e, por conseguinte, de tudo que dela depender. Afinal de contas, essas recordações são constituídas por imagens e emoções, apresentando-se, sempre, de forma fragmentada e incompleta. Apresentam-se, assim, porque são constitutivas do ser humano, o qual para recordar, mune-se da linguagem que, por conseguinte, resulta de uma consciência prática, que se funda no contato com o outro, como um produto social (MARX, 2012).

A linguagem, de onde brotam tais enunciações, revela as variadas facetas das relações sociais e das ideias que as sustentam, pois a língua é “expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material”²⁹. Nesse sentido, dediquei especial atenção aos processos de enunciação por onde afloram as recordações. Assim, não somente o conteúdo dos relatos se tornou importante, mas, fundamentalmente, a forma como os discursos embutidos nas narrativas se apresentaram, pois o ponto de partida foi a memória de fatos corriqueiros que se expressam na comunicação da vida cotidiana que, por sua vez, está vinculada aos processos de produção (BAKHTIN, 2006).

A perspectiva de usar a memória como estratégia metodológica levou-me, ainda, a pensar na sociedade contemporânea. Uma sociedade que é chamada a cultivar o passado e a interrogar-se sobre o esquecimento; que invocou o “dever de memória” e, por vezes, “estigmatizou abusos da memória” (HARTOG, 2013). Refleti sobre a constatação de que “o mundo está sendo musealizado e que todos nós representamos os nossos papéis neste processo.” (HUYSSSEN, 2000, p. 15), porque, como bem diz Hartog (2013), “pretendeu-se fazer memória de tudo” e memoriais foram construídos e multiplicaram-se os museus.

Tais lugares – que, em 1984, o historiador Pierre Nora denominou lugares de memória (HARTOG, 2013) –, além de definir o que é digno de ser memorável, delimitam e

²⁹ Marina Yaguello, introdução do livro *Marxismo e filosofia da linguagem. Os problemas fundamentais do método sociológico na ciência da Linguagem*. BAKHTIN, Mikhail. 12ª ed., HUCITEC, 2006, p. 18.

institucionalizam o espaço e o tempo para recordar. Assim, diante da correria imposta pelo mundo do trabalho – em que tempo é dinheiro, porque é regido pela lógica da produção capitalista –, reservam-se espaços onde é permitido lembrar (ou conhecer o que neles é recordado), onde todos se tornam testemunhas do testemunho do outro; onde é permitido reverenciar o passado.

Mas não há dúvida de que os crimes do século XX, seus assassinatos em massa e sua monstruosa indústria da morte são as tempestades de onde partiram essas ondas memoriais, que acabaram unindo e agitando intensamente as sociedades contemporâneas (HARTOG, 2013, p. 25).

O chamado dos tempos atuais é para que se mantenha viva a memória de acontecimentos que abalaram a humanidade: grandes guerras, grandes epidemias, grandes catástrofes naturais. Horrores que exterminaram considerável número de pessoas e cujos discursos ampliam sobremaneira seu alcance. A guerra que dizimou um povo em holocausto. A gripe que devastou um continente... Tsunamis, terremotos, extermínios, bombas nucleares, naufrágios... Calamidades não esquecidas, aliás, calamidades cuja lembrança é exigida, pois o esquecimento seria um ato de deslealdade para com aquelas pessoas. E assim,

as memórias do século XX [e podemos estender às primeiras décadas do século XXI] nos confrontam, não com uma vida melhor, mas com uma história única de genocídio e destruição em massa, a qual, *a priori*, barra qualquer tentativa de glorificar o passado (HUYSSSEN, 2000, p. 31) [grifos no original].

Essa obsessão com a memória e com o passado se apresenta como uma “cultura da memória” que se associa, de forma bem-sucedida, à indústria cultural em “uma sociedade que privilegia experiências intensas, mas superficiais, orientadas para alegrias instantâneas no presente e o rápido consumo de bens, eventos culturais e estilo de vida associados ao consumo de massa.” (HUYSSSEN, 2000, p. 39). O horror do passado também diverte e traz certo alívio quando se percebe que ele está enclausurado em um tempo distante.

Ditado pelo ritmo industrial, o desabrochar da grande onda da memória já extrapolou as paredes dos lugares feitos para recordar e segue comandado pela lógica da sociedade de consumo, ou melhor, pela lógica de uma sociedade do espetáculo. Mas, cultivar o passado como um ato de consumo de uma cultura industrializada não é voltar a ele; é se distrair e esquecer os horrores dos cotidianos atuais de uma sociedade cada vez mais aprisionada pela mercadoria. Vivencia-se, hoje, o que Hartog (2013) chamou de presentismo, isto é, o poderio das revoluções tecnológicas, que preconiza uma sociedade da informação, traz consigo uma enaltecida categoria do presente ao exaltar a ideia de tempo real.

A sincronia entre a dimensão simbólica da sociedade contemporânea organizada pelo mercado e o senso comum dos consumidores enrijecem os holofotes da memória no extraordinário, no que é curioso ou naquilo que causa furor. Tal sintonia credita pouco (ou quase nenhum) valor às histórias construídas no dia a dia do sujeito comum. A academia segue no mesmo compasso, apesar dos novos caminhos que vem construindo quando volta seus estudos aos sujeitos “normais”, principalmente, depois que “se reconheceu que não só eles seguiam itinerários sociais traçados, como protagonizam negociações, transgressões e variantes.” (SARLO, 2007, p. 16).

Esse maremoto espetacular me fez lembrar dona Margarida³⁰, uma senhora com quem conversei sobre a vida no Antônio Bezerra, e que antes de nossa conversa me questionou a “serventia” daquela entrevista. Pensei cá comigo: como uma matriarca de 89 anos, com descendentes que já chegam à quarta geração e cujo pai já morava naquele bairro, não teria algo importante a lembrar? Mas, diante do espetáculo dessa memória industrializada, é possível até compreender as razões da indagação dessa senhora que “só” criou os filhos e que viu netos, bisnetos e tataranetos nascerem e conviverem em um bairro de periferia.

Não nego, é claro, a necessidade de que eventos que dilaceraram a humanidade sejam lembrados, inclusive para que sirvam de alertas ao presente ou que sejam instrumentos na luta pelos direitos humanos e sociais; e por justiça. Até porque, em diversos países, em especial os latino-americanos, “os atos de memória foram uma peça central da transição democrática, apoiados às vezes pelo Estado e, de forma permanente, pelas organizações da sociedade.” (SARLO, 2007, p. 20).

Mas, ao dar privilégio à memória de acontecimentos grandiosos, renegam-se as experiências do cotidiano miúdo a um plano secundário, ou até mesmo ao esquecimento. É óbvio que não é possível lembrar tudo o tempo todo, mas espetacularizar passados escolhidos é tão ou mais danoso do que esquecê-los. Por isso, é preciso pensar sobre o uso dessas recordações, sobre a comercialização em massa da nostalgia, da dor e do trauma. Inclusive porque “quanto mais nos pedem para lembrar, no rastro da explosão da informação e da comercialização da memória, mais nos sentimos no perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer.” (HUYSSSEN, 2000, p. 20).

Esse paradoxo, como sinaliza Huyssen (2000), é, por sinal, motivo de crítica à cultura da memória contemporânea, acusada de provocar “amnésia, apatia ou embotamento” pela sua “incapacidade e falta de vontade de lembrar”, provocando a “perda da consciência

³⁰ Mais adiante serão apresentados os perfis de todos que compuseram a rede de contatos.

histórica”. Diante disso, a sociedade contemporânea parece dar sinais de esquizofrenia. Consume (como entretenimento) a memória de um passado de terror, cultua um presente que desacredita o futuro e vivencia tudo isso em um tempo cada vez mais acelerado e em desatino.

Observando esse contexto, assumi a inquietação apresentada por Hartog (2013, p. 17) de que “as relações que uma sociedade estabelece com o tempo parecem ser, de fato, pouco discutíveis ou quase nada negociáveis”. Vi-me, então, impelida a refletir sobre o tempo – o tempo de quem fala; o tempo sobre o qual se fala. Seria o tempo um algoz, lembrando ininterruptamente a finitude da vida ou um elixir da esperança, alimentado na expectativa de que dias melhores virão? O tempo é algo inventado ou da natureza? Quantos tempos existem ou que facetas há em um tempo que é único? Há fronteiras precisas entre o passado, o presente e o futuro?

Sem respostas conclusivas a essas perguntas, destaco apenas que as ordens do tempo – mesmo variando segundo lugares e épocas – são “tão imperiosas [...] que nos submetemos a elas sem nem perceber.” (HARTOG, 2013, p. 17). E ao pensar sobre a sociedade contemporânea – essa sociedade das mercadorias cuja base é a exploração privada da riqueza, de uma produção coletivizada; e que se sustenta pela opressão de poucos sobre muitos – penso que, mesmo que haja resistências, a ordem de nosso tempo é ditada por aqueles que detêm o poder econômico, o qual interfere na política, cultura e nas outras esferas sociais.

Por fim, ao recordar o perigo alertado por Benjamin (2012, p. 12) de que “em cada momento, os detentores do poder são os herdeiros de todos aqueles que antes foram vencedores. [...] a empatia que tem por objeto o vencedor serve sempre aqueles que, em cada momento, detêm o poder.”, me deparei com um risco ao êxito de minha pesquisa. O perigo de que as recordações dos moradores do Antônio Bezerra ficassem limitadas a enquadramentos de memória.

Meu alento, porém, foi pensar que a memória é um bicho solto que escorrega das amarras impostas. Que brota quando não se espera, alegre ou machuca, principalmente quando seu florescer vem daquilo que se vivencia na pele. Mas, admito que tentei me valer de astúcia para identificar as camadas dos discursos que dão sentidos aos relatos das experiências passadas. O exercício da escuta apareceu, então, na estratégia metodológica.

Nesse vasculhar da memória, optei por utilizar a entrevista como recurso metodológico de coleta de dados, até porque ela guarda similaridade com a entrevista jornalística; familiar para mim. Semelhanças que aparecem no cuidado e rigor; no intento de se aprofundar e “buscar informações pessoais e diretas por meio de uma conversa orientada”;

e na “noção de que há, explicitamente, um participante interessado em apreender o que o outro tem para oferecer sobre o assunto.” (DUARTE, 2010, p. 63).

Dentre as tantas classificações de entrevista, optei por me aproximar da entrevista de história oral. Afinal, estava à procura do emergir das lembranças de vidas singulares daqueles que habitam o bairro Antônio Bezerra, torcendo para que as narrativas de suas recordações ganhassem força, e tornassem visíveis as imagens do bairro e de si, tão submersas no emaranhado da vida cotidiana.

3.1.1 Para explorar o vivido: a entrevista como prática de interação social

Com diferentes formas de aplicação em áreas como jornalismo, psicologia, administração, ciências sociais e história, a entrevista vai além de uma forma eficaz de se obter informações através de questionários, especialmente se a intenção for vivenciá-la não somente como uma técnica, mas também, como uma prática humana. As perguntas e respostas ganham, então, um status dialógico, tornando-se uma experiência comunicativa e quebrando isolamentos sociais (MEDINA, 2001).

Nesse sentido, cria-se uma situação de interação quando os envolvidos se influenciam reciprocamente a tal ponto que as informações, dadas pelo entrevistado, são afetadas pela natureza da relação deste com o entrevistador (DUARTE, 2010). Se isso acontece é porque as duas pessoas experienciaram uma tomada de consciência; cruzaram suas fronteiras e entrelaçaram seus caminhos. Elas não são mais indiferentes.

[...] quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem ‘alterados’ do encontro, a técnica foi ultrapassada pela ‘intimidade’ entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível (MEDINA, 2001, p. 7).

Para vivenciar essa experiência, foi preciso sair da zona de conforto e mergulhar no universo dos moradores do Antônio Bezerra. Conhecer suas famílias e amigos; saber dos seus hábitos, ideias, valores e passados e, ao mesmo tempo, permitir que eles me percebessem como sujeito e não somente como pesquisadora. Entrevistei-os para tentar compreender seus conceitos e trajetórias de vida, tentando ir além da técnica imediatista, ansiando por desvendar o real e quebrar o comportado “espelho das aparências”; tarefa nada fácil “diante da densa textura que é uma pessoa.” (MEDINA, 2001).

O diálogo tão almejado entre entrevistador e entrevistado convive, ainda, com a presença oculta de um terceiro interlocutor. Como dizia Jorge Luis Borges³¹, na entrevista, há também um “*anfiteatro de personas futuras*” (VOGEL, 2009). Esse público hipotético sinaliza que a entrevista pode ser compartilhada e indica a existência de “co-enunciadores que não estão presentes e que se posicionam fora do tempo empírico da entrevista, rompendo a privacidade da sala fechada, da conversa que acontece e permanece entre dois.” (VOGEL, 2009, p. 41).

Para entrevistar, é necessário, então, convencer o entrevistado a revelar, a tornar público o que está na esfera do privado (particular). Isso pode gerar resistências, ainda mais quando a proposta é trazer à tona antigas recordações e, com elas, emoções adormecidas ou, antes, ignoradas. Diante disso, a entrevista acontece também no nível da sensibilidade, em um jogo de bloqueios e desbloqueios no qual a empatia entre entrevistado e entrevistador é a primeira ponte a ser construída. Vivi um pouco disso no contato com Viviane Rocha, que administra o BAB junto com Inácio. Alegando timidez, ela relutou em ser entrevistada, preferindo conversar informalmente, e só nos últimos meses de pesquisa é que concordou em responder pelo *Facebook* algumas perguntas.

Apesar da carga emocional, a entrevista tem finalidades pontuais e específicas, direcionadas pela pesquisa. Ela apoia-se em pressupostos, pois não permite comprovação de hipóteses (típico de pesquisas experimentais e tradicionais), sendo estas substituídas por “um conjunto de conjecturas antecipadas que orienta o trabalho de campo.” (DUARTE, 2010, p. 63). Como técnica qualitativa, explora um assunto, a partir das experiências, percepções e informações coletadas, procurando a “intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística.” (DUARTE, 2010, p. 62)³².

No que concerne às estruturas das perguntas, optei por mesclar entrevistas abertas e semiabertas³³, privilegiando o primeiro modelo por ser mais flexível e permitir que tanto perguntas e respostas fossem ajustadas livremente. Inclusive porque perguntar quando for estritamente necessário e fazer isso à medida que as respostas surgissem me ajudaria a criar esse clima de diálogo, tão almejado para aprofundar os assuntos, através da conversação.

³¹ Um dos maiores escritores do mundo contemporâneo, o argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) dedicou-se, nas últimas três décadas de sua vida, a atender jornalistas de todo o mundo, concedendo “um grande número de entrevistas, que talvez tenha superado o milhar. [...] As entrevistas, que costumavam seguir um ritmo de conversação, reúnem as concepções estéticas do escritor em sua maturidade, refletem seu convívio com a tradição literária, realçam sua autonomia intelectual e contribuem para redesenhar a imagem que se tem de Borges, sua ação no campo literário e sua figura autoral.” (VOGEL, 2009, p. 9).

³² Duarte utiliza o termo entrevista em profundidade, mas prefiro usar somente entrevista, visto que a compreensão de entrevista como interação social sinaliza que a entrevista, para de fato acontecer como prática humana (como o diálogo possível), já pressupõe que é em profundidade.

³³ O roteiro básico de perguntas semiestruturadas vem sendo útil nas entrevistas pelo *Facebook*.

Apoiei-me, portanto, na entrevista narrativa para a qual “a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas narrativas em que o informante usa uma linguagem própria e espontânea.” (BAUER; GASKELL, 2000, *apud* BASTOS, 2008, p. 51).

Por fim, o uso da memória na estratégia metodológica me direcionou até as especificidades da entrevista de história oral que traz as significações do passado, com base na

experiência concreta, histórica e viva [...] transformada em expressão do humano. [...] (p. 22). [...] Como em um filme, a entrevista nos revela pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços, temos a sensação de que o passado está presente (ALBERTI, 2004, p. 15).

Evidencia-se, aqui, o processo de exclusão que é próprio do contar histórias, pois a narrativa de um acontecimento se dá pela exclusão e ordenamento dos fatos segundo o sentido que se quer dar à história, bem como, a impossibilidade de se restituir plenamente a realidade, que de tão complexa e escorregadia, escapa-nos. Apesar disso, sem as narrativas provocadas pelas entrevistas, muitas histórias se perderiam no esquecimento ou permaneceriam inacessíveis a um público mais amplo.

Durante as entrevistas que realizei, procurei ser testemunha das interpretações e representações sobre o vivido expressas na narrativa dos meus interlocutores, que se manifestavam de forma particular. Essa unicidade é que dá uma cor própria ao passado, e que torna cada interlocutor “um indivíduo único e singular [...] um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso, dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes.” (ALBERTI, 2004, p. 14).

Mas, embora tenha apostado na força da narrativa como o fio condutor para os relatos de memória, entender que a entrevista se ampara na linguagem verbal trouxe à tona uma preocupação. Como infere Morin (1973, *apud* MEDINA, 2001, p. 11), “a entrevista, evidentemente, se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra. Ela corre o risco permanente da dissimulação ou da fabulação.”

Por isso, fiquei atenta não somente ao conteúdo, mas também aos processos de enunciação inerentes aos processos de produção, às condições materiais, e que também estão interligados ao contexto da entrevista. Logo, observava o lugar, o ambiente da entrevista, os silêncios, gestos do entrevistado, a interação deste comigo e, quando havia, com outras pessoas presentes. Mas também, estava atenta aos papéis sociais dos entrevistados, que fui identificando enquanto eles falavam sobre suas famílias, profissões e táticas de sobrevivência.

Por entender que a entrevista não é somente um relato do que passou, muitas vezes, prestei “[...] mais atenção aos ‘acontecimentos’ e às ‘ações’ da entrevista, ao trabalho da

linguagem em constituir realidades e ao trabalho de enquadramento da memória” (ALBERTI, 2004, p. 10). Visto que ela é também um resíduo de ação, pois permite que se documentem as ações de constituição de memória, desencadeadas ao se construir o passado de uma forma e não de outra.

Entretanto, sob o risco de cair no relativismo, procurei não perder de vista a noção de que a entrevista de história oral é documento sobre o passado. É uma fonte – como são os documentos escritos, notícias, livros, diários, cartas etc. – que precisa ser checada, interpretada e questionada. Por se apresentar como concepções do passado, através de sequências narrativas, ela deve ser entendida na relação entre o *sentido* que as narrativas produzem e a *forma* com que são narrados os fatos.

Por fim, não perdi de vista o fato de que eu vivenciava, junto com meu interlocutor, os processos de construção e escuta das narrativas que nos levavam àquelas interpretações e representações que surgiam. Minha proposta era de que a entrevista não fosse somente uma técnica para obter informações, mas que se tornasse uma atividade interacional na qual os envolvidos construiriam juntos uma versão do mundo; e avalio que consegui. Diante disso, os pressupostos da comunicação que compreendem os discursos acabaram por variar de uma versão representacionista para uma processual, dinâmica, em que pelo menos dois interlocutores (eu e cada entrevistado) atuaram na formatação discursiva.

Afinal, a entrevista,

se tomada como meio de coleta de dados, em que o entrevistador fica numa posição de apagamento, a entrevista recorre a uma concepção “representacionista” do discurso, isto é, o discurso é visto como um produto estabilizado, capaz de transmitir informações de modo neutro e transparente. Por outro lado, se considerada como atividade de co-construção de um modelo público de mundo, o discurso passa a ser concebido como processo dinâmico, no qual a atenção se desloca da simples busca de relação entre as palavras e as coisas para a emergência de um trabalho de negociação, de construção interativa, de colaboração coletiva (VOGEL, 2009, p. 55-56).

Infere-se, portanto, que “mesmo que o entrevistador fale pouco, para permitir ao entrevistado narrar suas experiências, a entrevista que ele conduz é parte de seu próprio relato – científico, acadêmico, político etc. – sobre ações passadas, e também de suas ações.” (ALBERTI, 2004, p. 34). Consequentemente, por mais que haja um distanciamento no lidar com o entrevistado, não é possível evitar “a interferência do *eu subjetivo* do entrevistador” (MEDINA, 2001, p. 44) [grifo no original]. Diante disso,

José Bleger³⁴ enfatiza [...] o papel do observador participante (entrevistador) e a presença decisiva de sua personalidade, desmistificando, com isso, a pretensa objetividade de quem pergunta ou encaminha conversação, ou ainda de quem ouve as respostas do entrevistado. [...] o entrevistador deve investir, de imediato, na própria personalidade para saber atuar numa inter-relação criadora (MEDINA, 2001, p. 10).

Daí, a aproximação de minha pesquisa com a observação participante na qual a minha condição de investigadora – com minha consciência e subjetividade – foi parte integrante do processo, colocando em xeque a objetividade tão apregoada no campo científico.

3.2 Percursos e percalços na estrada

Desde o começo dessa empreitada, a ida a campo apareceu como uma exigência, presente na fala insistente da minha orientadora e nas vozes dos autores que discorriam sobre a cartografia. Estar no campo, porém, não se revelou uma tarefa fácil. Apesar de o *locus* de minha pesquisa ser em Fortaleza, a necessidade de conciliar minha vida acadêmica com a profissional não me permitiu estar no Antônio Bezerra da forma como eu gostaria. Apesar disso, procurei otimizar todas as minhas idas ao bairro, observando o ambiente e me dedicando com afinco aos momentos das entrevistas.

Ao todo foram doze visitas em dias distintos da semana, sendo cinco para entrevistas agendadas e as demais para andar pelo bairro. Variar entre dias úteis e fins de semana foi importante para que eu entrasse em contato com os distintos ritmos do bairro que se moldam com o passar da semana. Também procurei ir em horários diferentes do dia; 8 horas foi o mais cedo que cheguei e 21h30 a hora mais tarde em que saí do bairro. Mas, na maioria das vezes, fiquei pelo Antônio Bezerra entre 10h e 16h.

Nos dias em que não havia entrevista marcada, eu andava pelo bairro, procurando os locais citados pelos interlocutores, conversando com desconhecidos e até parando para merendar ou almoçar. Esses momentos me possibilitaram certa familiaridade com o Antônio Bezerra. Aprendi quais ônibus pegar e onde descer; a andar pelo território sem me perder, sabendo que ruas evitar por serem “mais esquisitas”, como era vez ou outra alertada. Hoje, sei onde almoçar, comer um lanche ou ainda tomar uma cerveja se eu bebesse. Também consigo encontrar alguns pontos comerciais e de serviços.

Andei por todo o bairro, mas na maioria das vezes segui pelas imediações das ruas Salgado Filho, Hugo Vitor, Martins Neto, Professor Leite Gondim e Dr. Vale Costa; além da Mister Hull e a Perimetral (avenida Coronel Matos Dourado). Também visitei alguns lugares

³⁴ Temas de psicologia – entrevista y grupos. Buenos Aires: Nueva Visión, 1976.

citados nas entrevistas ou nas conversas informais, como: a Igreja Jesus, Maria e José, a capela Santa Edwirges, a Igreja Betesda e o cemitério público; o Grêmio Recreativo do Antônio Bezerra (Grab), a casa de show Tenda's e o campo de futebol do Rio Branco (Estádio de Futebol Antony Costa); a antiga vacaria, as proximidades do rio Maranguapinho; o 10º Distrito Policial, o cartório e os bancos Caixa Econômica e Bradesco; o Frotinha e o posto de saúde que fica na rua Hugo Vitor; a rodoviária intermunicipal, o terminal do Antônio Bezerra e a estação ferroviária. Além de algumas escolas, comércios, bares e restaurantes; e as quatro praças principais do bairro.

Quase todos os lugares visitados estão localizados no lado esquerdo da Mister Hull, sentido Fortaleza-Caucaia, o “lado A (de Antônio)” como um dos meus interlocutores nomeou. Embora o percurso tenha se construído de forma aleatória, durante a pesquisa exploratória, ele acabou por se revelar estratégico ao propósito da minha pesquisa porque esse trajeto está no que os moradores consideram como o “coração”, o “centro do bairro”. E depois da sétima visita, delimito que minha pesquisa se concentraria naquela área do Antônio Bezerra.

Das conversas informais, lembro, especialmente, uma que tive no Terminal do Antônio Bezerra. Duas senhoras me falavam como o cemitério do bairro estava abandonado, que dava “dó ir até lá e ver o mato crescendo”; da chateação, apesar do compromisso quase religioso, de ter que pagar alguém para cuidar dos túmulos. Por elas, soube que o cemitério está lotado e que, agora, boa parte das famílias do bairro enterram seus familiares em um cemitério de Caucaia. Mas que todo dia de finados, o lugar fica “uma beleza”, porque “mandam capinar e algumas famílias limpam e pintam as covas”.

Quando fui ao cemitério, vi que ele era antigo, com lápides grandes, mas no que concerne à manutenção – que não era das piores –, não encontrei diferença entre ele e outros cemitérios públicos de Fortaleza. Nesse dia, ao passar por lá, havia um enterro em curso, o que inibiu minha visita. Mas, era um domingo, dia da tradicional feira da rua Dr. Vale Costa, que acontece na lateral do cemitério, e me dirigi para lá. Na feira, quatro longas fileiras de barracas, a perder de vista, indicavam o mundo de sabores, sons, cheiros e coisas para vender. Fiz compras, falei com alguns vendedores e fotografei. Saí com uma vontade de saber mais daquele lugar, quiçá em uma outra pesquisa.

Como esses, outros lugares do Antônio Bezerra provocaram em mim um misto de sensações. A desolação do Maranguapinho, a vontade de ficar na praça da Igreja Jesus, Maria e José. O aconchego da capela Santa Edwirges. A correria da Mister Hull e a confusão do Terminal de ônibus nas vezes em que fui e ele ainda estava em reforma. A curiosidade pela chácara Salubre e a acolhida dos meninos jogando futsal no Grab. Mas, tão forte como foi o

contato com esses lugares foram as entrevistas realizadas pessoalmente com aqueles que compuseram minha rede de contatos cujo processo de construção detalho a seguir.

3.2.1 A rede de contatos

Conhecer a cena do movimento de rádios comunitárias e de sites de bairros de Fortaleza me permitiu trocar ideias com algumas pessoas que, apesar de não estarem envolvidas com o BAB e a Costa Oeste, conheciam tais experiências. Essa proximidade, porém, foi tratada com cautela, pois receava que ela pudesse encaminhar a pesquisa por ideias preconcebidas, isso porque

condições à primeira vista mais favoráveis – manejo da língua, facilidade de acesso, informações prévias – podem transformar-se em obstáculos, pois muitas vezes a familiaridade, nestes casos, não é senão o resultado de ideias preconcebidas, deformadas, quando não totalmente errôneas (MAGNANI, 2003, p. 18).

Optei, então, por encontrar meus interlocutores sem intermediários ligados ao cenário da mídia popular, alternativa e comunitária de Fortaleza. Fui me aproximando dessas pessoas, através de amigos ou dos próprios interlocutores que serviram de ponte entre mim e outros moradores; e pelo *Facebook*. A rede social se mostrou bem útil nesse processo de aproximação e consegui extrair de lá boas informações e impressões sobre os interlocutores, muito embora, as entrevistas presenciais tenham sido as mais significativas, inclusive pela opção por trabalhar com entrevista de história oral.

O contato com Inácio Rocha, idealizador e mantenedor do site BAB, por exemplo, veio, através do trabalho que realizei na assessoria de comunicação da Prefeitura de Fortaleza. Através de Inácio, conheci Rondinelle Mendes, responsável pelo programa *Rondinelle em Ação por um Mundo Melhor*, que me apresentou Francisco Tavares, administrador da rádio Costa Oeste FM e comunicador da emissora; e Marcos Gonçalves, um dos locutores do programa católico *A Palavra*. Também foi Inácio quem me apresentou sua esposa Viviane Rocha com quem divide a administração do site. Mas com ela, precisei falar algumas vezes pelo *Facebook*, até ela aceitar responder algumas perguntas também pela rede social.

Com Paulo Gleison Rodrigues Cordeiro, professor de matemática, e com Mateus de Paula Miranda, estudante universitário, o contato veio através de uma aluna minha de jornalismo, que me apresentou a eles pelo *Facebook*. A entrevista com Mateus foi malograda, mas as com Paulo resultaram em um contato com sua mãe, Carolina Rodrigues Cordeiro, a

dona Carol, que durante muitos anos costurou fardas para estudantes do bairro e cuja casa é ponto de apoio para doentes vindos do interior.

De Léo David Terto Facundo – cuja monografia de graduação sobre as relações políticas no Antônio Bezerra encontrei na internet – me aproximei através de conversas pelo *Facebook*. Depois de uma entrevista que fiz com ele no pátio do curso de Sociologia da UFC onde ele fazia Mestrado, Léo me apresentou sua mãe, Regina Célia Terto Facundo, e a avó, Maria Margarida de Araújo Terto, ambas moradoras antigas do bairro. Já durante a entrevista na casa de dona Margarida, fui apresentada e conversei com Didi do Frifor (Edmar Mendes Filho), ex-vereador do bairro e avô de Rondinelle.

Pelo *Facebook*, especialmente pela *Fanpage* da Costa Oeste, encontrei ainda vários comunicadores, mas alguns não quiseram marcar entrevista e nem conversar informalmente, entre eles, Biby Freitas, Carlos Holanda, Paulo Peixoto e Liduína Sousa. Encontrei também Estevão Lima, primo de Inácio que participou do primeiro ano do BAB, mas que não quis dar entrevista nem conversar informalmente. A justificativa foi a mesma: estavam afastados da rádio e site. Já os comunicadores Tony Almeida e Graça Tavares se mostraram solícitos e dispostos a conversar, apesar de não mais fazerem parte da equipe da Costa Oeste. Entretanto, não consegui encontrá-los pessoalmente, mas considero que as conversas que tivemos foram de grande valia para eu confirmar algumas informações dadas por outros interlocutores.

Quanto a Valentim Santos e Jailson Pereira, fiz contato por telefone. O número de Valentim consegui por intermédio de Inácio enquanto o de Jailson foi Valentim quem me deu após a entrevista que fiz com ele em sua casa na rua Martins Neto. Minha rede de contatos foi, portanto, construída como uma rede de afinidades. Os laços que fui criando com os primeiros interlocutores – Inácio, Paulo, Léo e Rondinelle – serviram de referência para que eu me aproximasse dos demais. Essa preocupação em construir uma proximidade tem fundamento no próprio processo da entrevista, pois

[...] não é de modo algum natural falar sobre sua vida a outrem, a não ser que se esteja “numa situação social de justificação ou de construção de [si] próprio” (Pollak, 1992, p. 213). O entrevistado deve estar convencido a respeito da “própria utilidade de falar e transmitir seu passado” (Pollak, 1989, p. 13), utilidade que faz parte, a meu ver, da própria ação que o entrevistado tenciona desencadear (ALBERTI, 2004, p. 37).

Por conseguinte, encarei a complexidade que envolve o momento da entrevista, que é também um momento de observação mútua, quando é necessário quebrar as desconfianças e se entregar ao diálogo.

Ao todo, 16 pessoas compuseram minha rede de contatos, destas, quatro não moram e nunca moraram no Antônio Bezerra, mas foram incluídas por terem ligações com a Costa

Oeste. Das 16, nove estão ligadas ao BAB e/ou à Costa Oeste; das nove, quatro estiveram envolvidas com a experiência da Rádio Comunitária Antônio Bezerra, a primeira do bairro. Doze são moradoras do bairro sem ligação com as experiências comunicativas em questão. A tabela a seguir explicita melhor o perfil dos integrantes da rede de contatos e a relação destes com o bairro; construída a partir das entrevistas realizadas.

Tabela 1 – A Rede de Contatos

Interlocutor	Perfil e relação com o bairro
Carolina Rodrigues Cordeiro (51)	Nascida em 1964, dona Carol é natural de Santana do Acaraú e vem de uma família de 16 irmãos. Foi morar na Rua Salgado Filho (no chamado “lado A”) em 4 de outubro de 1992 (há 23 anos), na casa do sogro, onde mora até hoje com os quatro filhos adultos, entre eles, Paulo Gleison, o caçula. A família do marido já morava lá desde 1976 e dona Carol passou a frequentar o bairro quando ia visitá-los, há cerca de 35 anos. Separada, sustentou os filhos como costureira de fardamento escolar, ofício que iniciou um ano depois de chegar ao bairro (1993). Há cinco anos, deixou a função de costureira, que a fez conhecida no bairro, para se dedicar a cuidar de doentes vindos do interior, principalmente da terra natal. Fez de sua casa uma casa de apoio e tem o sonho de transformar a nova ocupação em profissão. É filiada ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), mas diz que se envolve mais fortemente com política apenas no interior.
Edmar Mendes Filho (76)	Casado há 60 anos é pai de cinco filhos. Ex-funcionário do Frifor (onde desempenhava a função de tripeiro), ficou conhecido no Antônio Bezerra “por ajudar todo mundo” (como apontaram alguns interlocutores) e se dedicou à política durante 22 anos. Vereador por três mandatos (1988, 1992 e 1996), teve expressiva votação no bairro onde morou de 1940 a 2000. É popularmente conhecido como Didi, o Didi do Frifor ou o Didi do Antônio Bezerra. Desde que “desistiu da política” – como relatou – mora em um sítio próximo à Lagoa do Banana no município de Caucaia, mas filhos e netos ainda moram na casa que deixou na Rua Hugo Vitor e em outras ruas do bairro. Pai/avô de Rondinelle Mendes, foi quem incentivou o filho/neto a montar a radiocom Antônio Bezerra 103,5 FM ao ceder um espaço para a emissora no GRAB, o grupo recreativo que fundara também na Hugo Vitor.
Francisco Inácio de Lima Rocha (45)	Idealizador e mantenedor, há dez anos, do site BAB que, hoje, é fonte de renda de sua família, cursa, inspirado por essa experiência, o sexto semestre de jornalismo na Faculdade Cearense (FaC). Mora atualmente na mesma rua em que nasceu, a Dr. Periguary (“lado A”), há 45 anos, a três quarteirões da antiga casa em que seus avós moravam. Casado com Viviane Rocha, é pai de uma filha (Vitória) de 18 anos, que também nasceu e mora no bairro.
Francisco Tavares de Oliveira	É coordenador administrativo da rádio Costa Oeste 87,9 FM desde 06 de maio de 2013, e também administra a FM Fortaleza (radiocom localizada na Barra do Ceará). Apresenta os programas <i>Manhã 87</i> , <i>Ídolo para Sempre</i> e <i>A Tarde é Brega</i> na Costa Oeste. Tem mais de dez anos de experiência com radiocom e participou da segunda formação da Costa Oeste (2006-2009), como também, da radiocom Antônio Bezerra 103,5 FM. Mora com a esposa no Presidente Kennedy, na divisa com o Antônio Bezerra.
Francisco Jailson Lima Pereira (43)	Fez parte da Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM e da Rádio Costa Oeste 87,9 FM, apresentando os programas <i>Informática Livre</i> , <i>Consciência Ecológica</i> e <i>A Voz da Comunidade</i> (os dois últimos em parceria com Valentim Santos). Formado em pedagogia, é professor de informática e integrante do Grupo de Educação Ambiental (Gedam), Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que se formou a partir da mobilização em torno do <i>Consciência Ecológica</i> . Natural

	de Itapajé, mora, com a esposa e o filho, há 23 anos no Antônio Bezerra, hoje, próximo à rodoviária intermunicipal (no chamado “lado B”).
Marcos Gonçalves	É locutor do programa católico <i>A Palavra</i> , que é ligado à Pastoral da Comunicação da Paróquia São Pedro e São Paulo localizada no Quintino Cunha, bairro onde mora. Durante cinco anos, o programa foi comandado pela Pastoral do Conjunto São Francisco, apesar de ser transmitido pela radiocom Costa Oeste 87,9 FM. Isso acontece, segundo ele, porque “o mundo católico se une”. É casado e participa do Encontro de Casais com Cristo (ECC) há sete anos. Concluiu o ensino médio, trabalha como recepcionista em um convento e possui curso de radialista.
Maria das Graças Tavares da Silva (46)	Jornalista por formação (pela Faculdade Integrada do Ceará - FIC) se aproximou do bairro Antônio Bezerra, a partir da produção do programa <i>Acontece Ceará</i> , que era transmitido de segunda à sexta pela Costa Oeste 87,9 FM e que é a versão eletrônica da revista de mesmo nome. Mora no Henrique Jorge.
Léo David Tertó Facundo (28)	Mestre em Sociologia pela UFC, é autor de pesquisa sobre a política eleitoral no bairro Antônio Bezerra, iniciada na graduação em Ciências Sociais. Filho de dona Regina e neto de dona Margarida, mora desde que nasceu, há 28 anos, na Rua General Alípio dos Santos (no “lado B” do Antônio Bezerra). Quando iniciamos o contato, Léo havia acabado de entrar no Mestrado, a condição de pesquisador nos aproximou.
Maria Margarida de Araújo Tertó (89)	Com 90 anos, feitos em 21 de setembro de 2015, dona Margarida é a integrante mais velha de minha rede contatos. Nascida em 1925, casou aos 15 anos e teve 15 filhos dos quais dez ainda estão vivos. Ficou viúva “ainda nova”, aos 30 anos, quando voltou a morar com os filhos na casa do pai, na Rua Hugo Vitor (“lado A”). Seu pai – Antônio Neves de Araújo – era tenente da polícia e “morou a vida toda” no Antônio Bezerra. Ele foi responsável pela criação do estádio de futebol Antony Costa, embora dona Margarida se ressinta pela falta de reconhecimento do feito e pelo estádio não levar o seu nome. Costureira (aposentada), mora há quase 60 anos no mesmo lugar. É matriarca de uma família grande – 10 filhos, 33 netos, 35 bisnetos e 3 tataranetos – muitos dos quais moram ou andam com frequência no bairro.
Mateus de Paula Miranda (24)	Estudante universitário, mora com os pais desde que nasceu (há 24 anos) na Rua Martins Neto, Antônio Bezerra (“lado A”). Reservado, preferiu não dar continuidade às entrevistas, embora tenha deixado bem claro que ama o bairro em que mora.
Paulo Gleison Rodrigues Cordeiro (27)	Estuda Matemática na Uece e é professor da disciplina na escola Ayrton Senna, no bairro Dom Lustosa. Paulo é bem eloquente e fala com desenvoltura sobre o bairro em que mora desde que nasceu, há 27 anos. Filho de dona Carol, mantém relações de amizade no Antônio Bezerra apesar de não se envolver muito com eventos coletivos. Mora, com a mãe e irmãos, na Rua Salgado Filho (“lado A”).
Regina Célia Tertó Facundo (57)	Agente administrativa do Frotinha do Antônio Bezerra (Hospital Dr. Evandro Ayres de Moura), dona Regina é mãe de Léo e filha de dona Margarida. Casada, tem três filhos que moram com ela na Rua General Alípio dos Santos (“lado B”). Mora no Antônio Bezerra há quase 56 anos, praticamente, desde que nasceu.
Rondinelle Mendes de Araújo (36)	Neto do ex-vereador Didi do Frifor diz ser o “herdeiro político” do pai/avô. Candidato a vereador (derrotado), foi um dos mais atuantes no movimento de radiocom do Antônio Bezerra, sendo diretor-presidente da radiocom Antônio Bezerra 103,5 FM (1999-2006) e depois da Costa Oeste 87,9 FM (2006-2009). Formado em Ciências Sociais, foi comunicador do “ <i>Rondinelle em Ação por um Mundo Melhor</i> ”, e tinha o programa, segundo ele, “para manter a tradição e manter viva a nossa [dele e do avô] vida eleitoral.”. Morador do Antônio Bezerra desde que nasceu há 36 anos, é casado e tem uma filha também nascida no bairro. Atualmente, mora na Rua Professor Joaquim Nogueira (“lado A”). Além da ligação com a rádio

	e a política, é conhecido no Antônio Bezerra pelo envolvimento com a Liga Esportiva local e com outras atividades culturais que promove.
Tony Almeida	É radialista com larga experiência, inclusive em outros estados como São Paulo e Minas Gerais. De acordo com ele, foi “uns dos primeiro a montar uma rádio pirata em Sampa [...] a Rádio Popular FM no alto do Vila Remo São Paulo...”. Ex-locutor do programa <i>Show do Brega</i> , transmitido pela Costa Oeste 87,9 FM, mora no Quintino Cunha e a proximidade com o Antônio Bezerra veio da fase em que apresentava o programa.
José Valentim dos Santos Filho (58)	Nasceu em Juazeiro do Norte, mas se mudou para o Antônio Bezerra “ainda bebê” onde mora desde então. Hoje, é separado e voltou a morar com a mãe na Rua Martins Neto (“lado A”). Participou da Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM e da Rádio Costa Oeste 87,9 FM, apresentando os programas <i>Consciência Ecológica</i> e <i>A Voz da Comunidade</i> , em parceria com Jailson Pereira. É também colunista no site BAB e colaborador da revista impressa de mesmo nome. Historiador, pesquisa o Antônio Bezerra, mas principalmente a biografia do cearense que deu nome ao bairro (Antônio Bezerra de Meneses). É professor na Universidade Vale do Acaraú (UVA).
Viviane Nascimento de Lima Rocha (39)	Casada com Inácio Rocha e mãe de Vitória (18), é <i>webdesigner</i> e cursa Processos Gerenciais. Mora no bairro há 20 anos desde quando casou. Administra o site BAB junto com Inácio.

Fonte: entrevistas realizadas com os interlocutores entre 2013 e 2015.

Com esse grupo, realizei 21 entrevistas, sendo oito pelo *Facebook* e 13 presenciais. Necessário dizer que somente as entrevistas presenciais se configuraram como entrevistas narrativas. As feitas pelo *Facebook* – que a princípio não estavam previstas – foram importantes para confirmar o que ouvira daqueles que entrevistei pessoalmente e por abrirem espaço para encontros fora da rede social. Ademais, as conversas que mantive pelo *Facebook* com praticamente todos os interlocutores foram importantes para estreitar ainda mais os laços.

Necessário registrar que a transcrição das entrevistas foi a mais fidedigna possível à linguagem falada. Preservei o linguajar do entrevistado e fiz marcações para hesitações, correções, pausas, gestos e tudo mais que ocorreu durante as conversações. Também mantive no original o que meus interlocutores escreveram pelo *Facebook*. Procurei, por fim, interpretar as falas, gestos, titubeações, escrita e o silêncio dos meus interlocutores, fazendo um cruzamento com as reflexões teóricas e com os problemas da pesquisa.

Outro desafio foi perceber a carga emocional das entrevistas, tendo sensibilidade para elaborar uma nova representação simbólica: o texto. Nesta etapa, entraram em cena minha memória e narrativa que, junto com as de meus interlocutores, compuseram o texto dissertativo. A proposta foi “rememorar e dar-se conta” do que foi vivido ao longo das entrevistas e visitas ao bairro e produzir o relato desses momentos de interação, falando, também, de “dentro da experiência” (BARROS; KASTRUP, 2009). Foi por isso que incorporei à dissertação o registro da condução da minha pesquisa, valendo-me de uma escrita íntima, pois

o trabalho da pesquisa deve ser sempre acompanhado pelo registro não só daquilo que é pesquisado quanto do processo mesmo do pesquisar [...] O registro do processo da pesquisa interessa porque inclui tanto os pesquisadores quanto os pesquisados. [...] O registro do trabalho de investigação ganha, dessa forma, função de dispositivo, não propriamente para concluir o trabalho ou apresentar resultados finais, mas como disparador de desdobramentos de pesquisa (BARROS; PASSOS; 2009, p. 172-173).

Afinal, como pretendia ter uma postura diferente na maneira de encarar a investigação científica – considerando os sujeitos pesquisados e o encontro com eles como parte significativa do meu estudo; e a pesquisa como um processo – precisei modificar também o teor e a forma da estrutura textual. Pois “muda-se a palavra, o conceito, mas muda-se, sobretudo, o modo de dizer.” (PASSOS; BARROS, 2009b, p. 154). Toda essa imersão me fez colher impressões e sentidos que ajudaram a elaborar a minha percepção sobre o Antônio Bezerra e a divisar como imagens do lugar são construídas na vida cotidiana dos seus moradores.

4 CRÔNICAS DA VIAGEM: “UM SEXTO SENTIDO MAIOR QUE A RAZÃO”³⁵

Às vezes, tenho a impressão de que escrevo por simples curiosidade intensa. É que, ao escrever, eu me dou as mais inesperadas surpresas. É na hora de escrever que, muitas vezes, fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia (LISPECTOR, 1999, p. 254).

Sair da zona de conforto e enfrentar o desconhecido. Ir ao encontro do outro. Ser estrangeira – mesmo se a terra estranha for um bairro na cidade natal onde se vive há quase 40 anos. Mudar a rotina tão organizadamente atribulada e ir a paragens nunca antes vislumbradas. Encontrar o outro, como se mais do que um estranho, ele fosse ameaça à cômoda harmonia de meu universo particular. Foi assim que me senti: incomodada. Mas, somente percebi a minha resistência quando fui provocada pela minha orientadora: “você tem que ir a campo”.

A princípio, iludi-me com a justificativa de que ainda eram os primeiros meses de Mestrado – estávamos em maio de 2013 e as aulas haviam começado em 1º de abril. Consolei-me com o argumento íntimo e ineficaz de que eu precisaria primeiro ler e embasar meu projeto, minha metodologia. Mais uma vez, Catarina me provocou: “não defina categorias agora, deixe que o contato com o bairro lhe apresente as categorias nativas.”. Então, eu fui.

Logo nas primeiras idas a campo, percebi que o incômodo vinha da incerteza, do medo diante do desconhecido. Afinal, sair da zona de conforto, quebrar os isolamentos sociais não é tarefa fácil e muito menos habitual. Entretanto, junto com essa resistência veio uma curiosidade, uma vontade de conhecer que expeliu para longe meu comodismo. No encontro com o bairro Antônio Bezerra, pude enfim realizar minha investigação, mais que isso, permiti ser tocada por aqueles que compunham uma realidade que não era a minha. Experiência fantástica que extrapolou o metiê racional dos trabalhos acadêmicos e que me impeliu a encontrar espaço para a subjetividade neste diálogo com a ciência.

Vivenciei meus sentidos no contato com o bairro. Imagens, cheiros, sons, sabores e texturas que explodiam por toda parte. Nas falas e perfumes dos meus interlocutores, no barulho de carros e de gente passando, no silêncio de uma tarde de domingo... Nas pichações, placas de anúncio, rostos e fisionomias distintas. No lanche engolido com pressa, no suco de maracujá oferecido e tomado, no coração de frango com alho...No peixe cru e na acerola à venda na feira, no esgoto e no lixo acumulado. Na aspereza dos muros, na pele suave já idosa, no aperto de mão calejada... Nos luminosos e no mormaço que o asfalto exala.

³⁵ Trecho da música Cor de Rosa Choque, da cantora Rita Lee, álbum Rita Lee e Roberto de Carvalho, 1990.

Sensações do momento ou retidas na memória, que acompanharam minhas reflexões enquanto eu lia possíveis referenciais teóricos ou transcrevia as entrevistas. Da junção de tudo isso, originou-se meu texto dissertativo que inclui os relatos de dentro da experiência, apresentados neste capítulo.

4.1 A primeira entrevista

Após algumas tentativas de encontros (marcados e desmarcados por telefone e *Facebook*), finalmente tive a primeira entrevista com Inácio Rocha, idealizador e mantenedor do site BAB. O encontro se deu na sala de professores da FaC onde sou professora de jornalismo e ele, estudante. A conversa durou cerca de meia hora, e resultou em uma gravação de 19 minutos. Foi a menor das entrevistas presenciais que realizei, pois a média de duração das demais ficou em torno de duas horas.

Embora eu estivesse ansiosa e feliz com aquele encontro e apesar de já conhecê-lo de outros momentos, percebi que eu estava com certo receio do desconhecido, porque aquela era uma situação inédita para mim. Senti boas receptividade e disposição do Inácio em me ajudar com a pesquisa. Ele me disse, inclusive, que ficava feliz quando o bairro Antônio Bezerra era colocado em evidência. Apesar disso, na hora de ligar o gravador, percebi certo desconforto que não consegui identificar exatamente a causa. Mas, suspeito de que a preocupação em falar bem (ou “falar certo”, como ele mesmo revelou) e a incerteza de saber exatamente o que eu queria com aquela entrevista foram as causas desse estranhamento.

A entrevista, contudo, transcorreu tranquila e apontou pistas a serem seguidas. Mas, deixou, em mim, a preocupação de não enrijecer aqueles momentos diante da inibição que o gravador em punho pudesse provocar; e a atenção para com as nuances do poder, afinal, ele era aluno e eu, professora... Percebi que precisaria frear minha vontade de perguntar, porque a memória tem seu tempo e ritmo próprios e era preciso conhecê-los, respeitá-los. Levei isso para as entrevistas seguintes, deixando o gravador em segundo plano, e mais ouvindo do que falando.

4.2 A rádio Costa Oeste

Aquele encontro havia sido marcado alguns dias antes por telefone cujo número consegui com Inácio. Conversaria com Rondinelle Mendes, responsável pelo programa *Rondinelle em ação por um mundo melhor*, na época, veiculado nas manhãs de sábados pela Costa Oeste 87,9 FM. Soubera deste comunicador, através de pesquisas que fiz na internet – há

vídeos dele no *youtube* apresentando seu programa – e também por Inácio. Depois, percebi que quando eu falava na rádio com outros moradores do Antônio Bezerra, aqueles que a conheciam quase sempre davam como referência o “programa do Rondinelle”.

Desci do carro no lado direito da avenida *Mister Hull*, para quem vai em direção à cidade de Caucaia; o “lado B (de Bezerra)”, como o próprio Rondinelle chamaria. Havia aproveitado uma carona do meu irmão, mas já pensava que deveria ir ao bairro de ônibus para poder “saborear” o campo. Atravessei a larga e movimentada avenida, cujas margens, povoadas por estabelecimentos comerciais, não transmitiam nenhum indício de ambiente residencial. Pelo contrário, atravessando aquela grande pista, sentia-me como invariavelmente me sinto nas ruas das grandes cidades: um minúsculo grão de mostarda.

A Costa Oeste fica em um dos pequenos centros comerciais que formam a paisagem daquele trecho do Antônio Bezerra, o Shopping Pinheiro. Divisei a placa entre os diversos letreiros de propaganda e de outros pontos comerciais. Mas, antes de encontrá-la, lembrando o relato de Cristina Matos (2011) sobre sua entrada em campo, perguntei a alguns transeuntes se sabiam onde era a rádio. Todos prontamente explicaram onde ficava, muito embora, esse resultado não tenha se repetido quando perguntei pela emissora em outros locais do bairro. Deduzi que aqueles que me indicaram onde era a Costa Oeste teriam feito a mesma coisa se eu tivesse perguntado por qualquer outro comércio nas imediações, familiarizados que estavam com aquele ambiente.

Agora, enquanto recorro minha sensação ao caminhar em busca do endereço da rádio Costa Oeste, penso na cidade como um lugar de passagem. Como seu ritmo é ditado pelo ritmo de uma sociedade industrial quando não há tempo a perder... onde o mundo do trabalho se alarga e se mecaniza, adaptado à lógica das mercadorias. Tal pensamento só ampliou minha vontade de encontrar as nervuras dessa cidade Fortaleza, mais precisamente, encontrar o que resvala na lógica do capital e se apresenta como potencial criativo, pulsante e vivo. E a vontade de chegar perto das pessoas se tornou imperativa na tentativa de encontrar as brechas nas estrias sociais...

No andar térreo do prédio comercial número 5073, na avenida Mister Hull, a rádio ocupa uma sala simples que serve de recepção, embora haja apenas uma mesa e duas cadeiras de plástico. Ao fundo, uma divisória separa a cabine da recepcionista e a escada em espiral que leva ao estúdio da emissora no andar de cima. Ali embaixo, fiquei ouvindo – de uma caixa de som que transmitia baixinho – o programa católico *A Palavra* que a Costa Oeste transmitia. Enquanto esperava Rondinelle, já havia identificado a programação da emissora, colada em

uma parede, bem como, os valores para arrendamento de horários (que variavam entre 100 e 250 reais); e tentado, sem muito êxito, puxar conversa com a recepcionista.

Rondinelle, que não tardou a chegar, é um cara simpático e me pareceu acostumado a falar em público ou com desconhecidos. Alguns meses depois quando conheci seu avô vi a mesma simplicidade e o jeito manso de falar, embora Seu Didi seja mais expansivo no tom da fala e nos gestos. O jeito simples de Rondinelle me deixou-me à vontade. Ele foi logo apresentando Francisco Tavares, o administrador da rádio. Explicou para ele o que eu viera fazer ali: “ela é da universidade e tá fazendo uma pesquisa sobre a rádio. Veio falar comigo.”, disse, acrescentando que eu deveria também falar com “o Chico”. Tínhamos exatos 30 minutos para nossa entrevista, tempo que restava para o programa *Rondinelle em ação por um mundo melhor* entrar no ar; e não tardamos a começá-la.

Findada a entrevista, Rondinelle subiu ao estúdio e eu fiquei conversando com Francisco Tavares. Bem mais sério e tímido, Chico Tavares (como é conhecido) lembrou-me da imagem que tenho de homem do interior: de chapéu, óculos de grau, camisa quadriculada e de botão por dentro da calça jeans um tanto justa. Falava sempre de forma respeitadora dando ênfase a algumas frases que soavam como expressões feitas, como slogans para enaltecer a rádio. Em outros momentos, quando defendia sua opinião do que deve ser uma rádio comunitária, acelerava o ritmo da fala; ou ralentava para lembrar fatos antigos. Ao encontrar Seu Chico em outros dois momentos, ele estava mais solto e até engraçado, apesar da aparência séria permanecer.

Saí da rádio, depois das conversas com Rondinelle e Chico Tavares – e da entrevista que também fiz com Marcos Gonçalves que fazia a locução do *A Palavra* –, informada que havia também no bairro uma *webradio* (na verdade, a versão *on line* da Costa Oeste). Ganhei também um exemplar do *Jornal Popular. Antônio Bezerra em destaque*, fundado por Totonho Carneiro (dono da Max Ótica, a um quarteirão dali; e candidato a vereador, derrotado na eleição do ano anterior, 2012). Da rádio, fui até a ótica com a esperança de encontrar Totonho. Interessante que cheguei até a Max, perguntando onde “ficava o Totonho”, porque as pessoas não souberam informar o endereço pelo nome da loja.

Em outro prédio comercial, semelhante ao da Costa Oeste, mas já numa travessa perpendicular à rua Martins Neto (a um quarteirão da Mister Hull), encontrei Totonho bem ocupado ao telefone, negociando a compra e entrega de alguma mercadoria. Sentei-me e fiquei esperando. Enquanto isso, uma vendedora atendia uma senhora de aparência simples, que comprava óculos de grau e negociava timidamente a forma de pagamento: “Vou dar 100 agora

e segunda meu filho passa o resto no cartão.” Totonho acenou que sim e a vendedora consentiu, entregando os óculos que já estavam prontos.

Surpreendi-me com aquela cena. Encontrar um estabelecimento que venda fiado, sem garantia alguma, era raro em Fortaleza e acontecer isso em uma loja, eu nunca presenciara algo semelhante. Óbvio que o fato de Totonho ter sido candidato e ser envolvido com política me deixou cismada; fiquei curiosa e guardei essa informação, mas confesso que não pude enveredar por esse campo, já que minha pesquisa me levava a outros rumos. Registre, porém, em outras visitas práticas semelhantes no comércio (a venda fiado sem garantias), como na bodega do Seu Cordeiro... Hoje, acalento estudar essas práticas; quem sabe no doutorado?

No dia em que fui à Ótica, acabei sem conversar com Totonho. Precisei ir embora, não sem antes observar que várias pessoas, a maioria homens, alguns de bicicleta e outros em motos estacionadas, papeavam embaixo das árvores que havia em frente à ótica. Alguns eram mototaxistas, havia um flanelinha, limpando os carros, mas grande parte só conversava. A cena me pareceu corriqueira. Ali, também divisei certa movimentação entre o caixa eletrônico do banco Bradesco e os pontos comerciais. Ao que parece, as pessoas aproveitavam a manhã daquele sábado para fazer compras e conversar com amigos.

4.3 A casa de dona Carol

Naquela manhã de domingo, ao chegar sozinha ao Antônio Bezerra, uma sensação de ser estrangeira me invadiu. Junto, a ansiedade de pesquisadora que pisa em um território distinto do seu me fez olhar, um tanto atônita, para todos os lados, tentando captar todas as imagens do lugar.

Por mais que não me visse etnógrafa, lembrei-me do que havia lido sobre o estranhamento que o etnógrafo procura experimentar ao ir a campo. Distante do seu ambiente familiar, este pesquisador se depararia com o que Caiafa (2007, p. 148, *apud* BARROS; KASTRUP, 2009, p. 56) chama de “interrupção do fio regular do pensamento e da vida”. Isso porque ao criar “uma interrupção da continuidade familiar”, ele se depararia com o atrito típico de pesquisas, estando esse atrito a impulsionar o pensamento, trazendo novidade.

Guardadas as devidas proporções, vejo que senti algo semelhante. Parecia estar em outro mundo, muito embora eu tenha morado, praticamente a vida inteira, em bairros daquela Regional (Secretaria Executiva Regional – a SER III). Fortaleza, mais uma vez, apareceu para mim, como uma cidade segmentada, com nichos e fronteiras imaginárias que parecem de concreto, tão forte é a separação que causa em nós.

Era a primeira vez que andava a pé pelo bairro. Estava a caminho da rua Salgado Filho onde mora Paulo e sua mãe Carolina Rodrigues Cordeiro, a dona Carol, matriarca da primeira família com quem conversaria. O trajeto, a partir da igreja do Antônio Bezerra (Jesus, Maria e José) onde desci do taxi, começara por uma das ruas principais do bairro (a rua Martins Neto, paralela à Mister Hull), mas que nada lembrava a grande avenida a poucos quarteirões dali. Apesar de também ter pontos comerciais, o contraste se fazia pelo ambiente residencial e pelas várias pessoas na rua, conversando em frente às casas ou fazendo alguma atividade doméstica. Aquela cena me acolheu.

Enquanto caminhava, conferia as coordenadas dadas por Paulo, pensava sobre como proceder na entrevista e como deveria me portar na casa deles. Era a primeira vez que iria à casa de dona Carol e por mais que me concentrasse na pesquisa, repassei mentalmente tudo que aprendi com os meus sobre como me portar na casa dos “outros”. Imaginava também sobre como interligaria aquela conversa aos objetivos da minha pesquisa... Uma profusão de pensamentos interrompida somente quando tive que dobrar à esquerda já na Salgado Filho.

Um quarteirão depois, deparei-me com uma feira tomando toda a largura da rua. Pouco sabia daquele lugar, além do senso comum que a TV ressaltava de que era um bairro violento, mas, até ali, havia me sentido segura. Não estava “no meu pedaço”, “nas minhas áreas”, mas também, não me sentia propriamente “na rua”. O lugar era novo para mim, mas as pessoas nas calçadas transmitiam algo de familiar.

Encontrar aquela feira, porém, foi uma surpresa, aliás, um susto; a única de que eu tinha conhecimento acontecia em outra rua a algumas quadras dali. Meu instinto deu o alerta e de impulso, segurei a bolsa próxima ao meu corpo quando entrei na feira. A maioria das mercadorias eram bicicletas e eletrônicos – sendo controles remotos e celulares as principais – além de peças e acessórios. Não dava para andar rápido, pois os espaços eram disputados por barraquinhas, vendedores e consumidores; também não me esforcei para.

A maior parte dos presentes era homens negociando as mercadorias, ora para vender ora para comprar. Outros só olhavam ou papeavam parados no meio da rua. Agiam com tanta naturalidade e de forma tão despreocupada que me pareceu ser uma atividade habitual. Não havia nenhuma barreira interditando a rua, mas curiosamente nenhum carro tentou passar. As calçadas que margeavam aquele trecho estavam apinhadas de vendedores com as mercadorias no chão. Mas, consegui divisar um colégio do lado esquerdo (o grupo Antônio Bezerra) e uma praça do outro lado.

As poucas mulheres que vi no lugar estavam acompanhadas de algum homem (as mãos dadas sugeriam relacionamento afetivo). A exceção era uma senhora de meia idade que

vendia lanche em um carrinho. Não vi crianças. O fato de ser mulher e estar sozinha naquele ambiente eminentemente masculino deixava-me mais atenta ao lugar. Quase todos que vi tinham feições acabocladadas e se vestiam de forma simples: short, camiseta e chinela. Senti que eu destoava na multidão, mas exceto um ou outro olhar mais curioso, a maioria me ignorou solenemente, estavam mais preocupados com os negócios a fazer. Já na casa de dona Carol, soube por Paulo que aquela era a feira “dos cacarecos”, onde eram vendidos objetos de procedência duvidosa.

Fiquei curiosa e com vontade de me deter naquele lugar, naquelas pessoas... Mas, não podia chegar atrasada e atravessei a feira para dois quarteirões depois chegar ao meu destino. Não sem antes dar passagem a uma carreta que cruzara a Salgado Filho no quarteirão seguinte à feira, – cerca de 20 carros e algumas motos passaram buzinando, comemorando alguma vitória do time de futebol Ceará. Na esquina, perguntei a uma senhora, que olhava os carros passarem, o que era aquilo. “Acho que é do colégio...” Enquanto ela me respondia, um senhor interrompeu: “é por causa do Ceará. Ô besteira.”

Ri – tanto pelo jeito de ele interferir na conversa como por eu ser torcedora do time rival, o Fortaleza. Mas a opinião dele não me pareceu ser a mesma dos outros adultos que, parados nas quatro esquinas daquele cruzamento ou olhando do portão de casa, riam e vibravam, enquanto as poucas crianças presentes davam saltinhos e batiam palmas. Após o último carro, prossegui. Durante a procura pela numeração da casa de dona Carol, uma euforia enchia meu peito, em menos de uma hora, encontrei na feira e na carreta, duas das manifestações que eu já ouvira dizer que aconteciam no bairro. Alegrei-me por achar que seria fácil encontrar os elementos de minha pesquisa; um ledô engano se mostraria esse pensamento.

De muro a meia altura e portão de ferro aberto, achei a casa de dona Carol. Segurando uma das abas do portão, um rapaz com a perna engessada me recebeu. Perguntei por Paulo. “Taí.”, disse para em seguida gritar: “Paaaulo!”, e me mandar entrar. Hesitei – não era meu costume adentrar na casa de desconhecidos sem alguém para me ciceronear. Mas, não me restou saída e, segundos depois, estava em pé na sala, sem saber o que fazer. O alívio é que Paulo logo saiu de um dos cômodos – que deduzi ser um quarto. De short, sem camisa e amarrando o longo cabelo preto, Paulo foi já dizendo: “mãe, vem cá”; e me cumprimentando.

A informalidade foi a marca desse encontro. Dona Carol veio de dentro, supus que da cozinha. Um pouco suada, com ar de quem estava trabalhando, ela me recebeu com aperto de mão e sorriso. Sentou no sofá ao lado e olhou para o filho que também já sentara no longo sofá à frente. Ainda em pé, olhei ao redor e sentei numa poltrona em frente à dona Carol, como me pediu para ser chamada. Eu tinha combinado aquele momento com o Paulo – com quem

vinha conversando pelo *Facebook* há duas semanas – e percebi que ele já havia falado com a mãe. Ela me esperava solícita e disposta a falar sobre o bairro que adotou logo depois do casamento há 35 anos e no qual morava há 23.

Apresentei-me, então, falando do Mestrado e explicando o que gostaria com aquela conversa. “Preciso conhecer o bairro Antônio Bezerra para poder realizar minha pesquisa sobre o site e a rádio comunitária que existem aqui. Por isso, estou conversando com moradores antigos para saber como era o bairro antes e o que mudou com o tempo.”. Enquanto eu falava, dona Carol olhava de soslaio o filho, imagino que esperando pelo sinal para começar a falar. Daí, Paulo disse “fala aí. Viu, mãe”. E assim começou a entrevista, com a interferência de Paulo. Mas, fora esse e mais dois ou três momentos, Paulo foi um ouvinte silencioso durante as quase três horas que por lá fiquei.

Aos poucos fui me ambientando, mas somente no final de nossa conversa é que, timidamente, comecei a reparar naquela sala comprida e estreita, que dava aparência de um corredor. Do lado esquerdo, havia dois sofás pequenos, uma estante e duas portas que indicavam possíveis quartos. À direita, outro sofá, quase do tamanho do comprimento da sala; e quase colada a ele, uma cama. Na extremidade oposta à da entrada, um batente descia, apontando para outro cômodo que levava ao interior da casa. O lugar lembrou salas de espera de consultório ou hospital, o que fez sentido quando soube que a residência de dona Carol servia também de casa de apoio para quem vinha do interior, principalmente de Feira de Santana, para realizar tratamento médico em Fortaleza.

A casa era simples com marcas do tempo que mancharam a cor branca do muro e do vão de entrada e desbotaram as paredes verde-claro da sala. O jeito despojado de Paulo e de sua mãe e o ar de improvisado daquela sala me agradaram de uma forma que, já à vontade, levantei as mangas de minha camisa, deixando à mostra as tatuagens que tenho nos braços – e que tentei ocultar, como me sugeriu outro interlocutor meu, o Léo.

A entrevista logo se transformou em uma conversa e na última meia hora, dona Carol, totalmente descontraída, estendia o papo, falando de outras coisas ligadas à família e à cidade natal de Feira de Santana. Durante aquelas horas, por duas vezes, uma jovem senhora se aproximou silenciosamente para escutar. Na segunda vez, sentou na cama; foi quando dona Carol apontou para ela, como que pedindo uma confirmação sobre o serviço que ela prestava recebendo em casa doentes vindos de Feira de Santana.

Da casa de dona Carol, fui pegar o ônibus. Paulo me acompanhou até a parada na rua paralela à dele. Interessante que quando me despedi, dona Carol foi enérgica e disse: “Paulo, vá com a moça na parada.”. Ele obedeceu à mãe, mas seu jeito cortês me fez sentir que ele me

acompanharia de qualquer maneira. No caminho e enquanto esperava o ônibus (que não demorou a passar), ele falou um pouco sobre aquelas áreas, explicando qual era a parte mais perigosa. Se havia algum risco ali, talvez o sol escaldante do meio dia daquele domingo tenha encandeado a minha vista, porque não percebi o perigo.

4.4 A casa da dona Margarida

– Tudo bom, dona Margarida?

– Tudo bem. Só estou velha.

(Diálogo entre mim e dona Margarida, enquanto ela acompanhava, sentada em uma cadeira em frente ao portão de sua casa, ao lado de um dos filhos, a movimentação da rua Hugo Vitor após a vitória do Brasil contra a Croácia, no primeiro jogo da Copa do Mundo de Futebol em 12 de junho de 2014).

Ao chegar à casa de dona Margarida, vinha tão distraída conversando com Léo – que me acompanhara desde o terminal Antônio Bezerra – que não me atentei ao local. Guardei somente que era na rua Hugo Vitor a poucas casas do GRAB e a poucos metros da sede do campo do Rio Branco (Estádio de futebol Antony Costa). Dona Margarida também é vizinha do Didi do Frifor – aliás, era vizinha, porque o ex-vereador mora hoje num sítio em Caucaia e deixou a casa para uma filha e netos.

A casa de dona Margarida é ampla com jardim e uma garagem onde havia três carros. Casa de portão e muro relativamente baixos que deixavam antever o jardim e transmitia uma sensação de hospitalidade. Entrei pelos fundos e logo fui acolhida na cozinha pela dona da casa e sua filha Regina que já me esperavam. Lembrei as casas de minhas avós no interior cujas cozinhas (com uma espécie de alpendre) eram sempre o melhor lugar para uma boa conversa e para recordar os feitos do passado.

Dona Margarida é uma senhora simpática, daquelas cujos anos vividos já a permitem falar o que pensa e sente, sem muitos pudores ou reservas. Elogia, critica e se emociona ao lembrar os entes já falecidos, especialmente o pai, o marido e uma das filhas. Ela é a matriarca de uma extensa família. Viúva muito cedo, aprendera a ter pulso firme na criação dos filhos e parece acompanhar de perto os netos, bisnetos e tataranetos que tem. Parece ser o elo que mantém coesa a grande família que gestou. Mas, sua família é mais do que os de sangue. Conquistou agregados que se tornaram familiares pelo costume de viver junto.

No começo, lembra poucos fatos, mas com o desenrolar da conversa começam a surgir os feitos do pai, marido, filhos e os próprios, muito embora, as datas apareçam de forma nebulosa. Sem cerimônia ou rodeios, não se preocupa com o meu gravador, tanto que o derruba ao gesticular se aproximando de mim. A filha Regina acompanha toda a entrevista. Ela é mais

polida, preocupa-se com a “visita” e em responder “certo” as perguntas da amiga de faculdade do filho, também pesquisador. Lembra mais detalhes de alguns feitos e procura explicar o contexto do bairro. Mais avalia do que relembra. Aos poucos, porém, vai relaxando, apesar de não desligar a atenção do que a mãe fala; quis inclusive, sem êxito, interrompê-la algumas vezes.

Quem participa da conversa também é o Gerardo, filho mais velho de dona Regina, que junto com a noiva acompanha toda a entrevista. Mais tarde, peguei uma carona com o casal. Passamos antes em sua casa para deixar dona Regina e enquanto íamos, Gerardo foi me mostrando onde era a casa de sua mãe e alguns outros pontos do outro lado do bairro. Ele é geógrafo e foi me explicando como se davam as divisas do Antônio Bezerra e as confusões que há em algumas ruas que são cortadas, em trechos relativamente curtos, por dois ou mais bairros.

Léo, mal chegou à casa da avó entrou no quarto ao lado da cozinha e lá ficou para, vez ou outra, dizer uma brincadeira sobre algo dito na conversa. Um dos filhos de dona Margarida também foi chamado por dona Regina para “ajudar na entrevista”, porque “de futebol, ele entende”. Aquela entrevista se transformou em uma roda de conversa e se não fosse o fato de eu ser uma desconhecida com um gravador na mão, arriscaria a dizer que aquele momento mais parecia uma reunião de família.

A senhora que trabalha na casa e cuja família é agregada escutava a conversa enquanto se ocupava com seus afazeres. Sem falar, ora sorria, ora balançava a cabeça concordando ou fazendo pouco caso do que dizia dona Margarida. Foi ela quem me serviu um suco de maracujá – uma delícia! Adoro! – que tomei, um tanto envergonhada, mas minha predileção pela fruta venceu a timidez por eu ser visita e logo aceitei um segundo copo. Quebramos a cerimônia e dona Margarida me convida a conhecer os outros aposentos da casa. Pelos cômodos, foi me mostrando os quadros com fotos dos parentes. Lembrei-me da sensação de quando visitava as casas de minhas avós, de quando conversávamos todos – netos, filhos, avós, tia-avó... Deu saudade dos meus.

4.5 Um oásis verde amarelo

Havia certo clima de agitação no ar e a cor verde-amarela nas camisas e adereços de alguns transeuntes indicavam que era o futebol o motivo daquele burburinho que se avizinhava. Mais uma Copa do Mundo chegara e desta vez, nós éramos os anfitriões. Tínhamos que fazer bonito no campo e fora dele. Foi esse ânimo que encontrei no Terminal do Antônio Bezerra nos dois dias de jogos do Brasil que decidi assistir no bairro. Eram os jogos contra a

Croácia e o México. Optei por assisti-los juntamente com os moradores do Antônio Bezerra, contrariando minha tradição de assistir aos jogos da Seleção junto com os meus.

O terminal estava bem iluminado. A recente reinauguração tornava-o mais amplo do que efetivamente era, porque contrastava com a imagem que eu guardara das outras vezes que ali estivera, quando os ônibus e pedestres dividiam seu espaço com tapumes e materiais de construção. O impacto foi positivo e guardei aquela sensação enquanto entrava no ônibus. Nas duas ocasiões, desci na Rua Perdigão Sampaio, logo após atravessar a Mister Hull. De lá, sempre ia andando a pé, olhando cada quarteirão e ruela por que passava.

Na primeira vez, a impressão foi frustrante, não encontrei bandeirinhas e nem ruas pintadas. Com exceção de uma ou outra casa, a maior parte dos espaços nada lembrava a agitação de Copa do Mundo. E agora? Pensei, apreensiva por não encontrar uma reprodução do que disseram alguns dos meus interlocutores. As ruas não estavam em festa e muito menos seus moradores, que mal surgiam nas calçadas. Lembrei a conversa que havia tido com Inácio, quando perguntei qual seria o melhor lugar para eu ver o jogo do Brasil no Antônio Bezerra.

Na hora, ele me disse que não sabia ao certo, não tinha certeza nem se cobriria a festa desta vez. Quatro anos antes, ele havia pegado seu carro, o BABmóvel como costuma chamar o corsa que tem, e percorrido as principais ruas do bairro, registrando a animação dos moradores torcedores, que comemoravam as vitórias brasileiras. Mas, naqueles dias, as coisas não estavam tão animadas. “As pessoas estão meio contrariadas com esse negócio de Copa... por causa do ano passado.” Ele me dissera se referindo às manifestações que haviam acontecido na Copa das Confederações um ano antes, em 2013.

Estava a poucas horas da vitória do Brasil sobre a Croácia. Andei em direção à rua Hugo Vitor – há poucos quarteirões da Perdigão Sampaio. Minha esperança era de que lá o clima fosse verde-amarelo, afinal, Léo havia dito que “o pessoal do Rondinelle” ia fazer festa na rua. Então, fui à procura da casa de dona Margarida e dos seus vizinhos. Era cedo e a rua estava calma. Mas, em tamanho gigante, uma bandeira brasileira e a mascote da Copa, um tatu-bola chamado Fuleco, coloriam o asfalto em frente à casa da família de Rondinelle.

Indecisa sobre o que fazer, ainda tentei ligar para o Inácio, mas ele não atendeu; e ensaiei bater na casa de dona Margarida, mas fiquei com vergonha. Durante toda a pesquisa, sempre foi difícil para mim adentrar na intimidade dos meus interlocutores. Nos momentos das entrevistas não, sentia-me à vontade, mas antes, no primeiro contato, sempre foram um tanto tortuosos.

Resolvi, então, dar outra volta pelo bairro. O mesmo cenário, quase nenhum morador na rua e pouquíssimos sinais da torcida canarinho. Naquele final de tarde, senti uma

desolação ao olhar as ruas... Eram as mesmas pelas quais já havia passado, mas a minha expectativa frustrada de encontrar um ambiente festivo as deixou mais escuras. Senti até certa tristeza e um mau presságio de que não veria, naquele ano, o hexa brasileiro. Melhor não pensar nisso, poderia atrair o azar!

Tive medo de descer até a rua Salgado Filho, onde mora dona Carol e os filhos; e resolvi voltar e me instalar no Copacabana (que fica numa rua paralela e entre a Hugo Vitor e a Perdigão Sampaio). O restaurante fora indicação de Paulo como um bom lugar pra ver jogo e onde eu almoçara naquele dia, pois chegara ao bairro no começo da tarde. O comecinho da noite tinha chegado e as seleções brasileira e croata se perfilavam para os hinos nacionais.

Aí, não teve jeito, a torcedora tomou conta do meu coração, deixei a pesquisadora de lado e fui vibrar, torcer, gritar pelo Brasil. Mas, entre um lance e outro, observava o restaurante que àquela altura estava com a maioria de suas mesas ocupadas por famílias inteiras. Percebi que clientes (principalmente os homens) e garçons se tratavam pelo primeiro nome e/ou apelido, indicando intimidade de quem já frequentava o lugar.

Fiquei até o final do jogo, saí de alma lavada e feliz pela vitória brasileira. Tão animada estava que as ruas vazias já não me incomodavam... Resolvi voltar à Hugo Vitor e o caminho pareceu-me mais alegre, não apenas por causa do meu estado de espírito, mas também porque fui encontrando moradores na calçada, comemorando.

A festa estava montada na Hugo Vitor. Dois quarteirões bem movimentados – aquele das casas de dona Margarida e da família do Rondinelle e também do GRAB; e o quarteirão do campo Rio Branco, e do conjunto de pequenos bares (como box de mercado, oito botecos estavam cheios de gente, bebendo, comendo e comemorando). Fiquei feliz, mas me senti deslocada da festa que tinha um ar totalmente familiar. Era uma festa de vizinhos que invadia a rua e demarcavam o seu pedaço, as suas áreas. Senti-me intrusa... Peguei o ônibus e fui embora, já pensando no próximo jogo, que seria contra o México.

Durante a semana que seguiu, vi as fotos que Inácio tirou da comemoração naquela rua... mas, uma coisa me incomodou. As pessoas nas fotos me pareceram tão artificiais, tão enquadradas em poses padrão de fotos para coberturas de festas que esvaneceram aquele clima de família e vizinhos que eu sentira no jogo anterior. No próximo jogo, eu tiraria minhas próprias fotos e registraria a informalidade e espontaneidade dos moradores...

Mas, aquele meu objetivo não se concretizaria, o Brasil empatou, foi um sufoco o jogo e, talvez por isso, a festa não aconteceu. A arrumação de horas antes se perdeu e, exceto aqueles que trocaram a euforia do futebol pela euforia do álcool, a maioria dos torcedores voltou para suas casas.

Entretanto, não serei justa se ignorar o clima gostoso de quem arruma a casa para festa que encontrei quando cheguei à rua Hugo Victor. Algumas horas antes de começar o jogo contra o México, quase todas as casas daqueles dois quarteirões estavam com as portas abertas. Em algumas, televisão e cadeiras foram para a calçada. Em outras, bandeiras dos times locais foram estendidas e dividiam espaço com as cores do Brasil.

Alguns moradores varriam as calçadas e até parte da rua! Outros faziam as gambiarras para posicionar as antenas de TV. Havia também um telão na rua e sons de carro se misturavam com os primeiros fogos de artifícios. Os bares próximos ao campo Rio Branco acompanhavam o vai e vem da organização, mas nem todos abriram, pelo que eu sondei, os quiosques que permaneceram fechados foi por opção de seus donos, que resolveram assistir ao jogo e não trabalhar.

Sentei em um daqueles bares e puxei conversa com uma senhora simpática que esperava a filha voltar de casa para poder ir se arrumar e vir assistir ao jogo na televisão já instalada no balcão. Achei engraçado porque pedi uma coca-cola que não veio, mesmo eu tendo ficado cerca de duas horas conversando e observando aquela animação. A senhora estava muito mais interessada em saber quem eu era e o que eu queria ali, do que me vender os produtos de seu bar. Senti que não havia espaço para uma entrevista e mantive gravador e câmera fotográfica guardados, seria uma conversa informal. Ela me falou de outras Copas, de quando costurava e da longa bandeira que fez na Copa anterior. Ficamos lá, conversando e olhando o movimento.

4.6 Do silêncio que as fábricas fazem

Não lembro a primeira vez que senti aquele cheiro forte e enjoativo que vinha sabe-se lá de onde. Era criança e esbarrava com aquele odor quando passava pela Mister Hull em direção à praia do Pacheco, já no município de Caucaia. Cresci com aquilo – eram muitos os domingos de praia – e toda vez que me aproximava da pista grande, saindo de Fortaleza, tapava o nariz e ficava emburrada antevendo o mal-estar. O tempo passou – nem eu mesma sabia – mas aquela sensação de criança ficou guardada.

Ao programar os dias em que eu teria de estar no Antônio Bezerra por conta da pesquisa que começara, vi-me resmungando: “lá vou eu ter que conviver com aquela catinga.”. Pensar no cheiro adocicado da castanha sendo industrializada causava-me náuseas. A lembrança era difusa – não tinha certeza da exata localização da fábrica Cione, que beneficia castanha – mas o embrulho do estômago era bem concreto. Curioso como as recordações acordam nossas emoções e mexem até com sensações físicas.

O fato é que iniciei minha pesquisa e o contato com o bairro me levou a prestar atenção em outras coisas. Além disso, ia para o Antônio Bezerra, mas não esbarrava com aquele cheiro. Isso se tornou tão frequente que esqueci de vez aquela lembrança infantil e por um segundo pensei que a fábrica fosse longe dali. Acontece que minhas visitas se concentraram na parte central do bairro; há uma distância segura da segunda sede da fábrica, mais no final de Fortaleza.

O andamento da minha investigação levou-me a ir diversas vezes ao bairro. Era necessário sentir aquele cotidiano quando o ritmo do mundo do trabalho era mais feroz e passei a caminhar pelo bairro e a marcar entrevistas em vários dias da semana. Mas, sempre fazia de forma rápida o percurso entre o Terminal de Ônibus do Antônio Bezerra (a Cione tem uma sede também quase em frente) e o banco Bradesco, ponto de referência que eu utilizava para me orientar e encontrar as ruas Martins Neto, Hugo Vitor e Salgado Filho.

Certo dia, porém, resolvi flunar pelo bairro. Tinha objetivos muito claros: encontrar as construções citadas pelos meus interlocutores e tentar encontrar naqueles lugares as descrições que os moradores me fizeram. Naquele dia, eu me dedicaria a andar, queria encontrar a antiga fábrica de algodão, a igreja Jesus, Maria e José, o posto de saúde da Hugo Vitor, o cartório e a delegacia. Iniciei meu percurso a partir do Bradesco, decidi “ir subindo” até chegar à fábrica de algodão que seria minha última parada. Aquele caminho era estratégico porque pelo que me disseram a antiga fábrica ficava próxima ao viaduto, bem perto do terminal onde eu pegaria o ônibus de volta para casa.

A primeira sensação que guardei foi da solidão que senti enquanto andava pela Mister Hull. Havia carros, motos e alguns policiais em frente à delegacia, que parecia organizada. Todo aquele aparato me inibiu até de dizer bom dia ou tirar fotos. Passei devagar, olhando de soslaio e confesso que senti certo alívio por minha pesquisa não ter a violência como foco. Lembrei-me do aparelho repressor de Althusser e segui adiante, respirando fundo.

O cartório, próximo à delegacia, também não me atraiu, apesar de não ter me causado medo. A impessoalidade daquela construção cheirava à burocracia e me deu tédio... Continuei andando e as poucas palavras que troquei foram muito mais para pedir informações sobre o caminho do que para colher novas impressões sobre o bairro. Naquele andar, vivenciava a relação indivíduo-cidade-cotidiano e sentia que aquela não era “as minhas áreas”, o meu pedaço.

O posto de saúde estava cheio, muita gente esperando para ser atendida. Mas, havia também alguns comerciantes vendendo água, lanches e bombons. A fachada em verde claro e branco, do prédio, pareceu-me nova. Mas o olhar resignado e triste de algumas senhoras deixou

evidente a precariedade do serviço público de saúde. Também não fiquei ali... No posto, o que me afastou foi o choque com o real.

Andar às margens de uma avenida como a Mister Hull requer atenção, ônibus e carros passam tão rentes que parecem nos levar. As calçadas irregulares – que ficam piores com os buracos, lixo e carros estacionados – não ajudam muito. E não deu mesmo para flunar, aliás, houve momentos em que tive que me concentrar no chão para ver onde pisava...Foi pensando nesse rali que cheguei até a pracinha da igreja Jesus, Maria e José.

Parei na banca de revista, comprei água e conversei com o vendedor e um senhor que estava com ele. Perguntei da fábrica de algodão. Eles sabiam pouca coisa, mas o senhor me disse que morava no bairro há mais de 18 anos e desde que fora para lá, aquela “fábrica já estava destruída”. Falei de minha intenção em ir lá, eles tentaram me desencorajar, dizendo que era perigoso mesmo de dia, que lá ficavam “muitos drogados e marginais”. O mesmo discurso de uma depiladora do bairro, que uns dias antes havia me dito: “ir lá é querer sair sem as calças”.

Fiquei com receio, saí da banca e procurei uma sombra na pracinha. Sem me aperceber, estava em frente à igreja que estava fechada, olhei pra ela e me lembrei das capelas simples do interior. Embora fosse a primeira vez que parava naquela praça, eu me senti confortável. As sombras das árvores me deram certo alento e eu pensei: “que seja! Vou lá.” Saí, mas antes guardei, bem no fundo da minha bolsa, meu relógio, máquina fotográfica e celular.

O sol refletido naquelas paredes sem teto ofuscava a vista e a primeira imagem que tive foi de um “lugar branco”. Aos poucos, minha vista foi se acostumando, o lugar estava vazio, mas pelo chão, resto de roupas, fezes e lixo indicavam que pessoas haviam estado ali recentemente. Vi muitos escombros no chão. Algumas letras, pintadas nas paredes que se mantinham em pé, deixavam à mostra resquícios das propagandas que escondiam um tempo distante quando aquelas ruínas eram uma fábrica de beneficiamento de algodão, a Ceará Industrial³⁶.

Nada ali lembrava a produção frenética do período em que a economia de Fortaleza se movimentava pelo ciclo algodoeiro. Contemplei o que restara daquele prédio, havia um desnível no meio da construção, que deixava o chão mais baixo. Aquela fábrica, cujo terreno de certo servia agora à especulação imobiliária, estava calada e parecia esperar sua demolição,

³⁶ A Ceará Industrial, localizada ao lado do viaduto da Mister Hull, produzia farinha e óleo de algodão para cozinha, entre outros produtos. “Foi adequada pelo BANCESA como pagamento de dívida da empresa, depois o banco faliu e até hoje está abandonada. Segundo lideranças políticas do bairro, ela foi comprada pela PMF para construção de uma escola, mas não existe certeza nisto.” (Valentim Santos, em conversa pelo *Facebook*, 07 de agosto de 2015).

lenta e gradual. De alguma maneira, aquele abandono soava em meus ouvidos como um convite a voltar no tempo.

Passsei por debaixo do viaduto, vi algumas pessoas em situação de rua; e andei alguns metros pensando sobre como teria sido aquele lugar. Quantas coisas e pessoas movimentara? Sem me dar conta, vi-me em frente ao muro da Cione e tomei um susto com sua imponência. Como um prédio tão grande passara despercebido por mim? Perguntava-me, afinal, não era a primeira vez que andava naquela calçada.

Atravessei a avenida e fui para o terminal. Antes, olhei mais uma vez para a Cione. Tive a breve sensação – que confesso não saber ao certo se foi real ou imaginária – de sentir o cheiro adocicado de castanha e de ver uma fraca fumaça no céu. Já da janela do ônibus, ao subir o viaduto, como todas as vezes que ali passara, vi as ruínas da fábrica de algodão. Agora, aqueles escombros falavam comigo, haviam ganhado significado.

PARTE II – A PESQUISA

Os capítulos que compõem esta seção reúnem as discussões centrais da pesquisa em questão. No primeiro momento, reflete-se sobre a metrópole que se tornou a forma de organização social na contemporaneidade, apresentada aqui pela dicotomia entre perdas de referenciais e espaço de construção de sentidos. Para em seguida, esboçar um panorama histórico sobre o desenvolvimento socioespacial de Fortaleza que resultou na sua configuração urbana atual, e apresentar o bairro Antônio Bezerra, refletindo sobre como se configura a periferia hoje em dia.

Já o capítulo seguinte parte da compreensão de que a práxis comunicativa está no cerne das relações sociais como importante rotor para as formas de convivência, interligando-se à cultura, entendida como uma linguagem em constante e ininterrupto processo. São ainda apresentadas as aproximações e distanciamentos entre os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária, discutindo sobre como as tecnologias da informação e comunicação (TICs) e a tendência ao tribalismo vêm dando novas configurações às experiências comunicativas que não estão ligadas, diretamente, à lógica do capital. Neste capítulo, contextualizam-se, ainda, as trajetórias do site BAB, da radiocom Costa Oeste 87,9 FM e sua ligação com a Antônio Bezerra 103,5 FM.

Por fim, no último capítulo, são apresentadas recordações, relatos e opiniões dos moradores do Antônio Bezerra para construir um mosaico de representações sobre o bairro e sobre aqueles que o habitam. Juntam-se a isso, imagens do bairro identificadas no conteúdo do site BAB e da Costa Oeste 87,9 FM quando é traçado um paralelo entre essas representações e as autoimagens externadas. A partir desse conjunto de visões sobre o bairro, sobre as experiências comunicativas e sobre os próprios comunicadores, são esboçadas as conexões e desconexões entre os processos de elaboração das imagens e autoimagens, refletindo sobre como tudo isso se interliga aos laços de afetividade criados pela convivência.

Para embasar as discussões acima descritas, o capítulo traz um tópico em que são apresentadas as conceituações de imagem e autoimagem e a relação destas com estigmas sociais, compreendidos por sua ligação com os jogos de poder tão presentes no cotidiano das relações sociais. A essas questões são acrescentadas reflexões sobre a condição da natureza humana, composta por uma força material e imaginativa que impulsiona o ser humano a procurar meios para manter sua vida, bem como, para representá-la. Força esta que está na gênese da construção das identificações sociais, ou seja, das identidades e diferenças que também se formam nas e pelas disputas de poder que ocorrem em contextos histórico e cultural específicos.

5 SOBRE A METRÓPOLE: “A CIDADE NÃO PARA. A CIDADE SÓ CRESCE”³⁷

Espaços abertos, espaços fechados, grupos de pessoas, multidões em certos acontecimentos, indivíduos isolados, uso do território por grupos distintos em diferentes horários do dia, tudo isso, combinado com um incomensurável fluxo de energia pelos fios de cobre instalados por toda a malha urbana, forma a sinergia impensável que justifica a urbanização no mundo atual, representada pelos diferentes tamanhos e formas de cidades, o hábitat principal no século XXI e, ao que tudo indica, o hábitat principal como tendência histórica da sociedade (SPOSITO, 2008, p. 46).

Em cada cidade, há um pulsar constante e difuso, de localização incerta, porque ele emana de todos os seres e coisas que nela habitam, ao mesmo tempo em que, num movimento dual, este pulsar alimenta cada componente urbano. Latência que evidencia a existência de uma energia concentrada em um mesmo espaço físico, nutrida pela fusão de incontáveis fontes endógenas em conexão com outras tantas fontes situadas além de seu perímetro. Ela é o particular em articulação estreita com o global.

A cidade é um espaço geográfico³⁸, porque resulta da prática humana que organiza econômica, política e culturalmente a vida em sociedade. Entendendo que da vida social também faz parte a natureza, pois não se pode falar desta última sem associar sua existência à interferência humana e vice versa. A cidade é energia, porque produz e é produzida pelo trabalho, protagonizado pelo ser humano.

Nas sociedades contemporâneas, ela é o espaço em que se reúnem culturas heterogêneas, uma divisão de trabalho cada vez mais especializada e a diversidade e fragmentação dos papéis sociais. Características cuja gênese está no desenvolvimento do capital e nos processos de urbanização, especialmente após a revolução industrial, nos séculos XVIII e XIX, que alterou significativamente as relações de trabalho, produção e consumo; e deu novas formas ao espaço e ao tempo, e às estruturas e dinâmicas citadinas.

Nesse sentido, como apontam Prysthon e Cunha no prefácio do livro *Ecos Urbanos: a cidade e suas articulações midiáticas* (2008, p. 8-9),

todos os movimentos em direção ao crescimento urbano têm um fio condutor comum, um mecanismo propulsor que é a economia de mercado. De certo modo, o mercado e a cultura do consumo, como concebidos a partir do final do século XVIII e mais particularmente no século XIX, vão definir o que seria a sensibilidade cosmopolita (com todas as suas nuances). Na cidade moderna, todas as classes sociais vão ser essencialmente reguladas pelas leis do consumo, compondo um complexo sistema de significação referente à experiência urbana e ao cosmopolitismo.

³⁷ Trecho da música *A Cidade*, da banda Chico Science & Nação Zumbi, álbum *Da Lama ao Caos*, 1994.

³⁸ A noção de espaço geográfico pressupõe a articulação entre natureza e sociedade. É interessante perceber que não se pode tratar esses dois elementos como polos separados ou que se opõem. A natureza sofre interferência direta da ação humana e vice versa, uma não existe sem a outra, porque não há natureza bruta intocável e nem ação humana sem natureza, visto que o elemento biológico do homem o integra ao natural.

A cidade não é somente prédios e asfaltos, nem é apenas o resultado da apropriação e do uso que se faz do território ocupado. Tampouco é exclusivamente o espaço que se opõe ao campo, inclusive porque as paisagens de ambos são difusas e suas delimitações fluidas³⁹, por conseguinte, as oposições campo/cidade, rural/urbano perdem sentido. E mesmo que seja cada vez mais raro, “não há nenhuma estranheza em se encontrar o campo na cidade e a cidade no campo, o rural no urbano e o urbano no rural, a periferia no centro e o centro na periferia.” (PRYSTHON; CUNHA, 2008, p. 12).

A cidade é o elemento fundamental que organiza o espaço, principalmente no mundo atual, por conseguinte, resulta das alterações ditadas pelas relações capitalistas. Ela é produzida historicamente “por diferentes atores que agem de modo contraditório, pois têm objetivos e poder de atuação diferenciados, em termos de localização e temporalidade.” (SPOSITO, 2008, p. 36). Entretanto, a cidade não é apenas um território de ocorrência, pois ela possui a capacidade de articular, internamente, diferentes dinâmicas que acontecem pela relação de proximidade, mesmo que alcancem escalas geográficas mais amplas.

Nela, habitam indivíduos com suas diversas classes sociais, hábitos, linguagens e culturas. Possui, portanto, temporalidades e espaços variados que, por serem apropriados de maneiras distintas, mas de forma simultânea, acabam por se apresentar como incontáveis particularidades que se conectam e ditam o ritmo urbano que, apesar de parecer único devido aos processos de homogeneização que dão a tônica do mundo das mercadorias, torna-se específico em cada cidade.

Diante disso, explicar o que é uma cidade no mundo contemporâneo exige um esforço para reunir “elementos que se relacionam historicamente em diferentes parcelas dos territórios, com intensidades e dinâmicas específicas em cada caso.” (SPOSITO, 2008, p. 12). Por isso, é grande a diversidade de critérios e referenciais que definem o que é cidade, não somente entre pesquisadores, mas também no âmbito jurídico.

Em alguns países, por exemplo, a definição do que seja cidade passa por critérios populacionais; outros combinam número mínimo de população com critérios administrativos, como a existência de determinados equipamentos e serviços; e ainda há aqueles que levam em consideração o predomínio de atividades não agrícolas. No Brasil, adota-se o critério político-administrativo, definido pelo Decreto Lei nº 311, em vigor desde 1938, época do Estado Novo

³⁹ Pela legislação brasileira, é possível distinguir cidade e campo pelo mapeamento do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU).

em que Getúlio Vargas governou de forma ditatorial o país (SPOSITO, 2008). Aqui, cada sede municipal é considerada uma cidade.

Assim, de acordo com o último Censo do IBGE, em 2010, o Brasil registrou 5.565 municípios. Há, portanto, 5.565 cidades que juntas abrigam 84,34% da população brasileira, ou seja, 160.879.708 habitantes. Enquanto apenas 29.852.986 (15,65%) brasileiros vivem em situação rural⁴⁰. Mesmo com o Estatuto da Cidade, aprovado em 2001 em consonância com a Constituição Brasileira de 1988, ainda cabe a cada Câmara Municipal a responsabilidade por determinar o limite territorial de suas cidades.

No país, há ainda uma classificação (empírica e conceitual) das cidades pela densidade demográfica e pela complexidade de suas atividades. Elas são apontadas como pequenas, médias, grandes, metrópoles regionais, nacionais e globais (SPOSITO, 2008)⁴¹. Essa classificação traz como referência a metrópole, compreendida como a manifestação espacial de um fenômeno contemporâneo no qual

o espaço se reproduz a partir do processo de constituição da sociedade urbana apoiado no aprofundamento da divisão espacial do trabalho, na ampliação do mercado mundial, na eliminação das fronteiras entre os estados, e na generalização do mundo mercadoria. [...] A metropolização, hoje, diz respeito à hierarquização do espaço a partir da dominação de centros que exerce sua função administrativa, jurídica, fiscal, policial e de gestão. A metrópole guarda uma centralidade em relação ao resto do território, dominando-o e articulando áreas imensas. [...] vista como um símbolo do mundo moderno, um centro onde a vida flui com incrível rapidez, o que impõe um ritmo alucinante e a banalização de tudo como produto direto do processo de homogeneização (CARLOS, 2007, p. 35).

Paradoxalmente, a metrópole é também um ambiente múltiplo onde se acumula uma série de oportunidades de interação e de experiências. Seus moradores, quando dispostos a se deslocar e a manter contato com “universos sociológicos, estilos de vida e modos de percepção da realidade distintos e mesmo contrastantes” (VELHO, 2013, p. 142), ficam sujeitos a experiências multifacetadas. Ela aparece, então, como o espaço propício a alteridades, dadas as vivências (em potencial ou concretizadas) que se fundam na interação com o diferente.

É possível, então, dizer que seu espírito “[...] é formado pelo acúmulo de minúsculas interações cotidianas com o motorista do ônibus, os outros passageiros, o jornalista, o garçom

⁴⁰ A cidade e o campo abarcam relações sociais próprias, baseadas no convívio entre indivíduos e no contato destes com o ambiente, mas que não se restringem à dimensão física do espaço. Daí, os termos urbano e rural ganhar em uma definição que ultrapassa os parâmetros socioespaciais, que é elástica porque pode se prolongar conforme se alastrem tais relações. Criando, assim, situações urbanas e situações rurais já no âmbito da cultura.

⁴¹ Tóquio (Japão) e Nova Iorque (Estados Unidos) seriam metrópoles globais; São Paulo e Rio de Janeiro seriam metrópoles nacionais. Já Fortaleza pode ser classificada como uma metrópole regional.

do café; das poucas palavras, dos cumprimentos, dos pequenos gestos que aplainam as arestas ásperas da vida urbana.” (BUNTING, *apud*, BAUMAN, 2009, p. 88-89).

O contato com o diferente, contudo, não é exclusivo do ambiente urbano. Afinal, a diferença é o que funda os processos de individuação, porque não existe nenhum ser humano igual a outro. Nesse sentido, a individualidade consiste na diferença. Mas, na metrópole, essa proximidade com o estranho é inevitável, constante e não raro gera conflitos e exacerba a convivência, impedindo inclusive que indivíduos interajam.

Desse incômodo, muitas vezes, floresce o desejo, consciente ou não, de reservar um lugar confortável e seguro para se viver (BAUMAN, 2009). É quando surgem as fronteiras que, por sua vez, demarcam as distâncias entre os indivíduos, porque é em decorrência delas que as diferenças ganham significado e importância. Mas, há sempre aquele que burla os limites e insiste em estar onde não é bem-vindo. Esse traçar e deslocar das fronteiras entre pessoas acontece sobremaneira nas metrópoles.

Nesse sentido, como reforça Bauman (2009, p. 76),

existimos porque somos diferentes, porque consistimos em diferenças. No entanto, algumas delas nos incomodam e nos impedem de interagir, de atuar amistosamente, de sentir interesse pelos outros, preocupação com os outros, vontade de ajudar os outros. E, não importam quais sejam essas diferenças, o que as determina é a natureza das fronteiras que traçamos. Cada fronteira cria suas diferenças, que são fundamentadas e relevantes.

Os contrastes compõem e fragmentam a cena urbana, onde distintas classes sociais vivem e se reproduzem. Nesse sentido, o convívio com a diferença se pauta também pelas contradições socioeconômicas nas relações de produção e consumo. E por mais que haja redes de relações sociais, cujos fluxos de informações permitem um diálogo, não se pode apagar a desigualdade econômica e a distribuição de poder (VELHO, 2013).

Diante disso, apesar do trânsito entre diferentes indivíduos, há fronteiras erguidas por toda a metrópole, inclusive, fronteiras físicas como os muros de condomínios fechados. Tentativas vão de sanar a sensação de insegurança causada pela insistente presença do diferente, especialmente, daquele cujas diferenças perpassam o status social. Os processos de apreensão da cidade ocorrem, então, de forma diferente em cada pedaço, região ou bairro que a forma. Em alguns, há a predominância de condomínios fechados e muros altos, em outros, as pessoas estão misturadas pelas ruas ou sentadas nas calçadas onde as conversas espiam o movimento dos condomínios, dada a proximidade em que estão.

Os metropolitanos delimitam, assim, suas áreas de moradia, trabalho e lazer. Elaboram e aperfeiçoam seus hábitos, linguagens e formas de comunicação. No Antônio

Bezerra, essas paisagens estão juntas e trazem uma diversidade que dá amplos sentidos ao bairro. Lá, seus moradores constroem táticas para sobreviver na e à metrópole Fortaleza que, embora se apresente como um todo definido por limites geográficos e administrativos, é fracionada segundo as estratificações sociais, e se prolonga para além de suas cercanias por conta do expansionismo ditado pelos processos de globalização.

As táticas usadas forjam as rotinas do cotidiano e moldam o espaço físico de Fortaleza, enquanto também são formatadas pela cena urbana. Esses arranjos permitem, ainda, a construção de uma familiaridade erigida e sedimentada pela sucessão dos dias de convívio. A metrópole emerge, então, como “um conjunto de símbolos e campos de lutas” (CORRÊA, 1989, p. 9) e, ao reunir tanto o estranho como o habitual, apresenta-se não só como lugar de passagem, mas também de permanência. Encontrar o equilíbrio entre o passageiro e o que permanece (a *longue durée*⁴²) torna-se o desafio para quem elege a cidade como cenário ou objeto de estudo.

Tentar compreender as metrópoles como um lugar, ou seja, entendê-las a partir de sua singularidade, é, pois, uma tarefa difícil. Mas, esse caldeirão de contradições nos dá infinitas possibilidades, tanto empíricas como teóricas, de nos relacionarmos com ele. E muito embora a permeabilidade e a fluidez que caracterizam as cidades, especialmente as metrópoles, devam servir de parâmetro para quem intenciona compreendê-las, é para a familiaridade, forjada pela convivência, a longo prazo e em espaços recortados, que volto minhas reflexões.

5.1 É nas áreas que se vive

“A cidade não para. A cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce...”. Chico Science⁴³ cantava a metrópole como símbolo do capitalismo, expressando “a contínua revolução da produção, o abalo constante de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação

⁴² Para se contrapor à ideia de tempo histórico linear que caracterizava a história positivista, Fernand Braudel, em *O Mediterrâneo* (1978), apresentou a noção de *Longue durée*, que serviu como ferramenta metodológica ao estudo da história, estruturando a construção da ideia da pluralidade do tempo histórico. *Longue durée* seria “simplesmente a relação temporal mais estável e de maior duração no problema sob análise. Ela constitui o fundamento estável contra o qual variações cíclicas de outras estruturas temporais são estabelecidas, permitindo a ordenação da pesquisa histórica.” (TOMIC, 2011, p. 39).

⁴³ Francisco de Assis França (13/03/1966 – 02/02/1997) é Chico Science, cantor e compositor brasileiro, nascido em Olinda, Pernambuco. Um dos principais nomes do Movimento *Manguebeat* (início da década de 1990), foi o líder da banda Chico Science & Nação Zumbi. Gravou dois álbuns: *Da Lama ao Caos* (1994) e *Afrociberdelia* (1996), mas teve a carreira precocemente encerrada por um acidente de carro em uma das vias que ligam Olinda a Recife. Seus dois álbuns foram incluídos na lista dos cem melhores discos da música brasileira da revista *Rolling Stone*, elaborada a partir de uma votação com 60 jornalistas, produtores e estudiosos de música brasileira; *Da Lama ao Caos* na 13ª posição e *Afrociberdelia* em 18º lugar. Em outubro de 2008, a revista *Rolling Stone* promoveu a Lista dos Cem Maiores Artistas da Música Brasileira, nela, Chico Science aparece em 16ª lugar. Informações disponíveis em: <<http://www.seuhistory.com/node/156561>>. Último acesso: 27/07/2015.

eternas [que] distinguem a época burguesa de todas as precedentes.” (MARX; ENGELS, 2013, p. 48).

Cidades marcadas por uma sociedade produtivista, onde tempo e espaço se guiam pelos processos de troca. Quando o primeiro segue preso ao compasso do ritmo do trabalho enquanto o segundo é moldado por fluxos de mercadorias, de capitais e informações. Uma sociedade que dissolve suas crenças e opiniões, antes tão veneráveis, que esfaca as relações cristalizadas ao longo do tempo, no mesmo passo em que deixa emergir novas crenças, opiniões e relações, que despontam já fadadas a virar poeira antes mesmo de se consolidarem.

Nessa dinâmica volátil, seria possível até pensar que “as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e estruturas [pré-modernas].” (HALL, 2011, p. 25). O ser humano teria mais condições de, livre de dogmas por exemplo, reinventar-se e encontrar formas múltiplas de viver sua individualidade.

Mas, por estarem sob a égide do capital, tempo e espaço – que, no interior dos diversos sistemas de representação, têm efeitos significativos na maneira como as identidades são localizadas e representadas (HALL, 2011) – “ao se reproduzirem destroem as referências urbanas e, como consequência, a memória social.” (CARLOS, 1996, p. 41). Por conseguinte, “tudo que é sólido desmancha no ar...”; já diziam Marx e Engels (2013) no famoso Manifesto.

Essa fluidez – que tem origem nas demandas do mundo mercadoria – na prática, mais aprisiona do que liberta, porque acabamos por viver em um ciclo de produção, consumo e lucro. Daí, a perda de referenciais e o estranhamento, como aponta Ana Carlos (1996). Entretanto,

a condição de homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, ou algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar (SCRUTON, 1986, p. 156, *apud* HALL, 2011, p. 48).

Nesse sentido, das relações com o vivido, partem os elementos que ajudam na construção dessa autorreferência. Enquanto o indivíduo circula na cidade, apropriando-se de espaços, tecendo redes de convivência (e de conveniências), incorporando e dando sentido às coisas, às ações e aos atos de fala, constrói identificações socioespaciais. E vivencia tudo isso a partir e através do corpo, o que dá uma corporeidade à existência humana.

Mas, devido a essa relação com o corpo e diante da magnitude territorial, das fronteiras simbólicas e de concreto, do ritmo frenético ditado pelo mundo do trabalho – características inerentes às cidades contemporâneas –, é humanamente impossível construir

uma vivência cotidiana com a metrópole como um todo. Ela é, pois, vivenciada e compreendida de forma fragmentada.

Além disso, à primeira vista, a metrópole não pode ser chamada de lugar, visto que o lugar resultaria da elaboração de significados a partir da experiência, quando relações de afetividade com o local são valorizadas e referenciais afetivos se desenvolvem ao longo da vida⁴⁴. O bairro aparece, então, como primeira unidade espacial da vida imediata (CARLOS, 1996).

Nele, a proximidade e a repetição tornam os moradores parceiros na arte da convivência, trabalhada pelos laços de vizinhança ou por outros tipos de relação como aquelas construídas com os comerciantes locais, principalmente, com os pequenos (CERTEAU, 2012a). De certo modo, é o que vivenciam os moradores do Antônio Bezerra na feira livre da Rua Dr. Vale Costa, que acontece todos os domingos; ou ainda a relação de compra/venda fiado na bodega do Seu Cordeiro, também no bairro.

Hoje, porém, o aumento das densidades demográficas nos bairros faz com que o grande contingente de indivíduos, apesar de morar próximo, não consiga interagir plenamente. O indivíduo escolhe ou é impelido a escolher os espaços com os quais interage, por onde ele se locomove, trabalha, mora, passeia... No fazer da vida, o indivíduo vai também delimitando seus grupos de convivência, criando e fortalecendo vínculos e estabelecendo referências socioespaciais.

Em outras palavras, os indivíduos no trato com a metrópole vão tecendo seus pedaços que, segundo Magnani (2003), seria o domínio intermediário entre a rua e a casa. O pedaço seria o lugar “dos colegas, dos chegados”, da sociabilidade a partir de vínculos familiares, de vizinhança ou de procedência. Uma sociabilidade “mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.” (MAGNANI, 2003, p. 116).

Mais ainda, o pedaço extrapolaria sua condição socioespacial, sendo mais maleável visto que ele pode se locomover. Afinal, seu núcleo até pode ter contornos mais nítidos, mas “suas bordas são fluidas e não possuem uma delimitação territorial precisa.” (MAGNANI, 2003, p. 116). Essa fluidez teria origem nas “relações que se estabelecem entre seus membros, pelo manejo de símbolos e códigos comuns, o espaço enquanto ponto de referência é restrito,

⁴⁴ Digo à primeira vista, porque numa relação mais macro, da metrópole com o mundo, por exemplo, esta pode ser tida como um lugar quando o seu morador, longe dela, procura na “sua cidade” a referência diante do mundo.

interessando mais a seus habitués. Com facilidade, muda-se de ponto, quando então leva-se junto o pedaço.” (MAGNANI, 2008, p. 42).

A noção de pedaço é, portanto, apropriada aos propósitos desta pesquisa. Embora eu prefira a nomenclatura “áreas”, para reproduzir aqui a expressão usada pelos moradores jovens do Antônio Bezerra com quem conversei. Eles, ao falarem do lugar onde viviam, eram precisos ao dizer que “moravam nas áreas”.

Assim, em suas áreas e através do diálogo travado com a cidade, os indivíduos vão conectando os espaços que ocupam, rejeitam e até mesmo ignoram. Constroem, destroem e reconstróem trajetos no cruzar da metrópole. E “[...] através dos *trajetos*, os moradores da cidade esquadrinham seu espaço em todas as direções, costurando em um mesmo todo seus diferentes *pedaços* e abrindo-se ao mesmo tempo ao contato com novas experiências.” (MONTES, 2008, p. 306-307) [grifo no original].

Tais moradores abrem fluxos que interligam os diferentes espaços em paisagens mais abrangentes da cidade, como nas manchas urbanas, compreendidas como “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante.” (MAGNANI, 2008, p. 40).

No bairro Antônio Bezerra, as dez faixas da Mister Hull compõem uma mancha caracterizada pelo comércio intenso de produtos e serviços. Lá, há lojas de vários segmentos.

De óticas a casas de autopeças, de farmácia a banco, de cartório à revendedora de carros. De espaços para cursos (como o curso de informática do professor e ex-comunicador da Costa Oeste, Jailson Pereira) a oficinas mecânicas e butiques de roupas e calçados. Um corredor que acompanha grande parte da extensão da avenida a contar pelo viaduto que corta a Mister Hull e que serve como referência de limite do bairro para muitos dos seus moradores; um corredor que se esvai em direção à cidade de Caucaia⁴⁵.

Se tivéssemos que definir um ponto geográfico referencial no bairro Antônio Bezerra, este ponto com certeza seria a Avenida Mister Hull. Não bastasse ser nessa avenida onde está localizada a primeira construção do bairro, a chácara salubre, além disso, no entorno da Avenida Mister Hull foi que o bairro do Antônio Bezerra se expandiu (FACUNDO, 2012, p. 39).

⁴⁵ A certa altura da Mister Hull, o número de estabelecimentos vai se tornando esparsos na altura da lagoa do Tabapuá, já no município de Caucaia.

O fluxo intenso de carros corta a mancha da Mister Hull, separando os dois lados da avenida e dificultando o trajeto dos moradores do Antônio Bezerra e de qualquer outro pedestre que necessite atravessar para qualquer um dos lados. A avenida é certamente um dos ícones do bairro que representa a expansão da metrópole Fortaleza no ritmo do capital, atropelando a vida (figura 2).

Figura 2 – Avenida Mister Hull (vista de cima do viaduto) e o viaduto da Perimetral



Fonte: Klycia Fontenele (09/08/2015); site BAB, 2015 (foto 3).

Como grande parte das alterações do espaço e das edificações que acontecem nas cidades contemporâneas, a ampliação da avenida Mister Hull trouxe não só implicações que alteraram o cotidiano dos moradores, mas também, consequências para a história local.

A Avenida Bezerra de Menezes vinha até aqui na divisão de Fortaleza-Caucaia, mas o ex-vereador Sérgio Costa quis homenagear aí mudou para Mister Hull, o que não tem nada a ver, porque Mister Hull foi apenas um engenheiro inglês que ajudou a construir a linha férrea de Fortaleza. [...] Tinha vários casarões que foram demolidos, tinha a própria casa do Antônio Bezerra que podia ter sido preservada, o Solar que ficava em frente à igreja católica... Foram demolidos impiedosamente. Nós temos a casa do Autran Nunes que foi ministro do trabalho, ficava ao lado da igreja e foi demolida também. Nós tínhamos a Mister Hull antiga, pela ampliação, ela demoliu muitas casas, prédios antigos que podiam ter sido tombados [...] Para algumas pessoas significou a divisão do bairro, a violência, acidentes. O bairro foi dividido uma parte de lá e a outra de cá. Então, a gente passa pra lá só se precisar mesmo, por conta do

hospital⁴⁶. Mas dividiu o bairro, tipo o Muro de Berlim que a gente passa pra lá e vice-versa. Mas essa avenida foi importante, porque ela deu uma nova visão de progresso para o bairro, a entrada de Fortaleza pela avenida... Nosso bairro tinha que ser mais visto pelas lideranças políticas, mas infelizmente eles não veem. O bairro não cresce como a Cidade 2000, o Montese, Parangaba... (Valentim Santos, entrevista concedida em 13 de janeiro de 2015).

Sobre a grande avenida do Antônio Bezerra, uma das queixas que mais ouvi foi relacionada à dificuldade de sua travessia. As falas daqueles que vivenciaram sua construção, ou melhor, sua ampliação, são significativas para retratar o estranhamento que esse tipo de desenvolvimento causou e causa, inclusive, porque a ampliação da Mister Hull aconteceu à revelia da maioria dos moradores locais que diante da imposição do chamado progresso precisaram e precisam adaptar suas vidas às novas configurações do espaço. E quando não se adequam são cobrados por isso, até mesmo por seus pares.

Olha deixa eu lhe dizer, acidente tem, porque nós somos mesmo mal educados com o trânsito [...] Então, a Mister Hull, assim, eu vejo pra mim como um progresso, porque se você tiver atenção na hora que vai atravessar a avenida não tem acidente. Tem faixa de pedestres, agora, muita gente não passa nela. Então, aqui na minha casa tem gente doente e eu vou deixar eles na Mister Hull, vou deixar eles pra pegar ônibus na rodoviária dos pobres, eles esperam. É porque nós mesmo somos mal-educados no trânsito queremos passar logo por cima de tudo (Carolina Rodrigues, dona Carol, entrevista concedida dia 22 de setembro de 2013).

Além disso, ao mesmo tempo em que são relatados os transtornos que a ampliação da avenida resultou, é incontestável o deslumbre que a obra causa, como “sinal de progresso” para o bairro. Na conversa que tive com Valentim, isso fica evidente.

- Voltando a falar da Mister Hull, você lembra como ela era antes?
- Sim, ela era estreitinha, pequena, duas mãos. A gente chamava ela de pista e tinha uns casarões históricos. Mas, me lembra muito aquela estrada antiga do Icarai... Eu estava lá e fiquei observando a Mister Hull, me veio aquela pista estreitinha com asfalto, com a divisão no meio, os carros passando ali pertinho um do outro...
- Você lembra quando ela foi inaugurada?
- Ela passou mais ou menos um ano em construção... bastante barro; era um período muito ruim, engarrafamento. Mas ela ficou bonita, quando foi inaugurada foi um marco de referência em termo de transporte na BR. Eu acho ela, mais assim, em termo de estrutura visual, do que a BR 116. Ela é larga, bastante larga.
- São muitas mãos...
- É. Muito bonita. (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Mas, apesar das alterações que a paisagem local sofreu com a ampliação da Mister Hull, no lado esquerdo da avenida sentido Fortaleza/Caucaia, logo após o viaduto, a um quarteirão das ruínas da antiga fábrica de beneficiamento de algodão (a Ceará Industrial), resiste

⁴⁶ Valentim se refere ao hospital público e municipal Frotinha de Antônio Bezerra (Hospital Distrital Evandro Ayres de Moura), que está localizado do lado direito da avenida Mister Hull, sentido Fortaleza-Caucaia (“lado B”), na Rua Cândido Maia.

a igreja católica Jesus, Maria e José. De arquitetura simples, o prédio amarelo escuro povoa, junto com algumas árvores, uma pequena praça que, por sua vez, é cercada por algumas poucas casas, lanchonetes e restaurantes. Aquele cenário, nas margens da Mister Hull, mais parece uma paisagem interiorana.

As descrições acima representam bem o mosaico que é a metrópole, onde o indivíduo experiencia um fenômeno dicotômico.

De um lado o estranhamento – como produto da perda de referenciais da vida e a criação de novos padrões universais – e de outro o reconhecimento como produto da constituição de identidades espaciais que gestam no plano do vivido. Isto é, coloca-se como fundamental que nos interstícios, no plano da vida, nem tudo foi completamente modelizado, cooptado, homogeneizado (CARLOS, 1996, p. 41).

No dia a dia da metrópole, os movimentos de estranhamento e reconhecimento travam uma verdadeira batalha, semelhante à brincadeira do cabo de guerra, que neste caso, nada tem de infantil. A fala de dona Carol é significativa nesse sentido.

[...] por exemplo, se a gente precisar de um remédio aqui, 23h, a Farmácia Pague Menos vai tá fechada, mas se você quiser ir até a Mr. Hull, que... Antigamente... Isso prejudicou a gente... O ônibus da Vitória, de Caucaia, parava aqui na parada. Então, a gente podia ir pra Mister Hull sem perigo, sem problema nenhum. Chegava lá, aí pegava o Vitória e ia na farmácia Pague Menos da Bezerra, sem problemas. Só que hoje, o ônibus da Vitória não para mais pra nós... Eu acredito que nós temos o direito de ir e vir... só sei que foi proibido. [...] Ele [ônibus da empresa Vitória] vai até o viaduto⁴⁷. Quem quiser subir é antes do viaduto, depois do viaduto, quando ele entra no terreno de Fortaleza, ele não para mais pra subir, só pra descer e isso aí tá errado. Agora, nós que vamos no Centro, pra vir, ele traz. Agora, pra gente ir daqui para o Centro... Assim, prejudicou muito nós do bairro Antônio Bezerra, porque muitas vezes de manhã, todo mundo sabe como fica o terminal do Antônio Bezerra, ainda mais porque está em reforma⁴⁸, então, pra nós seria fácil. Às vezes, o ônibus da Vitória ainda era mais barato que o nosso aqui, isso facilitava demais pra nós. Então, isso foi cortado e se hoje eles voltassem a fazer isso desafogaria muito o terminal. Você já viu como tá lá? A reforma do terminal? O homi prometeu até dezembro, eu não levo fé, mas vamos ver (Carolina Rodrigues, dona Carol, entrevista concedida dia 22 de setembro de 2013).

Em geral, o primeiro movimento – o do estranhamento –, certamente por sua dimensão macro, de imposição ditada pela lógica do sistema, atropela o segundo que, apesar da pressão uniformizadora, reinventa-se e resiste mesmo que numa dimensão micro. Nesse duelo, infelizmente, muitos bens imateriais também se perdem pelo esquecimento, como foi o caso

⁴⁷ Dona Carol se refere ao viaduto no limite entre Fortaleza e Caucaia, que serve à travessia de pedestre.

⁴⁸ O Terminal foi inaugurado em 1º de julho de 1992, pelo então prefeito Juracy Magalhães. Em 2009, já na gestão da prefeita Luizianne Lins, iniciaram as obras de reforma e ampliação, que sofreram paralisações. Em março de 2013, as obras foram retomadas e o Terminal foi inaugurado em 18 de setembro de 2014, com quase o dobro do tamanho do original; e já na administração de Roberto Cláudio (PMF, 2014. Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/transporte-publico/novo-terminal-antonio-bezerra-sera-inaugurado-nesta-sexta-feira>>. Último acesso: 25/07/2014).

dos casarões demolidos para a ampliação da Mister Hull. Junto com suas paredes, veio abaixo um trecho da história não só do bairro, mas de Fortaleza.

É pior ainda, quando as alterações e/ou demolições de prédios apontam para a total falta de consideração com uma memória afetiva do lugar. “Como o Colégio José Bezerra de Menezes, o Polivalente, ele [o grupo do Antônio Bezerra] vai ser demolido agora.” Valentim (2015) se refere aos dois colégios públicos cujas salas de aula abrigaram várias gerações de moradores do Antônio Bezerra. Segundo ele, o Polivalente foi reformado para seguir o padrão das escolas profissionalizantes do governo estadual.

Em 2013, Inácio Rocha, comunicador do site BAB, já compartilhava a mesma preocupação de Valentim com relação ao grupo do Antônio Bezerra. “Nós temos a escola mais antiga que é o Grupo do Antônio Bezerra, por sinal, antes de setembro ou outubro ele vai ser totalmente demolido para construir esta nova escola do governo.” (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013). A ameaça ainda não se concretizou, mas os moradores a tomam como certa.

Nas conversas com moradores, percebi diversas vezes que, à sua maneira, eles tentavam explicar o “fenômeno metrópole”, mesmo sem fazer uma elaboração mais aprofundada sobre a questão. Um diálogo que recordo por ter sido bem representativo é o que travei com Valentim.

- E hoje, como é o BAB [bairro Antônio Bezerra]⁴⁹?
- Hoje, ele cresceu. É um bairro ilhado por favelas onde a violência predomina, a droga, o tráfico, vagabundagem, a prostituição, o roubo; ficou complicado. Antigamente, a gente conseguia sentar na calçada, hoje não. A gente não anda mais à noite, antes fazia seresta, reisado, hoje não dá mais.
- Mas algumas pessoas me falam que ainda têm o hábito de ficar na calçada...
- Isso depende do horário e da rua. Por exemplo, a rua Martins Neto, a principal do bairro, tem um tráfego de carro muito grande, então, se colocar uma cadeira aqui vai estar respirando a poluição, o barulho grande dos carros. Outras ruas talvez ainda dê, mas por pouco tempo.
- [em outro momento de nossa conversa]
- Valentim, eu queria que você falasse não como historiador, mas como morador do bairro... Eu queria que você tentasse me contar um pouco da tua infância.
- O bairro Antônio Bezerra era um bairro assim calmo, tranquilo, era o subúrbio de Fortaleza. Eu acho que a maior diversão na minha época era ir à pracinha da igreja. Quando surgiu, talvez, na década de 70, a televisão pública. O Cordeiro Neto⁵⁰ que era o prefeito da época criou as televisões públicas. Então, cada pracinha tinha uma TV lá, preto e branco, e era a atração, funcionava de cinco às nove da noite. [...] E outra atração eram os parques de diversão, era uma festa que a meninada fazia. O parque ficava ali onde é o 10º Distrito... Era um campo bem limpo, aí vinha circo, vinha parque. Era uma diversão, a gente vibrava.
- Você tem ideia de onde se divertem os jovens daqui, hoje em dia?

⁴⁹ Alguns moradores, como Valentim, chamam o bairro Antônio Bezerra de BAB.

⁵⁰ General Manuel Cordeiro Neto foi prefeito de Fortaleza (1959-1963), tendo como vice Aécio de Borba Vasconcelos (ANUÁRIO DE FORTALEZA 2012-2013).

- Ou se vai ao North Shopping, que é o mais próximo, ou você vai à praia, ou vai ao cinema, os estádios pra quem gosta de futebol... O estádio é o do Rio Branco; e a diversão é essa. Você não tem uma praça para ficar com a família, não tem um local de lazer.
- Ainda vem parque?
- Não. Os espaços foram todos ocupados aqui (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Nas falas dos moradores, a cidade é também associada à tecnologia. Quando isso acontece, a tecnologia aparece como a responsável por ter diminuído o hábito de as crianças brincarem nas ruas. “Hoje, estão todos nos artigos da tecnologia, videogames, computador.”, como resumiu Valentim Santos (2015) ao falar sobre o porquê de não se encontrar com frequência crianças brincando na rua em que ele mora (a Martins Neto). Essa foi, também, a justificativa, dada por Inácio Rocha, para o fato de sua filha, ao contrário dele, não ter crescido brincando pelas ruas do Antônio Bezerra.

- Sua filha brincou na rua?
- Não. Ela tem o quê? 15 anos... Ela já nasceu, praticamente, num novo estilo de vida dos jovens, né? Não tendo mais esse contato de estar na rua com os demais e, como eu falei, um novo estilo de vida, que fica restrito somente às pessoas dentro de suas casas, com medo de sair, com medo de ter aquele contato, porque o bairro hoje não é mais como um bairro de 20, 30, 40 anos atrás quando as pessoas tinham a segurança de estarem nas ruas. Então, ela já cresceu, já iniciou sua vida junto com a tecnologia; que não precisava mais ter aquela brincadeira de contato com a rua (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Já entre aqueles naturais de cidades menores, quando perguntados sobre a diferença entre a vida no interior do estado e a vida em Fortaleza, invariavelmente, referiam-se ao ritmo frenético da metrópole, associado à dinâmica da sociedade das mercadorias, como o principal diferencial. Foi, por exemplo, o que ressaltou Jailson Pereira. “Para todas as pessoas, o estilo de vida, a parte econômica é diferente em várias e várias situações... É, realmente, pra quem vem [do interior] como eu, é uma mudança drástica de rotina, de amizade, então, várias e várias situações são bem diferentes.” (entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

Fica evidente, por fim, o conflito entre o crescimento da metrópole, associado aos ditames do capital, e as apropriações e os usos que as pessoas fazem (ou querem fazer) do espaço em que vivem. Um conflito, carregado de matizes que deixam marcas nas ruas, nos muros e calçadas da cidade, que, indistintamente, abrem feridas e forjam cicatrizes naqueles que vivem na metrópole. Fortaleza, metrópole regional, é um cenário e produto dessa dualidade conflitante no qual se adentra no próximo tópico.

5.2 Fortaleza: “entre luzes que lhe escondem”⁵¹

Como todas as cidades grandes, era feita de irregularidade, mudança, avanço, passo desigual, choque de coisas e acontecimentos, e, no meio disso tudo, pontos de silêncio, sem fundo; era feita de caminhos e descaminhos, de um grande pulsar rítmico e do eterno desencontro e dissonância de todos os ritmos, como uma bolha fervente pousada num recipiente feito da substância duradoura das casas, leis, ordens e tradições históricas (MUSIL, 2006, p. 28).

Em 13 de abril de 2015, Fortaleza comemorou 289 anos de sua elevação à categoria de vila, ocorrida em 1726 quando recebeu o nome Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Na época, era um povoado militar, restrito a um pequeno núcleo urbano com minguidas edificações (SILVA, 2009). Mas, a história da capital cearense está marcada pela construção de distintos fortes nas tentativas europeias (portuguesas e holandesas) de colonização do Ceará ainda no século XVII.

O primeiro povoamento data de 1603 quando, no atual bairro da Barra do Ceará, o português Pero Coelho de Souza ergueu o Fortim de São Tiago, sem lograr êxito, visto que em 1605, sua comitiva mudou-se para Pernambuco, capitania à qual pertencia o Ceará. Já em 1612, o também português, Martim Soares Moreno, construiu o Forte de São Sebastião no mesmo local das ruínas do anterior, onde ficou até 1631 (GIRÃO, 1971).

A volta de Soares Moreno para Pernambuco marcou a fase das invasões holandesas. Em 1649 – agora na atual praia do Mucuripe –, a expedição do holandês Matias Beck foi responsável por levantar, nas margens do Rio Pajeú, o Forte *Schoonenborch*. Foi exatamente o núcleo formado por Beck que originou Fortaleza (GIRÃO, 1959). Entretanto, o episódio holandês foi pouco significativo para a evolução urbana da cidade (CASTRO, 1968, *apud* SOUZA, 2009).

Afinal, o desenvolvimento efetivo de Fortaleza foi marcado por uma relação intrínseca com a expansão comercial. “O binômio gado-algodão vai ter em Fortaleza seu grande centro, em termos urbanos, assim como a cana-de-açúcar teve o Crato e a carne-de-sol teve Aracati.” (SILVA, 2009, p. 88). Por sua vez, a evolução do comércio teve forte relação com a implantação de ferrovias, portos e rodovias na região; e no estado como um todo.

Associada aos ciclos da economia, Fortaleza também sofrerá um forte *boom* de crescimento populacional devido às migrações, especialmente, de uma população fugidia das péssimas condições socioeconômicas e naturais do interior do Ceará. Os períodos de estiagem agravavam sobremaneira a situação do campo e anos de secas implacáveis – 1877, 1888, 1900,

⁵¹ Trecho da música Beira-Mar, do cantor Ednardo, álbum Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem - Pessoal do Ceará, 1973.

1915, 1932, 1942, 1952, 1958 e 1970 – foram marcados por grandes migrações de flagelados para a capital (COSTA, 2009; SILVA, 2009 e SOUZA, 2009).

Entretanto, naqueles primeiros séculos (XVII a XIX), a capital continuava a vivenciar um processo de emancipação política cujas fases ora eram diacrônicas ao desenvolvimento econômico e urbano, ora aconteciam em sincronia. Até o final do século XVIII, por exemplo, o desenvolvimento econômico de Fortaleza foi muito lento embora ela já fosse a capital administrativa do estado.

Com pequeno porte e dona de um comércio insipiente na hierarquia cearense, ficava atrás de Aracati, Icó, Sobral, Camocim, Acaraú e Quixeramobim. Cidades que desenvolviam atividades ligadas aos setores industrial, comercial e de prestação de serviços (COSTA, 2009). Já em 1799 – quando ocorreu o desmembramento da capitania pernambucana e o Ceará se tornou independente – Fortaleza intensificou sua participação nas exportações de algodão.

Nas décadas seguintes, o algodão vai ser responsável por incluir o Ceará na Divisão Internacional do Trabalho, especialmente, devido às crises de cultivo desse produto em outras regiões do mundo (SILVA, 2009). A cultura algodoeira também será importante para expansão urbana de Fortaleza que se espraiava em direção ao atual Poço da Draga, à avenida Francisco Sá e Rua Marechal Deodoro. E em 1823, a vila foi finalmente elevada à categoria de cidade, passando a se chamar Fortaleza da Nova Bragança.

Contudo, foi somente na metade do século XIX que a cidade intensificou sua expansão comercial, impulsionada pela expansão da cultura do algodão nas serras e no sertão e pela implantação do sistema ferroviário.

[...] no último quartel do século passado [sec. XIX] é intensificada em Fortaleza uma série de melhorias que tiveram um grande impacto para o seu desenvolvimento urbano. Além da implantação da estrada de ferro, que veio reforçar a função comercial da cidade, foram inaugurados os serviços de iluminação pública, calçamento nas ruas centrais, telefones, telégrafo e cabo submarino. Ainda neste período foram realizados os primeiros projetos de construção do porto. As atividades culturais também são dinamizadas, aparecem vários jornais e fundam-se as primeiras associações culturais e sociais (SOUSA, 2009, p. 76).

Esse período – de 1850 a 1925 – será denominado Fortaleza da *Belle Époque*, em alusão ao termo francês, que se refere ao período de euforia europeia diante dos inventos científicos e tecnológicos que marcaram o final do século XIX e início do século XX (PONTE, 2014). Ainda segundo Ponte (2014), no que tange à Fortaleza, a cidade vivenciava um momento de expansão e no final do século XIX já se tornara o principal centro comercial do Ceará e um dos oito do Brasil.

Sua elite – basicamente formada por comerciantes e profissionais liberais, muitos vindos de outros estados e até de outros países – tratou, então, de modernizar a capital cearense, através de empreendimentos e ações que mesclavam padrões materiais e estéticos das grandes capitais europeias (PONTE, 2014). Entretanto, esses avanços não englobavam toda a cidade, concentrando-se no Centro e naqueles bairros escolhidos pela elite como lugar de moradia e convivência.

Assim, em 1867, Fortaleza já contava com um sistema de canalização de água e uma estrada de ferro que a interligava ao interior do estado, estreitando as relações entre sertão e litoral, o que sem dúvida foi muito importante para a capital. Essa aproximação com o interior vai ser intensificada no período de 1880 a 1926, com a expansão da rede ferroviária que atingirá localidades sertanejas como Baturité, Quixadá, Crato, Sobral e Crateús (SILVA, 2009); e ainda mais, com a ampliação do número de rodovias décadas depois.

Fortaleza “passou a centralizar rapidamente o processo de comercialização, a prestação de serviços e administração do Ceará, enfraquecendo os centros interioranos.” (COSTA, 2009, p. 149). Associado ao desenvolvimento do transporte terrestre, a estruturação do Porto de Fortaleza (a princípio no Poço da Draga e depois no Mucuripe) e a criação de uma linha de navios a vapor ligando a cidade à Europa fortaleceram a condição de exportadora da capital cearense, impulsionando o crescimento da cidade. Já

a partir da década de 1930, Fortaleza acusa um crescimento demográfico elevado que se reflete no aumento de sua área urbana. Contudo, a expansão da cidade a partir do aumento da população, não gerou a ampliação relativa à infraestrutura urbana, tais como calçamento, energia elétrica, água encanada, rede de esgotos, transportes coletivos etc. (SILVA, 2009, p. 93).

Esse crescimento desordenado e de certa forma espontâneo marcará sobremaneira a capital cearense que até hoje sofre problemas urbanísticos, de infraestrutura e de serviços básicos. Data também dessa época a consolidação do “processo de diferenciação espacial e segregação residencial. A distribuição da população no espaço urbano de Fortaleza ficou nitidamente determinada pelo nível de renda.” (COSTA, 2009, p. 153).

Boa parte desse novo ordenamento espacial teve origem nos grandes impactos causados pelas migrações. Apenas no período de 1940 a 1970, o saldo migratório ficou na ordem de 400 mil pessoas (SOUZA, 2009). Como consequência, o “crescimento” de Fortaleza caracterizou-se pelo inchaço da cidade, por uma população pobre, oriunda das regiões secas do estado, analfabeta e sem qualificação profissional.

Tal característica deve-se ao fato de que o aumento populacional e a expansão urbana de Fortaleza estão intimamente vinculados às condições ultrajantes de vida no interior

do Ceará, que resultam da estrutura fundiária baseada em grandes propriedades rurais, associada aos longos períodos de estiagem. Junta-se a isso a falta de dinamismo em outros núcleos urbanos do estado, que não conseguiam atrair e nem manter a população migrante.

Assim, na esperança de dias melhores, centenas de milhares de pessoas passaram a ver Fortaleza como a alternativa de sobrevivência (para muitos, a única). Literalmente, as invasões de miseráveis que Fortaleza sofria – embora barateassem a mão-de-obra na cidade, devido ao excedente de força de trabalho, especialmente para trabalhos braçais, tão típicos da época – causavam transtornos à sua população, principalmente a de classe alta.

Na tentativa de conter esse fluxo intenso, por três vezes (1915, 1932 e 1942), as administrações públicas instalaram campos de concentração na periferia para impedir a chegada dos retirantes (IPLANFOR, 2015). “Bairros, hoje, de alta densidade demográfica, como o Pirambu e outras regiões da periferia, tiveram seus processos de formação diretamente ligados às migrações de camponeses seduzidos pelas promessas da modernidade da maior urbe do Ceará.” (IPLANFOR, 2015, p. 15).

Essa conjuntura implicou, de forma explícita, na paisagem da cidade, que acabou sendo povoada por edificações precárias nas regiões mais afastadas do Centro e pelo processo de favelização, que ocorreu de forma difusa em diversas áreas da cidade. Além disso, a rede de transporte – com foco nas vias férreas e rodovias – facilitou o contato entre as regiões e, por conseguinte, as migrações rurais-urbanas (SOUZA, 2009).

Com as grandes secas e o agravamento da questão agrária, o homem do campo também migrava para Fortaleza. Surgiram as primeiras favelas (Pirambu, Zé Padre e Mucuripe), principalmente a partir da seca de 1932 a população imigrava e alojava-se também na faixa litorânea e nas dunas, áreas desprezadas pela população de mais alta renda. Exploravam a pesca ou trabalhavam na indústria, no comércio ou na prestação de serviços (COSTA, 2009, p. 152).

A ampliação do espaço urbano⁵² de Fortaleza, definitivamente acentuada a partir dos anos 1940, refletiu, ainda, as características de um crescimento concentrado quando comparado não somente às demais cidades cearenses, mas também, às capitais do Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte, estados vizinhos ao Ceará. Hoje, apesar do desenvolvimento de alguns núcleos como o do Cariri e da região de Sobral, Fortaleza ainda permanece como o principal ponto de referência para migrantes, não somente do Ceará mas também de estados vizinhos.

⁵² O crescimento urbano é um processo espacial e demográfico relacionado ao crescimento das cidades como local de concentração populacional. Já a urbanização se refere a um processo social e não espacial, ligado a mudanças comportamentais em decorrência dessa concentração (CLARK, *apud* COSTA, 2008).

Metrópole regional, a cidade carrega o título de quinta maior capital do país, com 2.452.185 habitantes em 2010 (IBGE, 2010) e estimativa populacional que deve ultrapassar a marca de 2,6 mil hab em 2015⁵³. Os dados ainda apontam Fortaleza como a quinta capital que mais cresceu no último século (de 1880-2010), deixando-a atrás apenas de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e Brasília (DF)⁵⁴.

As estatísticas tornam evidente o acelerado crescimento demográfico iniciado já nos anos 1940 e confirmado nos trinta anos seguintes. Fortaleza é também a capital de maior densidade demográfica do Brasil, 7.786,44 hab/km², calculada a partir do último censo realizado em 2010 (IBGE, 2013)⁵⁵. São Paulo ocupa a segunda colocação, com 7.387,69 hab/km².

Contraditoriamente, o rápido crescimento pôde ser “visualizado através da ampliação constante de seu espaço urbano, tanto a periferia, quanto no interior do núcleo, com a ocupação das áreas menos salubres.” (SOUZA, 2009, p. 18)⁵⁶. Ele também trouxe implicações de ordem econômica e social, que exigiram investimentos em infraestrutura e mais oportunidades de emprego. Assim, junto com o significativo aumento populacional – em 1975, era uma cidade com 1,100 mil habitantes (SOUZA, 2009) –, um leque de transformações estruturais ocorreu na cidade, cujos reflexos desembocam nas características atuais de sua estrutura urbana.

Fortaleza exerce, pois, “um papel de contração das principais atividades administrativas, comerciais, industriais, portuárias, sociais e culturais do Estado.” (SOUZA, 2009, p. 21). Ainda segundo esta autora, a cidade, especialmente a partir da metade do século passado para cá, tornou-se uma área residencial atrativa, o que induziu a fixação de uma classe empresarial com capacidade para investir em diferentes setores da economia. Mas, apesar de o fluxo de capitais ser favorável ao crescimento de Fortaleza, a elevada concentração agravou as disparidades da capital para com o interior do estado e acelerou seu processo de urbanização.

⁵³ Para 2014, a estimativa da população de Fortaleza era de 2.571.896 habitantes (IBGE, 2014). Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2014/estimativas_2014_TCU.pdf>. Acesso: 23/04/2015.

⁵⁴ As informações sobre a evolução populacional das capitais do Brasil foram coletadas da série especial de estatísticas do IBGE, que é baseada nos levantamentos Recenseamento do Brasil (1872-1920) e IBGE, Censo Demográfico 1940/2010.

⁵⁵ Vale dizer que no conjunto de cidades brasileiras, Fortaleza é a nona com maior densidade demográfica. À sua frente estão: São João de Meriti-RJ, com 13.024,60 hab/km²; Diadema-SP (12.519,10 hab/km²); Taboão da Serra-SP (12.049,90 hab/km²); Carapicuíba-SP (10.680,10 hab/km²); Osasco-SP (10.411,80 hab/km²); São Caetano do Sul-SP (9.708,79 hab/km²); Olinda-PE (9.068,36 hab/km²); e Nilópolis-RJ (8.117,62 hab/km²) (IBGE, 2010).

⁵⁶ É curioso observar que as ocupações, que deram origem às favelas, não seguiam o que era comum em outras cidades no que se refere à condição do terreno, pois em geral, concentraram-se em áreas sujeitas a inundações, nas dunas ou morros de difícil acesso (SILVA, 2009).

Assim, além do desequilíbrio em termos espaciais, verifica-se, no Ceará, as disparidades entre o processo de crescimento de Fortaleza e das demais cidades. Na realidade, entre as dificuldades da estruturação de uma rede urbana no Ceará destaca-se a superconcentração das atividades econômicas e sociais em Fortaleza, aumentando cada vez mais as disparidades entre a Capital e as demais cidades (SOUZA, 2009, p. 28).

Como consequência, Fortaleza enfrenta, nos dias de hoje, gargalos em alguns serviços, como na rede pública de saúde que recebe um grande contingente de pessoas vindas de outras localidades. Este é o caso do Instituto José Frota (IJF), em que mais de 40% das pessoas atendidas no hospital são de outros municípios (IPLANFOR, 2015). A cidade também concentra a maioria das escolas de níveis médio e técnico e das universidades do Ceará, atraindo um contingente significativo de jovens em busca de formação qualificada.

Esse pessoal que vem do interior para a capital vem no propósito de emprego ou na questão de formação. Na época de 20 anos atrás, não tinha faculdades lá [em Itapajé], né? Essas faculdades particulares que estão surgindo; agora é que tem. Então, a expectativa era de, justamente assim, de procurar formação. Eu fiz formação em pedagogia, com especialização em história. [...] Quando eu vim do interior pra cá, justamente, eu me deparei logo com a informática que foi algo que me fascinou (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro 2015).

Jailson saiu de Itapajé no final dos anos 1990. Com pouco mais de vinte anos de idade, veio com mulher e filho morar no bairro Antônio Bezerra onde se instalou e ficou conhecido pelo curso de informática que criou como fonte de renda. Sua trajetória de migrante assemelha-se a de vários outros jovens que, mesmo com a interiorização das universidades, tanto públicas como particulares, continuam a procurar pelos cursos universitários em Fortaleza.

Seja pela seca ou pela busca por formação especializada, o fato é que as migrações fizeram crescer a população de Fortaleza e este aumento acelerado resultou em uma ocupação do solo desordenada, apesar dos projetos de disciplinamento urbano, elaborados mas quase nunca implantados a contento pelas administrações públicas.

Em 1947, foi elaborado pelo arquiteto Sabóia Ribeiro um novo plano urbano para a cidade que, apesar de aprovado pela Prefeitura, as diretrizes propostas para ele não chegaram a ser implantadas devido à forte interferência do setor privado. [...] Em face desta problemática urbana, a administração Cordeiro Neto procurou elaborar por intermédio de uma equipe coordenada pelo urbanista Hélio Modesto, um plano diretor para Fortaleza, que teve uma característica de plano integrado apresentando proposições não somente urbanísticas, mas também de conotação econômico-social e de racionalização administrativa. Este plano foi aprovado pela lei n. 2128, de 20 de março de 1963. [...] Lamentavelmente, não foram levadas adiante várias proposições de cunho econômico-social, como o incentivo à criação de centros de bairros, que teriam efeito positivo no descongestionamento da área central, além das diretrizes propostas para fazer face ao problema das favelas (SOUZA, 2009, p. 80-81).

As tentativas de ordenamento do espaço continuaram nas décadas seguintes e os anos 1970 vão marcar uma nova fase de desenvolvimento da cidade. Mais precisamente, a partir de 1972, o planejamento urbano de Fortaleza tentou seguir as orientações de uma “análise integrada da cidade no espaço regional” (SOUZA, 2009, p. 81). Isto é, a problemática da área metropolitana passou a ser considerada e Fortaleza passou a ser analisada a partir de sua função como capital regional.

É nessa época, precisamente em 1973, que foram implantadas as regiões metropolitanas, entre elas, a de Fortaleza – composta pelos municípios de Aquiraz, Pacatuba, Maranguape, Caucaia, Maracanaú, Euzébio e a capital. Criaram-se também órgãos públicos para controle e supervisão das atividades de planejamento físico e socioeconômico da região metropolitana e de Fortaleza (COSTA, 2009). Hoje, a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) possui 15 municípios: Aquiraz, Cascavel, Caucaia, Chorozinho, Euzébio, Fortaleza, Guaiuba, Horizonte, Itaitinga, Maracanaú, Maranguape, Pacajus, Pacatuba, Pindoretama e São Gonçalo do Amarante.

A chamada Grande Fortaleza é a terceira mais populosa do Norte e Nordeste, ficando atrás somente das regiões metropolitanas de Salvador e Recife. São 3.818.380 habitantes, sendo que 67% desse total estão concentrados em Fortaleza, o que representa 29% da população de todo o estado (IPLANFOR, 2015). A RMF “é ainda a oitava maior região metropolitana do Brasil e a 129ª maior área urbana do mundo [...]” (INPLANFOR, 2015, p. 11). Ela serve de referência para mais de 20 milhões de pessoas, alcançando

todo o território do Ceará (com exceção do município de Ipaumirim), a metade oeste do Rio Grande do Norte, a região da fronteira com Pernambuco e praticamente todos os municípios do Piauí e do Maranhão, além de alguns municípios do norte do Tocantins e leste do Pará (IPLANFOR, 2015, p. 11).

Em termos populacionais, o raio de influência da RMF é, portanto, o maior do Norte e Nordeste. “É também a terceira maior região de influência do Brasil, atrás apenas da Grande São Paulo e da Grande Rio de Janeiro.” (IPLANFOR, 2015, p. 12).

Ao observar a atual conjuntura de Fortaleza e a história de sua urbanização, é possível inferir que a cidade foi marcada pelas dualidades próprias do desenvolvimento desigual e combinado, típico da lógica capitalista, que caracterizaram a formação e o desenvolvimento urbano no mundo ocidental, principalmente, a partir do século XX. Além disso, os entraves político-administrativos que a capital cearense vivenciou impactaram de forma negativa na atual configuração da malha da metrópole.

A capital cearense também não fugiu à regra do que acontecia com outras capitais brasileiras desde os anos 1950 quando a política desenvolvimentista do presidente Juscelino Kubitschek⁵⁷ favoreceu a industrialização, direcionando o fluxo migratório para as grandes cidades (COSTA, 2009). Isso resultou, ainda mais, em um acelerado crescimento da população urbana. Concentração que provocou um hiato entre as pequenas e grandes cidades do país. E, apesar da grande extensão territorial do Brasil, a população brasileira vivia (e continua a viver) comprimida nos centros urbanos, onde parte significativa sobrevive sob precárias condições de vida.

Então, na década de 1950, a implantação da indústria automobilística no Brasil exigiu uma reconfiguração espacial das principais cidades do país. Visando à utilização do transporte rodoviário, foram abertas avenidas, construídos estacionamentos, viadutos e autoestradas nas cidades brasileiras, enquanto todo o país era rasgado por rodovias.

O espaço urbano se organizou em função do automóvel, bem a que só têm [tinham] acesso as classes média e alta, que podem [podiam] pagar por este meio de transporte individual. Começaram a surgir os problemas urbanos das cidades modernas – os congestionamentos, os acidentes de trânsito, a poluição sonora e do ar. Gerados a partir da produção de bens para servir a comodidade de alguns, esses problemas afetam a toda população, que sofre suas consequências. É a privatização dos benefícios do transporte individual e a socialização das perdas decorrentes do seu uso (COSTA, 2009, p. 156).

Apesar do investimento na industrialização, Fortaleza não alcançou índices significativos. Naquele período, a cidade apresentou acentuado crescimento populacional que não foi acompanhado por aumento da oferta de empregos e serviços e muito menos por políticas públicas de cunho social. Houve somente algumas medidas paliativas que tentavam integrar as populações de baixa renda. Entre elas, “a execução dos Centros Comunitários e as primeiras tentativas de desfavelamento, através da construção de conjuntos habitacionais.” (SOUZA, 2009, p. 84).

Diante disso, pode-se concluir que o desenvolvimento espacial de Fortaleza interliga-se diretamente ao avanço das relações capitalistas no espaço brasileiro, “embutido no crescimento econômico que se instaurou no país, especialmente a partir da segunda metade do século [XX]. A cidade, lócus da concentração do capital, privilegiada pela presença da indústria vai cada vez mais se contrapor ao campo.” (MOREIRA, 1981, p. 101, *apud* SILVA, 2009, p. 102).

⁵⁷ Juscelino Kubitschek de Oliveira, também conhecido como JK, foi médico, oficial da Polícia Militar mineira e político brasileiro, que ocupou a Presidência da República entre 1956 e 1961 (BELOCH; ABREU, 2001).

E Fortaleza continuou sua expansão – agora no ritmo da especulação imobiliária que ganhou corpo no final dos anos 1960 e acelerou nas duas décadas seguintes. Sua paisagem foi ganhando contornos próprios, muitos dos quais ainda perduram nos dias de hoje. Alastrou-se para o interior, na direção sertão, Centro-Oeste – afastada inclusive da área litorânea, certamente, pela dificuldade em habitar a região das dunas, bem típica da costa de Fortaleza (SILVA, 2009).

Há, porém, outros aspectos que desmotivaram o interesse pelo litoral de Fortaleza que passou muito tempo ocupado apenas por habitantes pobres, indicando uma segregação espacial.

A área próxima do antigo porto [no Poço da Draga] abrigou por muito tempo a ‘Zona de Meretrício’⁵⁸. A presença do porto com suas atividades de carga e descarga, a necessidade de armazéns e trapiches ocasionava constante presença de trabalhadores braçais naquela área. [...] a ocupação das dunas que margeiam o litoral em direção norte/noroeste por favelados foram, sem dúvida, fatores que levaram durante algum tempo ao desinteresse dos fortalezenses pelo litoral, com a finalidade de aí se fixar (SILVA, 2009, p. 130).

Nessa fase, a malha da capital apresentava-se da seguinte maneira: “[...] a Oeste localizaram-se as indústrias e os bairros mais modestos [...] No centro, concentrou-se a atividade comercial [...] enquanto a zona Leste da cidade foi ocupada por uma população de nível de renda mais elevado.” (SOUZA, 2009, p. 38). Essa parcela mais rica se viu atraída pelos bairros da zona Leste da cidade⁵⁹, que naquele tempo se tornavam também os mais bem equipados, numa clara tentativa de se afastar das levas de trabalhadores assalariados, que – para morar perto dos locais de trabalho – concentravam-se na zona Oeste e nas imediações do Centro da cidade.

Como a população trabalhadora era bem mais numerosa do que as de classe média, média-alta e alta, a densidade demográfica para Oeste se tornou bem maior. Apesar disso, ou melhor, por causa disso, a imagem, vendida da cidade pelo turismo e veiculada na mídia ou em campanhas promocionais, era (e ainda é) a da zona Leste. Uma cidade verticalizada, com prédios residenciais luxuosos, equipamentos e serviços refinados, pois será esse o cenário

⁵⁸ Com a criação do novo porto – o do Mucuripe, que começou a ser construído em 1938 e atingiu seu auge na década de 1950 – as atividades comerciais portuárias se transferiram para lá e junto com ela uma série de problemas de ordem ambiental, pois as ações das ondas erodiram praias, derrubando casas e outras construções. A região também se tornou atrativa para indústrias ligadas à exportação que por sua vez, atraiu uma população pobre que construiu favelas nos arredores do porto. A zona do meretrício também se transferiu para o farol do Mucuripe (COSTA, 2009).

⁵⁹ Sem absolutamente nenhuma fiscalização da administração pública, a expansão da cidade em direção à zona Leste causou ainda “novos problemas decorrentes da degradação ambiental gerada por aterros de lagoas e riachos e pelo desmonte de dunas.” (COSTA, 2009, p. 162).

construído na zona Leste, principalmente depois da criação do bairro da Aldeota (e dos adjacentes, como Meireles, Praia de Iracema e Papicu); e da valorização territorial que acompanhou todo o processo de ocupação dessa região.

Enquanto a ocupação e o uso do solo vai acentuando bem a seletividade espacial, ou melhor socioespacial de Fortaleza, o Centro da cidade também vai mudando sua paisagem e função. Ele

cada vez mais se caracteriza como o verdadeiro centro da periferia; suas praças antes voltadas à animação e ao lazer da burguesia em suas horas de ócio, hoje [década de 1970-1980], são convertidas em terminais de transporte coletivo (Praças José de Alencar, Castro Carreira, Lagoinha, Coração de Jesus) ou em mercados informais onde domina o comércio ambulante (Praça do Ferreira, Parque das Crianças e Praça General Tibúrcio). [...] todas estão convertidas em verdadeiros mercados que abastecem a população na periferia distante, principalmente os conjuntos residenciais construídos recentemente⁶⁰ e que não possuem infraestrutura necessária para o atendimento da população residente (SILVA, 2009, p. 114).

O deslocamento das elites do Centro teve como forte incentivadora a implantação de centros comerciais de bairros. A partir da década de 1970, bairros como o Montese e Aldeota se desenvolveram, assumindo-se não somente como áreas residenciais, mas também, como locais concentradores de redes de comércio. Este último – que já se apresentava como a nova preferência de moradia da população de alta renda – vai se caracterizar pela sofisticação e requinte dos estabelecimentos comerciais e de serviços que se fixaram em seu território; sendo o shopping center sua expressão máxima (DANTAS, 2009).

É importante dizer que enquanto a zona Leste se valorizava e se expandia para além da Aldeota, a população pobre, que ocupava algumas dessas áreas, como as dos bairros Varjota e Mucuripe, foi sendo expulsa para regiões mais distantes. A construção de prédios de luxo cada vez mais altos numa evidente verticalização da cidade que se torna expressiva a partir de 1980, a disseminação da rede de serviços básicos e a instalação do sistema bancário e das grandes redes de supermercados e lojas, associadas à valorização territorial, ocasionaram aumento das taxas de impostos. A massa trabalhadora, que morava nessa área, encontrou, então, dificuldades para se manter no lugar.

Esse contingente de trabalhadores – que sofria, ainda, a pressão das grandes construtoras – foi sendo impelido a morar cada vez mais distante dos locais de trabalho. Tal processo de transferência foi fortalecido também “pelo desemprego acentuado, como também

⁶⁰ A criação do BNH (Banco Nacional de Habitação), em 1964, estimulou a construção de conjuntos habitacionais que começaram a alterar a malha de Fortaleza, criando e até recriando focos de concentração demográfica (COSTA, 2009).

pela perda de poder aquisitivo, imposições que obrigam, muitas vezes, moradores antigos desses bairros, a venderem suas casas atraídos pelo novo valor que passa a ter o solo daquele bairro.” (SILVA, 2009, p. 123). Afinal, a Fortaleza dos anos 1980-1990 viveria um cenário nacional de crises econômicas que atingiu fortemente os grandes centros industriais do país.

Bom frisar também que os trabalhadores moradores da zona Oeste também vivenciaram esse processo de exclusão, mesmo que em uma escala menor. Seguindo, pois a lógica da organização socioespacial do sistema das mercadorias,

a massa operária, empregada, subempregada ou desempregada vê-se impedida, por uma questão de renda, de ter acesso à compra de moradias a partir de padrões impostos pelo modelo capitalista de produção da habitação. No caso brasileiro, esse padrão se dá pela ação direta do poder público, através do sistema financeiro de habitação (SILVA, 2009, p. 126-127).

Sob a égide dessa dinâmica, Fortaleza continuou se expandindo, agora de forma multidirecional. A capital cearense seguiu a tendência da maioria das metrópoles: a policentralidade, principalmente, depois dos investimentos em transportes coletivos que passaram a servir como elos entre ruas e bairros distantes da cidade. Nas cidades policêntricas, portanto, uma nova centralidade é instituída, “a partir do momento em que o centro irá manter relações diferenciadas com os novos centros e o restante da estrutura urbana.” (DANTAS, 2009, p. 215).

Apesar da proliferação de centros comerciais de bairro em Fortaleza – mesmo que tardia, afinal ela começou na década de 1970, ou seja, não tem nem 50 anos –, não há entre eles uma homogeneização. Suas estruturas, bem como, o tipo de serviços e lojas ofertado, está intrinsecamente ligado à renda da população que mora e/ou transita pela área em que tais centros foram instalados. Assim, mesmo se afirmando como uma cidade policêntrica, a organização do traçado de Fortaleza denota a estratificação social marcante de sua população.

Mas, apesar da divisão usual em zonas Leste e Oeste, é necessário considerar que há bairros típicos da classe média na zona Oeste, bem como, bairros proletários e favelas⁶¹ na zona Leste da capital (SILVA, 2009). Até hoje ainda é comum encontrar pequenas áreas com casas simples e até mesmo áreas de favela entre os nichos de excelência que Fortaleza foi criando no final do século passado e no começo deste. Também se vivenciam conflitos diante das desocupações forçadas de áreas residenciais, ditadas pela expansão imobiliária especulativa, com aval do poder público e dos setores mais conservadores da cidade.

⁶¹ Para as estatísticas oficiais, é considerada favela a área que possui grande concentração de pobreza, é desprovida de infraestrutura básica e cujos ocupantes não possuem o título de posse da terra (SILVA, 2009).

Outro aspecto a ressaltar foi a mudança legal, de rural para urbana, de grande parte das terras da região metropolitana de Fortaleza, ocorrida principalmente nas décadas 1970-80. Aprovada pelas distintas Câmaras Municipais, essa passagem de rural para urbano era um mecanismo para aumentar a arrecadação de impostos municipais. As áreas passavam a recolher tributos para as cidades às quais pertenciam, deixando de pagar impostos ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), que recolhia a tributação rural.

A partir dessa alteração da legislação [...] surgiram os mais longínquos loteamentos, na maioria das vezes, desprovidos de infraestrutura básica, porém lançados com as mais modernas técnicas promocionais. [...] Noutros, mais próximos da malha de expansão urbana de Fortaleza ou de municípios contidos na região metropolitana, o alargamento dessa malha é representado pela incorporação de loteamentos periféricos, na maioria das vezes clandestinos, ocupados pelos sistemas de autoconstrução. [...] Em loteamentos de melhor padrão, encontram-se chafarizes ali instalados a partir de reivindicações dos moradores, por meio de abaixo-assinados encaminhados à prefeitura. [...] Na faixa contida entre os loteamentos e a malha urbana efetivamente ocupada e dotada de melhores condições infraestruturais, ocorrem mais uma vez os vazios urbanos que constituem as áreas de ‘pousio urbano’, ou seja, espaços que atuam como reserva de valor para a especulação imobiliária (SILVA, 2009, p. 98-99).

Nos dias de hoje, apesar de cada vez mais raros, ainda é possível encontrar terrenos desocupados, destinados à especulação imobiliária, em alguns bairros de Fortaleza, principalmente naqueles localizados no arco da cidade. Em uma caminhada rápida pelo Antônio Bezerra, por exemplo, é fácil encontrar áreas ermas, como as que margeiam o rio Maranguapinho⁶² e a antiga vacaria do bairro. Infelizmente, o que antes eram manchas verdes, hoje, caracterizam-se por um misto de mato, lixo e lama, com parte de sua extensão povoada por ocupações completamente irregulares, feitas por casebres sem a mínima estrutura e em situações insalubres.

Diante de toda a organização socioespacial de Fortaleza, o poder público também exerceu um papel fundamental nesse arranjo. Assumindo para si a construção e o financiamento de conjuntos habitacionais na imediações da cidade, como também, a remoção de famílias inteiras firmou-se como um instrumento de classe e mediador de conflitos. Afinal, procura “atender” a demanda por moradia ao passo que beneficia um emaranhado de negócios entorno da construção civil, que envolve diversos setores da indústria e comércio (SILVA, 2009).

⁶² Fortaleza contém duas grandes bacias hidrográficas: Cocó e Maranguapinho. O terreno, predominantemente plano da cidade e com a presença de pequenos córregos e riachos (como os rios Pajeú e Maceió), facilitou também a formação de lagoas (SILVA, 2009). Infelizmente hoje, a maioria dessas áreas está aterrada ou poluída. No Antônio Bezerra, muitos dos moradores que entrevistei, ao lembrar os anos de infância e adolescência crescidos no bairro, faziam referência ao rio Maranguapinho e à lagoa localizada atrás da indústria de beneficiamento de castanha Cione, como lugares bons para banho e pesca. Todos sem exceção apresentam certo desânimo ao descrever a situação de degradação ambiental desses aquíferos.

Misto de um conjunto de fatores econômicos, políticos e sociais, Fortaleza possui, atualmente, 119 bairros, que ocupam juntos uma área de 314,9 Km², totalmente qualificada como zona urbana (IPLANFOR, 2015). A capital cearense detém também o 9º Produto Interno Bruto (PIB) entre os municípios brasileiros. Mas, o crescimento disperso, desordenado e desacompanhado de investimentos públicos, tanto em infraestrutura como em equipamentos, deram à Fortaleza a vergonhosa colocação de ser a quinta cidade mais desigual do mundo, segundo o relatório das Nações Unidas *State of the World Cities 2010/2011: Bridging the Urban Divide* (IPLANFOR, 2015).

Os dez bairros mais ricos de Fortaleza têm renda pessoal de 26% da cidade. Os 44 bairros de menor renda da capital juntos somam o mesmo percentual obtido pelos bairros ricos. Dessa forma, apenas 7% da população se apropriam de 26% da renda pessoal total da cidade (IPLANFOR, 2015, p. 17-18).

Apesar do evidente abismo socioeconômico entre seus habitantes, de 2000 a 2010, observou-se uma diminuição dessa distância. Segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2000, os mais ricos de Fortaleza representavam 15,25% da população; a classe média 30,4% e a classe baixa 54,4%. Já em 2010, os mais ricos eram 20,1%, a classe média 44,2% e os mais pobres 35,7% dos habitantes.

Em números absolutos, segundo o Ipece (2012), em 2000, 1.145.873 pessoas compunham a classe baixa de Fortaleza, já em 2010, esse número passou para 873.858 pessoas; uma redução de 34,41%. Já o número de pessoas no topo da pirâmide aumentou de 320.743 (em 2000) para 491.920 (em 2010), uma variação de 32%. Houve aumento também na classe média, de 639.699,75 (em 2000), para 1.083.298 pessoas em 2010, representando um aumento de 45,64%.

Diante dos dados apresentados, fica evidente a dinâmica positiva de ascensão social em Fortaleza, uma tendência registrada também nas outras capitais brasileiras (IPLANFOR, 2015). Essa mobilidade social positiva é associada, principalmente, aos programas do governo federal como os de qualificação profissional para estudantes (a citar o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - Pronatec), Bolsa Família (transferência de renda) e as ações do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Resta saber, contudo, se tal dinâmica vai se confirmar na década atual, especialmente diante das crises econômica e política que o país enfrenta.

Importante ressaltar que os parâmetros definidores do que seria classe social, no estudo apresentado pelo Ipece, seguem a definição de classe social, usada pela Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Assim, consideram-se da

Classe Baixa pessoas que vivem em domicílios com renda *per capita* até R\$ 290,00 por mês. A Classe Média sendo composta por quem vive em domicílios com renda *per capita* de R\$ 291,00 e R\$ 1019,00 por mês e a Classe Alta sendo definida pelos que residem em domicílios com renda *per capita* igual ou superior a R\$ 1020,00/mês (IPLANFOR, 2015, p. 89).

Nessa classificação, a Classe Média ainda subdivide-se em alta, média e baixa, sendo esta última formada por aquelas pessoas que possuem renda *per capita* domiciliar entre R\$ 261,00 e R\$ 394,00. Aqueles localizados na Classe Média Baixa estão vulneráveis a irem para a situação de pobreza. Em Fortaleza, 415.019 pessoas estavam nessa situação em 2010, um grande contingente segundo o Ipece (2012). Grandes bolsões de pobreza continuam, portanto, espalhados pela malha de Fortaleza, inclusive em áreas de risco e de proteção ambiental.

Centenas de favelas e assentamentos precários convivem, de forma nada harmônica, com áreas de excelência. Como chagas abertas no tecido urbano social da cidade, esses aglomerados de miséria acabam por registrar também índices altos de violência. São, por fim, o retrato do descaso, pintado anos a fio por administrações públicas que nunca priorizaram políticas sérias de inclusão social.

Diante do panorama aqui exposto, é possível dizer que a elevada desigualdade espacial de renda, em Fortaleza, é notória e está expressa nos 119 bairros da capital. Visto que a escolha pelo local de moradia tem ligação estreita com o poder aquisitivo do indivíduo ou de sua família. Essa diferença gritante – que resulta em zonas de tensões interbairros e também entre bairros – obriga os moradores a construírem seus trajetos, bem como seus pedaços, tornando cada bairro um verdadeiro mosaico social. O bairro Antônio Bezerra, localizado no distrito de mesmo nome, não fugiu à regra.

5.3 Antônio Bezerra: para além do barro vermelho

“[...] mas ali perto tudo era desalinhado, despido, isolado e corroído como nos arredores de uma cidade grande [...]” (MUSIL, 2006, p. 67). Era assim que, nos anos 1920, Ulrich, o homem sem qualidades de Musil, relacionava o subúrbio a lugares inóspitos, distantes e onde era difícil viver. Havia de certo uma boa razão para esse comparativo. A maioria das cidades no começo do século passado eram mononucleadas, mantinham apenas um centro que concentrava a vida urbana, das atividades comerciais as de lazer, do local de trabalho ao de moradia.

Este cenário só mudaria a partir da segunda metade do século XX quando as cidades passam a ser policêntricas e “os subúrbios de classe média e os condomínios e bairros da classe alta tornam-se os núcleos de uma nova urbanidade descentralizada.” (PRYSTHON; CUNHA, 2008, p. 11). Apesar do multidirecionamento, até hoje, a periferia é sinônimo de desolação, de lugar distante, marcado pela precariedade na condição de vida. Tal referência justifica-se, em parte, pela maneira como o status de periferia foi cunhado.

No Brasil, não seria diferente. Aqui, o termo – em substituição a expressões mais antigas como subúrbio – encontrou respaldo no final dos anos 1970 quando se tornaram comuns as reivindicações por melhorias, protagonizadas por moradores da periferia junto ao poder público.

Em outras palavras, foi em um processo político que uma fatia do espaço urbano, qualificada por aquilo que não tinha, passou a ser conhecida como “periferia”; ao mesmo tempo, os protagonistas desse processo passaram a ser identificados por sua posição na geografia da cidade: são os “moradores da periferia” (CALDEIRA, 1984, p. 8) [grifos no original].

Se as péssimas condições da vida na periferia despertaram mobilizações populares, estas, por sua vez, alardearam a forma degradante de como se vivia grande parcela da população nas cidades grandes. A palavra periferia passou, então, a designar “os limites, as franjas da cidade”, apontando “para aquilo que é precário, carente, desprivilegiado em termos de serviços públicos e infra-estrutura urbana.” (CALDEIRA, 1984, p. 7).

Mas, o grito dado por seus moradores pressionou o poder público a direcionar obras de urbanização para aqueles locais. Reuniram-se a isso as mudanças no desenvolvimento urbano do final do século passado e começo deste, que descentralizou os polos comerciais, ampliando a rede de serviços básicos e secundários pela malha urbana.

Concomitante às reivindicações dos anos 1970, o debate político provocado pelas mobilizações tornou a periferia objeto de interesse acadêmico (CALDEIRA, 1984). Um paradoxo se formava: embora o termo sinalizasse para a precariedade, ausência, desolação, havia nele certa positividade pela associação à resistência. Pois se o lugar era inóspito, seus habitantes, ao contrário, eram resilientes, emergiam do anonimato em resposta às adversidades que enfrentavam. Assim, ao ultrapassar suas fronteiras, a periferia chamou atenção de outros sujeitos da cidade, seja pela curiosidade ou pelo incômodo que passou a causar.

Mas, como todo espaço, o lugar da periferia não é somente geográfico, visto ser constituído pelas práticas socioculturais, tão marcadas pelos abismos das estratificações socioeconômicas. São essas práticas que “dão significados ou ressignificam os espaços, através

de uma lógica que opera com muitos eixos de significação” (MAGNANI, 2008, p. 39). E, ao mesmo tempo em que tais práticas sofrem ingerência dos espaços, ambos relativizam-se.

Pode-se, então, dizer que a periferia – sinônimo de distância, pobreza e de lugar impróprio à vida – cresce em tamanho aos olhos daqueles com farta condição econômica; e se desloca de acordo com o lugar em que se vive. Por conseguinte, a distância que a separa de outros espaços da cidade já não se mede apenas pela quilometragem. Tantas vezes, o distanciamento se dá pelas distinções entre cotidianos.

Afinal, cada cidadão, em grupo ou individualmente, delinea os espaços urbanos em suas idas e vindas, e, principalmente, na apropriação que ele faz da cidade. Os trajetos que elege a cada deslocamento interligam-se aos seus hábitos, talhados no cotidiano cuja relação com as condições econômicas é inegável. E parafraseando Richard Bach (1990), é possível dizer que “longe é um lugar que não existe”, porque distâncias são mais feitas sob a medida das relações sociais do que por unidades métricas.

Os trajetos, que interligam pontos distintos da cidade, evidenciam as porosidades das fronteiras, erguidas para reluzir as diferenças. E aqueles que convivem na cidade elaboram mapas extraoficiais do espaço urbano, que se apresenta carregado de simbolismos. Nesse sentido, morar em um bairro distante não significa necessariamente que se é um morador de periferia, ainda mais se tomarmos como exemplo a cidade de Fortaleza que, nas últimas décadas, vem criando nichos de excelência em seus arredores.

Além disso, em Fortaleza, “os contrastes entre moradia e de rendimento dentro de um mesmo bairro revelam que a relação centro-periferia ocorre em diversas escalas de compreensão.” (BENTO, 2011, p. 10). Já não é tão significativa, portanto, a localização espacial no ato de definir onde está a periferia. Mas, apesar desse deslocamento, a capital cearense concentra nas proximidades do bairro Centro, partindo em direção à zona leste, as melhores condições de provimento de serviços básicos.

“Fora dessa concentração mais expressiva, encontram-se algumas ‘manchas’ isoladas, principalmente em localizações correspondentes a conjuntos habitacionais.” (BENTO, 2011, p. 2) e, na configuração espacial de Fortaleza, os bairros mais distantes continuam caracterizados pela incidência maior da pobreza. Mas, diante do espaço que se desloca também por sua rede simbólica, nos dias atuais, esvaziou-se o sentido do termo periferia, que significa muita coisa ao passo que não explica quase nada.

Se foi ainda o uso excessivo da palavra ou o esfriamento de suas mobilizações, a dura constatação é de que a periferia parece cada vez mais difusa. Muito embora, a ideia de lugar longínquo, de precárias condições de vida, ainda seja sua marca, acompanhada da

criminalidade e da violência como novas características nela embutidas. A dispersão referencial de onde estaria a periferia desloca o espaço periférico a quase um estado de abstração, contrariando as evidências da concretude da vida.

A periferia negada se torna um empecilho para possíveis (e necessárias) mobilizações e para projetos mais coletivos em prol dessa parte da cidade ainda tão carente economicamente. A relativização sofrida pelo espaço urbano e a carga negativa atrelada ao nome periferia me fazem supor que vem daí a indecisão da maioria dos moradores do Antônio Bezerra, que entrevistei, em afirmar que moram na periferia.

Essa imprecisão, contudo, não contraria por completo as evidências materiais, pois se o Antônio Bezerra foi em certa época um bairro periférico, atualmente, com a expansão de Fortaleza, seus moradores se veem cercados por novos bairros que surgiram dos arranjos feitos pelas camadas mais pobres da cidade na tentativa de sobreviver na grande metrópole. “Hoje, nós temos já uma área urbana, ele [o bairro] já foi periferia, agora é uma área urbana. Antigamente, era subúrbio... A periferia já é mais Bom Sucesso, Bom Jardim.” (Valentim Santos, entrevista concedida em 13 de janeiro de 2015).

Ao falar que antes era periferia, subúrbio, Valentim se refere a uma época em que o Antônio Bezerra e suas imediações compunham um grande distrito denominado Barro Vermelho. O ano era 1933 e a divisão administrativa de Fortaleza apresentava a cidade com sete distritos: Fortaleza, Alto da Balança, Messejana, Mondubim, Porangaba (hoje, Parangaba), Pajuçara e Barro Vermelho (PMF, 2010).

Naquele período, a região era marcada pela falta de serviços públicos e pela quase inexistência de edificações e equipamentos. Essa situação perdurou nas décadas seguintes, pois foi somente nos anos 1970 que a distribuição dos serviços públicos e a melhoria da infraestrutura chegaram, de forma mais intensa, à zona Oeste, mais precisamente ao distrito Antônio Bezerra.

- No Antônio Bezerra, não tinha nada, era tudo barro vermelho, tudo casa velha, árvore era uma aqui e outra acolá. Era só barro velho, no chão vermelho. Nem carroça passava por aqui. Eu fui a primeira que estudou no Patronato... Morava lá no Presidente Kenedy que era o Cachoeira. Aí vinha por dentro do mato. De lá, saía nas bananeiras. Aí tinha uma bodega atrás da igreja, que sai no Presidente pracolá. Assim nós ia para a escola...
- Vocês andavam a pé?
- E mais de que era? Só via grilo no caminho e cruz (Margarida Terto, dona Margarida, entrevista concedida dia 18 de dezembro de 2013).

Foi assim que dona Margarida me descreveu sua adolescência no final dos anos 1930 e meados da década de 1940 quando ainda era solteira e depois que casou aos 15 anos. Ao recordar a dureza daqueles anos, minha interlocutora parece não guardar nenhuma nostalgia

romântica, sendo sempre bem enfática ao dizer que a urbanização melhorou o lugar em que vivia.

Aí começaram ajeitando, ajeitando... Não tinha transporte, aí depois foi chegando o ônibus. Mas primeiro, quem levava a gente era o caminhão do pessoal ali, da Dona Zuíla, que morreu agora, que era a mulher do Carioca, como a gente chama. Era ele que levava para Caucaia e para todo canto (Margarida Terto, dona Margarida, entrevista concedida dia 18 de dezembro de 2013).

As recordações de dona Margarida reforçam as táticas de sobrevivência que os moradores do antigo Barro Vermelho encontravam para burlar a ausência do poder público e de investimentos sociais. Quem também recorda essa época é Edmar Mendes, o Didi do Frifor que chegou ao bairro em 1940.

Eu morei, quando era Barro Vermelho, na Mister Hull, mas não tinha esse nome, era só estrada mesmo carroçal. Depois fui morar na rua da Estação, que era perto da minha casa, mas tiveram que demolir e abrir a avenida; e depois vim morar aqui na Hugo Vitor, tem uns 11 anos. [...] Eu trabalhava como o chefe das tripas lá do Frifor. Ajudava com as tripas, o povo ia fazer aniversário aí dizia “Didi arruma umas paneladas aí pra nós”, aí eu trazia. Trazia a banha de porco, naquele tempo não era óleo, era banha, aí eu fazia os vidros e trazia pro povo (Edmar Mendes Filho, o Didi do Frifor, entrevista concedida dia 18 de dezembro de 2013).

Diante das adversidades, os moradores criavam, por exemplo, laços de solidariedade, criando e fortalecendo vínculos forjados pela convivência cotidiana. “Nesse negócio de levar pra hospital, no meu carro, morreu gente, nasceu gente... Eu sempre ajudando, 24 horas, não tinha hora pra gente trabalhar.” (Edmar Mendes Filho, o Didi do Frifor, entrevista concedida dia 18 de dezembro de 2013). Não é de causar espanto que esses vínculos – mantidos até hoje pelas gerações de famílias fixadas no mesmo lugar – fortaleçam um sentimento de pertença entre os moradores do Antônio Bezerra.

Apesar dos relatos que recordam a precariedade do lugar, o distrito Barro Vermelho, já no começo do século passado, dava sinais de que a urbanização se avizinhava, mesmo que lentamente. A Estação Ferroviária do Barro Vermelho (atualmente, Estação Ferroviária de Antônio Bezerra) havia sido construída em 1917 e interligava o distrito ao Centro de Fortaleza e ao município de Caucaia⁶³.

Além da ferrovia, destacava-se a capela do Antônio Bezerra, chamada Jesus, Maria e José – construída entre 1915 e 1918 e elevada à Paróquia em 1946. Além do Esquadrão da Cavalaria e Agrupamento da Escola General Edgar Facó, instituição responsável pela formação

⁶³ As referências históricas sobre o bairro foram coletadas, através das entrevistas com os moradores locais; da seção *Histórico* e da coluna, escritas pelo historiador, Valentim Santos, no site BAB; e da monografia de graduação em Ciências Sociais de outro morador do bairro, Léo Davi Terto Facundo (2012).

de oficiais da Polícia Militar, e do time de futebol Rio Branco Esporte Clube, ambos fundados em 1925. Em boa parte desse período, a região ainda era um distrito da comarca da Parangaba (na época, Porangaba), porque só foi anexada ao município de Fortaleza com a lei nº 1913, de 31 de outubro de 1921.

Por volta dos anos 1930, o antigo Barro Vermelho foi ganhando monumentos e serviços que se tornaram marcos históricos na formação inicial do distrito e, posteriormente, do bairro. Em 1932, veio o serviço de agência postal e telegráfico. Em 1935, a construção do Cemitério Público do Antônio Bezerra, inaugurado um ano depois com o nome oficial de Cemitério Santo Antônio. Em 1937, chegou a rede elétrica. Em 1942, foi implantada a primeira instituição particular de ensino do bairro, a Escola Apostólica São Vicente de Paulo (hoje, Faculdade Ateneu); e em 1948, a primeira pública, a Escola de Ensino Fundamental e Médio Antônio Bezerra (o grupo Antônio Bezerra). Já em 1955, começou a funcionar a feira livre do Antônio Bezerra na rua Dr. Vale Costa.

Em 28 de junho de 1937, a Lei Municipal nº 79 modificaria o nome do distrito de Barro Vermelho para Antônio Bezerra, numa homenagem a um dos mais ilustres moradores do bairro, o historiador Antônio Bezerra de Menezes⁶⁴, que também dá nome a uma importante avenida de Fortaleza⁶⁵ e a vários equipamentos do bairro. Interessante observar que a mudança do nome não foi incorporada de imediato por quem habitava o lugar. Na seção *Histórico* do site BAB, Valentim Santos conta que

o distrito de Antônio Bezerra foi criado em 1937, mas era conhecido como Barro Vermelho até depois de 1965, quando o regime militar, que governou o país com a revolução de 1964, achou estranho esse nome que era associado a um bairro de operários comunistas existente em São Petersburgo, na extinta União Soviética, então passou a ser chamado oficialmente como Distrito de Antônio Bezerra⁶⁶.

⁶⁴ “Pra mim é um dos personagens mais importantes da literatura, do jornalismo, da poesia, do abolicionismo. Antônio Bezerra fundou vários jornais. Fundou um jornal literário quando ele morava no Amazonas; a Pátria, que só noticiava coisas do Ceará. Fundou a revista da Academia Cearense de Letras e a revista do Instituto Ceará, além do jornal O Libertador, um jornal que foi símbolo na literatura abolicionista daquela época, foi o primeiro jornal assim de esquerda; uma afronta ao sistema escravocrata [...] o Antônio Bezerra foi muito importante para todos os movimentos literários daquela época; a fundação da Academia Cearense de Letras que foi a primeira do Brasil, o Instituto Histórico Antropológico, a Academia Cearense de Ciências. Participou da segunda etapa da Padaria Espiritual. Fortaleza naquela época era considerada a capital francesa do Brasil [...] e a Padaria Espiritual foi o inverso, com a valorização da cultura brasileira, da língua portuguesa. [...] O Antônio Bezerra era Carnaúba, outro era Jandaia, outro era Caju. Cada um tinha um nome característico que era pra representar o nacionalismo daquela época [...]. O Pão foi um jornal criado pelo Antônio Bezerra [...]” (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

⁶⁵ A avenida Bezerra de Menezes dá continuidade à avenida Mister Hull.

⁶⁶ VALENTIM, Santos. A Origem do Barro Vermelho. In.: **BAB**, seção Histórico, s/a. Disponível em: <http://www.bairroantoniobezerra.com.br/BAB/modules/mastop_publish/?tac=Hist%F3rico>. Último acesso: 25/07/2015.

Apesar da associação feita pelos militares, o nome Barro Vermelho tinha ligação era com os aspectos geológicos do lugar, que ficavam evidentes devido à ausência do asfalto. “[...] antigamente, nós tínhamos muito barro vermelho, aquele fino. As ruas eram vermelhas, era tudo vermelho. Se cavasse aqui, em meio metro, você acharia barro, então, era tudo vermelho.” (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015). Mas, nos anos da ditadura era difícil contrariar os militares.

O padre Pedro me falou uma vez, eu tenho até gravado, que chegou um general e chamou o padre para reunirem na missa e pedir as pessoas para colocar o nome do BAB. Então, houve um movimento nas igrejas e nas escolas para que passassem a se chamar Bairro Antônio Bezerra... Naquela época, tinha que aderir e os militares foram inteligentes, foram logo nos padres! [...] Era o padre Pedro, padre João que já faleceu também, que era lá dos Maristas. Porque aqui tinha o seminário dos Maristas, então, o padre e o delegado eram figuras principais aqui do bairro. E aí as pessoas começaram a aderir ao BAB (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Junto com o medo da repressão militar e a influência da igreja católica, a pavimentação – que chegou no final da década de 1960 e se firmou com o alargamento da avenida Mister Hull em 1976 – afastou da memória recente a imagem de barro vermelho. Hoje, com exceção dos mais antigos e daqueles que estudam a história do bairro, os moradores não lembram o antigo nome e se referem ao bairro somente por Antônio Bezerra.

Em 1º de julho de 1960, Fortaleza ganhou sua divisão territorial atual, composta por cinco distritos: Fortaleza, Antônio Bezerra, Messejana, Mondubim e Parangaba (PMF, 2010). Os anos 1960 presenciaram, então, o Antônio Bezerra se tornar uma das unidades do sistema de subprefeituras de Fortaleza, redimensionar seu território e melhorar a qualidade dos serviços de transporte público e infraestrutura (LOPES, 2005).

Era só mesmo o barro vermelho. Mas, na época que tava construindo a avenida [1975-1976], tinha o Aduino Bezerra, que foi vereador, deputado, ele era o líder mesmo do bairro Antônio Bezerra. Nessas ruas, não era calçamento e ele que conseguiu o calçamento pra cá. A rua [Salgado Filho] era uma vala, aí depois veio o calçamento, depois o asfalto. Os ônibus não paravam aqui, não rodavam no bairro... Era só até ali onde é a delegacia [Rua Hugo Vitor]. Aí o ônibus parava ali e quem viesse pra cá, vinha de pés (Carolina Rodrigues, a dona Carol, entrevista concedida dia 22 de setembro de 2013).

Embora fosse (e ainda seja) habitual a interferência de políticos para a instalação de equipamentos e serviços públicos especialmente nos bairros mais pobres de Fortaleza – utilizando tais benefícios para barganhar votos – as melhorias que se sucediam no Antônio Bezerra faziam parte de um planejamento maior de expansão urbana do município.

Nas falas de dona Carol (2015), ficou muito explícito que, para ela, a urbanização do bairro – que ela recorda ter vivenciado por volta de 1976 quando o sogro morava na casa em que, hoje, moram ela e os quatro filhos – trouxe mais benefícios do que problemas.

Eu vejo como progresso, melhorou o bairro, veio a urbanização, veio ali a delegacia. O ônibus já circulou, então, eu vejo como uma melhoria. Por exemplo, aqui, a rua [Salgado Filho] era uma vala, veio o calçamento e melhorou, aí veio o asfalto e melhorou mais ainda. Então... é certo que hoje acabou essa história de criança brincar no meio da rua. Eles brincavam na rua antes, mas eu ficava na calçada pastorando eles. Hoje, eu sou chata, não gosto de menino batendo bola no meu portão, porque quando eram os meus filhos eu não deixava (Carolina Rodrigues, a dona Carol, entrevista concedida dia 22 de setembro de 2013).

Mas, em meio a tantas ruas e prédios, a chácara Salubre resiste ao tempo e carrega o título de construção mais antiga do bairro, erguida em 1802. Quem passa ao largo não consegue enxergar de imediato a casa, que é cercada por várias árvores, protegidas por muros grossos e grades. Um pequeno portão de ferro serve de entrada aos 400 metros quadrados que parecem estáticos, recortados no tempo e espaço. E, a não ser pelas pichações e propagandas pintadas no muro, quase nada naquele lugar lembra os anos de agora (figura 3).

Figura 3 – Entrada da Chácara Salubre



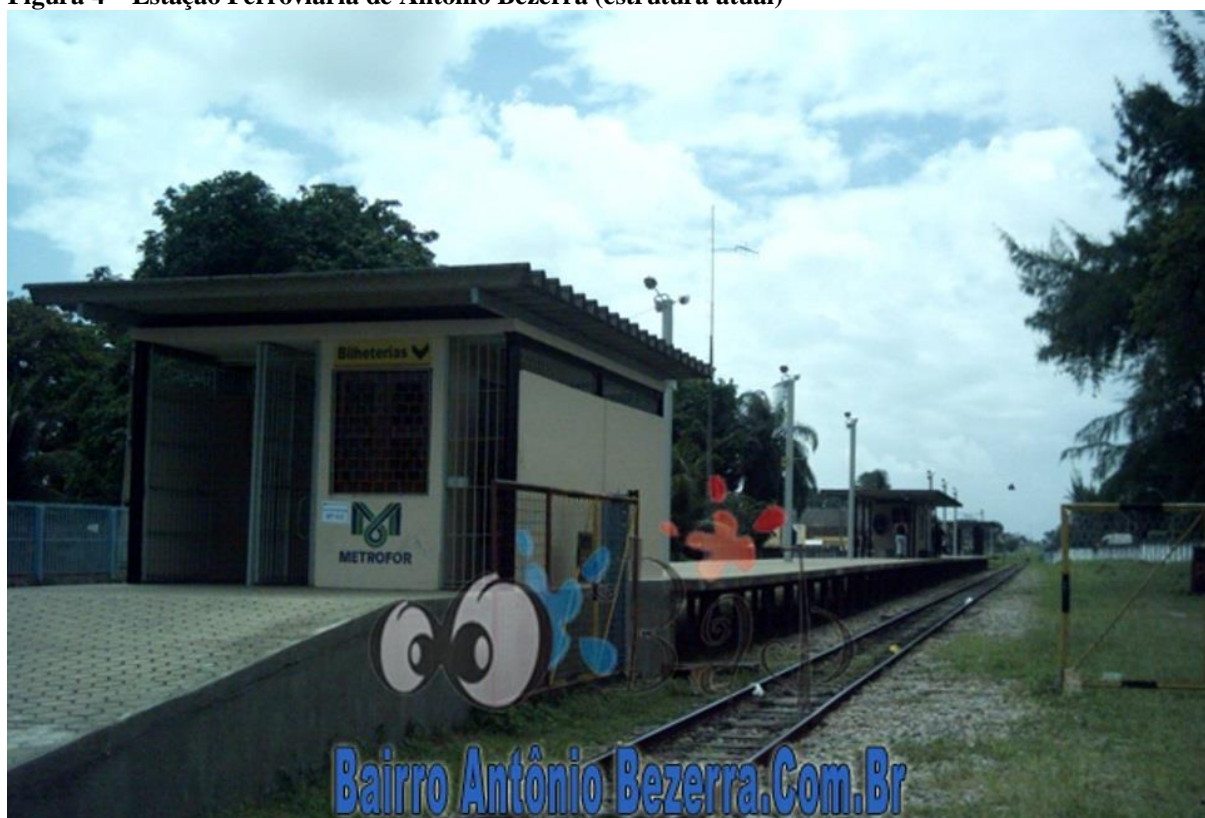
Fonte: Site BAB, 2015.

O Antônio Bezerra era um local que existia muitas chácaras e sítios e a Salubre foi uma das que existia e foi preservada até hoje. Ela tem 215 anos, foi praticamente construída em 1800. Então, ela tornou-se um marco de referência na arquitetura da

época colonial [...] ia até a Sargento Hermínio, mas a Dona Juraci⁶⁷ foi cedendo espaço para as pessoas morarem e hoje ela se resume a um pequeno espaço ali. Ela fica localizada antes do supermercado Hiper em frente à fábrica de ônibus. Ela tem uns cajueiros muito grandes e você não consegue ver o prédio arquitetônico, ela tem umas paredes talvez de 90 centímetros [...] dona Juraci ainda conserva a mobília antiga, só que a família não gosta que as pessoas visitem (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Outras construções também fizeram história, mas não tiveram o mesmo destino que a chácara Salubre e foram demolidas tão logo as necessidades de expansão do bairro e da cidade forçaram. Foi o caso do prédio da Estação Ferroviária de Antônio Bezerra (como passou a ser chamada a Estação Barro Vermelho em 1940).

Figura 4 – Estação Ferroviária de Antônio Bezerra (estrutura atual)



Fonte: Site BAB, 2015.

Historicamente, nós temos a Chácara Salubre que está preservada do mesmo jeito, nós tínhamos a estação ferroviária que agora vai completar 100 anos, mas foi demolida. [...] Em 1981, já quando a RFFESA⁶⁸ assumiu, ela desenvolveu um projeto de

⁶⁷ Juraci da Silva Gomes, 95 anos, é professora aposentada e uma das moradoras mais antigas do Antônio Bezerra. Ela ainda mora na chácara Salubre, que possui cerca de 30 herdeiros, conforme conta Valentim Santos que produziu um documentário sobre o lugar (entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

⁶⁸ RFFESA (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima) era uma empresa estatal responsável por quase todas as linhas férreas do país. No Ceará, ela foi responsável pelo transporte ferroviário de 1975 a 1997, sendo substituída, naquele ano, pela Metrofor (Companhia Cearense de Transportes Metropolitanos), que permanece até hoje. Antes, de 1917 a 1997, o transporte férreo cearense ficava a cargo da Rede de Viação Cearense (RVC).

reformular todas as estações urbanas (Parangaba, Mucuripe, Antônio Bezerra). E aqui foi demolido, do Mucuripe, do Otávio Bonfim, mas a de Parangaba não, porque houve o movimento lá, de artistas, intelectuais e historiadores que conseguiram, depois de muita luta, preservar a Estação Ferroviária de Parangaba. [a Estação Ferroviária de Antônio Bezerra] é um trem metropolitano, é um meio de transporte que a população pode usar tanto para Caucaia, como para o Centro (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Inaugurada em 1917, a Estação de Antônio Bezerra serve, hoje, aos trens metropolitanos. As mudanças estruturais que a estação sofreu, embora a mantenham em funcionamento, tirou dela um aspecto importante na relação com o bairro.

Quando eu era pequeno sempre ia ao Centro de trem. Era uma estação pequenina em formato igual a uma pirâmide, e quando o trem chegava, era uma festa, o apito de trem... Nossa! Era uma festa, primeiro, porque as pessoas que moravam ali, os garotos, iam vender picolé, batata, um comércio. E, hoje, a estação tá gradeada, você só tem acesso se pagar. Tá tudo modificado, aquela estação de antes devia ter sido preservada. Foi a terceira estação ferroviária que foi construída no Ceará. Hoje, por incrível que pareça, só existe... De 1837 a 1943, foram construídas 109 estações no interior cearense e hoje, só existe cinco no interior e quatro na área de Fortaleza (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Mas, alguns hábitos dos moradores também se perpetuam em um diálogo entre o moderno e o tradicional. A compra fiado na mercearia é rara, mas ainda acontece, pelo menos, na bodega do Seu Cordeiro (na rua Martins Neto), que tem um caderno para anotar as dívidas dos vizinhos, isso quando anota, porque com os mais chegados, ele guarda a conta “na cabeça”. Resquícios de uma ligação bem próxima entre mercado e sociabilidade quando lojas, mercearias e outros estabelecimentos comerciais serviam de pontos de encontro.

[...] é um articulador político, é um ponto de encontro que as pessoas vão. Independente de qual é o seu partido, elas vão se encontrar lá pra debater sobre política, é no Seu Cordeiro, ele tem uma mercearia. Se você quer falar de política, é só chegar lá. Fica na Martins Neto, por trás, do lado do shopping João Pinheiro. [...] Esse senhor que eu te falei, o Seu Cordeiro, ele tem uma cadernetinha. Lá, no Antônio Bezerra, tem algumas pessoas que vendem fiado, principalmente para aquelas pessoas que são conhecidas ali no local mesmo. Não entendo como faz isso, mas ele tem lá uma cadernetinha (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 25 de outubro de 2013).

Agora, a feira livre da rua Dr. Vale Costa – que acontece aos domingos e existe há 60 anos –, é um dos principais sinais de que, apesar da eclosão da metrópole Fortaleza, o bairro Antônio Bezerra mantém referências ao passado (figura 5).

No Antônio Bezerra, boa parte das compras são feitas aos domingos, na tradicional feira livre, esse espaço comercial aproxima as pessoas, entretanto não se oferecem apenas alimentos e produtos. A feira representa um espaço de sociabilidade dos moradores, ou seja, um momento de lazer. Vai-se à feira por diversos motivos: comprar frutas e verduras, reencontrar os conhecidos para “bater um papo”, colar o solado de uma sandália, fazer campanha eleitoral ou até tomar uma dose de cachaça com um “espetinho de tripa de porco”. Na feira do bairro, negociam-se roupas, calçados, eletrodomésticos, bicicletas até galos de briga. Dessa forma, entendemos

que a feira constitui-se em uma rede de significados e de troca de informações sobre aqueles que residem no bairro, dessa forma, aproximando afetivamente os moradores e conservando o sentimento de pertencer ao local, de reconhecer e ser reconhecido por aqueles que lá residem (FACUNDO, 2012, p. 43-44).

Figura 5 – Feira da rua Dr. Vale Costa



Fonte: Klycia Fontenele (09/08/2015).

Adaptando-se às mudanças dos anos, é fato que a feira sofreu alterações – “antigamente ela começava sábado à tarde e continuava durante todo o domingo, hoje, é restrita aos domingos até 3 da tarde.” (Inácio Rocha, entrevista concedida em 25 de outubro de 2013). Mas, essas transformações não a mudaram por completo e, de certo modo, até contribuem para que ela resista como um ambiente de convivência do bairro.

A feira livre é um ponto de encontro das pessoas na atividade, dos mais velhos e dessa nova geração. Eu considero a feira como um shopping dos pobres. Ali, todo mundo vai comprar alguma coisa, dia de domingo é sagrado. E lá, todo mundo é alegre, é feliz, você conversa com as pessoas, sorri, compra alguma coisa e ainda sobra dinheiro. Eu acho que uma grande parcela da população do Antônio Bezerra frequenta a feira, tanto é que ela cresceu. Ela já passa do BAB e entra no Henrique Jorge, vai nessa rua [Dr. Vale Costa] e já passa na Rua Manaus descendo, a feira mais longa de Fortaleza... É na Vale Costa, aí no final tem uma lagoa, tem um rio aliás, tem uma ponte e depois dela, a feira já segue em uma reta que já não é o BAB, é Henrique Jorge. Mas as pessoas sempre vão. E você encontra de tudo, alegria, compra roupas, calçados, de tudo, TV, remédio, coloral, óleo em granel. Só não tem umas barracas que antigamente vendiam arroz, feijão, café, farinha; hoje não tem mais. Mas a parte de frutas, verduras, carne é a mesma (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

O crescimento do Antônio Bezerra e imediações, porém, foi marcado pela contradição. O desenvolvimento do comércio e de serviços básicos e de infraestrutura, contrapondo-se ao surgimento de localidades sob condições de extrema pobreza.

No que tange às proximidades do bairro, na direção norte do Antônio Bezerra, surgiram novos bairros, como Quintino Cunha, Jardim Guanabara e Vila Velha, junto ao nascimento desses bairros formaram-se diversos Conjuntos Habitacionais – Cidade Oeste, São Francisco, Bancários, Boatam, Nova Assunção e outros – e acentuou-se o processo de favelização nessa região – Sossego, Mangueiral, Inferninho, Malvina e outros. Na direção sul do Antônio Bezerra, nasceu o bairro Autran Nunes e, imbricado a isso, formaram-se as favelas do “Pau da Veia” e do Alto do Bode. [...] o bairro e suas imediações, reverberando características das grandes cidades brasileiras, constituem-se em um espaço de profundas desigualdades. Da mesma forma que nesse espaço encontramos grandes redes de serviços, casarões, ruas largas e arborizadas, serviço de segurança particular etc., também é possível encontrarmos favelas e travessas apinhadas por casebres feitos sem o devido planejamento, ruas cortadas por canais e sem nenhum tipo de saneamento básico, assim como espaços hostis com altos índices de violência (FACUNDO, 2012, p. 37-38).

Com 2,338 km² onde hoje convivem 25.846 habitantes (IBGE, 2010, *apud* IPECE, 2012), o Antônio Bezerra é um bairro pequeno se comparado ao território de outrora, representando apenas 1,1% da população de Fortaleza.

Antigamente, quando tinha o Distrito de Antônio Bezerra, pegava o Autran Nunes, Pio Saraiva, Parque Rio Branco... Aí depois, com a reformulação, o Antônio Bezerra perdeu o espaço do Autran Nunes, do Pio Saraiva, do Parque Rio Branco e do Genibaú, até o Padre Andrade. Ficou apenas esse pequeno espaço aqui; e do lado direito, ficou muito reduzido (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Administrativamente, ainda existe o Distrito Antônio Bezerra, embora esteja rateado em distintos bairros, cabendo ao bairro Antônio Bezerra apenas uma pequena parcela. À sua maneira, cada morador mais antigo que eu entrevistei aponta como o bairro foi reduzido nas últimas décadas.

Antes, o Antônio Bezerra era isso aqui... [desenha as principais ruas] Mister Hull e o viaduto, a Perimetral... Infelizmente, essa Mister Hull acabou transformando, causando o maior problema no bairro, porque acabou transformando o bairro em dois. Então, hoje, praticamente... Para o Antônio Bezerra, pros moradores mesmo é esse quadrilátero. O rio Maranguapinho já é bairro Dom Lustosa, que nem existia... Aqui é o grupo de Antônio Bezerra, passou duas ruas, acabou-se o bairro Antônio Bezerra, porque você já está em Caucaia, naquele conjunto São Miguel, que é perto de Caucaia, Jurema, aquele negócio ali... Genibaú também é outro nome novo, também era um pedaço do Antônio Bezerra. Genibaú, Autran Nunes, tudo vizinho um do outro. Aqui também vizinho tem o Dom Lustosa, depois do rio, é João Arruda... O Antônio Bezerra era tudo isso aqui... Aí, já é Henrique Jorge pra cá. Esses aqui ficaram pequeninhos também. Pra cá, é a estrada de ferro... e o bairro acabou-se porque já tem o Olavo Oliveira, tudo compacto. Pro lado do Olavo Oliveira, é Serrinha, Quintino Cunha... Depois do viaduto em frente, é Padre Andrade, Presidente Kennedy. Para você ter uma ideia, tem o Extra aqui, né? Ali no viaduto? Então, todo o marketing do Extra foi feito como avenida Mister Hull, Presidente Kennedy, não foi como Antônio Bezerra... Desse lado aqui da Mister Hull tem o grupo de Antônio Bezerra, bem aqui é a igreja [Jesus, Maria e José], logo ali a rádio [Costa Oeste], e o

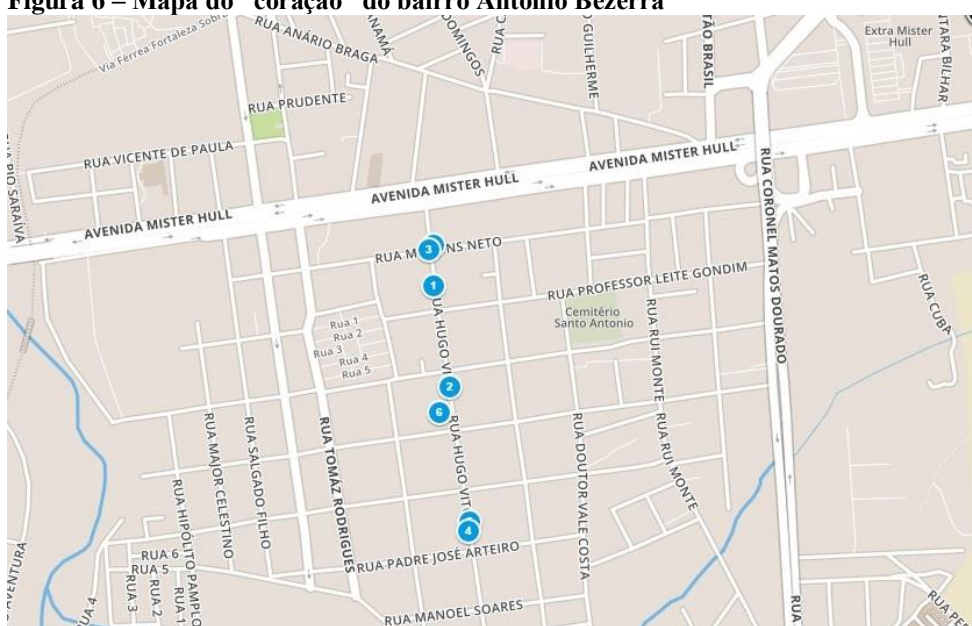
cemitério antes. Tinha o Patronato, o Patronato também é tradição, o Sagrada Família... (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 25 de outubro de 2013).

De certo modo, a Mister Hull acabou por dividir o cotidiano do bairro, ao separá-lo em dois lados. “É dois mundos, pois tem a avenida no meio. É difícil alguém de um lado conhecer o outro.” (Paulo Gleison Cordeiro, entrevista concedida pelo *Facebook* em 25 de outubro de 2013).

Eu costumo brincar que tem o Antônio Bezerra lado A e lado B. O lado A é do Antônio e o B é do Bezerra, porque a Mister Hull, que é uma BR, divide geograficamente o nosso bairro. Divide tanto geograficamente que às vezes nós não tomamos conhecimento de acontecimentos no outro lado (Rondinelle Mendes, entrevista concedida em 22 de junho de 2013).

O “lado A” – à esquerda no sentido Fortaleza-Caucaia – possui a maior extensão territorial, bem como, a maioria dos equipamentos públicos e privados e dos prédios comerciais do bairro (figura 6).

Figura 6 – Mapa do “coração” do bairro Antônio Bezerra



Fonte: Google Maps

É também “no lado A” que mora a maior parte da minha rede de contatos, onde ficam a rádio Costa Oeste 87,9 FM e a casa do Inácio Rocha (“sede” do site BAB), e onde se localizava a Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM. Talvez, por isso, essa parte do bairro tenha sido mais lembrada, até mesmo por quem vive no “lado B”.

[moro na] Rua General Alípio dos Santos, 1442 - próximo à igreja dos Mórmons e próximo aos condomínios⁶⁹. [...] onde eu moro é o limite onde acaba o bairro ou começa... Muitas vezes, minha residência é classificada como ficando no Quintino Cunha. De certa forma, eu moro na periferia da periferia, sacou? Eu moro no bairro desde que eu nasci, então, há 27 anos. Minha vó mora no bairro há mais de 60 anos, ela mora na Rua Hugo Victor que é a rua onde tem o Décimo Distrito, essa sim é no centro do bairro (Léo Facundo, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 23 de outubro de 2013).

Embora haja essa concentração no lado A, não identifiquei uma disputa entre os moradores. A distância é bem mais pelo comodismo de tentar resolver tudo do seu lado, sem precisar atravessar a avenida. Em ambos os lados, as características de infraestrutura são bem parecidas, embora no lado A haja mais equipamentos públicos e pontos comerciais. Mas, é no lado B, por exemplo, que ficam o Terminal de Ônibus e a Rodoviária de Antônio Bezerra, o hospital Frotinha e a Estação Ferroviária.

O diálogo que tive com Jailson Pereira, que atualmente mora no “lado B”, resume essa relação.

- E essa avenida, ela separa o bairro?
- Eu já morei do lado de lá. E eu tenho percebido isso. Existe uma separação não tão visível, é mais na questão de relacionamento, porque pra manter um relacionamento assim de amizade, essa parte geográfica influencia bastante. A própria situação geográfica não oferece isso, a própria Mister Hull, esse sinal, ele ainda não permite um fluxo das pessoas se movimentarem tanto. Por exemplo, do outro lado [lado A] existe o lado comercial...
- É mais rico ou não tem isso?
- É uma característica bem difícil de definir...
- Mas existe alguma rixa de um lado para o outro?
- Assim bem notório não. A gente sabe onde é as áreas mais carentes, sabe onde tem as áreas mais necessitadas e também podemos caracterizar onde tem a área mais de elite, onde tem os condomínios mais bem situados... É a Martins Neto [lado A], a Capitão Brasil, do lado de cá [lado B].

Paulo Gleison, que mora do “lado A” na rua Salgado Filho e, apesar de pouco conhecer do lado oposto ao da sua casa, reconhece que

[...] do outro lado da avenida tem coisas legais tb [também]. Tem o hospital, uma quadra de esportes, uma igreja. [...] É tão separado, mal conheço o lado de lá. Apenas, as unanimidades: terminal, Extra, Compremax, escola São Vicente (que agora é Fate) [Faculdade Ateneu] e rodoviária dos pobres; é prq tb [porque também] o pedaço de Antônio Bezerra de lá é pequeno, é meio engodado por outros bairros [...] A parte que é Antônio Bezerra é a que fica embaixo do Jardim Guanabara, que eu particularmente nunca fui; fui até a estação ferroviária. Depois daquele ponto é favela, é bem perigoso [...] (Paulo Gleison Cordeiro, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 25 de outubro de 2013).

⁶⁹ É recente o aumento de construções de condomínios fechados no bairro, valorizando os preços dos imóveis.

A divisão territorial, inclusive, não impede que o bairro alcance uma alta densidade demográfica e apresente baixo Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - por bairro (IDHM-B): 0,348⁷⁰. Índices típicos das regiões periféricas, indicando que a periferia reserva-se à pobreza urbana nas grandes cidades brasileiras (MATOS, 2012). Assim, vivendo as venturas e desventuras dos reflexos de uma metrópole como Fortaleza, o Antônio Bezerra está integrado à Secretaria Executiva Regional III (SER III)⁷¹, e situado na saída da cidade (lado noroeste), oficialmente, na periferia de Fortaleza.

Limita-se ao norte, pela Rua Engenheiro José Aires, com o bairro Quintino Cunha. Ao sul, a lagoa do Genibaú serve de fronteira com o próprio Genibaú, Autran Nunes e Dom Lustosa. No lado leste, o bairro vizinho é o Padre Andrade, separado pela Rua Engenheiro Seraine. Do lado oeste, a fronteira é com o Parque Tabapuá, bairro do município de Caucaia, que está separado do Antônio Bezerra pelo rio Maranguapinho⁷². Mas, toda essa vizinhança se confunde e não é fácil precisar as divisas dos bairros.

Praticamente um esgoto a céu aberto, o rio Maranguapinho é uma ferida que sangra. Consequência do crescimento sem sustentabilidade de Fortaleza, que trata riquezas naturais como exclusividades do capital; ora são recursos ora empecilhos à produção capitalista. Mas, nas falas dos moradores do Antônio Bezerra, o rio está como está, mais por causa de atitudes individuais do que por ações coletivas. “A população cresceu. Não existe conscientização ambiental e tudo o pessoal joga no rio.” (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

A preservação do meio ambiente não mobiliza a maioria dos moradores do Antônio Bezerra, que passa ao largo dessas questões. Não se diferenciam do restante da população de Fortaleza. Apesar disso, há oito anos existe, no bairro, o Grupo de Educação Ambiental (Gedam)⁷³. Liderada por Jailson Pereira, ex-comunicador da Costa Oeste FM, a Gedam é uma OSCIP que surgiu no embalo do programa de rádio *Consciência Ecológica*, transmitido pela Costa Oeste 87,9 FM e sobre o qual falaremos no próximo capítulo. De acordo com Jailson, a

⁷⁰ De acordo com o site da Prefeitura de Fortaleza. Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/>>. Último acesso: 18/09/2014.

⁷¹ Fortaleza se divide político-administrativamente em sete Secretarias Executivas Regionais (SERs). A SER III possui 17 bairros, com 378 mil habitantes, representando 16,5% da população fortalezense. Site da Prefeitura de Fortaleza. Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/>>. Último acesso: 17/09/2014.

⁷² O Maranguapinho nasce na Serra de Maranguape e desemboca no rio Ceará a 26 km. Com cerca de 6.571,53 hectares, a área da bacia do rio abrange, além de Maranguape, as cidades de Maracanaú, Fortaleza e Caucaia (ARAÚJO et al, 2007).

⁷³ Fundada em 16 de março de 2007, a GEDAM (Grupo de Educação Ambiental) é uma OSCIP, que promove educação ambiental. Localizada na Rua Martins Neto, 472 loja 2, Antônio Bezerra, difunde, também através da Internet, seus projetos de educação ambiental. Disponível em: <<http://conscienciaeco.com.br/ea2/mod/resource/view.php?id=1097>>. Último acesso: 28/07/2015.

Gedam trabalha com educação ambiental.

A finalidade maior é promover a educação, no caso, a ambiental. [...] É tanto que às vezes, muita gente que até confunde [...] as pessoas até nos cobram mais engajamento para questões ambientais. Você tem o combate na questão de depredação, do lixo, a questão de assoreamento, a questão do rio Maranguapinho... Tudo isso são atitude direta que não seria, como eu sempre coloquei nas reuniões, o nosso foco, que é trabalhar a educação ambiental. Se a gente tiver tempo, digamos assim, se a gente tiver mais energia para lutar, para defender, até poderíamos... (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

Não foi possível dimensionar a extensão do trabalho desta ONG, mas é recorrente a queixa pela falta de educação dos moradores no trato com o Maranguapinho. “O rio hoje tá poluído. Mas nós somos mal-educados com relação ao lixo, porque o carro do lixo passa segunda, quarta e sexta, mas nós somos mal-educados. Eu não coloco não, mas tem pessoas que vai lá e coloca o lixo no rio.” (Carolina Rodrigues, a dona Carol, entrevista concedida dia 22 de setembro de 2013).

Com relação aos serviços públicos, o último Censo do IBGE (2010) e as pesquisas do Ipece (2012) apresentaram o Antônio Bezerra com uma boa estrutura de serviços básicos. Mais de 75% dos domicílios do bairro possuem rede de esgoto, enquanto a Rede Geral de Água chega a mais de 85,01% das casas. Já a coleta de lixo e os serviços de energia elétrica alcançam mais de 99,51% do bairro.

É um bairro que eu costumo dizer que não é carente de equipamentos públicos. O bairro tem hospital, tem dois postos de saúde, tem estádio de futebol, tem escolas. O bairro tem Comando da Polícia, delegacia, tem o Terminal do Antônio Bezerra, tem rodoviária intermunicipal. Eu digo que o bairro é bem servido pelo poder público. Agora, se são serviços deficientes, fica aí o desafio pro governador e pro nosso prefeito. Mas, eu digo que o bairro não cresceu comercialmente, até porque o bairro Antônio Bezerra é predominantemente residencial (Rondinelle Mendes, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

“Temos um hospital, não funciona bem, mas nós estamos lá. Tem o posto de saúde aqui perto da delegacia... Tem a própria delegacia, tem a igreja. Mercantil próximo do terminal que não tá muito bom, mas estamos com esperanças de que vai ficar pronto.” (Carolina Rodrigues, dona Carol, entrevista concedida dia 22 de setembro de 2013). Embora haja uma diversidade de serviços, reconhecida não somente pelos moradores do bairro, mas também pelas estatísticas de Fortaleza, o Antônio Bezerra está longe de ter uma população com boa remuneração.

Na 70ª posição entre os 119 bairros de Fortaleza, a renda média do Antônio Bezerra é de R\$ 556,87, bem abaixo do salário mínimo que hoje é R\$ 788,00. Apesar da péssima colocação, entre os seus vizinhos, somente o Padre Andrade tem renda média maior, R\$ 622,59 (57º lugar). Dom Lustosa tem R\$ 547,80; Quintino Cunha, R\$ 427,43; Pici, R\$ 424,62; Autran

Nunes, R\$ 349,74 e Genibaú, R\$ 329,98; e assumem, respectivamente, a 73^a, 97^a, 99^a, 111^a e 115^a posições no ranking dos bairros (IPECE, 2012).

Também segundo o Ipece (2012), no Antônio Bezerra, 1.078 pessoas viviam em situação de extrema pobreza em 2010, representando 4,17% do total de moradores do bairro. O contingente se amplia para 14.497 quando estendemos a conta aos bairros vizinhos, conforme mostra a tabela seguinte.

Tabela 2 – População do Antônio Bezerra e bairros vizinhos

Bairro	População total do bairro e % do total da população de Fortaleza	População em extrema pobreza	%	Rk de Fortaleza
Genibaú	40.336 (1,6%)	4.092	10,14	9°
Autran Nunes	21.208 (0,9%)	1.661	7,83	17°
Pici	42.494 (1,7%)	3.175	7,47	18°
Quintino Cunha	47.277 (1,9%)	3.500	7,40	19°
Antônio Bezerra	25.846 (1,1 %)	1.078	4,17	59°
Padre Andrade	12.936 (0,5%)	517	4,00	64°
Dom Lustosa	13.147 (0,5%)	474	3,60	74°

Fonte: Ipece, 2012.

Além das questões socioeconômicas, o mapa da criminalidade, estudo realizado pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), aponta o Antônio Bezerra como dono de péssimos indicadores de criminalidade e violência entre os bairros da SER III (UECE, 2011). Mas, para os moradores com quem conversei, esses indicadores são consequências da proximidade com bairros violentos.

Ali [na rua atrás da casa dela], passa o ônibus que vem do Autran Nunes. Então, se a gente vier nele, corre o risco de ser assaltado. No ônibus do Antônio Bezerra não tem assalto. As pessoas já é mais selecionada quem pega ele. [...] O nosso Antônio Bezerra é mais selecionado. Mas, hoje, com a violência, nesse pedaço aqui, já existe assalto (Carolina Rodrigues, a dona Carol, entrevista concedida dia 22 de setembro de 2013).

Dona Carol é bem enfática ao falar sobre isso, mas não é a única. Muitos relatam que é comum ver pessoas conversando na calçada, principalmente nas ruas internas, mais afastadas da avenida Mister Hull.

É um bairro ainda, vamos dizer, tranquilo. A gente ainda pode ficar na calçada conversando ou andar de madrugada, porque tem muitas famílias antigas aqui. [...] em comparação com outros bairros que nós já sabemos também das estatísticas de violência, o Antônio Bezerra ainda é um bairro muito tranquilo. Mas de vez em quando, logicamente, aparece um assalto, uma coisa... Mas assim, muitos homicídios? Não acontece esse fenômeno (Rondinelle Mendes, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

Apesar disso, a criminalidade em algumas áreas do bairro é apontada, pelos próprios moradores, como o principal motivo para que alguns eventos culturais não mais aconteçam e pelo fechamento de clubes locais.

O Menfins Clube foi fechado por conta de uma briga de diretoria e o GRAB devido à violência das gangues e as festas também. Menfins Clube, com aquele negócio de agito, se tornou muito violento e por isso fechou. O GRAB hoje é somente um clube de futebol. E em termo de clube aqui praticamente não existe mais (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

O fechamento dos clubes não apagou as recordações em torno do que eram as duas principais casas do bairro. Mas, nos relatos, como o de Valentim, é possível perceber que entre os próprios moradores do Antônio Bezerra há uma segregação, evidenciando a presença de fronteiras sociais. Afinal, não é pelo fato de se morar no mesmo bairro que está garantida uma relação de proximidade.

O Menfis Clube era um clube social da elite, só as famílias podiam fazer parte. Eu me lembro que tinha um amigo do meu pai que não tinha filhos, aí por isso, não aceitaram ele como membro do clube. Só a elite mesmo, a burguesia do bairro fazia parte do Menfis Clube. Foi aí que pela primeira vez eu assisti a um sessão de cinema; e tinha festa, tinha tertulha. Talvez eu tinha uns 12 anos, por aí. Tinha também as matinais, vesperais, a gente... Era muito animado. Aí depois veio o GRAB que era um time de futebol, aí ficou dois clubes, era o Menfis e o GRAB. Então, a elite ia para o Menfis e o povão ia lá para o GRAB. Uma divisão (Valentim Santos, entrevista concedida em 13 de janeiro de 2015).

A delimitação de fronteiras destaca as diferenças entre os indivíduos, principalmente as de ordem socioeconômica, mas não se restringem a elas. Em manifestações culturais que dialogam com o tradicional – como as festas juninas, tão típicas do Nordeste brasileiro – é possível identificar a demarcação do diferente quando os moradores recordam as festas de São João que aconteciam (e ainda acontecem) no bairro. Tanto o local de moradia como o gosto musical podem servir de referência para as diferenciações sociais.

– No São Joao tem quadrilhas, festa, barracas em váaaarias ruas inclusive. Existem 3 quadrilhas que sao conhecidas: a do PG (perto da minha casa), a outra que esqueci o nome (fica perto do estádio), e outra do outro lado da avenida (que acabou devido à violência). [...] Já fui a um monte delas, mas geralmente é do mesmo jeito, música típica, quadrilha, barracas de comida e brincadeiras. Eu adoro. Só nao gosto do forró.
 – Ia quando criança? [pergunto].
 – Sim. Ultimamente é que não estou indo mais. Nos últimos 8 anos, devido ao tempo, à violência que se instaurou em algumas e ao forró moderno que colocam, que eu detesto HAHA Porém, quando era criança, eu praticamente ia em todos (Paulo Gleison Cordeiro, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 25 de outubro de 2013).

E assim, os moradores vão, em seus cotidianos, criando suas identificações socioespaciais. Mais que isso: acostumam-se ao lugar numa simbiose que acaba por construir tanto os sujeitos como as coisas. “Como eu sempre morei aqui eu acabei me acostumando com o bairro e nunca tive problemas. [...] O bairro esta passando por uma fase boa. As casas estão se valorizando, muitos apartamentos estão sendo construídos.” (Mateus Miranda, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 24 de outubro de 2013).

A gente acompanha o crescimento do bairro, lembrando como era o bairro há 20, 30 anos atrás e vê hoje como ele está. Há pessoas que cruzam com a gente pelas ruas, vindas de outros locais e que hoje são moradoras do bairro. Me deixa muito feliz ver esse crescimento e saber que o bairro Antônio Bezerra é uma das portas de entrada de Fortaleza. Isso para nós é uma conquista (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Tais falas expressam certa sintonia com o crescimento da cidade e denotam a crédula esperança de que dias melhores virão para todos. Sinais de certo comodismo (e por que não dizer certa ingenuidade) que entorpece qualquer esboço de mudança concreta, estrutural, mas que serve de alento para continuar a lida diária. Dessa maneira, as muitas famílias do Antônio Bezerra seguem a vida, criando laços de afetividade.

O bairro que é formado por um grande número de moradores idosos conserva em algumas ruas uma relação de proximidade entre os seus moradores, essa relação é perceptível em ações como conhecer “todo mundo da rua”, saber de quem “fulano é filho” ou com quem “beltrano é casado”. Essa proximidade se estende às relações comerciais, em muitos casos, as trocas econômicas são apenas pano de fundo das relações de vizinhança (FACUNDO, 2012, p. 43).

Realmente, não é difícil encontrar gerações diferentes da mesma família morando no bairro ou nas cercanias e é perceptível a proximidade que há entre vizinhos que convivem no lugar há décadas, alguns desde que nasceram.

O bairro ainda tem famílias tradicionais que existem por lá. Geralmente, a gente se encontra e as histórias do bairro Antônio Bezerra são colocadas nos bares ou quando o pessoal se encontra nas igrejas. É sempre bom conversar como foi o bairro Antônio Bezerra algumas décadas atrás (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Muitas dessas famílias já não se restringem aos núcleos primários. Surgem como famílias estendidas pelo casamento ou pela convivência – como acontece na casa de dona Margarida onde moram, junto com sua família, os filhos da empregada doméstica que trabalha com ela há anos.

Em geral, os moradores nutrem relações de vizinhança em hábitos diários de uma convivência que, apesar de acontecer numa metrópole, lembra cidades interioranas. Delimitam “suas áreas”, com “vizinhos antigos e amigos”, onde é “bom de morar”, onde “não há violência”, porque a violência é sempre apontada para o outro (diferenciação) que até pode morar no mesmo bairro, mas não mora “nas áreas” ou não está enquadrado na dinâmica do lugar.

E são os encontros entre amigos uma das características mais lembradas pelos moradores do bairro que entrevistei. “[...] e outra coisa de que lembro é justamente os encontros dos amigos. creio que é o bairro onde se tem mais "points" é um clima de cidade pequena do

interior calmo, tranquilo e onde todo mundo se conhece” (Paulo Gleison Cordeiro, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 25 de outubro de 2013). Embora reforcem essa similaridade com o interior, os moradores não se furtam em identificar as interferências que o bairro sofre por fazer parte de uma metrópole tão segmentada como é Fortaleza.

Eu fico até surpreso com algumas ruas. Como a rua da feira, que é a rua mais tradicional que tem lá. As pessoas ficam até umas duas horas da manhã conversando. Pessoas de idade ficam conversando lá. E eu acho que a rua que ainda mantém essa tradição do bairro Antônio Bezerra é a rua da feira, a rua Vale Costa, por trás do cemitério do Antônio Bezerra, na lateral do cemitério (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Olhar as sutilezas do convívio, expressas nas falas de quem habita esse bairro, provoca em mim certa nostalgia por uma Fortaleza distante, livre do peso de ser metrópole. Saudosismos de se poder sentar na calçada; de comprar fiado; de conversar na mercearia ou no botequim vendo o tempo passar; de ir à feira livre aos domingos... Costumes que se esquecem de fazer parte da quinta maior capital do país, embora sofram as interferências do crescimento da cidade.

Os moradores do Antônio Bezerra contrariam o senso comum que restringe ao horror os espaços onde a criminalidade e a violência são marcantes. Instauram, pelo menos, a dúvida sobre a representação histórica de uma periferia que – sob a ótica da elite, que é econômica e política, mas também, cultural e simbólica – aparece “ora romantizada (carnaval), estereotipada (novelas, programas de auditório e humorísticos) ou relegada ao universo da criminalidade (telejornais).” (MOREIRA, 2009, p. 212).

Da interação entre tantas vidas particulares, surge uma vida coletiva, com momentos já tradicionais, que envolvem ruas inteiras. Espaços que vencem a barreira do tempo, porque perduram pelas gerações de moradores, porque se adaptam às mudanças inevitáveis à vida. Momentos de convivência cotidiana, alimentados pelas incontáveis práticas socioculturais que dia após dia colocam mais uma peça no grande mosaico que é o Antônio Bezerra. Fortalecem, assim, referências socioespaciais tão caras nos dias de hoje, principalmente quando se vive em grandes centros urbanos, marcados pela dinâmica homogeneizante do mundo das mercadorias.

São os jogos de futebol nos campeonatos de várzea e *society* e na Copa do Mundo quando várias ruas se vestem de verde-amarelo. “Nunca gostei de futebol. mas sim geralmente existem campeonatos de peladas no campo que fica na rua da minha casa geralmente quando é jogo do Fortaleza, Ceará ou Brasil, as pessoas colocam as TVs fora de casa pra assistir.” (Paulo Gleison Cordeiro, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 25 de outubro de 2013).

Em frente ao Estádio Antony Costa e na Rua da Feira (rua do 10º DP), tem uma torcida organizada. Hoje [quarta] tem o racha de 33 anos, a partir das 17h.

– Mas, você joga futebol?

– Quando criança. Mas adivinha pq? Era o dono da bola. O único que tinha bola de couro profissional. Os jovens deixavam eu participar que era uma beleza até que depois ganhei medalhas em times de colégio, depois de muitos anos... Futebol de várzea, campinho de areia. Nesse tempo era todo mundo embolado, depois fui ser goleiro nunca gostei de ser goleiro. Tinha 10, 12 anos.

– Mas ganhou medalha [risos].

– Em dois colégios 82 e 84. Colégio São Francisco, hoje n existe mais é um colégio do estado, e Mater Amábilis que fica na Pe Anchieta, Monte Castelo (Inácio Rocha, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 23 de outubro de 2013).

Há ainda as disputas eleitorais, que envolvem candidatos do bairro e “famílias cabo-eleitorais”, porque como diz Inácio, o Antônio Bezerra é um bairro “acolhedor, próspero e aguerrido em tempos de eleições rrsr” (entrevista concedida pelo *Facebook* dia 23 de outubro de 2013). Por sinal, as eleições são motivos de recordações para vários moradores.

é um troço bem interessante parece coisa de interior msm. tem os de esquerda que tem pensamento de direita tem os de direita que tem pensamento de esquerda é bem engraçado. mas sempre tem os que trabalham pros candidatos [...] sempre sao Adail Junior, Antonio Carneiro, tenente silva e tem outro que esqueci o nome mas que é bem famoso tb (Paulo Gleison Cordeiro, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 25 de outubro de 2013).

Fazem parte também desse universo os eventos religiosos, especialmente da Paróquia Jesus, Maria e José, como a coroação de Maria e a Missa do Galo. Há atividades escolares que envolvem os moradores, com gincanas, quadrilhas e desfiles de rua durante o Sete de Setembro. São as diversões noturnas nos bares e lanchonetes, o primeiro grito de pré-carnaval ou a festa dos anos 60, organizada por um grupo de casais do bairro há cerca de dez anos. Ou ainda, a feira “dos cacarecos” e a tradicional feira livre, que acontecem sempre aos domingos, mas em pontos distintos.

Apesar de toda essa coexistência, o Antônio Bezerra não está livre da dinâmica que rege uma metrópole. Assim,

de um lado, temos um bairro com um modo de vida pacato, em determinadas ruas ainda encontramos moradores que conservam o hábito de colocar as cadeiras na calçada, no finalzinho da tarde ou no início da noite, para conversar com vizinhos, com conhecidos ou transeuntes. [...] Em contrapartida a esse ritmo pacato de parte dos moradores do bairro, também coexistem nesse espaço, ruas em que pelo ritmo de vida frenético das pessoas não encontramos as relações de vizinhança e cumplicidade. Nesse sentido, existem moradores que se deslocam de manhã do Antônio Bezerra para outras regiões da cidade, onde estão localizados seus respectivos pontos de trabalho, escola, faculdade e outros. Esses moradores que voltam pra casa no final da tarde ou início da noite têm menos tempo para fazer uso do espaço do bairro, refletindo o contexto que estão inseridos na metrópole, optam, muitas vezes, por frequentar outros locais de lazer da cidade e não se envolvem muito com os acontecimentos e problemas do local (FACUNDO, 2012, p. 43-44).

O bairro Antônio Bezerra vive, portanto, a dicotomia das perdas de referenciais e o isolamento social contra as táticas de sobrevivência que fortalecem laços afetivos e transformam o espaço em que se vive em um lugar. Um mosaico forjado pelas diferenças e identidades que se moldam no convívio de cotidianos diversos mas que se aproximam. É também nesse cenário, que coexistem as experiências comunicativas que motivaram o início desta pesquisa: a rádio comunitária Costa Oeste 87,9 FM e o site de bairro BAB (<bairroantoniobezerra.com.br>).

6 A COMUNICAÇÃO FORA DA MÍDIA: “SEPARA UM LUGAR NESSA AREIA NÓS VAMOS CHACOALHAR A SUA ALDEIA”⁷⁴

O aperfeiçoamento das ferramentas, a adoção da caça organizada e hábitos de coleta, os indícios de uma verdadeira organização familiar e, mais importante, embora seja muito difícil reconstituir em detalhes, a crescente dependência de sistemas de símbolos significantes (linguagem, arte, mito, ritual) para a orientação, comunicação e autocontrole, tudo isso criou um novo ambiente para o homem, ao qual era, então, obrigado a adaptar-se. [...] Submetendo-se a programas simbolicamente mediatizados para produzir artefatos, organizar a vida social ou expressar emoções, o homem determinou, mesmo sem querer, as fases mais elevadas do seu destino biológico. Literalmente, embora inadvertidamente, *criou-se* (GEERTZ, 1978, *apud* VELHO, 2013, p. 44) [grifo no original].

Mesmo com o cuidado em se manter longe de visões deterministas, é possível firmar a ideia de que o ser humano se faz pela cultura; ao passo que esta também se constitui pela ação humana. O indivíduo – que é ao mesmo tempo biológico, psicológico, social, cultural... – vai moldando suas formas de interação a partir de um diálogo, nem sempre harmônico, tantas vezes conflituoso, com o coletivo. Utiliza-se, para tanto, de uma linguagem de signos e símbolos que se torna cada vez mais elaborada com o caminhar histórico da humanidade.

Tal linguagem apresenta-se aberta e suas porosidades permitem o surgimento de comportamentos divergentes e contraditórios, explicitando “o caráter multifacetado, dinâmico e, muitas vezes, ambíguo da vida cultural.” (VEILHO, 2013, p. 45). Nesse sentido, a cultura deve ser compreendida não como “entidade acabada”, mas como uma “linguagem permanentemente acionada e modificada por pessoas que não só desempenham ‘papéis’ específicos mas que têm experiências particulares.” (p. 45).

Por sua vez, na sociedade das mercadorias, a lógica de produção e consumo impulsiona uma adequação da cultura às necessidades capitalistas; o que a torna um espaço de disputa de poder e controle social na ordem vigente. Nesse cenário, ganham destaque dois fortes movimentos: a cultura comercial popular (que é massiva e se firma pela indústria cultural) e a cultura alternativa popular (que se propõe a ser antagônica à cultura industrializada).

Diante disso, a cultura popular está marcada por um “duplo movimento de conter e resistir”, e não como “algo inteiro e coerente” (HALL, 2003, p. 247). Essa dupla ação, contudo, não seria movida estritamente pela racionalidade instituída pela modernidade como característica fundante da vida humana e social. Ela teria como importante motor os elos

⁷⁴ Trecho da música Nós Vamos Invadir Sua Praia, da banda Ultraje a Rigor, álbum Nós Vamos Invadir Sua Praia, 1985.

construídos, fragilizados ou rompidos no campo da afetividade quando os indivíduos vão construindo suas táticas de sobrevivência.

Diante disso, a correlação de forças entre “o *poder* instituído sob suas diversas formas: cultural, religiosa, social, econômica contra a *potência* instituinte” (MAFFESOLI, 2010, p. 1) constrói uma possibilidade transgressora à sociedade dos dias atuais. Nesse processo, a socialidade⁷⁵ apresenta-se como constitutiva da vida social contemporânea e encontra na práxis comunicativa um forte partícipe, visto que a

socialidade gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se, é por sua vez lugar de ancoragem da *práxis comunicativa* e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contrahegemonia) com o poder (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 17) [grifo no original].

A comunicação se revela, enfim, como a experiência que (des)construirá os sentidos na vida social, permitindo que a sociedade também se (re)construa. Tal processo necessita de um nexos simbólico que está ancorado na memória, nos ritmos e formas, e nos cenários de interação e repetição (MARTIN-BARBERO, 2008). Ao mesmo tempo, dialoga com outras formas de comunicação, como aquelas resultantes de processos industriais, mais precisamente, as oriundas da mídia⁷⁶ cuja capacidade de definir, de maneira impositiva, “regras aos jogos entre significação e situação” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 19) é incontestável.

A relação entre meios de comunicação e mercado, porém, vem causando danos significativos na maneira de se compreender e vivenciar a comunicação. Primeiro, porque o discurso hegemônico vai colocar a tecnologia (ou melhor, a comunicação mediada pela tecnologia) como o canal central que mediará a relação entre o indivíduo (em grupo ou individualmente) e as coisas do mundo. Essa supervalorização acaba por subestimar outros tipos de comunicação (que não se valem nem da tecnologia e nem do mercado para existir, como a boa e velha conversa). Vale, então, o alerta de Cogo (2004, p. 43) sobre “o risco de vermos a midiatização⁷⁷ como a única forma estruturante das sociedades contemporâneas e como matriz explicativa da totalidade de seu funcionamento.”.

⁷⁵ O termo socialidade é compreendido, aqui, de acordo com Maffesoli (1999), que o entende em oposição à ideia de sociabilidade. Embora ambos tratem da vida social, sociabilidade se referiria às “relações institucionalizadas e formais de uma sociedade (os hábitos, os costumes, as regras, a polidez).” (SCHLEMME, LOPES, 2013, p. 5). Enquanto a socialidade – que “surge no contexto dos movimentos tribais, gregários, na essência do ‘estar-junto’, no imaginário que não se submete a uma lógica racional, mas emotiva e afetiva” (SCHLEMME, LOPES, 2013, p. 6) – não se submeteria a padrões institucionalizados e nem ao controle social rígido.

⁷⁶ Utilizarei o termo mídia para me referir aos meios de comunicação organizados pela lógica do capital, evitando as ambiguidades relacionadas ao conceito meios de comunicação de massa.

⁷⁷ A midiatização aparece aqui como o processo em que as relações sociais estão mediadas pelos meios de comunicação (ou seja, tecnologia mediando a comunicação). Meios estes que se ligam diretamente ou

É como se os conteúdos e as formas comunicativas que não contam com a presença da tecnologia na relação indivíduo-indivíduo, indivíduo-coletivo ou coletivo-coletivo, ficassem frouxas. Como se a comunicação necessária ao viver em sociedade só pudesse acontecer pela mediação tecnológica. Esse cenário instala um processo que aliena a comunicação de sua natureza humano-social, que é anterior e muito além da tecnologia ou do mercado.

Segundo, por eleger alguns poucos que receberiam o status de comunicadores – em geral, profissionais especializados na prática, como jornalistas, publicitários, apresentadores, escritores, locutores e artistas – e que estariam autorizados a *fazer comunicação*. Tal separação inibiria grande parcela da população que assumiria somente a condição de receptores, afastando tais processos comunicativos da condição dialógica que deveria predominar das experiências comunicativas. Ademais, a maioria dos autorizados a *fazerem comunicação* tem relação com os meios de comunicação que integram a indústria cultural.

Terceiro porque ao seguir a dinâmica do mercado, a mídia acaba por colocar em primeiro plano as necessidades de lucro, presentes em qualquer organização empresarial. Abre-se a concorrências, sustenta-se pela relação patrão-empregado e, seguindo a atual conjuntura do capital, torna-se concentrada na mão de uma elite que é econômica, política e cultural. Para se ter uma ideia, no Brasil do século XXI, provocados por crises econômicas, má gestão, falências e fusões empresarias, além de mudanças na Constituição⁷⁸, os dez grupos familiares⁷⁹ que controlavam quase a totalidade da mídia brasileira foram reduzidos a seis: Abravanel (SBT), Civita (Abril), Frias (Folha de S. Paulo), Marinho (Globo), Saad (Bandeirantes) e Sirotsky (Rede Brasil Sul). Destes, três (Abril, Globo e Folha) passaram a dividir seu capital com empresas estrangeiras (COSTA, 2005).

De acordo com Costa (2005), o caso brasileiro não é isolado, segue a tendência mundial da indústria da comunicação que se apresenta cada vez mais concentrada e sendo controlada por companhias globais. Por conseguinte, “no jogo das instâncias, os grandes conglomerados de mídia e os seus satélites formam e deformam opiniões, criam e destroem sucessos, lançam e derrubam modas, estimulam e acabam com carreiras, fazem e acontecem.” (p. 191).

indiretamente ao mercado; diretamente quando sua produção segue a lógica deste (no caso, a mídia) e indiretamente quando, apesar de distanciado da lógica do mercado, associa-se a ela na aquisição da tecnologia (como acontecem, por exemplo, com veículos comunitários).

⁷⁸ Em 2002, as leis brasileiras passaram a aceitar a participação de pessoa jurídica; e de empresas estrangeiras no capital dos veículos jornalísticos do país (no máximo 30%) (COSTA, 2005).

⁷⁹ Abravanel (SBT), Bloch (Manchete), Civita (Abril), Frias (Folha de S. Paulo), Levy (Gazeta Mercantil), Marinho (Globo), Mesquita (O Estado de S. Paulo), Nascimento Brito (Jornal do Brasil), Saad (Bandeirantes) e Sirotsky (Rede Brasil Sul) (COSTA, 2005).

Mas, apesar de se viver uma ordem midiática que segue os ditames do capital, no cotidiano, esse controle não é visto de forma negativa pela maioria das pessoas que se veem cercadas pelo encantamento que o *glamour* da mídia causa. Muitas vezes, nem a associação mídia-poder é feita. Além disso, a mídia aprendeu a falar com “a massa” ao se apropriar de conteúdos e linguagens populares e também por usar de forma eficiente os sonhos, desejos e fantasias; o humor, o divertimento e o afetivo, que integram o cotidiano e os anseios do ser humano, quando estamos só ou “na massa” (PERUZZO, 2004).

Ganha, então, grande status aquela comunicação que resulta da mídia, ou seja, a comunicação que se molda pela relação tecnologia e mercado. Por conseguinte, a mídia se torna propulsora da comunicação dos dias de hoje, fortalecendo a sociabilidade. O que deve ser visto como preocupante, pois essa hegemonia midiática, que é também homogeneizante, acaba por configurar identidades culturais.

Acompanhando o movimento midiático e, em alguns momentos até ultrapassando-o, a comunicação – intensificada pelo uso das tecnologias digitais, as TICs – criou novas formas de interatividade, principalmente via internet e dispositivos móveis, estimulando a midiaticização. Ao fazer isso, atraiu mais atores sociais e confirmou sua ascensão, mantendo-se pelo discurso da liberdade e da democracia, mas sendo controlada de perto pelas ordens da sociedade de mercado.

Não quero dizer com isso que não haja nesse novo suporte, especialmente por conta das redes sociais, um grande potencial de transgressão e eu diria até libertador. Mas é evidente que essa potência é o tempo inteiro contida não apenas pela elite, mas pela ordem social, econômica, política e simbólica em que todos estamos inseridos; e que se sustenta nos discursos hegemônicos que se proliferam também pelo ciberespaço.

É sabido que tendemos associar as mediações que se prestam a manter o *status quo* somente àquelas experiências comunicativas imbuídas da lógica do mercado e que possuem um forte apelo na cultura industrializada. Mas, é preciso ter cautela com essa associação mecânica e simplista. Primeiro, porque

a crença de que os meios manipulam as consciências ignora a dimensão fundamental da pessoa humana e, portanto, seu universo cultural, para aceitar que os valores do povo são constituídos por aqueles veiculados pelos meios massivos. É necessário examinar o que passa do projeto de manipulação das classes dominantes, quando as classes trabalhadoras se defrontam com o universo da representação, que não tem nada a ver com a vida de cada um. A leitura desses meios não é uniforme e não pode ser pensada como pura passividade, já que é possível uma outra decodificação em função das lutas e crenças coletivas e individuais. O emissor não tem o monopólio da decodificação da mensagem, porque, uma vez construída, ela é lida das mais diferentes maneiras, pois diz respeito aos valores culturais de uma sociedade (FADUL, 1985, p. 183-184, *apud* PERUZZO, 2004, p. 136).

Além disso, as experiências de comunicação não enquadradas diretamente na lógica do capital não estão, de todo, livres da perpetuação do *status quo*, principalmente porque o espetáculo em que se vive, transformou a mercadoria em cultura (DEBORD, 1997). Por conta disso, sob pena de cair em uma análise ingênua, é fundamental que não se generalizem as experiências de comunicação, classificadas a partir da ligação ora com o popular, comunitário, alternativo ou com o hibridismo e mestiçagem. Pois, apesar dos pontos de convergência que possa haver, cada experiência é resultado da ação concreta de seus participantes. Infere-se, então, que

as investigações sobre a comunicação popular [e podemos nos estender aos demais tipos de comunicação] implicam a necessidade de a teoria abarcar os processos no contexto mais amplo em que se realizam, ou seja, devem ir além do estudo do meio comunicativo em si mesmo, de um jornal, por exemplo, pois a dinâmica social na qual este se insere é que vai lhe dar significados (PERUZZO, 2004, p. 114).

Alheia à classificação feita, cada experiência comunicativa desempenha, portanto, um papel específico, ora mais conservador, ora mais combativo; e nunca igual. Ainda mais se for levada em consideração a tendência contemporânea ao tribalismo, ensaiada por Maffesoli, que diz:

entrar (ingressa) sem progredir (progressa). Eis o que me parece estar em jogo para nossas tribos contemporâneas. Pouco lhes importa o objetivo a ser atingido, o projeto, econômico, político, social, a ser realizado. Elas preferem ‘entrar no’ prazer de estar junto, ‘entrar na’ intensidade do momento, ‘entrar no’ gozo deste mundo tal como ele é (MAFFESOLI, 2010, p. 7).

Talvez por isso, seja cada vez mais difícil identificar os projetos coletivos de experiências comunicativas, que estejam de fora da mídia. Afinal, é crescente a explosão de novas formas de comunicação – especialmente depois da disseminação das TICs – que não têm como referencial primeiro a lógica do mercado, mas que também não se fundam em organizações ou movimentos populares, sendo motivadas por afinidades de outras ordens (preferências e gostos, estilo de vida, crenças etc.); que não a política.

Vivenciei essa dificuldade ao analisar os relatos de comunicadores que estão ou já foram envolvidos com o site BAB e a rádio Costa Oeste 87,9 FM no bairro Antônio Bezerra. Deparei-me com iniciativas particulares que, embora fizessem referência ao coletivo e às vezes, ao social, pouco ou nada tinham de orientação de algum grupo organizado. O BAB, por exemplo, surgiu de uma iniciativa familiar e a Costa Oeste, embora com a concessão de comunitária, quase não traz em sua dinâmica atual um caráter coletivo. Talvez, os projetos coletivos até nem existam, de forma consciente ou organizada. Mas, pensemos mais sobre isso.

6.1 “E no mundo dizem que são tantos saltimbancos como somos nós”⁸⁰

Ao longo da história da humanidade, incontáveis levantes – organizados ou difusos – marcaram as lutas contra os poderes instituídos. Muitos dos quais se tornaram movimentos sociais exitosos em suas reivindicações, enquanto outros sucumbiram ou permanecem lutando. Nas sociedades modernas, tais conflitos encontraram um novo espaço de realização, o espaço comunicativo, onde novos atores, com novas regras e procedimentos, passaram a balizar as disputas sociais, trazendo como marca importante as formas simbólicas de luta. Nesse sentido, contrapondo-se às elites que

sempre usufruíram do monopólio da palavra escrita e hoje acrescentaram ainda o monopólio da voz e da imagem [...], o surgimento de vias alternativas de comunicação-informação é um sintoma de processos que se verificam no fundo da vida social, uma tentativa de romper o cerco das estruturas informativas predominantes (GRINBERG, 1987, p. 31-33, *apud* PERUZZO, 2004, p. 130).

“No novo contexto sociopolítico, a força e a expressividade de um movimento são dadas – mais pelas imagens e representações que eles conseguem produzir e transmitir via mídia do que pelas conquistas, vitórias ou derrotas que acumulam.” (GOHN, 2000, p. 23). Mas, a mídia que se firmou como hegemônica nesse processo, tornou-se um pilar importante para sustentar o *status quo*. Isso gerou a necessidade, entre aqueles avessos à ordem estabelecida, de encontrar *armas simbólicas* para usar nessa nova correlação de forças.

Afinal, o que a mídia divulga segue padrões e parâmetros políticos-ideológicos já estabelecidos pela rede de relações na qual ela está articulada. Além disso, como bem diz Gohn (2000, p. 47), “os problemas cotidianos criam novos espaços de conflitos e novas formas de expressões da subjetividade humana.”. Ademais, movimentos sociais não surgem ao acaso, eles se originam nas “contradições que levam parcela ou toda uma população a buscar formas de conquistas ou reconquistar espaços democráticos negados pela classe no poder.” (FESTA, 1986, p. 11).

Por conseguinte, uma mídia homogeneizante frustra as expectativas daqueles indivíduos inquietos, estejam estes organizados ou não. A ideia de unir a comunicação a articulações e mobilizações sociais será, então, incorporada por uma série de movimentos sociais populares, alguns destes, inclusive com forte conotação cultural. E embora não seja um fenômeno recente (há registros do começo do século XX), a comunicação popular ganhou força, no Brasil e na América Latina, nas décadas 1970 e 1980.

⁸⁰ Trecho da música Todos Juntos, versão de Chico Buarque da fábula musical *I Musicanti* composta pelos italianos Luiz Enriquez e Sergio Bardotti, álbum Os Saltimbancos, 1975.

Proliferaram, assim, experiências comunicativas que ressaltavam uma lógica distinta do mercado, que tinham como projeto a contestação e a transformação do que fora socialmente estabelecido. Como a eclosão de “um grito, antes sufocado” que ecoa pelos quatro cantos com “denúncias sociais e desejos de mudanças”, grande parte dessas experiências foi encabeçada por movimentos sociais e culturais populares, que viram a importância da visibilidade no fortalecimento de suas reivindicações (PERUZZO, 2004).

Foi um momento da história em que a antítese do *status quo* aparecia com nitidez, devido, possivelmente, à realidade sócio-política, econômica e cultural concreta do País, na qual predominava a negação da plenitude da cidadania à maioria da população (PERUZZO, 2004, p. 114) [grifo no original].

Acompanham essa ebulição pesquisas acadêmicas que – na perspectiva dos movimentos sociais – ao estudar a comunicação popular, deram um novo sentido à concepção de povo, afastando-se da ideia de populista e idealista para galgar um conceito de que “povo é consciência de classe em oposição à massa despolitizada.” (PERUZZO, 2004, p. 114).

A interpretação de povo como sujeito histórico, no Brasil, sofreu ainda forte influência das ideias de Paulo Freire sobre educação popular, para quem o processo de alfabetização deveria ir além do letramento para fomentar o pensamento crítico. A possibilidade de as camadas populares do país poderem aprimorar suas leituras críticas sobre o mundo, associando a isso processos de alfabetização, trouxe um potencial de mobilização e esperança aos movimentos sociais populares (MATOS, 2011).

Mas, apesar da compreensão de povo como classe oprimida, segundo Peruzzo (2004), em determinadas épocas, essa conceituação pode ser ampliada e abranger outros grupos sociais a partir de interesses comuns. Ela cita como exemplo de situação assim as mobilizações pelo *impeachment* do presidente do Brasil, Fernando Collor de Melo, no início dos anos 1990. Essa concepção parece, ainda, encontrar respaldo nos dias de hoje, diante das novas configurações dos movimentos sociais, que passaram a se organizar por interesses que fogem à condição de classe – movimentos feminista, étnico, de gênero, juventude etc.

Há de se questionar, contudo, até que ponto interesses entre grupos economicamente distintos são, de todo, comuns; e se as alianças pontuais seriam suficientemente fortes para manter tais grupos unidos. O *impeachment* de Collor até mobilizou setores distintos da sociedade brasileira, mas essa unidade circunstancial, além de sua existência não ser consensuada, foi desfeita mal terminou a votação do Congresso que depôs o presidente.

Ao colocar tudo em um mesmo balaio, corre-se o risco de mascarar as discrepâncias sociais e manter em segurança a estrutura que sustenta esse abismo social. Além disso, a

segmentação vivenciada nos movimentos sociais contemporâneos não é sinal de que a opressão de ordem econômica tenha se resolvido, pelo contrário!

Há, inclusive, grupos de movimentos feministas, étnicos e de gênero – para citar três que se destacaram da metade do século passado para cá – defendendo que a emancipação da mulher, raça ou do gênero não pode acontecer em bases capitalistas. Estes seriam movimentos sociais populares, pois mesmo com reivindicações específicas, trazem um caráter classista.

Considero, ainda, que o tribalismo, apontado por Maffesoli (2010), como uma tendência atual, parece mais uma forma bizarra de individualização. O indivíduo não está mais sozinho, ele encontrou sua tribo, mas, sua tribo o mantém estrategicamente separado daquela que deveria ser sua única e verdadeira comunidade: a comunidade (ou tribo) humana...

É legítima, entretanto, a preocupação de Peruzzo (2004) em não tratar de forma dogmática a concepção do que seja povo e, por conseguinte, do que seja comunicação popular. Ambos os fenômenos precisam ser compreendidos por seu caráter histórico e não como algo estanque, dada a sua mutabilidade diante das conjunturas políticas, econômicas e sociais. O conceito de povo deve vir, portanto, “como uma realização histórica”, numa relação com “o plural e contraditório” (PERUZZO, 2004, p. 118). Deve manter, contudo, sua natureza socioeconômica.

Em síntese, as tantas concepções de povo – ligadas ora à tradição/folclore, à ideia de nação, à classe subalterna, a sujeito histórico... – originaram distintas conceituações do que seria a comunicação popular. Entre os autores latinos, três delas ganharam destaque: popular folclórico, popular massivo e popular alternativo.

A primeira diz respeito às tradições e expressões culturais, como as manifestações folclóricas. A segunda se interliga ao universo da mídia quando esta industrializa padrões culturais da sociedade (como os religiosos e artísticos), torna seus produtos massivos ou assume a mediação para dar visibilidade a problemas específicos de bairros ou comunidades pobres (PERUZZO, 2004; MARTÍN-BARBERO, 2008).

Já a terceira – a popular alternativo – refere-se às experiências dos movimentos sociais populares, e passa a ser compreendida numa relação próxima com a cultura. Esta, a que mais no interessa, considera a comunicação popular como

uma realização da sociedade civil, que se constitui historicamente e, portanto, é capaz de sofrer as metamorfoses que o contexto lhe impõe, admitindo o pluralismo e ocupando novos espaços ou incorporando canais de rádio e televisão e outras tecnologias de comunicação, como as redes virtuais (internet etc.) (PERUZZO, 2004, p. 119-120).

Importante dizer que, de acordo com a concepção acima citada, a comunicação popular não é exclusividade dos movimentos populares, pois o espectro da sociedade civil é bem mais amplo. Mas, de todas as suas variantes, aquela ligada aos movimentos sociais populares, bem como aos movimentos culturais populares, é a que nos interessa neste estudo, porque é nesse tipo de comunicação que se pode encontrar um potencial para transformações sociais.

Vale ainda dizer que quando se relaciona comunicação e cultura, a educação, nos moldes freirianos, torna-se ponto de partida para a explicitação do conceito de comunicação popular (MATOS, 2011). Em outras palavras, a comunicação popular ao buscar uma linguagem própria, que se contraponha à midiática e atenda às demandas das camadas populares, estimularia o pensamento crítico sobre a realidade que, por sua vez, fomentaria ações contestatórias, encabeçadas pelos movimentos sociais e culturais populares.

As experiências comunicativas que eclodiram no Brasil (e também na América Latina) motivaram, então, o surgimento de várias denominações que tentavam explicar as particularidades dessas iniciativas. Sugiram os termos: comunicação alternativa, comunitária, participativa, dialógica e horizontal. Conceitos tratados, muitas vezes, como sinônimos de comunicação popular.

É preciso, porém, diferenciar tais termos. Primeiro, porque o fato de as classes populares vivenciarem experiências de comunicação não é garantia imediata de que essa comunicação seja democrática, participativa e muito menos dialógica ou horizontal. Haverá variações de acordo com as vivências das experiências que podem, inclusive, carregar traços de autoritarismo.

Considerar, ainda, comunicação comunitária como sinônimo de comunicação popular é restringir esta última à circunferência do que seja comunidade. De difícil conceituação, este termo acumula uma série de significados que foram elaborados de acordo com contextos sociais diversos. Mas, em um ponto tais versões convergem, comunidade seria sinônimo de compartilhamento do que há em comum entre seus integrantes.

Apresentada em oposição ao conceito de sociedade (TÖNNIES, 1995, *apud* MATOS, 2011), comunidade seria o “nós”, enquanto os “outros” estariam de fora. Seguindo essa concepção, a comunidade teria uma relação direta com o sentido de identidade (BAUMAN, 2003). Assim, ao ter características semelhantes aos demais, o indivíduo seria aceito desde que ele seguisse os preceitos que caracterizam dada comunidade.

Ele estaria protegido por laços de solidariedade desde que a comunidade também permaneça protegida. Nesse sentido, fazer parte de uma comunidade é estar seguro das ameaças do imprevisível que o diferente causa; ao mesmo tempo em que se permanece preso, visto que a liberdade estaria cerceada pelas regras comunitárias (BAUMAN, 2003). Baseada nesse pensamento, surge uma concepção frágil de que

os meios comunitários, por sua vez, estariam ligados à cultura popular, que desempenharia um papel de cultura de resistência [...] Seria pura em sua criação, ousada em seu conteúdo e permaneceria imaculada na divulgação e recepção (SANTOS, 1988, p. 97, *apud* PERUZZO, 2004, p. 134).

Tais experiências estariam centradas, ainda, em uma relação territorial, visto que a comunidade também foi compreendida, historicamente, a partir da proximidade geográfica, ou seja, a comunidade seria formada por aqueles que convivem em um mesmo lugar. Hoje em dia, porém, tal compreensão não se sustenta, principalmente diante das revoluções territoriais que as TICs vêm causando.

Apesar das diferentes conceituações sobre comunidade, a maioria dos autores tende a tratar a comunicação comunitária como aquela experiência comunicativa cujo compromisso político, oposto ao *status quo*, seja basilar. Marcondes Filho (1986), ao tratar do tema, apesar de se fixar no jornalismo comunitário, aponta uma interessante concepção do que seja esse tipo de comunicação.

Para este autor, a comunicação comunitária, através de seus veículos, “interliga, atualiza e organiza a comunidade, e realiza os fins a que ela se propõe [...] (p. 161)”. Elaborado por membros de uma comunidade, o meio de comunicação comunitária contribuiria para “obter mais força política, melhor poder de barganha, mais impacto social, não para alguns interesses particulares (anunciantes, figuras proeminentes), mas para toda a comunidade que esteja operando o veículo.” (MARCONDES FILHO, 1986, p. 161).

Levando em conta a ótica dos movimentos sociais, é possível encontrar aproximações entre os termos comunicação comunitária e popular, inclusive porque as experiências comunicativas que deram origem a essas formulações teóricas se mesclam e até se confundem. Afinal, o popular – mesmo se referindo a um contingente maior – realiza-se no local, mesmo que esse local seja um país (a comunidade brasileira, por exemplo) ou que não possa ser delimitado pelo espaço físico (comunidades virtuais ou por afinidades identitárias).

Além disso as experiências comunitárias de comunicação no Brasil seguiram de perto o movimento de rádios não-autorizadas, conhecidas como rádios livres, rádios populares e, posteriormente, como rádios comunitárias, as radiocom. Afinal, paralela à história oficial do

rádio brasileiro cuja referência são as rádios comerciais e estatais, há uma história de utilização clandestina desse veículo por militantes políticos e movimentos de oposição aos governos e ao Estado (OLIVEIRA, 2007).

Após o primeiro registro, em 1931, do uso não oficial do rádio no Brasil, o país foi acumulando diversas experiências radiofônicas clandestinas. Segundo Cogo (1998), entre as décadas de 1950-1960, duas vertentes se tornaram predominantes. As rádios ligadas à igreja católica que reuniam ideias e ações de mobilização social, associadas à evangelização. E aquelas “mais laicas, vinculadas a organizações trabalhistas, como os sindicatos, cujo conteúdo da programação é político-informativo.” (COGO, 1998, p. 58-66, *apud* MATOS, 2011, p. 65).

Mas, foi, nos anos 1980 e 1990, que o caráter contestatário da radiodifusão clandestina se intensificou no Brasil, inspirado por uma série de experiências de uso extraoficial do rádio que já se alastrava por outras partes do mundo desde a década de 1970⁸¹. Na Europa, a Itália de 1975, por exemplo, viu crescerem duas maneiras de fazer rádio. As emissoras comerciais e aquelas emissoras

[...] ligadas aos movimentos contestatórios ou ainda a grupos quase sempre identificados com a nova esquerda ou aos grupos de natureza política e cultural que não mais se encaixavam nos antigos partidos comunistas (p. 61). [Assim] no decorrer das décadas de 1970 e 1980, a utilização eminentemente de oposição política do rádio clandestino abriu espaço para uma proposta política com ênfase nas expressões culturais plurais de movimentos sociais e culturais populares (OLIVEIRA, 2007, p. 58).

Mas, as chamadas rádios livres não se constituíam como um movimento uniforme. Na Inglaterra, por exemplo, ao contrário do que acontecia na Itália e na França, o movimento tinha uma conotação comercial. Fruto dos resquícios do movimento inglês de rádios piratas, que ocorreu naquele país nos anos 1950, e que representou

[...] uma tentativa de instalação na Inglaterra do estilo comercial de rádio dos Estados Unidos. Esse fenômeno procurou derrubar o modelo estatal e clássico do rádio europeu. As emissoras piratas eram financiadas por multinacionais como a Ford, a Lever ou a American Tabaco (OLIVEIRA, 2002, p. 61).

Tais experiências – que pese suas particularidades – tinham como ponto em comum a crítica ao monopólio da comunicação, nas mãos do Estado. No Brasil, as experiências locais seguiram essa tendência e acabaram por estimular articulações em prol da democratização da comunicação no país, como as duas edições (1989 e 1990) do Encontro Nacional de Rádios

⁸¹ Para mais informações sobre a história dos movimentos de rádio extraoficial no Brasil e no mundo, ler Oliveira (2007) e Matos (2011).

Livres, organizadas pela União Nacional dos Estudantes (UNE). No segundo encontro, inclusive, foi deliberado que

o movimento pela democratização da comunicação existente no Brasil devia ser integrado à luta das rádios livres. Foi esse encontro que mobilizou a criação dos comitês pela democratização da comunicação que ocasionou, posteriormente, a criação do Fórum Nacional de Democratização da Comunicação (FNDC) (OLIVEIRA, 2007, p. 65).

Mas, foi somente em 1993 que o movimento das rádios livres e comunitárias⁸² passou a integrar oficialmente o FNDC. Em 1996, a criação da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço Nacional) aproximou, ainda mais, essas experiências de outros “movimentos sociais e culturais que também passam, na década de 1990, a organizar rádios comunitárias populares.” (OLIVEIRA, 2007, p. 66). Elas se constituíram, então,

em experiências existentes por todo o território brasileiro, envolvendo também iniciativas dos movimentos sociais e culturais populares. É, importante, entretanto, ressaltar que a ampliação do número de rádios e sua vinculação aos movimentos sociais e culturais populares, trouxe também o aparecimento de emissoras financiadas e promovidas por políticos e comerciantes e religiões evangélicas. Na verdade, esses tipos passaram a constituir a maioria das emissoras (OLIVEIRA, 2007, p. 67).

A legalização das radiocom se confirmou quando o Serviço de Radiodifusão Comunitária foi instituído pela lei 9.612, assinada pelo então presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, em 19 de fevereiro de 1998 (OBSCOMCOM, 2015). A nova legislação vai contribuir para uma nova configuração do movimento de radiocom, inclusive, fortalecendo a diversificação dos tipos de experiências radiofônicas extraoficiais.

Ainda com vistas na pesquisa acadêmica, é preciso questionar também o uso dos conceitos comunicação popular e comunicação alternativa como sinônimos, principalmente quando o cenário observado é o brasileiro, pois o termo alternativo tem forte ligação com um momento particular do país; a ditadura militar (1964-1985).

As experiências de comunicação alternativa, ou para ser mais precisa de imprensa alternativa, têm como marco a leitura crítica à mídia que estava enquadrada no controle do regime. Segundo Festa (1986, p. 16), “eram espaços nos quais grupos de oposição ou frentes políticas emitiam uma corajosa condenação ao regime político.”.

Naquele período, a imprensa alternativa significava a expressão da mídia burguesia, dos trabalhadores e da pequena burguesia, na defesa de interesses nacionais e populares (PEREIRA, 1986). E embora seja associada à oposição ao regime vigente – condição

⁸² Terminologia para as experiências brasileiras, incorporada em 1995 durante o I Encontro de Rádios Livres e Comunitárias (OLIVEIRA, 2007).

também assumida por veículos conservadores da mídia, como a revista *Veja* e o jornal mais tradicional do país, o Estado de São Paulo – a imprensa alternativa foi mais além.

Ela “fez mais que opor-se à forma política – de ditadura militar – assumida pelo regime: opôs-se ao seu conteúdo antinacional e antipopular, opôs-se à monopolização da economia, à sua integração com os grandes trustes financeiros internacionais.” (PEREIRA, 1986, p. 57). O termo foi associado, portanto, a um antagonismo entre os grupos populares contra aqueles que detinham o poder hegemônico.

A abertura política no Brasil com o final da ditadura sinalizou um novo momento para a imprensa alternativa da época. Quase a totalidade das experiências arrefeceu ou migrou para outros campos de lutas, vindo à tona publicações político-partidárias ou especializadas, como jornais feministas. Consequência do término do principal mobilizador de reações contrárias da época, a própria ditadura e suas formas de opressão, como a censura às liberdades de expressão e de imprensa.

A nova fase da comunicação alternativa no Brasil foi ainda um efeito colateral das mudanças por que passaram os movimentos sociais.

[...] as pessoas haviam perdido o medo e a sociedade se constituía, então, de novos sujeitos políticos em novos espaços sociais. A nova conjuntura trouxe alterações substanciais na estrutura interna dos movimentos. Houve um reordenamento das forças políticas, uma nova esquerda independente emergiu, enquanto outros grupos políticos e a esquerda tradicional, até então inseridos nos movimentos, vieram à luz com propostas e programas definidos de transformação social. Como consequência, ocorreu a polarização dos movimentos em todos os níveis: de um lado, aqueles que acreditavam num projeto alternativo de sociedade a partir das bases. De outro, aqueles que acreditavam na formação de uma frente ampla e democrática, em aliança com todos os setores progressistas, inclusive, a burguesia nacional (FESTA, 1986, p. 24).

Tal conjuntura influenciou a gama de movimentos da época, do operário ao rural; do movimento de base à atuação dos chamados intelectuais orgânicos. Mas, as transformações teriam ainda outras causas e consequências. Para Chauí (1998, 34 E 40, *apud* GOHN, 2000, p. 8-9), nesse período,

o refluxo dos movimentos e das políticas de emancipação do gênero humano criou um vazio que a ideologia neoliberal sente-se à vontade para preencher ao seu bel prazer porque não encontra opositores. [...] Um dos efeitos mais terríveis do neoliberalismo brasileiro tem sido o esfacelamento dos movimentos sociais e populares que foram os grandes sujeitos históricos e políticos dos anos 70 e 80.

Mas, no Brasil, apesar da década 1990 ter vivenciado certa retração (e eu diria até refração) dos movimentos sociais, especialmente os populares, ela protagonizou mobilizações importantes, como as do *impeachment* de Collor, e ainda a consolidação de um dos maiores

movimentos da América Latina, o Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST). Desse modo, é importante frisar que

a experiência brasileira mostra claramente que a comunicação popular e alternativa [eu acrescentaria a comunitária] aparecem, desenvolvem e refluem na mesma medida da capacidade de os movimentos sociais articularem o seu projeto alternativo de sociedade (FESTA, 1986, p. 30).

Essa ligação intrínseca com os movimentos sociais e culturais populares exige da comunicação popular, alternativa e comunitária o mesmo que exige dos próprios movimentos populares. Que seja mantido “um compromisso básico e essencial”, de ter a “realidade objetiva como ponto de partida”, pois o primeiro passo para quem almeja modificar a vida concreta é compreendê-la profundamente (PEREIRA, 1986). Afinal, essas experiências servem como mediadoras entre a realidade objetiva e os grupos a quem se destinam.

Embora não seja o foco desta pesquisa, acho importante dizer que quando observo o cenário da comunicação popular (e de expressões similares, como a alternativa e a comunitária) nos anos 1990 e na primeira década deste século, avalio que muitas dessas experiências ligadas a movimentos sociais e culturais populares se focaram mais nos veículos ou em produtos (como programas para rádio e TV) e não fortaleceram os processos (não hierárquicos, democráticos e participativos) que deveriam acompanhar a produção comunicativa.

A presença forte do movimento sindical ou de movimentos em torno das direções de entidades (como associações, organizações não-governamentais, partidos e igrejas) fez com que as ações de comunicação se direcionassem a fortalecer institucionalmente essas organizações. Algumas até, para divulgar seus produtos (por conseguinte, suas ideias e reivindicações), enveredaram por comprar espaços na mídia, principalmente em emissoras de rádio do interior do país. A maioria continua, de certo, longe da lógica mercadológica, mas parece ganhar matizes de uma comunicação institucional.

Ao centrar a comunicação na relação com a tecnologia (principalmente pela hipervalorização dos meios), movimentos sociais e culturais populares acabam por entrar na lógica dominante. Dão valor demais aos veículos de comunicação (na guerra por concessões de rádio e TV, por exemplo) para fazer frente ao poder hegemônico ou, mesmo sem perceber, reproduzem o projeto que tem como bandeira “o otimismo tecnológico com o mais radical pessimismo político”, legitimando, “através do poder dos meios, a *oni-presença mediadora do mercado*.” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 11) [grifo no original].

Diante dessa conjuntura, é preciso pensar na “*hegemonia comunicacional* do mercado” e “o lugar estratégico que passou a ocupar a *comunicação* na configuração dos novos modelos de sociedade” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 13) [grifo no original]. Até porque, na contemporaneidade, acumulam-se experiências comunicativas, ancoradas nas tecnologias digitais que, por sua vez, amparam-se nas regras do mercado, o qual barateia preços para tornar mais acessíveis as TICs, e se manter aquecido.

A disseminação dessas novas práticas comunicativas, contudo, não vem acompanhada pela organização social em prol de projetos coletivos; embora mobilizações e movimentos sociais e culturais populares também as utilizem. Os meios de comunicação tradicionais e as TICs passaram a ser usados por indivíduos que não têm nem disposição e nem histórico de militância política organizada.

Por conseguinte, espriam-se experiências comunicativas motivadas por interesses e desejos bem particulares, e que passam a ser compartilhadas em tribos de afeto, hábitos, crenças ou preferências. Distanciam-se, cada vez mais, de experiências de comunicação com cunho político cujos protagonistas eram movimentos sociais e culturais populares; ou impulsionadas pela desigualdade econômica resultante do que considero o pior carrasco humano: a relação de exploração do homem sobre o homem, baseada no tripé propriedade privada, força de trabalho e *mais valia*.

Apesar disso, os processos comunicativos são instâncias em que formulamos os sentidos dados à vida. Participar desses processos de maneira ativa – e não somente reagindo a estímulos recebidos – coloca em xeque a posição e papel do emissor e do receptor. Como consequência, permite que sejam criadas situações, mesmo que pontuais, propícias a questionar o que está posto.

Pensando nesses comunicadores, imagino ser possível aproximá-los da ideia, apresentada por Velho (2013), do que sejam os mediadores. Indivíduos que estabelecem a comunicação entre grupos sociais distintos, aproximando mundos diferentes, estilos de vida e experiências; e que são muitas vezes “agentes de transformação [...] A sua atuação tem o potencial de alterar fronteiras, com o seu ir e vir, transitando com informações e valores.” (VELHO, 2013, p. 147).

Afinal, esta é a natureza contraditória da práxis comunicativa. Mesmo quando a serviço do poder instituído, sustenta-se como um palco de conflitos, que mais do que cenário é também um movimento, ou seja, ações que acontecem em um dado espaço e tempo históricos. Logo, é crucial manter a atenção nas formas subterrâneas de comunicação.

Talvez, passe por elas a estratégia para se quebrar a homogeneização midiaticizada, “que vem contribuindo para a conversão das culturas e das identidades culturais em mercado a partir da produção e oferta de um amplo espectro de produtos midiáticos” (COGO, 2004, p. 44). Foi pensando nisso que resolvi olhar para o bairro Antônio Bezerra que, de 1996 para cá, tornou-se cenário de interessantes iniciativas de comunicação.

É de lá que vem a experiência com as rádio comunitárias Antônio Bezerra 103,5 FM e a Costa Oeste 87,9 FM. Na internet, existem, hoje, o site BAB e outros sítios, como *Fanpages* das experiências comunicativas, o site da própria Costa Oeste e o da OSCIP Gedam. Além de experiências pontuais de jornais impressos e de folhetos publicitários. Mas, apesar de terem sido experiências mediadas pela tecnologia que chamaram minha atenção, acabei enveredando minha pesquisa para um diálogo entre cotidiano, sociabilidade/socialidade e comunicação, baseado nos relatos de moradores e comunicadores do bairro.

6.2 As radiocom no Antônio Bezerra

No Brasil, em 16 de fevereiro de 1998, foi aprovada a Lei 9.612 que regulamentou o uso das rádios comunitárias no país ao instituir o Serviço de Radiodifusão Comunitária. Fruto da correlação de forças entre o movimento de rádios comunitárias e setores da sociedade ligados à comunicação hegemônica, a legislação que deveria ser um avanço, acabou por restringir em muitos aspectos essas experiências. Haja vista que a lei dispõe de artigos

que regulamentam a radiodifusão comunitária sob condições restritas: de potência, participação da sociedade civil, formação de redes, garantias de funcionamento na zona rural, possibilidades de explorar os apoios comerciais etc. [...] essa lei recebeu o protesto do movimento de rádios comunitárias (OLIVEIRA, 2007, p. 67).

Desde aquela época, estende-se a mobilização da Abraço Nacional para que sejam incorporadas à lei reivindicações que foram excluídas do projeto original. Entre elas, ampliar a potência (de 25 para 50 watts ERP – potência efetiva irradiada), reservar duas frequências e autorizar o uso de publicidade. Atualmente, a associação realiza a “Campanha por uma Nova Lei de Rádios Comunitárias no Brasil”, visando a alcançar um milhão e trezentas mil assinaturas, exigidas pelo Congresso Nacional para acatar tais reivindicações como uma proposta de iniciativa popular (ABRAÇO, 2014).

Do lado oposto, tendo como principal articulador a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), os setores que monopolizam a comunicação no país permanecem articulados para que não haja avanços. Observando o atual contexto, “Lopes (2005) sugere que a criação da lei e dos procedimentos de outorga funcionariam na verdade,

como uma estratégia de contrarreforma, usada para barrar o crescimento das radiocom no país.” (apud MATOS, 2011, p. 79).

Apesar das críticas, a lei definiu o que seria uma rádio comunitária, bem como, suas funções e o teor de sua programação; muito embora não explicita uma compreensão sobre “comunidade”. Em todo o texto, a palavra comunidade é citada 14 vezes, mas apenas no parágrafo 2º do Artigo 1º é que, ao esclarecer o termo “cobertura restrita”, comunidade é associada à ideia de espaço físico, no caso, um “bairro e/ou vila”. Legalmente, segundo esse mesmo artigo,

denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a radiodifusão sonora, em frequência modulada, operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço.

§ 1º Entende-se por baixa potência o serviço de radiodifusão prestado à comunidade, com potência limitada a um máximo de 25 watts ERP e altura do sistema irradiante não superior a trinta metros.

§ 2º Entende-se por cobertura restrita aquela destinada ao atendimento de determinada comunidade de um bairro e/ou vila (OBSCOMCOM, 2015).

Outro ponto importante da lei se refere às funções de uma rádio comunitária e os princípios que devem reger sua programação. Dividida em cinco tópicos, as finalidades das radiocom – acompanhadas por quatro princípios orientadores – centram-se em fortalecer as comunidades, a partir de intervenções nas áreas da cultura, lazer e convívio social. Há, porém, expressões que evidenciam certo conservadorismo. A citar os seguintes trechos: difundir “tradições e hábitos sociais da comunidade” ou ter “respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família”, presentes, respectivamente, no tópico I, do Artigo 3º e tópico III, Artigo 4º (OBSCOMCOM, 2015).

Entretanto, a lei é bem taxativa ao vetar que as rádios comunitárias assumam um caráter religioso ou de discriminação social. Conforme diz o tópico IV, sobre princípios da programação, do Artigo 4º:

IV - não discriminação de raça, religião, sexo, preferências sexuais, convicções político ideológico partidárias e condição social nas relações comunitárias.

§ 1º É vedado o proselitismo de qualquer natureza na programação das emissoras de radiodifusão comunitária.

“Prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil”, (tópico III); “contribuir para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de atuação dos jornalistas e radialistas, de conformidade com a legislação profissional vigente” (tópico IV); e “permitir a capacitação dos cidadãos no exercício do direito de expressão da forma mais acessível possível” (tópico V) são as demais finalidades previstas pelo Artigo 3º (OBSCOMCOM, 2015).

Ainda com relação aos outros princípios, a legislação determina, em seu Artigo 4º, que a produção das radiocom deve estar orientada pela:

- I preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas em benefício do desenvolvimento geral da comunidade;
- II promoção das atividades artísticas e jornalísticas na comunidade e da integração dos membros da comunidade atendida;
- III respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família, favorecendo a integração dos membros da comunidade atendida (OBSCOMCOM, 2015).

Reservo, aqui um espaço para lembrar o que Francisco Tavares, administrador da Costa Oeste, repetiu diversas vezes sobre o papel da emissora. Enquanto contava os planos futuros para a 87,9 FM voltar a ser atuante na comunidade, explicava qual o papel de uma radiocom junto aos comunicadores.

Já trabalho com rádio há mais de dez anos, inclusive sempre com rádios comunitárias que é o foco que eu gosto muito, uma rádio que dá oportunidade à comunidade do bairro. [...] O trabalho de coordenação de uma emissora comunitária é procurar os comunicadores qualificados que querem estagiar na rádio comunitária, que estão começando a mostrar o seu trabalho para outras emissoras e a rádio comunitária é o primeiro passo para que eles possam realmente mostrar os seus serviços. Já aconteceu comigo que alguns comunicadores hoje já estão em rádios oficiais, através da Costa Oeste, da Fortaleza FM [radiocom localizada na Barra do Ceará]. E esse é um trabalho que a gente tem o maior carinho. Às vezes, a pessoa tem talento, mas tem aquela timidez de enfrentar um microfone, né? E com a experiência, a gente vai instruindo, vai dando instruções, vai dando assim um estágio, assim, na mesa de som, na sonoplastia. Então, ele aprende muito com a rádio comunitária pra se tornar um profissional da área da comunicação (Francisco Tavares, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

Embora seja importante que a radiocom se torne um canal de aprendizado àqueles que desejam se tornar radialistas, pareceu-me que, na Costa Oeste, esta função se sobrepõe a outras mais voltadas para o coletivo; o que se discutirá mais adiante.

Enfim, a regulamentação das radiocom foi importante para o reconhecimento da existência dessas experiências. Por outro lado, porém, legitimou “os mecanismos de repressão e controle das emissoras que não possuem concessão, pois, na medida em que existe uma legislação específica são obrigadas a adaptar-se a elas.” (MATOS, 2011, p. 79).

Assim, a exigência da concessão legal para uso de rádios comunitárias fez com que muitas emissoras procurassem seguir a legislação. Para se ter uma ideia, em junho de 1999, o jornal Abraço no Ar noticiou que 20 mil requerimentos haviam sido entregues ao Ministério das Comunicações. Entretanto, logo ficaria evidente que “a rapidez no encaminhamento dos pedidos não teria a mesma velocidade de processamento pelo Ministério das Comunicações.” (MATOS, 2011, p. 81).

Atualmente, de acordo com pesquisa realizada em 2011 pelo Observatório de Comunicação Comunitária, o Brasil possui 3.832 emissoras comunitárias legalizadas e funcionando. No Ceará, esse número é um pouco mais que 200 (OBSCOMCOM, 2015):

Tabela 3 – Número de emissoras de rádio com licença para funcionar

Território	Licença definitiva	Licença provisória	Sem outorga
No Brasil	3.157	675	34
No Ceará	167	35	01

Fonte: Obscomcom (2015).

A corrida pela legalização – que não aconteceu somente no âmbito do judiciário – expôs conflitos de ordem política, principalmente pela interferência de deputados que facilitavam (e ainda facilitam) a outorga de determinadas emissoras em troca de favores políticos, como apoio em épocas eleitorais. Em conluio com essa barganha politiqueira, a burocracia estatal foi empecilho para que experiências de rádios comunitárias – que tinham, por sinal, reconhecimento dentro do movimento de radiocom e das comunidades das quais faziam parte – não se tornassem legalizadas.

Isso aconteceu, por exemplo, com a Rádio Comunitária Mandacaru, localizada no bairro Éllery em Fortaleza e com a Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM. Esta última foi a primeira experiência de radiocom daquele bairro que funcionou de 1999 a 2006. Foi fechada pela Anatel em 12 de dezembro de 2005, mas logo em seguida foi reaberta sem autorização, o que resultou na prisão do diretor presidente da rádio, Rondinelle Mendes de Araújo, em 25 de janeiro de 2006, sendo este processado pelo Ministério Público (TRF, 2010).

Além do reconhecimento legal, as rádios comunitárias precisam estar legitimadas perante a comunidade da qual fazem parte. Tal legitimação é fundamental para alcançar audiência e fortalecer o poder de intervenção social desses veículos. Nesse sentido, a construção de uma imagem pode chegar a ser mais importante do que a outorga do sinal.

Nos dias de hoje, diversos formatos, que se pautam por interesses religiosos, político-partidários, mercadológicos ou ainda pela tradição dos movimentos sociais e culturais populares caracterizam as radiocom. Elas assumem, então, diferentes discursos que “se organizam e representam segmentos da sociedade em busca de visibilidade: seja ela política, social, comercial ou cultural.” (MATOS, 2011, p. 43).

Ao dinamizarem a temática da vida local – quando fazem referência a ruas, estabelecimentos comerciais, a pessoas e/ou a acontecimentos do lugar – as rádios comunitárias tornam visíveis cotidianos pouco lembrados na mídia. Mas, fazem isso numa relação direta entre a indústria cultural e o “circuito de uma esfera pública plebeia” (MATOS, 2011).

Apesar disso, segundo esta autora, “o universo das rádios comunitárias, cuja proposta é romper diversos níveis de restrições: culturais, econômicas, políticas, informacionais, pelo descompromisso com a obtenção de lucro que marca os veículos comerciais” (p. 46) não impede que as radiocom se constituam “como um mercado. As possibilidades de trabalho, de venda de equipamentos, de atração de pequenos anunciantes, entre outros aspectos, sugerem essa leitura.” (p. 46).

Ademais, observa-se que o costume de arrendar horário na programação para manter a estrutura e o funcionamento das emissoras é cada vez mais corriqueiro. Inclusive porque, de acordo com a legislação brasileira, as radiocom são impedidas de obterem lucro, muito embora – seguindo o Código de Ética da Abraço (ABRACO, 2015) – seja necessário que as emissoras encontrem meios para garantir sua autonomia financeira, mas sem estabelecer vínculos de dependência.

De uma maneira geral, os diálogos entre legalidade e legitimação, estratégias de sobrevivência e autonomia político-financeira vão estar presentes nas experiências de radiocom brasileiras. Em Fortaleza, o contexto não será muito diferente do restante do país. Hoje, a capital cearense possui apenas dez radiocom com licença para funcionar, sendo sete definitiva e três provisória (OBSCOMCOM, 2015). Com licença provisória desde 2002, a rádio comunitária Costa Oeste 87,9 FM é uma dessas emissoras.

Nesse tempo de existência, a emissora vivenciou várias fases. Os primeiros anos de legalização (2002 a 2006); a fase em que ela foi bem atuante (2006 a 2009) e a mais lembrada pelos meus interlocutores; uma terceira (2009 a 2012) quando foi arrendada pelo vereador Adail Júnior; a tentativa de retomar a audiência (2013 a 2014); e a fase atual que os ex-comunicadores dizem estar arrendada para um grupo evangélico. Nesta pesquisa, concentrei-me no momento atual e nas recordações dos comunicadores que se referem principalmente ao período de 2006 a 2009.

6.2.1 Da 103,5 à 87,9 FM

A Costa Oeste 87,9 FM é uma rádio comunitária da Associação Cultural de Santa Edwirges, que funciona com licença provisória, obtida pela Portaria nº 1.594, de 9 de agosto de 2002 (OBSCOMCOM, 2008). É uma das dez rádios comunitárias com licença para funcionar em Fortaleza. Intitula-se uma “rádio verdadeiramente do povo”, com programação voltada para

“informação social e cultural, com ritmos variados, sempre agradando todas as classes”, conforme consta no site da emissora⁸³.

Ao acompanhar sua programação atual, é possível ouvir vinhetas de passagem que reforçam a imagem de rádio comunitária. Frases como: “Esta é a Nossa Rádio”; “Uma emissora da Associação Cultural Santa Edwirges”; “A rádio da comunidade do Antônio Bezerra”; e “A rádio do Antônio Bezerra”, acompanham o nome da emissora em vinhetas institucionais⁸⁴.

O discurso engajado, porém, não revela os conflitos e contradições em torno da Costa Oeste. Mas, em poucas conversas com comunicadores do Antônio Bezerra, especialmente com aqueles que vivenciaram outros momentos da emissora, é possível perceber que a trajetória da 87,9 é marcada por disputas de diversas ordens, principalmente, política.

Antigamente a rádio Costa Oeste FM era uma rádio pertencente à associação... ainda é. Mas tinha pessoa que trabalhava não pro benefício da rádio, trabalhava com outros objetivos. E isso foi desestruturando a rádio e não zelou pela rádio comunitária. Houve, assim, uma má administração, vamos dizer assim, e as pessoas abandonaram a Costa Oeste FM (Francisco Tavares, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

Chico Tavares – como é conhecido o atual administrador da emissora e locutor do programa *Manhã 87*, de segunda à sexta; *A tarde é brega*, veiculado aos sábados; e *Ídolo para sempre*, transmitido aos domingos –, refere-se a um passado bem recente. Foi entre 2009 e 2012, logo após a saída de Rondinelle Mendes da direção da Costa Oeste, que a rádio mudou seu perfil.

Essa aí [a Costa Oeste], o cara foi covarde com ele [com Rondinelle]. Alugou os equipamentos por 500 e depois de um ano veio o vereador e alugou por 2 mil. E ele não tinha condições, porque tirava da programação... O cara entrou só pra prejudicar... O Chico Tavares ia nos comerciantes pedir ajuda pra pagar o salário, eles não tinham salário, tinham só essa combinação com alguns comerciantes (Edmar Mendes Filho, o Didi do Frifor, entrevista concedida dia 18 de dezembro de 2013).

Embora seja perceptível o constrangimento dos meus interlocutores para falar sobre o período em que a rádio foi aparelhada por um político, ficou bem explícito o descontentamento destes com o tempo em que a emissora estava sob controle de um vereador de Fortaleza. Isso, por sinal, prejudicou a relação entre a Costa Oeste e os moradores comunicadores do bairro, especialmente, com aqueles que vivenciaram momentos anteriores da emissora, principalmente o período entre 2003 e 2009 quando a radiocom era mais ativa.

⁸³ Texto de abertura do site da Costa Oeste FM 87,9, localizado na seção “Rádio”. Disponível em: <<http://www.costaostefm87.com.br/a-radio>>. Acesso: 28/05/2015.

⁸⁴ As vinhetas a que me refiro foram ouvidas durante os meses de maio e julho de 2015 quando acompanhei sistematicamente a programação da emissora.

A rádio hoje é totalmente financiada, muito comercial. A rádio era comunitária na época do Rondinelle. O Rondinelle pegava o carro dele, saía, ia nos postos de saúde, ia na comunidade. Tinha aquele mesmo mote do site Antônio Bezerra que dá informação histórica e cultural da comunidade. O que a gente observa é que nesses outros não têm.

– Mas, a rádio é usada pra política? [pergunta]

– ‘ran’ Olha, quando o Rondinelle deixou de ser o diretor da rádio, o vereador tomou conta da...

– Que vereador?!

– O Adail Júnior. Ele tomou conta da direção, foi aí quando a gente teve... Nós rompemos o site com a rádio, porque a partir do momento que a gente viu que um político estava tomando conta de um determinado veículo de comunicação, ia ser totalmente diferente do que é a nossa proposta, o nosso trabalho. Então, desde esse tempo, a gente não teve mais... Foi há uns quatro anos atrás... Em 2008, na reeleição da Luizianne, foi a partir daí que começou... eu não tive mais contato com a rádio. Porque a gente antes, muitas vezes, transmitia ao vivo algum programa da rádio. A gente tinha uma parceria com a maioria dos comunicadores de lá. Mas agora não, é totalmente [gesto com as mãos, apartando]; então eu não costumo falar diretamente, porque eu não acompanhei mais. O que a gente ouve falar é que realmente tinha essa manipulação (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 25 de outubro de 2013).

As queixas sobre as mudanças de direcionamento da Costa Oeste estão presentes em todas as falas dos comunicadores com os quais conversei. É também notório o afastamento de comunicadores que foram bem ativos na emissora, como Jailson Pereira que esteve, durante cerca de três anos, de 2006 a 2008, à frente de três programas.

Fica até difícil eu falar [da atual fase da Costa Oeste] porque assim, eu não tenho acompanhado muito os programas. Eu me lembro, eu sei que alguns comunicadores ainda permanecem, mas são poucos, eu digo, da época. A gente mantém vínculo ainda, amizade e tudo mais. Mas eu não acompanho assim bem os que tão... eu não sei se tem ainda algum programa de vínculo propriamente social. Às vezes, até tem alguns comunicadores que eu converso, que eu falo isso, aí eles: “vamos cobrar da dirigência.” Mas, eu não vejo assim nenhum programa que seja assim de cunho social mesmo. Tem programas religiosos que sempre se manteve, né? Tanto evangélico como católico, mas, eu não vejo assim nenhum programa que realmente seja de comunicação direta, com a participação da sociedade, como o programa *A Voz da Comunidade* fazia; que deixa o ouvinte dar sua opinião, que faz a divulgação dos eventos que estavam acontecendo aqui no bairro. Mais no sentido, assim, os postos [de saúde] do bairro, fazer com que os meios sociais prestem esclarecimentos, informações à sociedade diretamente na rádio. Às vezes, eu sintonizo e eu não percebo essa participação que é a finalidade da rádio comunitária (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

Jailson Pereira se refere a um dos programas do qual fazia parte. Segundo ele, o *A Voz da Comunidade* começou com o Rondinelle Mendes que na época era o dirigente da rádio. Mas, a fase de maior repercussão foi comandada por ele e Valentim Santos. Era um programa diário, veiculado ao meio dia, que trazia convidados para debater temas polêmicos e divulgava o que acontecia no bairro, dando ênfase aos problemas e demandas dos moradores.

Esse programa já tinha começado antes e tinha sido encerrado. [...] ele, o Rondinelle, deixou na mão do Valentim e o Valentim mais uma vez me convidou, uma parceria muito boa também. Eu acredito que tenha passado em torno de três anos de duração. [...] Tinha notícias bem polêmica como a questão de aborto, a questão da AIDS. A

gente trazia convidados pra falar [...] E realmente, os temas mais delicados como a questão do aborto, legalização da maconha, às vezes, o pessoal se exalta e realmente um é a favor e outro é contra e fica aquela temática... Pra quem tá comandando tem que ter muito cuidado. Então, eu acho que eram essas matérias mais delicadas que chamam mais atenção. São as que eu me lembro com mais clareza [risos] (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

O *A Voz da Comunidade* tinha, ainda, uma particularidade diante dos demais programas da Costa Oeste. Ele não era arrendado, ou seja, a radiocom mantinha aquele horário e não era necessário procurar apoios culturais para financiá-lo. Por outro lado, a diretoria acabava por interferir no andamento do programa que, apesar de ser comandado por Valentim e Jailson, pertencia à emissora.

Foi assim que o programa – no auge de sua audiência – mudou de horário, passando a ser veiculado à noite sob o argumento de que à noite a audiência seria maior, pois as pessoas estariam em casa. A mudança de horário impediu a permanência dos locutores no programa, que passou a ser comandado por outra pessoa. Em pouco tempo, o perfil do programa também mudou, passando a ter mais música do que informação e debate.

– Vocês na época concordaram com a mudança?

[risos] – Não tinha como concordar ou não, né?

– Ah, então, o Rondinelle é quem decidia?

– Era, praticamente. Em reuniões, através das reuniões, a direção decide vamos fazer esse horário e tal. Alguns horários era arrendados, a maioria deles são arrendados na rádio comunitária onde continham apoio comercial. E o programa *A Voz da Comunidade*, a gente não pagava, a gente não precisa de procurar apoio; porque a maioria dos comunicadores, eles têm duas função tanto de fazer o programa e também ir em busca de apoio. Nós, digamos, de certa forma, tínhamos esse privilégio porque a gente não se preocupava em manter o programa com apoio cultural.

– Tu lembra qual o programa que substituiu o de vocês ao meio dia?

– Não me lembro com certeza, mas se eu não me engano era um programa esportivo, dando informações sobre esporte.

– No caso arrendado, talvez?

– Provavelmente, porque todos os programas eram arrendados, inclusive o meu programa que eu fazia, o *Informática Livre* era arrendado. O *Consciência Ecológica* era também arrendado. Tinha os patrocinadores que gostavam assim do estilo do programa davam uma certa cota para manter o programa no ar, com apoio cultural (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

O aluguel de horários permite que a emissora permaneça com a grade de programação completa, ficando no ar grande parte do dia e da noite. Além disso, é assim que ela obtém recursos para a manutenção de equipamentos e, eventualmente, pagar algum serviço ou funcionário de que necessite. Entretanto, passa a prevalecer a lei do dinheiro: quem tem como pagar pode ter um programa e o vínculo entre os programas, emissora e comunidade se torna mais frágil, haja vista que a definição da programação passa a ser norteadada pelo que está ou não arrendado.

A ideia de projetos coletivos fica em segundo plano, muito embora, os programas tenham que seguir a regulamentação legal das radiocom. Por outro lado, abre-se a possibilidade de uma variedade maior na programação – musicais, informativos, religiosos, esportivos, policiais... – o que não significa dizer que essa diversidade sinalize variações de conteúdo e estética, porque as padronizações da indústria cultural ganham mais força quando não há uma orientação de resistência organizada.

Nessa lógica de arrendamento, Jailson comandava o *Informática Livre*, que era veiculado aos domingos e trazia dicas sobre informática, internet e o *Orkut*. Por um tempo, ele dividiu a locução com Paulo César, seu ex-aluno e depois funcionário do Curso de Informática do Professor Jailson; e que já tinha experiência como comunicador em Itapipoca. Mas com a volta de Paulo César para o interior, ele passou a comandar o programa sozinho. Apesar de despertar a curiosidade dos ouvintes, é fácil observar que o programa era um misto de interesses particulares e coletivos.

Passei em torno de 2 anos e meio a 3 anos. [...] Era um programa que despertava assim muito interesse meu, porque já era minha área. Era só passando dicas de informática, comentário de informática, passava assim muito macete na época do *Orkut*. Na época, o pessoal começava a despertar para a internet, eu passava muitas dicas para as pessoas ter mais cuidado com a informática, as crianças em busca de informações, questão de educação. Era um programa que, realmente, me interessava muito. [...] o Paulo César era um aluno meu, ele passou a ser aluno, depois um funcionário. Era uma pessoa muito participativa e já era comunicador lá de Itapipoca. Foi uma parceria muito boa também, mas infelizmente, ele teve que viajar e eu fiquei só no comando (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

Outro programa do qual fazia parte era o *Consciência Ecológica*, transmitido aos sábados e que tinha como locutor principal Valentim Santos que, por sinal, era quem arrendava o horário. Foi ele quem convidou Jailson a participar, primeiro como comentarista e debatedor, depois dividindo a locução.

[...] de participante de informações que eu levava para o programa, eu passei a ser um parceiro de comunicação pra questões ambientais no rádio.

– Repórter?

– Era como se fosse uma espécie de comentarista. Digamos que ele [Valentim] seria o âncora e eu seria o comentarista para debater e até mesmo, participava, às vezes, nas entrevistas. E aqui acolá, nós tínhamos um repórter externo. Os programas eram dia de sábado, lá no começo. Eu, Valentim e a Liduína. A Liduína era repórter, ela fazia a grade, ela organizava, devido à formação dela, ela colocava, digamos as características profissionais do programa (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

Esse programa existia desde os tempos da Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM, a primeira experiência de radiocom no bairro, cuja principal liderança fora Rondinelle Mendes.

[...] a Antônio Bezerra FM, ela não tinha registro, depois a Anatel fechou, depois consegui abrir novamente... Nessa época, eu já estava fazendo história na UVA [Universidade Vale do Acaraú], aí tivemos a ideia de um grupo universitário criar um programa de rádio voltado para o meio ambiente, o *Consciência Ecológica*. A gente fazia dia de sábado. O programa trazia o pessoal da Semace [Secretaria do Meio Ambiente], a gente trazia ambientalistas... Um movimento que foi bom, porque a gente começou a trabalhar a educação ambiental, através das ondas do rádio. Depois veio a Costa Oeste FM, aí eu recebi um convite para ir pra rádio Metropolitana, e eu aceitei, porque era uma cadeia com 36 emissoras e aí o programa cresceu a nível estadual. Passamos uns dois anos com que esse programa. Mas chegou aquele momento que eu tinha que decidir se continuava na rádio com esse programa ambientalista, voltado exclusivamente para a educação ambiental ou entrava na UVA como professor (Valentim dos Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Migrar para um emissora maior – como aconteceu com Valentim e o seu programa – parece-me um indicativo de que não havia uma obrigação de se ficar restrito ao Antônio Bezerra; ou à comunidade que a radiocom alcançava. Embora tanto Valentim como Jailson percebessem que esse programa era significativo para o Antônio Bezerra, principalmente quando este foi para a 87,9 FM, eles entendiam (e entendem) que o tema meio ambiente extrapola os limites do bairro e o alcance da Costa Oeste.

Como esse, tantos outros temas, problemas e demandas de comunidades não podem ser tratados de forma isolada; ainda mais quando são cada vez mais articuladas as redes de uma cidade. Mas, a delimitação de grupos como comunidade reforça elos identitários e de afetividades, fortalece os referenciais com o lugar e até pode contribuir para a organização e mobilização social dos indivíduos. Entretanto, a ideia de comunidade isolada ou pura é cada vez mais abstrata diante da dinâmica globalizante em que vive a sociedade contemporânea.

Nesse sentido, organizar-se como comunidade pode até ser estratégico para interesses coletivos de mobilizações ou movimentos sociais. Mas, essa estratégia precisa ser tratada com muita atenção sob o risco de restringir seu poder de intervenção diante de uma situação mais macro e até de aglutinar pessoas em torno de sua causa. Quanto às experiências de comunicação comunitária, como as radiocom, é ainda mais difícil (e eu diria, até infrutífero) esse isolamento, principalmente porque a tendência, especialmente com o desenvolvimento das TICs, é de que veículos de comunicação se estendam, ampliando os limites de alcance.

Apesar dessa saída para a rádio Metropolitana, o *Consciência Ecológica* foi um programa que extrapolou as paredes do estúdio e as ondas do rádio, alcançando outras esferas do Antônio Bezerra. Mesmo depois de ter sido encerrado, deixou frutos, como a OSCIP Gedam, que há nove anos desenvolve, no bairro, ações educativas para preservação do meio ambiente.

Com o programa *Consciência Ecológica* dentro da rádio FM Antônio Bezerra, é que nós, digamos assim, fomos chamados, convidados – porque o nosso programa era um programa voltado para o meio ambiente. Então, o pessoal começaram a fazer convites

para participar de associações, como o caso da Associação Ambiental do Antônio Bezerra. Então, a gente; participamos disso, mas como não tava bem no segmento que nós estávamos; não tava identificado com as nossas ações, resolvemos lançar uma associação nossa mesmo. Então, o próprio programa *Consciência Ecológica* era um meio de propagar as ideias e fazer convite para as pessoas que tivessem a mesma finalidade – que é o meio ambiente – com a nossa associação, que no caso era uma com característica de OSCIP⁸⁵. Uma ONG qualificada como OSCIP, que pudesse propagar a questão da educação ambiental (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

Apesar dos interesses individuais que motivavam a produção de programas na Costa Oeste, naquela segunda fase da emissora, era bem presente o envolvimento dos comunicadores com os cotidianos do bairro. Indicativo de que alguns indivíduos – mais propícios “a se misturar” – constroem suas trajetórias numa relação bem próxima com as questões coletivas. Essa opção, cujas causas podem ser diversas, acaba por direcionar muitas das ações dessas pessoas a projetos coletivos; que acabam por ganhar repercussão quando estão associadas a veículos de comunicação.

Além disso, os comunicadores sinalizavam que o trabalho era sempre voluntário e que a renda obtida com anunciantes era destinada a manter os programas.

– Os programas eram voluntários ou dava para tirar alguma renda? [pergunta]
 – Não, todos eles eram voluntários. E em certas épocas, tanto minha como no caso do Valentim, às vezes, a gente tinha que tirar do próprio bolso. Era um programa de hobby, mas era de interesse social, porque através desses programas, surgiram outros movimentos, então não era em nenhum momento, assim, que traria renda pra gente (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

Com foco nos dias de hoje, a maioria dos meus entrevistados credita à saída de Rondinelle Mendes a causa principal do distanciamento entre bairro e emissora. Mas, é bem fácil identificar que as mudanças no perfil da Costa Oeste têm forte conotação política, presente desde a época em que se conseguiu a concessão e quando, em seguida, os comunicadores da radiocom 103,5 FM migraram para lá.

– Você lembra o ano em que a emissora realmente funcionou?
 – 2003 a 2006, 2008. Depois, o Rondinelle deixou a rádio, porque na verdade a rádio é do Zé Gerardo.
 – Quem é José Gerardo?
 – É o deputado marido da deputada Inês Arruda, que tinha a TV Metrópole e a concessão de várias outras [rádios]. Foi através dele que se conseguiu uma concessão para uma rádio pra cá.
 – Tem alguma associação comunitária aqui?

⁸⁵ As OSCIP foram criadas pela Lei nº 9.790, de 23 de março de 1999; que instituiu uma nova forma de contrato entre o poder público e as organizações não-governamentais. A partir de então, foi possível diminuir o “burocratismo previsto em leis como a de nº 8.666/93, que trata de licitações, concorrências públicas e medidas rígidas para transferências de dinheiro público ao setor privado.” (BARRETO, s/a, p. 01). Para uma ONG se tornar OSCIP, ela precisa comprovar sua representatividade diante de algum segmento da sociedade civil e seu caráter de benefício público.

– Praticamente se acabaram todas, agora só existem ONGS (Valentim dos Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Nem o próprio Rondinelle Mendes esconde essa relação política e os conflitos diante das disputas eleitorais.

A rádio [Costa Oeste] teve um período aí muito distante da comunidade porque em determinado momento, a política eleitoral atrapalhou. Houve aquela disputa nossa porque eu já tinha sido candidato e já existia aqui um vereador eleito, e ficou essa disputa nossa com a questão da rádio aqui. Acabamos que eu tive que ir cuidar de outras atividades na comunidade e a rádio perdeu foco. [...] Então, voltando pra questão da queda, né? Então, houve essa queda. Nunca mais teve uma blitz, nunca mais ninguém viu a rádio fazendo uma reportagem sobre um problema no nosso bairro (Rondinelle Mendes, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

Com o programa *Rondinelle em Ação por um Mundo Melhor*, veiculado aos sábados, Rondinelle Mendes fez parte, como diretor e locutor, da Costa Oeste, de 2003 a 2009. O nome sugestivo do programa denota forte personificação na figura do comunicador, que não esconde a intenção política-eleitoral.

Eu iniciei este programa desde 2003 [ainda na 103,5] e este nome vem pelo fato de a gente ter um trabalho muito voltado para ações como esporte, cultura e até de infraestrutura; que nós buscamos representar a comunidade nesses segmentos, eu acabei que personalizando, também com o objetivo de dar visibilidade ao nome, por causa de que eu tenho uma raiz política de meu avô [Didi do Frifor]. [...] Eu sou filho neto, fui criado por ele, dei continuidade ao trabalho dele. Por isso, eu tive que manter também um programa na rádio comunitária para manter a tradição e manter viva a nossa vida eleitoral. Na época, ele foi vereador pelo Partido Liberal. E eu fui candidato no primeiro momento pelo PSL e em 2008 pelo PTB. [...] Eu já fui candidato no Conselho Tutelar e candidato não eleito a vereador por duas oportunidades. E como eu tenho esse foco eleitoral, o nome tem que estar em evidência (Rondinelle Mendes, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

As explícitas intenções eleitorais, porém, não se concretizaram em votos, pois Rondinelle não ganhou nenhuma das duas eleições para vereador das quais participou. Apesar disso, há um reconhecimento, entre os comunicadores e moradores entrevistados, das intervenções sociais feitas por este comunicador, através do seu programa e das radiocom que dirigiu; tanto a Costa Oeste 87,9 FM como a 103,5 FM.

– Rondinelle usa o programa pra se promover como candidato? [pergunta]
 – É... eu conheço o Rondinelle há muito tempo, mas a gente teve um contato maior depois da existência do site [em 2005]. Essa coisa de ser vereador do bairro já tá no sangue mesmo, pelo avô político dele. Mas, ele é uma pessoa que a gente vê que faz as coisas, assim... é algo que foi naturalmente. E na rádio lá, era assim de uma maneira muito sutil, que não deixa transparecer esse outro sentido (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 25 de outubro de 2013).

Da mesma forma que os comunicadores, outros moradores, quando se referem à ligação política de Rondinelle, costumam associá-la a uma tradição familiar. É perceptível a falta de problematização sobre o papel social e político da família Mendes (e de outras famílias

influentes) no bairro. Na fala dos meus interlocutores, a família de Rondinelle – especialmente na figura dele, da mãe Yedda e do avô Didi – aparece sempre associada à questão de amizade, “a quem ajuda” (forte viés assistencialista) e a eventos festivos e culturais, promovidos no Antônio Bezerra.

O Didi, ele teve três mandatos, ele foi eleito vereador na amizade, porque ele sempre foi independente, ele foi levado. A política pra ele foi uma consequência, porque ele sempre foi um vizinho que foi muito prestativo com as pessoas independente de quem sejam. Então, ele era uma pessoa que se tinha um carro, esse carro era para levar todo mundo. Ele não tinha uma visão política, só no último mandato dele é que foi escolhido de forma mais politicamente, nos outros dois, foi tudo na base da amizade. As pessoas tinham aquele favor, aquela amizade... como até hoje ele é muito conhecido aqui no bairro. [...] e tem a Yedda. Então, são eles que fazem essa parte cultural do bairro, a Yedda que é a mãe do Rondinelle (Regina Terto Facundo, entrevista concedida dia 18 de dezembro de 2013).

Depois das eleições de 2008, no começo do ano seguinte, Rondinelle Mendes se afastou da Costa Oeste para voltar em 2013, com o mesmo programa; e novamente se afastar em 2014. Os motivos do novo afastamento não ficaram claros, mas é difícil achar que foi apenas coincidência que ele tenha se distanciado novamente em um ano eleitoral. O fato é que em 2013, quando voltou à rádio, vinha motivado pelo convite de Chico Tavares, que assumia a direção da 87,9.

Eu tenho muito conhecimento com o proprietário da associação, da concessão; e ele me chamou para reativar os nossos serviços. [...] Então, a gente tá resgatando a direção da emissora e vamos fazer com que ela seja uma rádio comunitária com seu valor, a sua rádio em defesa do povo. [...] Eu assumi dia 6 de maio [de 2013]. Então, a gente está assim reestruturando essa parte [da programação]. Já mudamos a mesa de som que ela tava com problema; já trocamos o microfone que também estava com problemas, não estava funcionando... E a gente vai tentando manter a rádio comunitária, a rádio do seu bairro Antônio Bezerra. Inclusive, a antena está comprometida, porque uma antena para ter um bom sinal, ela tem que ter quatro elementos e nós estamos funcionando apenas com dois elementos. Assim a gente perde a potência da emissora, porque com quatro elementos, a gente fecha a frequência. Nós atravessamos o bairro que é permitido pela Anatel, aí nós estamos comprometidos nos bairros próximos, inclusive já foi providenciado... A gente já mandou fazer uma nova antena [...] com muito sacrifício. Mas com certeza, a gente fica feliz de voltar a abranger esses bairros aqui próximo do Antônio Bezerra, porque os ouvintes reclamam direto. Sentem saudade da Costa Oeste e eu vim aqui com esse objetivo de dar mais qualidade de som, de programação e, com certeza, a gente trabalha dessa forma (Francisco Tavares, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

De lá para cá, o novo diretor vem tentando reorganizar a rádio. Pelo que conta, o primeiro momento foi ouvir as reclamações que chegavam dos ouvintes. Chico Tavares também transparece a preocupação em diversificar a programação e a emissora voltar a ter programas ligados a ações sociais para que a Costa Oeste ganhe audiência e seja reconhecida por essas ações.

A gente tem muita reclamação do programa do brega e eu estou já pensando o programa do brega de sábado e domingo, de 12 às 14h, pra gente abranger aí os bares e churrascaria, pessoal na praia tomando aí sua cervejinha... com cautela. [...] É por isso que eu digo, a rádio comunitária deve ter uma programação diferenciada, ela não pode tocar só um gênero musical, ela deve ter vários gêneros musicais. [...] Agora, nós temos um programa *Rondinelle em Ação* que é um programa direcionado para a comunidade, tem os programas culturais do *Gibão de Couro*, uma homenagem a Luiz Gonzaga, tem um programa católico, tem um programa evangélico. [...] Foi com esse objetivo que eu voltei, que a Costa Oeste seja bastante conhecida, não só no bairro Antônio Bezerra, conhecida também nos bairros adjacentes, com as ações sociais. Tem preocupação na tua rua, tá com um buraco, tá com problema na Coelce, se você tá com problema de segurança. Qualquer problema que você tiver, nós vamos ter dois carros comunicadores, que é o carro reportagem da Costa Oeste. Esse é o nosso objetivo, colocar dois carros dentro dos bairros para que a gente possa saber qual é o problema da comunidade, para que a gente possa procurar as autoridades, os responsáveis pelo bairro Antônio Bezerra para que a gente possa resolver o problema (Francisco Tavares, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

Alguns dos planos não se concretizaram, como os carros para reportagens, e alguns programas, como *Gibão de Couro* e *Rondinelle em Ação por um Mundo Melhor*, até foram produzidos, mas não permaneceram até 2014. Chico Tavares, porém, continua administrando a emissora com a preocupação de ela não cair, novamente, nas tramas eleitorais.

[...] Nós não vamos trabalhar no termo política, porque a rádio comunitária não trabalha com política. É porque tem gente, às vezes, que se aproveita da oportunidade de pegar uma rádio comunitária no bairro na época de eleição e trabalham no objetivo deles, em termos de campanha, usando uma rádio comunitária e isso nem é permitido pelo Ministério das Comunicações. E isso foi o maior problema daqui, da Costa Oeste FM (Francisco Tavares, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

Apesar da fala de Chico Tavares, as experiências com rádio comunitária no bairro Antônio Bezerra, como é de praxe no movimento de radiocom em todo o Brasil, têm fortes ligações políticas. Quando as emissoras comunitárias se propõem a um trabalho de organização e mobilização social, a política, em um sentido mais laico, está presente. Além disso, as negociações para se conseguir a concessão pública e a instrumentalização das emissoras em disputas eleitorais são dilemas muito vivenciado por elas⁸⁶.

Acredito que a preocupação de Chico Tavares seja com o mau uso da emissora para fins eleitoreiros, pois ele lembra, até com certo orgulho, as mobilizações encabeçadas pela Costa Oeste em seus primeiros anos de existência.

[...] a gente trabalhou aqui com uma equipe muito boa onde a Costa Oeste tinha uma audiência muito fechada [fiel] aqui no bairro do Antônio Bezerra e bairros adjacentes [...] A Costa Oeste, para você ter uma ideia [...] nós fazíamos blitz, ações sociais, corte de cabelo, [retirada de] documentação, [doação de] sangue. [...] Na época em que

⁸⁶ Nas eleições de 2014, de acordo com os comunicadores, a Costa Oeste não se envolveu diretamente com a eleição. Jailson chegou a dizer que se a radiocom tivesse se envolvido, os outros candidatos teriam denunciado a emissora.

havia ali aquele buraco da vergonha, a Costa Oeste FM, rádio comunitária do seu bairro, se envolveu (Francisco Tavares, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

O fim do “buraco da vergonha” a que o atual diretor se refere foi uma conquista que marcou o bairro, não somente porque resolveu um problema de infraestrutura, mas também porque veio de uma mobilização dos moradores, através da emissora. Embora, também houvesse um intrincado jogo político.

Na época, através da rádio comunitária, já como Costa Oeste, nós brigamos muito para poder acabar com o símbolo da vergonha do nosso bairro que era aquele buraco ali próximo da rodoviária. Nós fizemos uma grande manifestação, um protesto com bolo cheio de baratas e ratos simbolicamente e foi o ano que eu me candidatei, aliás, foi em 2008, quando eu me candidatei pela segunda vez a vereador e fui chamado lá para apoiar a Prefeita, até porque o partido já estava coligado... Então, para eu defender o nome da Prefeita só se tirasse aquele símbolo da vergonha do nosso bairro. Aí a obra foi feita na época pela Regional III. Aí a gente estava inaugurando a extinção do buraco e a abertura da rua Perdigão Sampaio. A rádio se envolveu muito neste processo porque o *Rondinelle em Ação* – que é só uma vez por semana aos sábados – na época eu pegava o meu carro e aí o Chico Tavares, que hoje é o diretor da rádio, era o nosso repórter de rua, que no Kmunicador (porque meu carro é um ford K e eu denominei Kmunicador); e o Chico ia todo sábado fazer flash do programa ao vivo, pedindo a opinião da população sobre aquele buraco. Perturbamos de tal maneira o poder público, aí veio a questão da política com a Luizianne vir pedir apoio... E aí o buraco deixou de existir e a obra foi finalizada e aí fizemos uma grande festa com bolo de verdade (Rondinelle Mendes, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

Atualmente, a emissora tem uma grade de programação diferente da dos primeiros anos, embora guarde algumas das antigas características. Há, como anteriormente, programas musicais e religiosos (católico e evangélico). Mas, a emissora ainda tem vários horários livres, indicando que a grade passa por reestruturação. Algo que chamou atenção nas audições recentes foi o fato de grande parte dos horários da noite, sem programas fixos, estarem servindo para veicular músicas evangélicas.

A suspeita de que a rádio estaria arrendada para uma igreja evangélica, levantada por Inácio Rocha e Jailson Pereira, parece se confirmar, embora na programação da emissora tenha programas católicos, como o *Terço Mariano*, veiculado de segunda à sexta, das 18h às 19h. Tony Almeida – que apresentava o *Show do Brega*, programa veiculado nas tardes de sábado – foi bem enfático no primeiro contato que tive com ele, não deixando dúvidas dos conflitos em torno da Costa Oeste.

Não estou mais na Costa Oeste há um bom tempo depois que eles arrendaram a rádio para os evangélicos [...] A rádio deixa de cumprir com as determinações da ANATEL quando há arrendamento, através de um "contrato de gaveta" (Tony Almeida, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 8 de junho de 2015).

Tony morava em um bairro vizinho, o Quintino Cunha e havia acabado de chegar de Minas Gerais quando se aproximou da emissora entre 2013 e 2014. Queria fazer um programa de rádio, pois já acumulava experiências como locutor.

Fiquei uns 6 meses lá, até arrendarem toda a rádio para os evangélicos.... [...] A Associação estava endividada até o pescoço o ex-diretor saiu e não pagou um monte de dívidas... então o Chico foi obrigado a arrendar... segundo eu soube em reunião que frequentei (Tony Almeida, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 8 de junho de 2015).

Apesar dos conflitos, Francisco Tavares, como diretor da Costa Oeste, procura manter uma programação eclética. Ele mantém, ainda, um site (figura 7) – <http://www.costaostefm87.com.br/>) – pelo qual a emissora é transmitida *on line*, embora ao ouvir a rádio, percebam-se algumas informações destoantes com o que está no site, como o horário de alguns programas e o nome de alguns comunicadores. Alguns programas – como o *Rota Pesada* e o *Acontece Ceará* – anunciados em destaque no site, não se confirmam quando se escuta a radiocom.

Figura 7 – Página inicial do site oficial da Costa Oeste (topo da página)



Fonte: Site da Costa Oeste. Disponível em: <http://www.costaostefm87.com.br/>. Último acesso: 05/07/2015.

A 87,9 tem, ainda, uma página no *Facebook* e seu sinal também está disponível *on line* em outro site, o Radios.com (www.radios.com.br), que reúne várias emissoras do estado; conforme mostra a figura 8.

Figura 8 – Página da Costa Oeste no site Radios.com



Fonte: Site da Costa Oeste. Disponível em: <www.radios.com.br>. Último acesso: 05/07/2015.

Tais inserções sinalizam que a emissora acompanha a tendência de inclusão na internet e nas redes sociais, de grande parte das rádios brasileiras. Nos quadros seguintes, é possível observar a grade de programação da emissora que sofre alteração entre os dias semanais e o fim de semana. Os quadros foram elaborados, a partir da programação disponível no site, associada à audição da emissora que realizei entre maio e julho de 2015.

Os programas em vermelho foram aqueles divulgados no site, mas que não foram encontrados durante a escuta da rádio. Já os verdes foram aqueles que escutei algumas vezes e que serviram de base para a descrição e reflexões feitas sobre a rádio.

Quadro 1 - Grade da programação semanal – segunda à sexta

Programa	Horário	Locutor	Estilo
Manhã 87 (slide no site/6h-10h)	06h-10h	Francisco Tavares (e Biby Freitas)	Musical/Informativo
Destaque Musical (slide no site)	10h-12h	Javan Alencar	Musical
Rota Pesada (slide no site)	12h-13h	Tony Costa e Vander Gomes	Policial
Horário Livre	12h-13h	-	Seleção musical
Acontece Ceará (slide no site)	13h-14h	Carlos Holanda e Graça Tavares	Informativo (há uma revista de mesmo nome)
Horário Livre	13h-14h	-	Seleção musical
Horário Livre	14h-16h	-	Seleção musical
Forrozão 87 (slide no site)	16h-18h	Biby Freitas	Musical
Terço Mariano (slide no site)	18h-19h	Comunidade da Capela de Santa Edwirges. Louctor Cláudio Ferreira, participação de Marcelo Gomes (várias participações/comunidades)	Religioso/católico
A Voz do Brasil	19h-20h	Radiobrás	Informativo
Horário Livre	20h-22h	-	-
Ao Pé da Cruz (slide no site)	22h-00h	Pedro Roberto e Cia	Religioso
Horário Livre	00h-06h	-	-

Fonte: site da Costa Oeste/escuta da emissora.

A principal diferença que se percebe na programação dos dias da semana e do sábado e domingo é que no fim de semana os horários estão mais cheios. Acredito que seja pelo fato de a maioria dos comunicadores exercer atividades profissionais durante a semana.

Outro aspecto é que, na semana, há mais espaço para programas informativos, enquanto o fim de semana se reserva ao entretenimento. Isso acompanha o cotidiano da maior parte da população, que segue a dinâmica de produção e reprodução do capital cujos finais de semana estão destinados ao descanso ou ao lazer.

Quadro 2 - Grade da programação de sábado

Programa	Horário	Locutor	Estilo
Nelson, eternamente Nelson	06h-08h	Francisco Tavares	Musical
A Palavra (slide no site)	08h-10h	Marcos Gonsalves e Cia	Religioso/católico
Manhã Sertaneja (slide no site)	10h-12h	Eliane Melo	Musical
Balançando o seu coração	10h-12h	Tony Santos	Musical
A Tarde é Brega	12h-15h	Francisco Tavares	Musical
Reencontro com os Ídolos (slide no site)	15h-17h	Assis Reis e Diego	Musical
Momento da Jovem Guarda (horário livre)	15h-18h	Seleção musical gravada. Vinheta com o nome do programa, mas sem locutor (não corresponde a somente músicas da Jovem Guarda, mas a músicas dos anos 1960-80)	Musical
Ritmos	15h-17h 15h-17h	Assis Reis e Diego Carlos Massa (Máximo?)	Musical Musical
Sábado de Benção (slide no site)	18h-20h	Carlos Holanda	Religioso
Mensagem e Louvor Músicas religiosas (horário livre)	20h-22h 20h-23h	William Bezerra Sem locutor/seleção musical gravada (corresponde a músicas evangélicas)	Religioso Religioso/evangélico
Músicas populares (horário livre)	23h-00h	Sem locutor/seleção musical gravada	Musical
Horário Livre	18h-06h	-	-

Fonte: site da Costa Oeste/escuta da emissora.

Os programas de domingo me chamaram mais atenção pela interferência maior dos locutores e por perceber uma participação mais frequente do ouvinte.

Quadro 3 - Grade da programação de domingo

Programa	Horário	Locutor	Estilo
Recordando o que marcou (slide no site)	06h-08h	Tony Costa	Musical
Ídolo para sempre (slide no site)	06h-08h	Francisco Tavares	Musical
Famílias de Deus	08h-10h	Paulo Peixoto	Religioso
Show da Jovem Guarda (slide no site)	10h-12h	Neto C. e Duda Sousa	Musical

O Samba pede Passagem (slide no site)	12h-14h	Genildo Benício	Musical
O Amor de Jesus Cristo (slide no site)	14h-16h	Missionário Sebastian	Religioso/evangélico
Horário Livre	16h-18h	-	-
Tributo à Legião Urbana (slide no site)	18h-20h	Roberto Silva Sem locutor/ seleção musical gravada (a maior do Legião Urbana, mas outros rocks nacionais antigos)	Musical
Horário Livre	20h-06h	-	-

Fonte: site da Costa Oeste/escuta da emissora.

Quem somente escuta ou navega pelo site e *Fanpage* da Costa Oeste não consegue imaginar que a emissora se ressinta pelo tempo em que ficou distante dos moradores do bairro, especialmente, dos comunicadores mais antigos. Além disso, quase nada na programação evidencia que a Costa Oeste é uma radiocom. E o convite (ou promessa?), feito ao longo de sua transmissão, para que o ouvinte ouça e “sinta a diferença na nossa programação”, soa mais como frase de efeito em uma vinheta institucional.

Como acontece com muitas das radiocom brasileiras, a imagem da emissora se confunde com a de qualquer outra rádio comercial. Os horários na programação da Costa Oeste acompanham o que se convencionou nas emissoras comerciais – programa policial na hora do almoço, oração do terço às 18h. Ademais, os programas seguem uma estética (até mesmo nos trejeitos das locuções) bem similar a das rádios comerciais, indicando uma relação muito estreita com os modelos da indústria cultural; relação que não ousou chamar de diálogo.

As poucas referências à “comunidade do Antônio Bezerra” estão, principalmente, nas vinhetas institucionais e na divulgação de serviços de utilidade pública, como a campanha para doação de sangue para o Centro de Hematologia e Hemoterapia do Ceará (Hemoce), da qual a emissora participa. Há, ainda, a divulgação de eventos locais – como o Arraiá da Paz, promovido pela Comunidade Católica dos Filhos da Rainha da Paz, e que estava previsto para acontecer na rua Martins Neto, de 5 a 7 de julho de 2015. Também é possível escutar vinhetas educativas, como as que trazem dicas de saúde, mas coincidência ou não, as vezes que as escutei foi logo após a veiculação de anúncios de farmácias ou de óticas.

A relação com o cotidiano local também é percebida pelos anúncios que sustentam os programas. Quase todos são de comércios do bairro ou de bairros vizinhos, como o Júlia Lanches (“na Hugo Vitor – box 8, perto do campo Rio Branco”) e o Robério das Portas (“tudo para o seu carro”). Estabelecimentos que são anunciados como apoios culturais do *Forrozão*

87, programa veiculado de segunda à sexta, das 16h às 18h, e que tinha à frente a comunicadora Biby Freitas⁸⁷.

Ou ainda a Farmácia Frota (“na Cândido Maia, próximo ao Frotinha do Antônio Bezerra”) e os serviços da “amiga e corretora de imóveis, Fátima Pinheiro”; anunciados por Javan Alencar, em seu *Destaque Musical*, que é veiculado de segunda à sexta, das 10h às 12h. Bem como, a Ótica Kilvia, anunciante do programa *Manhã 87*, de Chico Tavares (que tinha a participação de Biby Freitas), que vai ao ar todos os dias da semana, de 6h às 10h.

Outra identificação com o bairro observada foi o convite, feito várias vezes por Biby Freitas, àqueles que “têm vontade de trabalhar no rádio”; que “quer ser um comunicador da sua Costa Oeste FM”. Fica explícito que o fato de morar no bairro já credencia essas pessoas a entrarem na rádio, bastando apenas ter vontade de participar. Muito embora, também seja dito: “acerte com o diretor tudo certim”; “a rádio comunitária está aí para quem quer trabalhar”, indicativo dos arrendamentos de horários.

Além disso, vira e mexe, há o chamado à participação do ouvinte, que é convidado inclusive a ir na emissora. No *Terço Mariano*, por exemplo, é frequente a fala para “rezar conosco”. Nesse programa, há, ainda, um revezamento entre aqueles que acompanham o comunicador principal, Cláudio Ferreira; rezando com ele o terço no estúdio da rádio. Além disso, é sempre frisado que o *Terço Mariano* é uma “produção da comunidade da Capela de Santa Edwirges”, que fica no Antônio Bezerra.

Mas, os programas religiosos têm uma particularidade: eles aglutinam seus ouvintes pela crença e não somente por serem moradores do bairro; a comunidade é a da capela e não exatamente a do bairro, por exemplo. Isso é sentido também no programa evangélico *O Amor de Jesus Cristo*, cujo comunicador é o Missionário Sebastian. Veiculado aos domingos, de 14h às 16h, o programa lembra os cultos evangélicos, com a leitura e reflexão de textos bíblicos. O curioso é que nesse programa, ouve-se forró gótico, sinal de que há outras identidades culturais envolvidas, além da religião.

Na Costa Oeste, há também informações rápidas sobre as coisas do bairro, como queda de energia elétrica, engarrafamento, transmitidas em programas como o *Destaque Musical*. Informações que diferenciam a Costa Oeste das demais rádios de Fortaleza, porque acabam por apresentar um cenário específico, o bairro Antônio Bezerra e suas imediações; “a comunidade que a radicôm alcança”, conforme diz Chico Tavares (2013).

⁸⁷ Até a época da audição que fiz do programa, em maio de 2015, Bibi Freitas estava à frente do programa, mas ao entrar em contato com ela no começo dia 28 de julho de 2015, ela me informou que estava fora da emissora, saíra em junho porque não era carteira assinada.

Um aspecto, entretanto, chama atenção que é o fato de essa comunidade que a Costa Oeste alcança não ficar restrita ao bairro Antônio Bezerra. Escutando Genildo Benício cumprimentar seus ouvintes – no programa *O Samba pede Passagem*, veiculado aos domingos, de 12h às 14h –, é possível identificar os reflexos de a emissora estar na internet. Ele costuma mandar um oi para os “ouvintes de toda Fortaleza, do Ceará e quem está fora do estado”. Embora também faça referência direta ao bairro, ao citar bares e também o nome de ouvintes que moram no Antônio Bezerra e dizer frases do tipo: “Temperatura de 32 graus aqui no nosso Antônio Bezerra, clima agradável”.

Um programa que chamou atenção pela quantidade de ouvintes foi o *Destaque Musical*. Nele, Javan Alencar vai listando os ouvintes que pedem música – por sinal, sua locução praticamente se restringe a dizer os pedidos musicais, a fazer os anúncios dos apoios culturais e comentários sobre as músicas pedidas, apesar de, esporadicamente, ler rápidas notícias locais. Mas, o que despertou a atenção foi a variedade de lugares onde os ouvintes moram: Antônio Bezerra, Presidente Kennedy, Jardim Iracema, Padre Andrade, Monte Castelo, Rio Branco, Olavo Oliveira, Henrique Jorge e até Tabapoá em Caucaia.

Não há como garantir que a variedade de ouvintes do *Destaque Musical* seja por causa do seu ecletismo – as músicas que veicula vão do forró, sertanejo, brega a hits pop atuais e antigos – nem que tenha relação com a tecnologia do alcance da antena ou da rádio estar *on line*. Mas, o fato é que o programa atrai ouvintes de vários lugares, ampliando a comunidade da Costa Oeste para além do Antônio Bezerra. A comunidade da emissora se alarga ainda mais quando percebemos que os ouvintes se aproximam da rádio não somente por questões de território, mas também pelo estilo de vida, preferências, crenças e gostos. Na 87,9 FM, as tribos têm horários para se encontrarem.

Nesse sentido, outro programa que merece destaque é o *Show da Jovem Guarda*, transmitido aos domingos, de 10h às 12h, por Neto C. e Duda Sousa. Essencialmente musical, o programa segue a receita clássica de sortear, entre os ouvintes que participam, brindes que, no caso, são doados pelos apoios culturais. Além de os locutores fazerem comentários sobre as músicas ou trazerem informações sobre a trajetória dos artistas – como a de Nilton Cesar, ídolo da Jovem Guarda e cantor de “Receba as flores que eu lhe dou”. Fórmulas para atrair os fãs daquele estilo musical.

Mas, esse programa tem uma peculiaridade interessante. Em vários momentos, os locutores fazem referência a suas crenças religiosas. Citam trechos do Evangelho e os comentam, além de usar expressões como “Deus me perdoe” ou “Deus te abençoe”. Eles também assumem uma postura de conselheiros ao darem opiniões sobre temas como

relacionamento amoroso ou familiar. No programa, há divulgação de eventos em outros lugares da cidade – como os da Casa Nossa, uma casa de show na rua Tiradentes, Parque Araxá – e de anunciantes, a citar a Ótica Bóris cujas lojas estão espalhadas pela cidade. O programa parece reunir aqueles que gostam de Jovem Guarda, mas não necessariamente que morem no Antônio Bezerra.

A variedade de programas já permite que a Costa Oeste comece a ter novamente uma audiência cativa. Mas, acontece que a emissora ainda não recuperou a credibilidade junto a antigos comunicadores e a relação estreita com a religião evangélica parece piorar a situação. O comunicador Valentim Santos resume a situação da emissora da seguinte maneira: “O Rondinelle conseguiu colocar essa rádio aqui. Mas aí, ele saiu, o negócio caiu e muita gente hoje aqui nem sabe que a rádio existe. A frequência tá sendo quase zero.” (entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Já este rápido diálogo com Inácio Rocha revela a descrença de que a emissora volte a ser como antes. “– Você acredita que a rádio volta a ser comunitária? – É... Há esperança, não?” (entrevista concedida dia 25 de outubro de 2013). Muito dessa descrença tem relação com o fato de a Costa Oeste não ter mais programas com ações sociais que extrapolem os estúdios. E na memória dos moradores e comunicadores entrevistados, ainda é forte o tempo em que a emissora realizava tais ações.

- A senhora conhece a rádio Costa Oeste? [pergunta]
- Sim, é boa. O Rondinelle toma de conta lá. É outro trabalho social bem legal, e é outra família também... O avô dele foi vereador, a mãe dele é uma guerreira.
- Da rádio, a senhora só lembra do programa dele?
- É. Eu tô doida pra levar uma rádio dessa para o meu interior. Tô sonhando com uma rádio lá (Carolina Rodrigues Cordeiro, dona Carol, entrevista concedida dia 22 de setembro de 2013).

Da mesma forma que dona Carol, os moradores entrevistados que lembravam de alguma rádio comunitária no Antônio Bezerra, sempre se referiam à “rádio do Rondinelle”. De acordo com dona Regina, por exemplo, ela e a mãe Margarida só ouviam a rádio do bairro quando era “aqui vizinho. Na casa do avô do Rondinelle” (Regina Célia Terto Facundo, dona Regina, entrevista concedida dia 18 de dezembro de 2013). No caso, ela se recorda de tempos ainda mais remotos em que a radiocom existente era a Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM.

Já os mais jovens – como Paulo, Mateus e Léo – não lembram de ter ouvido a emissora. Mas, o pouco que sabem é da ligação do Rondinelle com a rádio. “Eu nunca ouvi. Assim, eu sei somente que começou com o Rondinelle. Ele tava ilegal, aí tiraram a antena da

casa dele. Não sei se ele perdeu o direito da rádio, mas eu não tenho contato com a rádio não.” (Leo Davi Terto Facundo, entrevista concedida dia 26 de novembro de 2013).

As histórias sobre as rádios 103,5 e 87,9 se misturam nas recordações dos meus entrevistados e, embora haja certa confusão nos relatos, é inconteste o envolvimento de Rondinelle Mendes. A referência em Rondinelle pode também ser explicada pelas intervenções que ele fazia no bairro, a partir do programa que comandava (*Rondinelle em Ação por um Mundo Melhor*) e de outros, como o *A Voz da Comunidade* e o *Consciência Ecológica*, que começaram na 103,5 e seguiram depois para a Costa Oeste quando ele era diretor.

Eu comprei pra ele aquela rádio [a 103,5]. Aquela rádio, ele se dedicou muito. Ele fazia programa cultural, de ajuda, ele sempre comentava o meu nome. Ele tentou registrar a rádio, que era ilegal. A deputada Gorete, que era vereadora na época, disse pra eu não me preocupar não, que ia dá certo. Mas, a Polícia Federal veio e levou todo o equipamento... Fiz uma sala grande no GRAB pra colocar a rádio e não prejudicar ninguém (Edmar Mendes Filho, o Didi do Frifor, entrevista concedida dia 18 de dezembro de 2013).

Fundada em 1999, a 103,5 FM chegou a envolver 18 comunicadores. Mas, funcionou ilegalmente durante sete anos apesar das várias tentativas de legalizar a emissora.

[...] implantamos a rádio comunitária [FM 103,5] em 1999. Eu tive que construir uma entidade que se chamava Associação dos Jovens do Antônio Bezerra para poder tentar legalizar a rádio comunitária. Era todo um processo em Brasília, toda uma dificuldade para tentar legalizar, mesmo assim, encaminhamos todos os documentos, as assinaturas da comunidade, do padre, de autoridades do bairro, de comerciantes para a gente obter a concessão no Ministério das Comunicações (Rondinelle Mendes, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

Após o fechamento, Rondinelle e outros comunicadores migraram para a Costa Oeste 87,9 FM, que naquela época já possuía licença provisória.

Em torno de 2003, a rádio Costa Oeste, que hoje a gente está inserido, recebeu autorização, porém, do outro lado do Antônio Bezerra⁸⁸. Aí, a rádio Costa Oeste já tinha sido legalizada em 2003 e jamais a rádio que a gente tinha dado entrada jamais poderia receber a concessão porque o Ministério só autoriza uma rádio por bairro. Aí fizemos a fusão. A rádio Costa Oeste é ligada à Associação Cultural Santa Edwirges (Rondinelle Mendes, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

A Costa Oeste viveria, então, seus anos áureos que foram de 2006 a 2008. Fase em que havia vários programas de cunho comunitário-social, muitos inspirados na programação da 103,5.

⁸⁸ Na licença provisória da Costa Oeste, o endereço que consta é Rua Demétrio de Menezes, 3777, Padre Andrade. Mas, a emissora funciona em ponto comercial localizado na av. Mister Hull, 5073, Antônio Bezerra.

Ao longo desse tempo que a gente fazia esses programas, a gente tinha a, digamos assim, a participação, bem naquela linha de quem gosta do tema... O pessoal que reclamava, debatia e criticava as questões ambientais, do próprio bairro e a nível estadual, comentavam. O pessoal sempre gostava de dar opiniões. E a gente deixava as pessoas bem à vontade pra dar opiniões sobre a matéria que a gente divulgava, as informações, os problemas que estavam acontecendo e o pessoal gostava de dar suas opiniões. Era bem interessante (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

De acordo com Jailson, entre os programas dos quais fazia parte, o *A Voz da Comunidade* era o de maior audiência. Para ele, a boa repercussão no bairro se dava pela participação de ouvintes, motivada por o programa tratar dos problemas locais.

A gente fazia reivindicações do que interessava à comunidade, como o programa já dizia, né? *A Voz da Comunidade*. A gente tentava assim ser um programa participativo com a comunidade onde nós, digamos assim, eu e o Valentim Santos, não somente tínhamos a voz, mas as pessoas participavam. Como trazia muito a participação do ouvinte, era num horário, digamos assim, bem apropriado para a participação do ouvinte... [qual era o horário?] O horário de 12 horas, embora seja um horário de almoço, mas gente tava ligado e queria participar. Então dava, digamos, bastante audiência, porque não era só a gente que falava, as pessoas falavam, reclamava. Ia no programa, tinha muita participação, tinha bastante informações, tipo dos convidados que realmente abrilhantava... Aí muita gente ficava na expectativa. Tinha gente que vinha até para o estúdio para poder ver, não só ouvir, mas também ver de perto o convidado que a gente trazia. E a gente fazia de um jeito que as pessoas participassem. [quem eram os convidados?] São vários convidados, são os artistas plásticos do bairro, o pessoal que cantava... (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

A movimentação que o *A Voz da Comunidade* causava deixou boas recordações entre aqueles que o produziam. Jailson ao lembrar aquela época, destaca a presença do programa em momentos importantes do bairro. O *A Voz da Comunidade* parecia acompanhar de perto algumas mudanças que ocorriam no Antônio Bezerra.

Teve uma participação, na época do lançamento do Ronda do Quarteirão, nós trouxemos o Major Mendonça, ele deu uma explicação excelente. [...] Então, foi uma participação muito boa, porque o ouvinte tanto poderia se informar sobre o que tava acontecendo no próprio bairro... Era mais em relação ao bairro, tinha assim sobre Fortaleza, como no caso do Ronda do Quarteirão, mas como é que eles iam atuar aqui na área. Então foi assim uma época muito boa. Até porque, para os comunicadores, o que eles desejam que é audiência, era muito boa. A gente fazia assim, digamos, os debates, modéstia à parte eu me envolvi bastante, assim a minha forma de argumentar, de defender a sociedade, eu acredito que foi um período muito bom, o tempo do *A Voz da Comunidade* (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

Jailson recorda também a fase do *Consciência Ecológica* quando o programa motivava a participação dos ouvintes e dos convidados, e que ia além do estúdio.

Eu me lembro no *Consciência Ecológica*, o problema justamente das queimadas de quintal; o pessoal fazia e, geralmente, era o pessoal mais idoso, que tinha aquela tradição de fazer as queimadas do lixo. E às vezes, teve de a gente fazer essas

reclamações para o pessoal ter mais consciência e até mesmo pra gente esclarecer que era um problema, digamos, de justiça, da lei. Então, a gente fazia esses esclarecimentos. E aqui acolá, geralmente, o pessoal nem sempre gosta de ser chamado atenção. Não que a gente fizesse diretamente... Mas, eu me lembro de um evento no próprio *Consciência Ecológica*, de um movimento de uma árvore muito bonita aqui no bairro e foi feito um movimento... O cara queria derrubar porque achava que era dele e tudo mais, que ele tinha obrigação, ele tinha direito de derrubar. Tudo bem, dentro da legalidade e tudo mais, ele não precisava de autorização. Então, o movimento foi algo até mais comovente. Nessa época, eu fiz uma poesia, que foi assim, uma poesia de protesto e o pessoal gostaram dessa poesia e fizeram xerox e espalharam. E acabou até comovendo. Eu não digo assim que foi a poesia em si, mas o movimento que fez, que o movimento atingiu. O rapaz desistiu, deixou a árvore só pela metade, não cortou toda. E hoje em dia ela tá recuperada. É um pé de tamarindo, no lado de cá (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

De fato, essa fase de sintonia com questões mais coletivas do bairro Antônio Bezerra, vivenciada pela Costa Oeste, tem ligação direta com as intervenções protagonizadas pela 103,5 FM quando o bairro vivenciara sua primeira experiência de rádio comunitária.

Oficialmente não tinha veículo de comunicação e a gente tentou levar informações para o ouvinte, programas por exemplo de medicina popular. Então, a gente começou a ouvir algo novo, todo mundo queria ouvir a nossa rádio. *A Voz da Comunidade* trazia um urologista, um pediatra, uma ginecologista e de repente as pessoas começaram a dar atenção e quando a gente levava alguém assim pra rádio o telefone não parava de tocar (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Ligada formalmente à Associação de Jovens do Antônio Bezerra, a emissora que começou de forma rudimentar, alcançou forte interferência no cotidiano do bairro, como relatou Rondinelle Mendes à pesquisadora Cristina Matos (2011, p. 201-204).

Começamos aqui nesse local de forma bem caseira mesmo. A torre era um ferro de 5 metros, já tinha esses equipamentos aqui [...] Nós temos um clube aqui no bairro chamado Grab, que foi fundado pelo meu avô, pelos irmãos dele, que tem uma família muito grande. [...] e nós construímos lá o estúdio da rádio com o nosso próprio dinheiro, com promoções. [...] A gente começou todo um envolvimento com a comunidade, o pessoal começou a gostar da rádio porque você do bairro ouvir o seu nome na rádio, o nome do seu filho que está jogando futebol, isso passa a cativar. [...] Tudo que a gente promovia a comunidade apoiava. [...] Começou a aparecer gente aí de todo canto dizendo ‘eu faço programa de reggae, eu faço programa de forró, eu faço programa de rock, eu faço programa de pagode’. [...] Aí a nossa rádio foi adquirindo credibilidade, audiência [...]

A união das duas emissoras trouxe benefícios para ambos os lados. Do lado da Costa Oeste, a emissora passou a ter em seu quadro comunicadores mais experientes e que já tinham certa inserção no bairro. Estes, por sua vez, ganharam no ponto de vista técnico.

A mudança foi realmente, foi bem rápida, nada assim de especial... foi uma aprimoração. Até mesmo porque a antiga rádio de certa forma era assim um pouco, com a característica caseira. Passar prum prédio, com características mais profissionais, foi assim uma mudança bem importante, assim pra rádio (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

Nos primeiros anos, a junção parece ter dado tão certo que, para a maioria dos

comunicadores, a Costa Oeste é apresentada como a continuação da 103,5 FM. “[a FM Antônio Bezerra] foi um embrião, depois a Anatel fechou. Depois conseguimos trazer a Costa Oeste pra cá.” (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Entretanto, como o próprio Valentim nos disse, “essa rádio aqui já passou por altos e baixos e o site veio pra substituir e agora a revista.”. O site a que ele se refere é o site do Bairro Antônio Bezerra, o BAB. Já a revista é a mais nova empreitada de Inácio Rocha, que passou a produzi-la neste ano de 2015 quando o site completou dez anos de existência.

Entretanto, é bom salientar que não é interessante considerar o BAB um substituto da Costa Oeste ou que a revista impressa substitua o site. Mas, o surgimento de uma nova mídia traz consigo novas formas de olhar a realidade, ou seja, novas maneiras de construir sentidos ao vivido, de se relacionar com a vida social, no caso, com o dia a dia do bairro. Os novos veículos atraíram os comunicadores, como também os receptores, por serem, cada um no seu momento, a novidade da vez. Mas, cada um, com o cotidiano de interações forjado, vai encontrando seu lugar e seu papel entre os moradores do Antônio Bezerra, aliás, entres aqueles que entram em contato com tais veículos.

Hoje – apesar dos saudosismos, descrenças ou até mesmo mágoas de alguns ex-comunicadores – a Costa Oeste segue seu rumo. Ouvindo, atualmente, sua programação não é difícil identificar que a maioria dos programas em vigor é musical. Mesmo aqueles que trazem informações e comentários, têm quase todo o horário preenchido por música. Além disso, é notória a inclusão de muitas músicas evangélicas e, embora haja programas católicos, a emissora vem gradativamente se tornando uma rádio evangélica. Essa questão mereceria, inclusive, uma pesquisa mais aprofundada.

A atual fase da 87,9 FM – cujo perfil é distante do perfil da Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM e até mesmo dos seus primeiros anos de existência – mostra que “a cara” de qualquer veículo de comunicação, seja ele comunitário ou comercial, vai ser resultado da dinâmica entre aqueles que o fazem e aqueles que o consomem.

Interesses particulares estão inevitavelmente presentes dada a natureza da prática comunicativa, cuja necessidade da técnica e da tecnologia restringe o número de emissores/participantes. No caso das radiocom, a presença de um movimento social organizado ou pelo menos de grupos mais organizados, que desenvolvam juntos projetos coletivos, pode fazer a diferença na definição do perfil e papel, assumidos pela emissora. Infelizmente, não é essa a condição da Costa Oeste atualmente.

6.3 Um site popular (?) no Antônio Bezerra

As TICs dão ao mundo contemporâneo a sensação de estar todo ele conectado. Sensação que, embora exagerada, não é totalmente equivocada, dado o acelerado desenvolvimento e crescente expansão das tecnologias digitais cujo principal expoente é a internet. No Brasil, por exemplo, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo IBGE em 2013, sinalizou um crescimento no número de internautas. De 49,2%, do total da população, em 2012, para 50,1% no ano seguinte.

Em 2011, o suplemento da PNAD daquele ano – “Acesso à internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal” – já verificava que o acesso à internet, entre 2005 e 2011, crescera vertiginosamente; 143,8%, entre os brasileiros de 10 ou mais anos de idade. Nesse período, segundo o mesmo estudo, o contingente de pessoas nessa faixa etária aumentou apenas 9,7%. Em números absolutos, isso quer dizer que em seis anos, o número de internautas no Brasil cresceu 45,8 milhões, e chegou a 77,7 milhões de pessoas de dez anos para cima.

Já antecipava esse *boom* da internet no país a pesquisa “Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira”, encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República do Brasil (Secom) e realizada pela empresa Meta em 639 cidades de todos os estados brasileiros. Este estudo apontava que “uma parcela expressiva dos internautas brasileiros acessa a Internet diariamente (43,9%). Considerando os que acessam a Internet em pelo menos quatro dias por semana alcançamos o percentual de 61,3%.” (SECOM, 2010, p. 29). Já em 2014, ao ser perguntado sobre qual meio de comunicação ele mais utiliza, 42% dos brasileiros apontaram a internet (1º + 2º + 3º lugares).

“Por esses critérios, ela ficaria atrás da televisão (93%) e, por uma pequena diferença, do rádio (46%). [...] Apesar da sua crescente importância, é alto o percentual de entrevistados que ainda não utilizam a internet (51%).” (SECOM, 2014, P. 49). Pelas estatísticas de inclusão/exclusão digital, é possível identificar sua ligação direta com a inclusão/exclusão socioeconômica. Em 2013, as regiões brasileiras com maior número de acesso à rede mundial de computadores foram Sudeste (57,7%), Sul (54,8%) e Centro-Oeste (54,3%), inclusive, com proporções de internautas acima da média nacional. Já o Norte e o Nordeste ficaram bem abaixo dos números nacionais, com 38,6% e 37,8%, respectivamente (PNAD/IBGE, 2013).

Todas as regiões, entretanto, registraram crescimento na quantidade de internautas, destacando-se, o Nordeste (4,9%) e o Sul (4,5%) do país. O Sudeste (2,2%), o Centro-Oeste (1,3%) e o Norte (0,4%) aparecem em seguida (PNAD/IBGE, 2013). Reflexo de ações de

inclusão digital – como a ampliação dos Pontos de Inclusão Digital, os PIDs⁸⁹ – realizadas tanto pelo poder público como por organizações da sociedade civil; e da junção internet e telefonia móvel⁹⁰.

Os dados da PNAD (2013) indicam ainda que, mesmo desigual, o desenvolvimento tecnológico é acelerado no país, e segue a tendência mundial. Tal desigualdade não causa espanto, era inclusive esperada, pois até

mesmo o acesso básico à internet depende de investimentos cujo custo está longe de ser desprezível e que tendem a ser direcionados para as regiões mais ricas tanto quanto depende do capital privado (Afonso, 2007) como quando advém do dinheiro público (Wzorek, Ramos e Rezende, 2005). Não surpreende, portanto, que os indicadores de acesso à internet sejam proporcionais à riqueza das regiões nas várias escalas de observação [...] (FRAGOSO, 2008, p. 158).

Outro aspecto a considerar quando o assunto é acesso à internet é que boa parte dos brasileiros acessa a rede por meio de celulares ou em pontos públicos, na maioria, gratuitos. Isso confirma que muitos dos internautas do Brasil não possuem computador pessoal, como já indicava o Comitê Gestor da Internet em 2006. Segundo esse Comitê, naquele ano, a diferença do número de casas com internet, por região do país, era imensa. No Sudeste, 18,74% dos domicílios estavam conectados, enquanto no Nordeste o número não passava de 5,54% (*apud* FRAGOSO, 2008).

Além da questão do acesso propriamente dito, a navegação pela internet deve ser avaliada de forma qualitativa, pois nem todo internauta que tem acesso à rede está apto a gerenciar informações e muito menos a produzi-las. Afinal, não basta apenas saber usar as ferramentas virtuais para encontrar o que deseja, é necessário ser “capaz de compreender a informação encontrada, relacioná-la com o que afirmam outras fontes, interpretar os dados e produzir inferências.” (FRAGOSO, 2008, p. 162). Para isso, é preciso dominar a leitura e a escrita, ou seja, ser plenamente alfabetizado.

Então, para pensar numa efetiva inclusão digital no Brasil – país que guarda a vergonhosa marca de ter apenas 28% de sua população plenamente alfabetizada⁹¹ –, é

⁸⁹ Segundo o Mapa da Inclusão Digital no Brasil (MID), pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia (IBICT), existem no país 28.800 Pontos de Inclusão Digital (PIDs) – que são locais de acesso público e gratuito à internet, como telecentros (17.057) e salas de informática em escolas públicas, por exemplo (11.743) (GADELHA; PEREIRA, 2012). A maior parte dos projetos para implantação dos PIDs é iniciativa de organizações da sociedade civil, mas o governo federal financia 60% desses projetos (ITI, 2012).

⁹⁰ Segundo a Anatel, em abril de 2015, havia 283,52 milhões de linhas ativas na telefonia móvel e teledensidade de 138,94 acessos por 100 habitantes. Os acessos pré-pagos totalizavam 213,46 milhões (75,29% do total) e os pós-pagos 70,06 milhões (24,71%).

⁹¹ Segundo dados do INAF (Indicador de Analfabetismo Funcional, pesquisa realizada pelo Instituto Paulo Montenegro), de 2001 a 2011, o Brasil até reduziu o número de analfabetos funcionais em 13% (hoje, são 20%,

fundamental assumir as dívidas sociais existentes para com a população do país, alargadas pelas diferenças econômicas e cuja extensão chega aos níveis educacionais e culturais. Afinal, como salienta Melo (2002, p. 42), “quem não tem acesso ao livro, ao jornal, à revista, ao cinema, à ficção de boa qualidade, não vai ter interesse de usar a internet para o deleite cultural, o crescimento intelectual.” Além do mais, “produzimos conteúdos imitando o padrão que já está aí, que é culturalmente excludente.” (MELO, 2002, p. 38).

Mas, embora as estatísticas contrariem o sonho feliz de uma internet livre, igualitária e horizontal, a expansão desse suporte tecnológico trouxe consequências positivas. No mundo do ciberespaço (pelo menos enquanto a maior parte dos endereços permanecerem gratuitos), os indivíduos transitam por indistintos portais, sites, blogs, redes sociais, canais de música e audiovisuais, construindo relações e criando identificações sociais ao expressar opiniões e compartilhar ideias, crenças, gostos e valores.

A internet possibilita a circulação de mensagens independente de territórios geográficos, de tempo, das diferenças culturais e de interesses, sejam eles econômicos, culturais ou políticos, globais, nacionais ou locais. Traz a possibilidade de alterar o sistema convencional de tratamento da informação, antes atividade por excelência concentrada nos agentes profissionais vinculados à mídia tradicional, ao viabilizar a produção de conteúdos endógenos e sua transmissão, sem fronteiras, pelos próprios agentes sociais (PERUZZO, 2002, p. 46).

Diante desse cenário, aumentou sensivelmente o número de indivíduos assumindo o papel de emissor em processos comunicativos de grande escala (antes restritos à mídia tradicional). Isso possibilitou que as formas de mediações socioculturais se tornassem ainda mais múltiplas. Haja vista que

a internet, em uma velocidade abissal, tornou-se espaço de interação social, transformando as relações sociais. Nela, os indivíduos encontraram um local para publicizar suas ideias, talentos e opiniões das mais diferentes formas e vertentes, fomentando a liberdade de expressão. Surgem, a cada dia, incontáveis páginas na rede mundial de computadores. Sejam elas páginas ou portais de cunho comercial – nicho que cresce nas redes cibernéticas –, redes de relacionamentos ou, ainda, páginas cujo objetivo é divulgar conteúdos, produzidos por iniciativa individual ou coletiva, com perspectivas de intervenções políticas, de expressões artísticas ou com outras motivações (OLIVEIRA, 2012, p. 2).

Diante de tamanhas possibilidades, é possível até pensar que, no ciberespaço, o “eu” está desterritorializado, “menos ligado a uma localização física, a uma classe social, a um corpo, um sexo ou a uma idade.” (LEMOS; LEVY, 2010, p. 202). Mas, quando o espaço cibernético é observado de perto, embora sem negar essa desterritorialização e descorporificação em

entre 15 e 49 anos). Mas, a alfabetização plena que, supostamente deveria ser atingida com a conclusão do ensino fundamental, permaneceu praticamente inalterada (IBOPE, 2012).

potencial, é fácil encontrar na rede a reprodução da vida social. E por mais que se apresente como um campo que ganha autonomia e dinâmica próprias, a internet mantém um espesso cordão umbilical, ligando-a à sociedade que a criou.

Apesar da cena desigual, a internet chegou à periferia das grandes cidades e, por mais que haja disparidades econômicas, culturais e de escolaridade, a rede mundial de computadores passou a ser ocupada por esse grande contingente de indivíduos. Embora seja preciso pensar não somente na produção de conteúdo por essa parcela da população, mas também na visibilidade que tais conteúdos possam alcançar. Nesse sentido,

mesmo que o desequilíbrio da visibilidade entre os websites estabeleça uma grande distância entre a possibilidade de expressar-se e a garantia de ser visto ou ouvido, o fato de que atores sociais anteriormente sem voz passaram a poder se manifestar implica um rearranjo do controle da informação em direção ao pluralismo e é um fator positivo para a democracia eletrônica (FRAGOSO, 2008, p. 165-166).

Tal conjuntura reforça as dualidades presentes na rede mundial de computadores que “se apresenta como ambiente propício à expansão do mercado, mesmo quando esta transita por entre relações socioculturais, sem explicitar a troca de mercadorias como objetivo imediato.” (OLIVEIRA, 2012, p. 11-12). Ao mesmo tempo,

a internet se configura como ambiente para articulações políticas; como espaço para um novo tipo de socialização cujo propósito é fazer frente ao modelo econômico vigente. A luta pelos direitos individuais e sua alocação resultaria, pois, numa intensa construção comunitária. (PAIVA, 2003 *apud* PERUZZO, 2006). Sendo, então, necessário que a sociedade organizada – especificamente, os movimentos populares – interceda na produção do conteúdo na rede mundial. Afinal, as tecnologias sozinhas não formam ideias, pois estas são concebidas pelos seres humanos (GOHN, 2000). Mas, para que esse ambiente se concretize com ampliado e efetivo alcance, é interessante compreender a sociedade da informação como etapa para se atingir a sociedade do conhecimento; que combinaria as configurações e aplicações da informação com as tecnologias da comunicação em todas as suas possibilidades (OLIVEIRA, 2012, p. 12).

Diante disso, merecem nossa atenção as experiências de comunicação no ciberespaço que se dedicam a dar visibilidade a indivíduos ou grupos, em geral, marginalizados pela mídia tradicional.

6.3.1 *BairroAntonioBezerra.com.br – dez anos de trajetória*

Diariamente, convivemos com várias pessoas, em contextos muito diversos, cheio de palavras, sons, costumes e credos diferentes. A internet pode ser um excelente canal para organizar essas diferenças. [...] no site do bairro Antônio Bezerra encontramos a história do local, as memórias de antigos moradores e ensaios fotográficos. Artistas plásticos, artesãos e escritores têm espaço garantido para expor suas obras. [...] uma mudança na produção e distribuição de informações, pois esses fluxos são geridos por integrantes da própria comunidade local. Eles encontraram na internet o espaço ideal

para comunicar, sociabilizar e organizar valores comuns (Trecho da matéria Sobre Bairros Virtuais, veiculada dia 15 de outubro de 2008⁹²).

No dia 16 de junho de 2015, o site BAB completou dez anos de existência. Sem festas, a data quase passou despercebida a não ser por um selo de comemoração, incluído no logotipo do site, e a veiculação do mais novo meio de comunicação do bairro, uma revista impressa que leva o nome do site e que é produzida pelo mesmo casal responsável pelo BAB, Inácio e Viviane Rocha.

Considerado o primeiro site de bairro criado em Fortaleza, o BAB foi lançado em 16 de julho de 2005 durante as comemorações dos 65 anos de existência do bairro Antônio Bezerra, sendo, inclusive notícia no jornal Diário do Nordeste⁹³.

Para os moradores do Antônio Bezerra, hoje é dia de festa. O bairro completa 65 anos de fundação e a comemoração está a cargo da Associação de Jovens do Antônio Bezerra. O evento será realizado na praça localizada na Rua Martins Neto, por trás da agência do Banco do Estado do Ceará (BEC) da Avenida Mister Hull. [...] Um dos pontos altos será o lançamento do site www.bairroantoniobezerra.com, contendo informações diversas sobre o Antônio Bezerra. Na página virtual, além de dados e imagens históricas, os moradores poderão ter acesso a uma seção de classificados, contatos dos comércios espalhados pelas ruas do Bairro e a lista das instituições públicas existentes no local (André Lima, matéria veiculada no Diário do Nordeste em 16/07/2005).

Mas, ele já funcionava há um mês, assim recorda Inácio Rocha.

Existia uma feirinha cultural, por trás da pracinha do antigo BEC [Banco do Estado do Ceará], que hoje é Bradesco [...] o Rondinelle teve essa ideia de congrega, de chamar todas as pessoas... Tinha um encontro dia de sábado; justamente quando deu início, quando o site estava sendo criado. A gente resolveu fazer na época com um telão, projetar lá o site como ele era. A característica dele era todo vermelho, porque a gente queria fazer uma alusão ao barro vermelho [...] Foi muito legal as pessoas participando, ficando curiosas, vendo as fotografias das coberturas, porque já fazia um mês que o site estava no ar e foi super legal, sabe? Foi um dos momentos que teve a maior participação da comunidade junto ao site. Ele tava dando seus primeiros passinhos, mas já congregou nesse momento com todos (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 25 de outubro de 2013).

O lançamento do site na pracinha revela a ligação que aquele veículo tinha com as atividades artístico-culturais que aconteciam na época no Antônio Bezerra. A feira em questão mobilizava os moradores do bairro e era promovida por Rondinelle e seu grupo de comunicadores.

Antigamente (há uns 10 anos, eu acho), existia uma feirinha perto do Bradesco (que era BEC). Era um ponto de encontro da juventude, tinha artesanato, música boa,

⁹² Disponível em: <<http://www.vivoblog.com.br/sobre-bairros-virtuais.html#more-824>>. Último acesso: 05/07/2015

⁹³ LIMA, André. In.: DIÁRIO DO NORDESTE, Jornal. *Moradores comemoram 65 anos*. Disponível em: <<http://diarionordeste.globo.com/materia.asp?codigo=263636>>. Acesso: 13/07/2014.

peças conversando. [...] Se não me engano era pertinho da rádio, era promovido por um desses aí mesmo ou era Rondinelle ou era o Pinheiro. Não recordo agora, teria que perguntar à minha mãe (Paulo Gleison Rodrigues Cordeiro, entrevista concedida pelo Facebook, dia 23 de outubro de 2013).

Apesar da confusão de data – pois o dia certo foi mesmo, sábado, 16 de julho de 2005 – Rondinelle Mendes também se recorda dessa época.

Eu costumo dizer pro Inácio, eu falo do fundo do meu coração, que o site é o melhor site do mundo, porque a partir do dia 14 de julho de 2005 (*sic*), que o Inácio falou que tinha uma ideia de lançar um site, e na época eu organizava uma feirinha na praça do antigo BEC, que hoje é o Bradesco; eu organizava uma feirinha no sábado que tinha artesanatos; de economia solidária, certo? Era um ponto de encontro das famílias, aqui no bairro, todos os sábados... Nós não deixávamos passar uma data comemorativa. Lá, teve o lançamento do livro do professor Cosme, que hoje é conhecido aí no mundo da educação. Nós tivemos lá poetas, nós tivemos humoristas... E nós tivemos o grande prazer, uma grande felicidade de ter lançado, lá, o site do Antônio Bezerra no dia 14 de julho de 2005, num telão. E esse site está completando, no próximo mês, 8 anos de vida (Rondinelle Mendes, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

A proximidade com outras ações do bairro e com as radiocom, primeiro momento com a 103,5 e depois com a Costa Oeste, também é evidenciada pela forma com que alguns moradores comunicadores passaram a colaborar com o BAB. Tenho a impressão de que a repercussão as mobilizações em torno das emissoras motivaram Inácio a construir a página. Até porque, além do apoio de Rondinelle, ele encontrou aliados em outros locutores.

Quando o Rondinelle teve a ideia de trazer a rádio foi uma novidade aqui, a gente viu que as pessoas começaram a ouvir a rádio [a 103,5 FM], aí eu fui convidado para fazer parte de um programa: *A Voz da Comunidade*. Aí eu trazia médico, dentista, pediatra e percebemos que o programa começou a ter audiência, já trouxe juiz pra falar... Aí no meio disso, o Inácio teve a ideia de criar o site, foi lançado para a comunidade em uma pracinha que fica ali atrás do Bradesco. Colocamos um telão e mostramos pela primeira vez o site que tinha a cor vermelha. Foi o primeiro site de um bairro, aí veio o Conjunto Ceará, depois veio o Montese... mas o BAB ele continua sendo o primeiro site de bairro de Fortaleza, um trabalho muito bom, já recebeu vários prêmios. E hoje muitas pessoas, como você, também procurou conhecer o bairro pelo site (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

O ex-comunicador Jailson Pereira também corrobora essa aproximação com o site.

[...] o site do Inácio, Bairro Antônio Bezerra, sigla BAB, eu apoio desde o lançamento e ao longo dessa trajetória que eu falei aí, dos programas de rádio, de nossas passeatas e nossos protestos, inclusive as palestras, tudo isso, a gente tem até uma parceria com alguns meios de comunicação e entidades. Uma das nossas parcerias, sempre ativa e bastante proveitosa é o site do Antônio Bezerra (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

Mas, a experiência com o site iniciou de forma despreziosa, com um começo cuja história, eu diria, é contada de forma até romanceada. O que consta é que a ideia do BAB surgiu a partir de uma atividade escolar da filha de Inácio e Viviane; a Maria Vitória, na época com oito anos de idade.

O site... em 2005... Tudo começou com uma história da minha filha, ela perguntou quem era Mister Hull e na época eu não sabia... pelo nome Mister, eu pensei que se tratava de um americano. Quando eu comecei a pesquisa de quem teria sido essa pessoa, eu descobri que tinha sido um britânico que tinha vindo para Fortaleza, para cuidar da construção da estrada de ferro daqui até Sobral. Quando eu passei essa informação para ela, eu pensei: “poxa que interessante, uma coisa que está tão próxima da gente, a gente cruzando essa avenida e por que não disponibilizar essa informação na internet? Não colocar somente Mister Hull, mas colocar também quem foram outras pessoas que deram nome às ruas...”. Passamos a coletar essas informações e na época a gente colocou bairroantoniobezerra.com (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

O endereço a que Inácio se refere (<bairroantoniobezerra.com>) é da primeira versão do site quando ele era feito em parceria com Estêvão Lima, seu primo. A dupla, porém, só se manteve unida durante o primeiro ano do site.

No começo, fui eu e meu primo Estêvão, só que infelizmente não deu muito certo porque começou aquela necessidade de se ter o site somente para ganhar dinheiro. E não era esse o nosso percurso, o nosso pensamento que era, realmente, de colocar informação, colocar notícia para a comunidade. Havia a necessidade de a gente buscar condições para comprar uma máquina, pro transporte e tudo mais; só que a preocupação era sempre essa: colocar informação e contar com o apoio do comércio. Mas o outro [site] não; era só divulgar os banners, colocar as empresas e, quando muito, uma pequena informação. Para ele [Estêvão], as atividades das igrejas, pra divulgar, era pra ser cobrado e o pensamento que eu tinha era de que igreja, escolas públicas era para ser totalmente gratuito. E ainda passamos um ano; quando a gente começou a ver que não ia dar certo. Aí, a gente formou o de hoje bairroantoniobezerra.com.br, que é o BAB (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

O rompimento, bem como o fato de todo o conteúdo publicado durante o primeiro ano do BAB ter “se perdido”, porque ficou em posse de Estêvão que nunca o disponibilizou para Inácio, sugere que há, na trajetória do site, alguns conflitos e contradições.

Tenho tudo registrado desde o segundo ano quando passou para .com.br
 – Perdeu o conteúdo? Por quê?
 – Exatamente... a pessoa que tinha os arquivos acabou perdendo, ela não passou pra gente
 – Foi o teu primo, você brigou com ele?
 – Foi assim, pensamentos totalmente diferentes. Ele só pensava em lucro e a gente tinha uma outra visão que era colocar mais informação e aí com a partilha a gente acabou... Tanto é que a existência do .com.br foi um ano depois, foi um ano cravado mesmo, foi em junho, e ele não continuou. Poderia ter continuado, mas a gente continuou no .com.br...
 – E o dele?
 – Não, ele não levou adiante, mas também não nos deu os arquivos e acabou perdendo. Depois, a gente tentou conseguir e ficava “hoje não, amanhã, hoje não, amanhã...”. Aí, depois, não fui mais atrás.
 – Será que dá pra eu entrevistar ele? [risos].
 – Eu acredito que sim [risos] (Inácio Rocha, entrevista concedida em 25 de outubro de 2013).

Não deu, Estêvão não respondeu às minhas tentativas de contato pelo *Facebook*. Com a saída do primo de Inácio, o site ganhou novo endereço (.com.br) e Viviane Rocha se

envolveu ainda mais com a produção do BAB. Além de sua esposa, Inácio passou a contar com a colaboração de outros moradores.

As escolas passaram a nos enviar o que estava acontecendo, os eventos, colocando como notícias. Foi assim, totalmente artesanal, a gente sem intuito nenhum de transformar o site como ele está hoje... Mas, foi em cima disso, foi uma curiosidade de uma criança de 8 anos... e hoje a gente está com internauta até na Irlanda (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

É evidente que o suporte tecnológico (internet) do BAB contribuiu para que ele extrapolasse, e muito, as fronteiras geográficas, repercutindo até fora do país. Nesse sentido, à medida que a página se desenvolve e ganha mais repercussão, ela vai interferindo no cotidiano local. Tal repercussão está estampada nos comentários deixados na seção Livro de Visitas, que, no final de julho de 2015, possuía 106 mensagens de diversas naturezas, como detalharemos no próximo tópico. Lá, é fácil perceber que as matérias repercutem entre os moradores, algumas até causando polêmica como a discussão em torno da casa de show Tenda's.

Olá pessoal, estou passando para dizer que estive no Tendas, no sábado, foi uma festa maravilhosa com muito samba, axé e garotas bonitas... É sabido que infelizmente, algumas pessoas vão para um evento daqueles e, ao invés de “pegar” a mulherada, vai a procura de briga. Daí eu sugiro que a revista na entrada seja mais intensa e que sejam dispensadas qualquer tipo de relação de amizade para que um ou outro entre com algum tipo de arma. Mas a festa foi muito bacana e espero que a galera se conscientize de que aquilo é para brincar e curtir. Um forte abraço (Emanuel Santos, comentário publicado dia 09/05/2011).

Estou aqui para reivindicar os boatos q estão rolando q as festas do tendas irão acabar acho um absurdo nos pagodeiros e forrozeiros q moram no bairro digo nao ao fechamento do tendas (Daniele pes, comentário publicado dia 12/11/2011).

Acabaram com alegria do bairro Antonio Bezerra esse era o único local da galera se reuni e curte um forro com qualidade mais os próprio vizinho queria acaba com tendas de qualquer jeito e conseguiram fazer o que agora nosso bairro não pode ter nada que os vizinho querem acaba (Pagodeiro do Tendas, comentário publicado dia 24/11/2011).

desculpa por falar de algo que vocês dentro do próprio site divulga “tendas”. Mas isso é um protesto, não contra o site e sim com o tendas. estou falando em nome de minha família e meus vizinhos que estamos sendo maltratados com o som alto do tendas até às 04:30 da manha, e a nossa indignação maior é que tem autoridades envolvidas nisso. Precisamos de pessoas que ajudem agente e não incentive a uma pessoa que nem se quer é morador do bairro, fazer o que ele ta fazendo camuflando uma festa que só serve como “ponto de droga” e o pior, é que minha filha, de apenas 9 anos de idade, presenciou duas pessoas usando drogas enfrente a nossa casa e realmente eu fui ver e vi que era verdade dentro dos seus veículos que eles colocam enfrente de nossas casas. só queria dormir em paz e que minha filha não crescesse vendo isso pessoalmente. obrigado pelo espaço (Moradores ao redor do Tendas, comentário publicado em 20/07/2012).

Um aspecto interessante a observar é a surpresa positiva que alguns usuários têm quando descobrem o BAB:

Olá... me deparei com este belo site,por sinal muito organizado e informativo.Sou Agente do Juizado aqui em Limoeiro do Norte,Ce. A 200km da Capital.Coloco-me a

seus inteiro dispor e sempre estou aí em Fortaleza. Continuem com esse trabalho maravilhoso. Obrigado (Francisco Ney de Almeida, comentário publicado dia 28/12/2010).

Isso sugere que, apesar da infinita variedade de sites e assuntos tratados no ciberespaço, ainda é restrito o número de páginas voltadas a bairros, especialmente, bairros da periferia de Fortaleza. Estar voltado para o Antônio Bezerra é o que faz o BAB ser tão especial, pelo menos é o que dizem vários dos usuários que postaram comentários, como é possível verificar a seguir.

Meu irmão, Parabéns pela sua forma extraordinária de divulgar o bairro Antonio Bezerra!!! Abraço. (Ferúcio Feitosa, comentário publicado dia 21/03/2010)

Nasci e me criei no bairro de Antonio Bezerra. Quando me casei e fui morar em Sobral. Voltei pra Fortaleza e fui moro no Quintino Cunha. Mas só o site bab e que me fez senti-se em casa aonde eu estive...Obrigadaaaaaaaa! (Tânia Bezerra, comentário publicado dia 21/03/2012).

Adorei a foto da minha mãe Maria José, em Homenagem ao meu Pai Profº Adonias Mota, este maravilhoso e inesquecível professor. Que está no céu rogando a Deus por nós. Obrigada Inácio por resgatar os valores tão antigos e ao mesmo tempo tão presentes dos valores em nossos corações e mentes! Felicidades! Emiliane Filha do Profº Adonias Mota (Emiliane, comentário publicado dia 07/08/2010).

Olá! Adorei o site, aqui podemos encontrar tudo que precisamos e também ver o que vai rolar nos finais de semana. Parabéns. Excelente trabalho. 🙏 (Carmen, comentário publicado dia 11/04/2011).

Ao publicar conteúdo sobre o bairro, sejam recordações de fatos antigos, sejam homenagens a pessoas do Antônio Bezerra ou agenda cultural, o BAB acaba por dar visibilidade a uma região que pouco espaço tem na mídia tradicional. Além disso, contribui para fortalecer os laços com o território, tanto daqueles que moram no local, como com aqueles que estão distantes geograficamente.

Com esse diferencial, o BAB chamou a atenção da mídia local, saiu em alguns jornais e TVs de Fortaleza e, com o passar dos anos, acabou se tornando referência para informações sobre o Antônio Bezerra.

Através do site, houve uma relação estreita entre o nosso veículo, o site e as emissoras de televisão, porque as emissoras acessam o site do Antônio Bezerra para buscar informações sobre o bairro. Por isso que eu digo que o Inácio é um felizardo e ele tem colaborado com a nossa comunidade bastante, porque o Inácio cobre todos os eventos do bairro. Se tem festa, ele vai, se tem um casamento, ele vai, se tem uma reunião política, uma reunião da gestão, ele tá presente, Se tem campanha eleitoral, ele cobre os candidatos aqui no bairro, como aconteceu para prefeito, ou seja, o site, a rádio e o jornal⁹⁴ são veículos muito importantes porque eles dão vida à comunidade, eles dão visibilidade às nossas ações, as ações da comunidade. Por isso, eu digo que é o site melhor do mundo porque ele cobre realmente... não só o bairro do Antônio Bezerra, ele cobre outros bairros. Eu personalizo no Inácio porque esse trabalho é feito

⁹⁴ Rondinelle se refere ao jornal impresso produzido por Totonho, há, porém, controversas sobre o papel desse veículo. Para Inácio, por exemplo, esse veículo segue uma linha totalmente diferente do site e da rádio em seu primeiro momento, pois ele visa ao lucro e a questões político-eleitorais.

realmente pelo Inácio e pela esposa dele também, a Viviane. E o Inácio conhece a cidade toda e leva o nome do Antônio Bezerra e as suas virtudes lá pra fora, através do site (Rondinelle Mendes, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

O papel social que o BAB vem assumindo possibilita, principalmente ao Inácio, que é quem geralmente representa o site em eventos, um contato maior com a cena da comunicação de Fortaleza.

Pioneiro o sítio www.antoniobezerra.com.br tem desde a história do local e memórias de antigos moradores a ensaios fotográficos com o gato e gata do mês do bairro. [...] Cobertura de aniversários e semanas culturais das escolas da região, vídeos inusitados de até 30 segundos da desenvoltura artística de seus moradores, seja na dança, com algum instrumento musical ou nos esportes, também podem ser clicados. [...] “As pessoas nos param nas ruas para elogiar a página, para sugerir algo. É sempre assim”, afirmou Viviane (trecho da matéria Bairros e Vizinhos na Web, veiculada dia 31 de março de 2007⁹⁵).

Este reconhecimento aponta para um potencial de alcance muito maior do que Inácio e Viviane imaginaram em 2005, apesar de Inácio demonstrar ter ciência de que a responsabilidade do BAB cresceria. Essa consciência de Inácio aparece como fruto das experiências que vem acumulando à frente do site. Nas conversas que tivemos, enquanto falava dessa repercussão, ele teve sempre o cuidado de associá-la à responsabilidade e à preocupação com a credibilidade que ele diz ter, embora não escondesse sua satisfação.

Na greve da polícia quando registramos, tiramos fotografias e disponibilizamos no site, uma pessoa que trabalha com comunicação no Canadá nos disse que estava acompanhando tudo que acontecia em Fortaleza, na greve. Acompanhava pelos veículos tradicionais, mas achou brilhante porque pôde ver, através das filmagens, tudo que estava acontecendo; e pediu para entrar em contato com as pessoas que estavam à frente da manifestação, querendo entrevista-las direto para o site do Canadá. Depois eu entrei em contato com o capitão Wagner, fui lá no dia da manifestação, perguntei se poderia passar o contato dele e ele acabou autorizando. Como outras matérias também de grande repercussão nos veículos de comunicação de massa daqui foram retiradas primeiro do site. O roubo na ponte que aconteceu, a gente entrou em contato com o CE TV, TV Jangadeiro, logo depois mandaram pedindo pra gente acompanhar... Isso me deixa feliz por essa credibilidade, de um veículo de comunicação popular ter um poder tão grande como qualquer outro veículo de grande massa (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Mas, se o reconhecimento da mídia tradicional é importante, ser reconhecido no bairro é fundamental para manter o site em ascendência. Afinal, é da vida no bairro Antônio Bezerra que Inácio tira a maior parte do conteúdo que publica e é, entre aqueles ligados ao bairro, que está a maioria dos visitantes da página.

⁹⁵ DIÁRIO DO NORDESTE, In.: **Zone Cyber**. Bairros e vizinhos na web. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/zoeira/bairros-e-vizinhos-na-web-1.580953>>. Último acesso: 23/07/2015.

A gente está em contato com todos os segmentos, tanto o pessoal jovem como o pessoal assim voltado pro esporte. Eles dizem assim: “Inácio quando é que você vai vir aqui pra ver o nosso racha? Pra registrar o nosso racha? Tirar foto do nosso racha?”. A gente já tem 33 anos de racha aqui no Antônio Bezerra. Pois eu sabia que tinha essas pessoas que participavam lá, mas eu nunca pegava. Então, eu fui justamente no dia em que eles estavam completando os 33 anos de racha no bairro do Antônio Bezerra. Lá no campo do Rio Branco. Toda gente se encontra lá, toda quarta feira a partir das 16, 17 horas. Você vai ver de tudo: advogado, pedreiro, polícia rodoviária (todas as patentes). Grupos de amigos que tem esse racha [...] (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 25 de outubro de 2013).

A repercussão que o BAB alcança no Antônio Bezerra motiva usuários a enviarem sugestões de pautas, buscarem informações, ou a fazer denúncias e reivindicações por meio da página. Não são raros os comentários com essas demandas:

Caros o organizador da Sede do Rio Branco Esporte Clube estará fazendo dia 20 uma grande evento com som ao vivo com o Grupo Show Mania, em nome do Grupo e Rio Branco gostaria se fosse possível o site de vcs irem até lá vaze a cobertura do evento tirando alguma fotos e divulgando o nosso trabalho em seu site, somo do Bairro e estamos precisando divulgar nosso trabalho, contamos com seu apoio. No aguardo. Att. Fernando Lino e Rogério Estevam (Grupo Show Mania uma seresta diferente) Divulgaremos tb no Orkut. 🤖 (Grupo Show Mania, comentário publicado dia 17/08/2010)

Oi pessoal queria muito o apoio de vcs vamos tentar voltar a linha ANTONIO BEZERRA CENTRO 251,que estar fazendo agora o ANTONIO BEZERRA CENTRO CORAÇÃO DE JESUS.Temos que ligar para a ouvidoria da etufor que é o nº3452.9292,para reclamar,vamos nos unir e ligar (Carla, comentário publicado dia 11/05/2011).

Olá! O site de vcs é muito bom, tem de tudo sobre o bairro, parabéns. Estava procurando por notícias do Prof. Pedro Teixeira e achei esse site, mas nao consegui ver nada sobre ele. Estudei no Colegio S. Francisco em 1990 e 1991, e depois em 1996, 1997 e 1998. Gostaria muito de saber como ele está, sei que agora o prédio da antiga escola é uma escola pública. Desde já, obrigada! (Paula, comentário publicado dia 18/09/2012).

Acabei de sair do Ant. Bezerra, onde mora minha namorda, e presenciei 3 individuos em atitude suspeita provavelmente querendo praticar assalto já na descida do viaduto perto do colégio Afonso Andrade, na primeira parada de ônibus... ate que conseguiram o que queriam... E vi varias pessoas nas portas de suas casas, apenas olharem, acompanhando a movimentação, e não esboçaram reação pra fazer uma ligação pro Ronda. Se o ronda vai chegar a tempo ou não, não é essa a discussão... mas nós a sociedade, principalmente comunidades de bairros, tem que fazer a sua... essa semana mesmo atiraram num rapaz ali próximo e o assaltaram... Ronda do quarteira do Ant. Bezerra 3457-1042 ou 3457-1043. Liguem quando já virem algum movimento suspeito, pois pode ser que a policia chegue antes que essas peças consigam cometer o delito (Haylson Martins, comentário publicado dia 06/05/2012).

Olá gente, meu nome é Jefferson, sou Tenente Coronel do Corpo de Bombeiros e estamos coordenando o Projeto para a terceira idade no bairro, no novo centro de arte e cultura. As atividades estão a pleno vapor e espera mais pessoas da terceira idade que buscam uma melhor qualidade de vida (Jeff Braun, comentário publicado dia 09/08/2012).

Se o começo foi desprezioso, tornar-se referência quando o assunto é o Antônio Bezerra já foi consequência do cuidado que Inácio nutre com o conteúdo que publica. “A mola mestra mesmo para que o nome do site Antônio Bezerra estar ecoando em todos os lugares é a

credibilidade. Até hoje a gente tem essa preocupação.” (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Outro aspecto a considerar se refere aos colaboradores. Nas conversas que travei com Inácio e com outros comunicadores do bairro, que possuem colunas no site, ficou evidente que, apesar da autonomia que os colunistas têm para escrever, Inácio é criterioso ao convidá-los. Ele leva em conta informações prévias do pretendente a colaborador do site e alguns colunistas já traziam experiências junto às radiocom do bairro.

Eu tinha escrito para o jornal o Estado uma coluna sobre monumentos. Eu, por exemplo, pegava um prédio histórico de Fortaleza, pesquisava quem morou ali, como foi construído e tinha uma clientela que ligava e dava dicas de lugares. Aí o Inácio me convidou para escrever sobre o BAB, como eu já estava terminando História eu tinha a credibilidade de escrever sobre o bairro, tanto que a minha graduação e as duas pós que eu fiz foi sempre baseado no BAB (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Mas, nem sempre os colunistas correspondem às expectativas e não mantém uma regularidade de publicações. Tanto é que neste ano, Inácio reduziu o número de colunas, desativando aquelas que há muito tempo não eram alimentadas, conforme falaremos no tópico que segue.

Eu tinha uma coluna que o Inácio até me cobra pra eu escrever mais. Uns professores até mantêm alguma coluna. Na minha, eu escrevia sobre informática que era a característica do programa [de rádio] *Informática Livre* dando dica, dando os alertas e tinha uma coluna também falando sobre a questão ambiental... [Você tem senha?] Sim, mas eu sempre esqueço quando vou entrar. Aí, eu tento recuperar ou ligo para o Inácio e ele muda. Ele sempre deixa um canal aberto que facilita a participação da gente. [É por falta de tempo não escrever no site?] É complicado... (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

Os motivos dessa inconstância variam de colunista para colunista e pensar sobre o porquê dessa desmotivação em colaborar com um site de bairro é um bom mote para uma pesquisa sobre participação, mas não houve tempo hábil para fazê-la. Apesar dos contratemplos com os colunistas, existem alguns jovens e membros de organizações não-governamentais do bairro que colaboram na produção.

[...] eu filmo e tiro as fotografias, mas eu gosto de chamar alguns jovens para fazer a entrevista. Você tá lá filmando e tem um jovem entrevistando a pessoa. Então, tem esses colaboradores, tem do grupo do Antônio Bezerra, tem no Essencial também [...] tem pessoas de ONG, tem professores, pessoas que trabalham com associações também. [...] Teve um agora, que eu nem sabia da existência, mas a gente postou até ontem. É um grupo que faz evangelização todo sábado à tarde. E aí fui sábado quando fiz a matéria e ontem é que eu fui postar devido à correria. Aí eu postei tanto a fotografia como o vídeo (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Em suma, Inácio explica que

o site tem toda essa estrutura de um veículo comunitário, popular, alternativo, mas na parte administrativa mesmo, naquela parte do gerenciamento de informações é desenvolvido por mim e minha esposa Viviane Rocha. Agora, nós temos grandes apoiadores que participam mandando as informações. Mas, diretamente, ainda é totalmente artesanal, desenvolvido assim por duas pessoas, mas que tem o apoio, tem a participação direta de toda a comunidade. A comunidade entra em contato por e.mail, telefonema para chamar a gente para fazer alguma cobertura, registrar algum evento, acontecimento; e pelas redes sociais. Qualquer coisa, é só entrar em contato com a gente, que a gente faz o registro (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Não é difícil observar que a pluralidade de assuntos tratados no site tem ligação direta com as participações dos moradores do Antônio Bezerra, seja pelas sugestões ou até mesmo produzindo matérias. Essas pessoas trabalham de forma voluntária e aqui se evidencia um conflito, pois o site, há cerca de seis anos, é a principal fonte de renda da família Rocha.

Hoje, a minha fonte de sustento é o site do bairro Antônio Bezerra. Eu tinha outro trabalho, eu era professor, eu ensinava particular. Mas, como acontecia evento na hora em que eu estava em sala de aula, aí dava choque de horário, eu acabei conversando com o meu diretor e ele me liberou. Hoje é 24 horas somente pro site do Antônio Bezerra... e minha esposa ficou [na escola] no meu lugar. Ele me chamou e disse que “a gente não pode acabar com esse relacionamento”. Então, ela ficou não como professora, mas ficou na parte administrativa do colégio e eu fiquei livre. Já são uns quatro anos (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Como há essa questão profissional envolvida, contar com o apoio de voluntários de maneira mais ampla pode colocar em risco os contratos comerciais do BAB. Inácio mesmo relata um momento delicado.

Infelizmente... Trabalho voluntário assim que a gente teve uma participação... Mas, veja o que aconteceu: tinha dois eventos, dois eventos grandes pra ir, para pagar, era particular... Aí, como eu poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo? Tinha um rapaz que sempre dava esse apoio para fazer essas coberturas. Aí eu disse: “você vai pra esse evento, você já sabe o que fazer? Beleza.” Aí, quase uma hora depois que os dois eventos tinham começado, o cara ligou pra mim: “Inácio, não tem ninguém aqui para registrar!”. Aí, quando eu ligo pro rapaz, o cara diz “esqueci...”. A manhã toda, a gente tinha conversado sobre isso. É por essas coisas que a gente tenta ter organização, mas pode furar a qualquer momento. Aí, como é que fica? Fica negativo pra quem? Pro site. Se fosse uma empresa que estivesse pagando as pessoas aí a gente poderia ter um controle maior, se fosse uma associação, como muitas... (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Diante do apresentado, é possível inferir que o BAB não é resultado de nenhum processo envolvendo organizações ou movimentos sociais e culturais populares. É também evidente sua natureza dúbia que, por sinal, causa dúvidas até mesmo em Inácio.

[...] o bairro Elery é uma associação, criou-se uma associação... O pessoal do TV Janela criou uma associação de pessoas que participam. Dessa maneira, beleza, mas nosso site não... Ele é um site, eu nem sei até como fala isso, você vai até me esclarecer: o site é um site totalmente de caráter comunitário, assim, popular. Tem esse negócio assim de valorização da comunidade, de resgate próprio, mas ao mesmo tempo é particular, entendeu? É um site particular porque é dele que eu tiro a minha

sobrevivência. Tudo aquilo ali que a gente faz, mas é buscando não somente o lucro, o lucro, o lucro, que venha o lucro e pronto. Tanto é que se eu quisesse ir atrás de publicidade grande; Pague Menos, de empresa grande, eu acho que a gente teria todo o material para... mas, não me interessa isso, no momento não me interessa isso. Somente pessoas do Antônio Bezerra, comércio pequeno, anúncios que eu poderia estar ganhando 200, 300, 400 reais, eu ganho 50 reais de um comerciantezinho todo mês. Tá entendendo? É porque eu não tenho essa, sabe, eu não sei o que é... [O site valoriza o bairro?] Exatamente, nosso objetivo é esse. Porque nasceu de uma forma assim involuntária e chegou a ter essas proporções que tem hoje, mas não foi assim como uma empresa... (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 25 de outubro de 2013).

Mas, a falta de uma definição precisa sobre o que é o BAB – ou melhor, sobre que tipo de comunicação este veículo produz – não interfere no desenvolvimento e, de certa forma, na legitimidade alcançada pelo site. Hoje, o BAB traz uma gama de seções que vão desde registros da história do bairro e de seus moradores até coberturas de eventos locais e de atividades mais simples, organizadas pelos moradores. Sua página inicial é o retrato da diversidade de conteúdo que o BAB comporta; e é, a partir dela, que apresentamos a estrutura do site.

6.3.2 A estrutura do BAB

Dividida em três colunas, a página inicial do site BAB é apinhada de informações, distribuídas por seções que levam a novas páginas; e por banners, na maioria, de anúncios publicitários. Algumas informações se repetem, como as seções do Livro de Visitas e Colunistas, e os ícones para as redes sociais *Twitter* e *Facebook*. Além de as matérias e comentários publicados estarem armazenados em mais de uma seção. Por isso, é preciso um pouco de atenção para conseguir entender a organização da página e iniciar a navegação.

Apesar da dispersão, a primeira página do BAB não deixa dúvidas sobre sua relação com o bairro Antônio Bezerra. A começar pelo logotipo do site que, neste ano, ganhou um selo comemorativo de dez anos; e do seu slogan “BairroAntonioBezerra.Com.br Conectado com você”. O cabeçalho também comporta cinco seções: Home, Notícias Antigas, Colunistas, Livro de Visitas e Contato, conforme figura 9.

Figura 9 – Logotipo do site BAB/página inicial do BAB



Fonte: Disponível em: <<http://www.bairroantoniobezerra.com.br/BAB/>>. Último acesso: 30/06/2015.

Interessante observar que ainda nesta parte há uma série de dez pequenas chamadas que ficam se revezando. Elas trazem informações históricas que, por sinal, são mais bem descritas na seção *Histórico*, no menu na coluna da esquerda, também presente na página inicial. As informações foram escritas pelo historiador Valentim Santos, que também é colunista do site e ex-comunicador da 103,5 FM e da 87,9 FM.

As chamadas tratam de acontecimentos desde a chegada ao bairro da energia elétrica e do telefone à manivela, a construção e inauguração de equipamentos como a capela São Vicente e a Estação do Antônio Bezerra, até informações sobre moradores ilustres, segundo aponta o quadro seguinte.

Quadro 4 – Chamadas históricas da página inicial

- 1- A energia chegou ao Barro Vermelho no dia 25 de maio de 1937.
- 2- A primeira professora do bairro foi Maria José Bezerra de Menezes, filha de Antônio Bezerra.
- 3- O primeiro ônibus surgiu na década de 40, Fortaleza-Caucaia, a passagem custava 200 réis.
- 4- A capela São Vicente foi inaugurada em 1946, pelo Pe. Josefino Cabral. Antigo seminário São Vicente de Paulo.
- 5- O bairro passou a distrito na década de 50.
- 6- Os primeiros telefones chegaram ao bairro também em 1950, com manivelas.
- 7- A chácara Salubre, a casa mais antiga do bairro, não teve modificação em sua arquitetura desde 1801.
- 8- A igreja Jesus, Maria e José foi erguida em 1915. Fundada em 1918 por Pe. Rodolfo Ferreira Cunha.
- 9- A Estação do Antônio Bezerra foi inaugurada pelo próprio Antônio Bezerra.
- 10- Em 1935 teve início a construção do cemitério onde hoje funciona o Colégio Polivalente.

Fonte: Elaborado a partir da observação do site (período junho de 2014 a junho 2015).

Na coluna central, aberta com a frase “O Site do Bairro Antônio Bezerra”, há em destaque dois anúncios (um no topo e outro no final da coluna) que se referem a comércios locais (Conecta Contabilidade e mais abaixo, Hosana Peregrinações). Ainda no começo desta coluna, há um espaço para chamada de matéria sobre eventos do bairro, como a que segue:

Colégio Essencial realiza desfile de fantasias feitas com material reciclável A noite de Quinta-Feira(03) foi marcada com a abertura da **Eco Essencial** evento que

teve como objetivo de promover uma interação com os alunos de forma que os mesmos possam valorizar a importância de manutenção do meio ambiente e as formas de reutilização dos materiais recicláveis (Publicada dia 08/06/2015 e ainda em destaque dia 02/07/2015) [grifo no original].

Ainda na coluna do meio, segue uma lista de links que levam a notícias, agrupadas em quatro tipos: Notícias do Bairro, Retrospectiva BAB, Notícias Diversas e Fique Informado!/Notícias do Brasil.

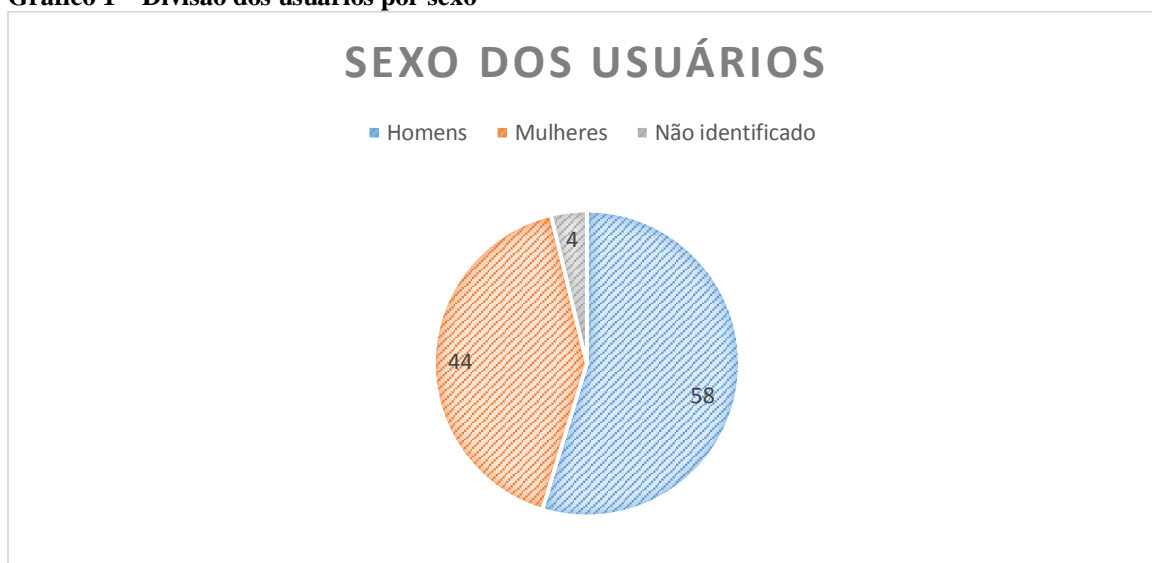
O primeiro grupo, Notícias do Bairro, é composto por 20 chamadas, com as notícias mais recentes, relacionadas ao bairro. Entre as pautas, eventos locais – “Colégio Essencial realiza desfile de fantasias”; “Capela São Vicente realiza coroação de Nossa Senhora”; “DJ Mix realiza o 10º Flashback em nosso bairro”; “Bloco do Roi Roi realiza cortejo”; “Pré-carnaval do bloco Pau da Véia em Antônio Bezerra”, entre outras – ocupam quase toda a lista. Há também notícias de denúncias e outros acontecimentos do cotidiano do bairro, como “Rua Dr. Vale Costa tem lixo acumulado” e “Caminhão com contêiner derruba árvore”.

O segundo grupo, Retrospectiva BAB, destina-se ao arquivo das matérias veiculadas entre março de 2006 e junho de 2015. Inácio Rocha não possui o conteúdo de 2005, o primeiro ano do site. Segundo ele, esse material ficou com seu primo com quem iniciou o BAB. Em Notícias Diversas, há sete links com notícias variadas, enviadas por visitantes (como informa a seção). Nele, os assuntos também variam e giram em torno, principalmente, de informações de serviço, como inscrições para concursos públicos, atividades do Hemoce, agenda cultural do bairro e da cidade e divulgação de eventos promocionais, como a festa das noivas.

O último grupo – Fique Informado!/Notícias do Brasil – é reservado para notícias nacionais, com 5 *links* em destaque. De todos os grupos, este é o que tem a periodicidade mais factual, são sempre matérias do dia, alimentadas pelo portal Terra.com. Os demais grupos têm periodicidade variada. No Notícias Diversas, por exemplo, não é feita atualização desde 2014, já no Notícias do Bairro, a postagem de matérias é constante, apesar de não ser diária⁹⁶.

Ainda na página inicial e descendo a barra de rolagem, é possível ver cinco *links* com comentários de usuários, seguidos pelo *link* Visite o Livro de Visitas, que nos leva à página chamada Livro de Visitas. Espaço destinado à publicação de comentários dos internautas, possui ao todo 106 comentários, sendo 58 de homens, 44 de mulheres e 4 cujo sexo não foi identificado, conforme mostra o gráfico a seguir.

⁹⁶ A análise foi feita a partir da navegação no site que ocorreu entre maio e julho de 2015.

Gráfico 1 – Divisão dos usuários por sexo

Fonte: elaborado a partir da observação do site (período junho de 2014 a junho 2015).

Como esta, outras partes do BAB estimulam a interatividade. Embora não esteja facilmente à vista – porque os comentários aparecem na ordem do mais recente ao mais antigo –, a primeira mensagem postada no Livro de Visitas é do próprio Inácio Rocha, dando boas-vindas e convidando os usuários a postarem comentários.

A mensagem ainda alerta para a possibilidade de ficar registrado o número do IP dos computadores de quem escreve na página. Além disso, é informado que os comentários são moderados pelo administrador do site, como podemos observar na figura seguinte.

Figura 10 – Convite para interagir no Livro de Visitas – publicado dia 10 de janeiro de 2004

😊 Bem vindo ao livro de visitas do BAB. Todas as mensagens aqui postadas serão primeiramente aprovadas pelo moderador as de caráter anônimo e/ou ofensivo serão apagadas do sistema. Sua IP é identificada.

Nota do Webmaster: Obrigado pela compreensão, certo de atenção dispensada, antecipamos agradecimentos.

Fonte: Disponível em: <<http://www.bairroantoniobezerra.com.br/BAB/>>. Último acesso: 02/07/2015.

Vale destacar que a mensagem traz como data de publicação o dia 10 de janeiro de 2004, o que causa estranheza visto que o site foi criado em 16 de junho de 2005; indício de que há falhas na cronologia das postagens. Já o primeiro comentário de usuário é de 10 de dezembro de 2009, parabenizando a iniciativa. Enquanto o último da lista data de 18 de abril de 2015, e elogia o formato, fazendo referência a um passado vivido no bairro.

Site de primeira. PARABÉNS aos responsáveis (Kelton, comentário publicado dia 10/12/2009) [...] Gostei do site, do formato. Gostei principalmente, da foto da capela,

onde pode-se ver a igreja e o “colégio” onde hoje passa a rua Rui Monte. Muito legal 😊 (José Vidal, comentário publicado dia 18/04/2015).

Conforme é apresentado no gráfico 2, não há uma regularidade na frequência de postagem dos comentários. O aumento do número de participações parece seguir a repercussão sobre alguma postagem, como a polêmica em torno da casa de show Tenda's, a greve da Polícia Militar em 2012 ou os comentários em relação ao gato e gata do mês.

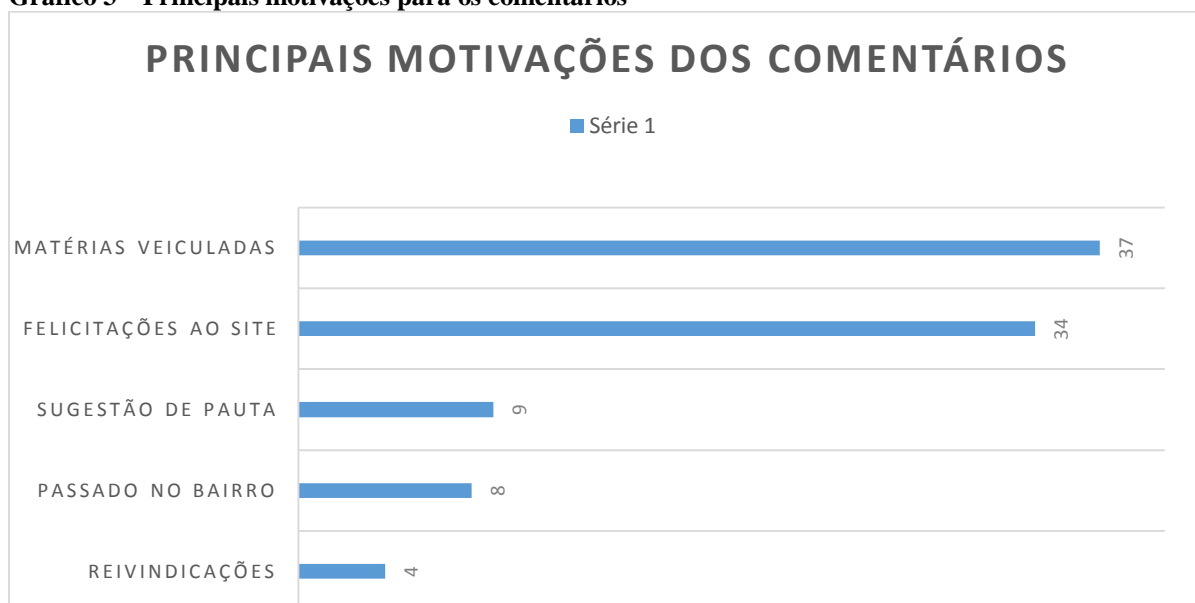
Apesar das oscilações na participação, os comentários dos usuários, mesmo motivados por interesses distintos, estão de certa forma ligados ao bairro. Para melhor apreciação, elencamos as motivações mais recorrentes, apresentadas no gráfico 3.

Os comentários tratam de assuntos diversos. Por isso, eles foram, aqui, divididos pelo tema central, como descrito no gráfico 4. A citar, o desejo de ser colaborador do site, uso de imagens ao invés de palavras, spam ou mensagens coletivas, solicitação de informações e serviços, reivindicações ou denúncias, referência ao passado vivido no bairro, sugestão de pautas, felicitações ao site e comentários sobre as matérias.

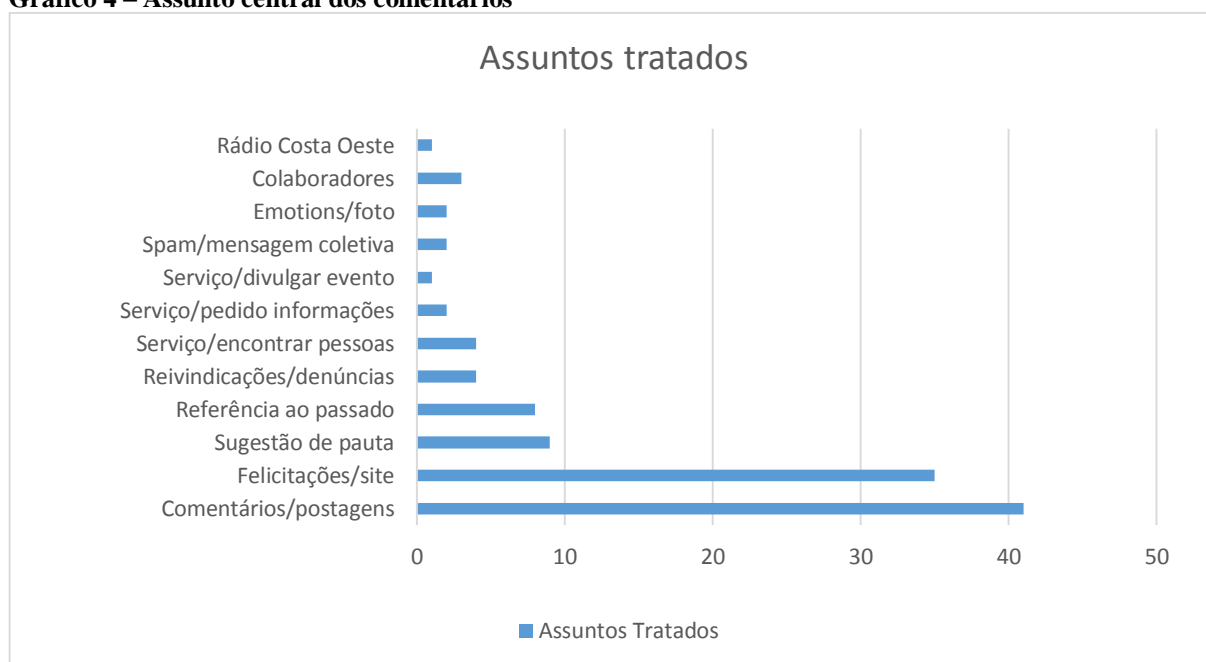
Gráfico 2 – Quantidade de comentários por ano



Fonte: elaborado a partir da observação do site (período junho de 2014 a junho 2015).

Gráfico 3 – Principais motivações para os comentários

Fonte: elaborado a partir da observação do site (período junho de 2014 a junho 2015).

Gráfico 4 – Assunto central dos comentários

Fonte: elaborado a partir da observação do site (período junho de 2014 a junho 2015).

Embora tenha sido apenas um, achamos relevante destacar o comentário referente à rádio Costa Oeste, dada a relação de proximidade entre os veículos que o comentário sugere. “Todos os dias eu visito aqui o site.. O site é ótimo.. Só falta ter transmissão ao vivo pela internet, pois aqui em casa a frequência 87,9 é da outra radio!!” (Ivna Menezes Pontes, comentário publicado dia 26/09/2011).

Nos comentários, características óbvias da internet também estão presentes. As mais frequentes são a multimídia, expressões típicas da rede e a relação extraespacial.

Observam-se, assim, abreviaturas de palavras, uso de *links*, fotos, de *emotions* e outros símbolos, preferência por codinomes, apelidos ou simplesmente a não identificação do usuário.

A citar os exemplos que seguem:

Parabenizo a todos os responsáveis pelo site simplesmente amei, porque adoro meu bairro. Bjos :-* (Betinha, comentário publicado dia 19/05/2013) [...] GOSTO MUITO DESSE SITE, ESTOU SEMPRE DE OLHO NAS NOVIDADES ATUALMENTE MORO EM SÃO PAULO E SE DEUS CUMPRIR O DESEJO DO MEU CORAÇÃO

IREI MORAR NESSE BAIRRO 😊 🍷 🍷 (Ivan, comentário publicado dia 18/12/2010). [...] Gostei muito do site. Parabéns! [Compras Coletivas](#) (Lucas, comentário publicado dia 28/11/2011).

Ademais, chama atenção a relação extraterritorial em muitos comentários, feitos por pessoas que moram fora do bairro. Apesar disso, não se pode dizer que haja uma desterritorialização – considerada própria do ambiente do ciberespaço –, pois o que motiva a maioria dos comentários é a relação com o local, no caso, o bairro Antônio Bezerra. “Acompanhei uma materia sobre a pastoral da sobriedade. E noticia do meu Bairro. Parabens ao site bairro antonio bezerra por nos deixar tao próximo, mesmo estando tao distante. 🍷 Direto de Roma.” (Romildo Gomes, comentário publicado dia 26/04/2012). Alguns comentários, inclusive, referem-se ao bairro como comunidade:

CONTINUI ASSIM, POIS O SITE FALANDO DA COMUNIDADE MOSTRANDO AS SUA DIFICULDADES E A TAMBÉM O SEU PRAZER EM VIVER NA COMUNIDADE É MUITO BOM DE SE APRESIAR, VALEU. 10..... (Barroso, comentário publicado dia 24/09/2012).

Entretanto, o sentido de comunidade vai além da relação com o território geográfico e não se funda na estratégia de articulação social, que propõe Paiva (2003), a qual vê a comunidade como instrumento cultural e de mobilização com vistas em mudanças sociais. Muitos dos comentários podem ser mais bem identificados pela ligação a partir da ideia de tribalismo, proposta por Maffesoli (2010). É o que se observa no comentário abaixo que além da referência ao bairro, afina-se pela crença religiosa.

Bom dia, venho agradecer a beleza do site que tem, creio que vc tem muito trabalho para divulgar os eventos que tem na sua comunidade... Que Nossa Senhora os fortalece sempre nestes trabalho de evangelização parante sua comunidade... Um grande beijos a todos vcs que elabora este agradável trabalho virtual... (Aguinaldo, comentário publicado dia 09/11/2010).

Outro aspecto que figura entre os comentários é a referência de vários a experiências vivenciadas no bairro. Tais lembranças parecem aflorar relações de afeto com o lugar, indo na contramão da dinâmica imposta às metrópoles, que homogêneiza e quebra

referenciais em prol da lógica de uma sociedade das mercadorias. Exemplo que pode ser verificado no comentário que segue.

Quero deixar uma mensagem de saudade do meu tempo de adolescência que vive neste bairro; Foram tempos de amizade e alegria, estudar no instituto poliana (ainda existe?), com minhas amigas que queria tanto revê-las Silmara e Simone. Meu 1º namorado, o catescismo, marchar no sete de setembro na av. antonio bezerra, rrsrs. 😊 Infelizmente perdi o contato de todos mais as recordações ficaram. Obrigada (Virna Alice Lobo, comentário publicado em 03/01/2014).

Em suma, ao longo do Livro de Visitas, é observada uma riqueza de comentários, que ora interagem discutindo situações de convivência no bairro Antônio Bezerra – o barulho que a casa de show Tenda's e a polêmica em torno de seu fechamento ou não; o combate às drogas ou a violência no bairro. Ora apresentam-se como spam, sendo estes bem poucos, acredito que pela moderação sofrida.

Acontecimentos de ordem mais geral também são levados em conta. Um exemplo foi a greve da Polícia Militar, de 2012, cujo comando central dos grevistas estava localizado no Antônio Bezerra, mas que repercutiu por toda Fortaleza. Apesar da diversificação, não há falas organizadas de movimentos populares e é quase nula a participação de alguma organização social. Além disso, os usuários quase nunca se repetem.

Isso sugere que o BAB, embora sirva como um ambiente de convergência para aqueles que de algum modo estão ligados ao bairro Antônio Bezerra, não há uma organização ou movimento popular que sustente o site. Daí, não é possível considerá-lo um site popular, dentro das definições de comunicação popular de Peruzzo (2004), que relaciona esse tipo de experiência aos movimentos populares. Nem a ideia de comunicação alternativa defendida por Pereira (1986), o qual também faz alusão aos movimentos sociais e culturais populares.

Voltando à primeira página do BAB, encontramos também um *link* para a página do site no *Facebook* (BAB no *Facebook*), com várias fotos de quem já curtiu a página e um convite para que se faça o mesmo ou a compartilhe. Logo abaixo, vê-se um vídeo com reportagem sobre o BAB, feita pela TV Jangadeiro (BAB na TV Jangadeiro). Com a chamada “Moradores da periferia de Fortaleza descobriram a internet como um forte aliado para resolver os problemas da comunidade”, a matéria relata a atuação do BAB, que na época existia há sete anos, junto às reivindicações dos moradores do bairro, como a instalação de um semáforo; e incentivando a cultural do local.

Tal ligação do site com reivindicações e mobilizações pontuais dos moradores do Antônio Bezerra aponta para uma disposição do veículo em apoiar e até mesmo encabeçar essas articulações. Entretanto, como o BAB é mantido de maneira familiar, sua atuação mais política

vai depender sobremaneira de uma decisão do casal que administra a página e a tem como uma das fontes de renda da família. A falta de uma organização ou de um movimento popular e até mesmo de uma mobilização mais constante deixa o papel social do site mais próximo a projetos individuais do que coletivos.

Continuando na coluna do centro da página inicial do site, observa-se o segundo anúncio em destaque, seguido por um banner divulgando o serviço de cobertura de eventos, realizado pelo BAB. No final da coluna central, um Guia Comercial, com indicação de serviços localizados no Antônio Bezerra e nas imediações; de advogados e dentistas, açougues, retificadora, escolas particulares e públicas e farmácias, como indica a figura 11.

Figura 11 – Anúncio das coberturas do BAB e Guia Comercial/página inicial do BAB

Coberturas BAB



Feito pra você!

Guia Comercial

Advogados	Açougues e Frigoríficos	Aluguel de Roupas
Animação - Eventos	Animais	Banca de Revista
Borracharias	Buffets	Ciclopeças
Construção	Contabilidade	Criação de Sites
Eletro - Informática	Escolas Particulares	Escolas Públicas
Façções	Fardamento Escolar	Farmácias
Frigoríficos	Gráficas	Informática
Laboratório	Loja de Cosméticos	Loja de Móveis
Movelaria	Odontologia	Óticas
Retíficas	Transporte Escolar	Vidraçarias
Viva Fitness Academia		

Fonte: Disponível em: <<http://www.bairroantoniobezerra.com.br/BAB/>>. Último acesso: 30/06/2015.

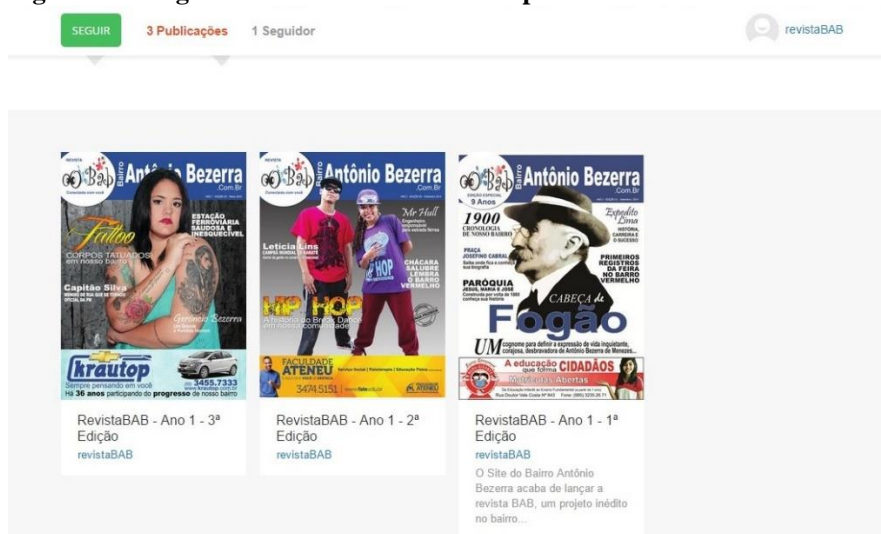
A coluna do meio é margeada por duas outras colunas mais estreitas – olhando a página, lembrei-me da avenida Mister Hull e suas margens cheias de pontos comerciais. Do lado esquerdo, há ferramentas de busca tanto para o site como para a *web* (*google*); e um espaço para *login* e senha, reservado aos colaboradores. Segundo Inácio Rocha, colunistas e outros colaboradores têm acesso ao site e podem postar seus textos, sem interferência de mediação.

[...] nós temos algumas pessoas que têm acesso livre, que têm login, senha, e podem postar diretamente sem passar por mim as informações. São os colunistas e algumas pessoas que não têm colunas, mas postam notícias. É o pastor de determinada igreja, é pessoas de movimento, ong... [...] eles mesmos assinam embaixo e têm total

responsabilidade por aquela informação (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Ainda à esquerda, intercalando as ferramentas citadas acima, fica o ícone da revista impressa BAB que nos leva a versões em pdf das edições da revista, a partir da plataforma ISSUU⁹⁷. Esta revista passou a ser produzida neste ano e a quarta edição está em processo de finalização⁹⁸. Criada em comemoração aos dez anos do site, a publicação traz matérias sobre o bairro e anúncios de comércios e serviços locais e das imediações; os quais custeiam a produção e impressão da publicação e vêm complementando a renda da família de Inácio Rocha.

Figura 12 – Página inicial da revista BAB na plataforma ISSUU



Fonte: Disponível em: <<http://issuu.com/revistabab>>. Último acesso: 30/06/2015.

Na coluna, existe também um ícone da campanha educativa “Não se cale”, incentivando a denúncia de casos de violência contra a mulher (figura 13). O ícone leva-nos a outra página do site que traz uma lista de serviços e equipamentos públicos, de todo o estado, especializados no tema. Em seguida, há o ícone do Livro de Visitas (“Registre sua Visita!”), que deveria levar à página para comentários, mas a navegação não se completa.

⁹⁷ Serviço de publicação na internet de versões *on line* de jornais e revistas impressas, nos formatos DOC, PDF, ODT e apresentações em PowerPoint. Criada em 2006, a plataforma é apoiada pela *Sunstone Capital* cujos escritórios ficam em Nova York e Copenhague. O sistema oferece *upload* de arquivos e acesso gratuitos, mas possui recursos pagos que oferecem mais aplicativos e serviços que a versão de graça. “O ISSUU é um software que contribui com os conceitos de Flusser a respeito da virtualização dos objetos e o desenvolvimento das não-coisas.” (PAPEL DIGITAL, 2012. Disponível em: <<http://blogpapeldigital.blogspot.com.br/2012/03/o-que-e-issuu.html>>. Último acesso: 30/06/2015).

⁹⁸ Na publicação desta dissertação, a revista do BAB já estava em sua quinta edição, veiculada em outubro de 2015.

Figura 13 – Ícones da campanha “Não se cale” e do Livro de Visitas/página inicial do BAB

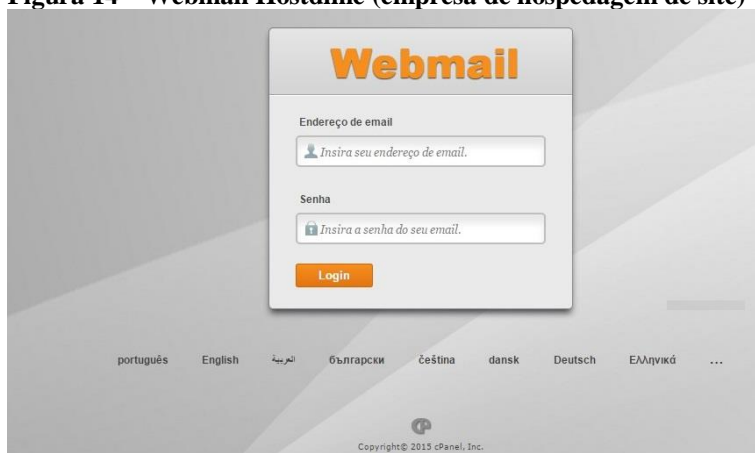


Fonte: Disponível em: <<http://www.bairroantoniobezerra.com.br/BAB/>>. Último acesso: 30/06/2015.

A coluna ainda reserva espaço para as seções: Nossa Cidade – que se direciona a uma página do próprio site com informações sobre Fortaleza, inclusive com a bandeira e brasão da cidade; Sobre o Site – com quatro *links* que levam a duas matérias do jornal Diário do Nordeste, a um vídeo do antigo programa de TV Na Boca do Povo e a uma matéria também sobre o site, veiculada no site Vivoblog.

Um ponto curioso desta coluna é o ícone Site de Bairros, que nos direciona a uma página linkada aos sites do: Bairro Ellery, Vila Notícia, Portal Messejana, Centro, Serviluz, Parque Araxá, Genibaú e João XXIII. Algumas das páginas não abrem, mas é interessante perceber a articulação entre o BAB e os demais sites. Logo abaixo, um ícone para envio de email ao site, mas que é diferente da caixa de mensagem que aparece no Fale Conosco, encontrado no rodapé da página.

Figura 14 – Webmail Hostdime (empresa de hospedagem de site)



Fonte: Disponível em: <<https://sbr14.hostdime.com.br:2096/>>. Último acesso: 30/06/2015.

Ainda na coluna da esquerda, há uma seção chamada Mural BAB, voltada para os classificados do site e que traz um chamado para anunciar. Há, novamente, *links* para o *Twitter*

e *Facebook* do BAB; e uma seção de previsão do tempo local. Além de um ícone interessante que leva a uma página sobre as feiras de Fortaleza.

Em meio a todos esses *links* e seções, está o menu principal do site que traz 23 seções. São elas: Home (página inicial); Fotografia BAB (que nos leva a uma galeria com cerca de 356 fotos de eventos e personalidades do bairro); Enviar Coluna (restrita aos colunistas); Desaparecidos (fotos de pessoas, na maioria crianças, que desapareceram no estado); Fundador (rápida biografia de Antônio Bezerra); Calendário (agenda de eventos, mas que está em branco); Histórico (informações históricas sobre o bairro, elaboradas por Valentim Santos).

Há também a Tour pelo Bairro (com fotos que, segundo o site, mostram as melhorias de equipamentos do bairro); Fotos do Bairro (com fotos atuais de locais do bairro). Nestas duas últimas seções, há uma chamada para aqueles que já não moram no Antônio Bezerra verem como está o bairro nos dias de hoje. Outra seção desse menu é a Notícias Novas, cujo título não condiz com sua função, visto que seu conteúdo se refere a uma espécie de arquivo do site. Ela está dividida em três subseções, uma com o arquivo de notícias de 2006 a 2015; outra com a lista dos colaboradores e suas respectivas matérias; e uma terceira lista com as notícias e propagandas veiculadas.

Logo abaixo, vem a seção Vídeo do BAB que traz 454 vídeos de matérias produzidas pelo site. Eles estão divididos nas categorias: Entrevista (67), Festa dos Padroeiros 2009 (68), Igreja Católica (71), Educação no Bairro (6), Seminário Mulheres Construindo a História (8), Palavra do Cidadão (4), Notícias (115), Louvor Ecumênico (7) e Igreja Evangélica (22) e Coberturas (86).

Na coluna à esquerda, existem ainda as seções: Coberturas BAB (a maioria é de coberturas pagas), Pequenos Anúncios e o Livro de Visitas. Importante ressaltar que na seção Palavra do Cidadão, estão as denúncias sobre problemas no bairro, algumas são matérias feitas pelo site e outras se referem a comentários dos próprios usuários (presentes também no Livro de Visitas), como o que segue:

Gostaria de fazer uma reivindicação, para melhorar nosso bairro, é sobre o Terminal rodoviário de Antônio Bezerra, pois o terminal é de EMBARQUE e DESEMBARQUE de passageiros, mas atualmente só funciona o EMBARQUE, pois quando os ônibus que chegam a Fortaleza NÃO DESEMBARCAM, no terminal, e sim na av mister Hull, deixando os passageiros no sol, ou na chuva, e o pior quando é a noite, o passageiro fica sem abrigo e sem proteção (Isac Tabosa, comentário publicado dia 05/10/2014).

Já na seção Memórias, há quatro perfis de moradores antigos do bairro. Enquanto na Entrevistas, há somente três com moradores do bairro. Seguem as seções Aniversariantes (que está em branco); Biografia (com informações sobre “a vida das pessoas que ajudam ou

ajudaram a engrandecer o nosso querido bairro”); Gata do Mês (com 18 fotos de garotas que moram no bairro); Gato do Mês (com 4 fotos de rapazes que moram no bairro); Campanhas Sociais (5 campanhas sobre doação de sangue, contra o aborto, doação de órgãos, dia do trânsito e sobre a polícia rodoviária) e Artistas (artistas moradores do bairro ligados à poesia, desenho, música, escritores e pinturas; nesta seção há espaço para que o próprio artista se cadastre).

Já a coluna da direita é destinada aos anúncios publicitários – são 13 banners pequenos, que garantem boa parte da renda em torno do site –; e aos Colunistas, que atualmente estão restritos a somente dez. Segundo Inácio Rocha, muitos colunistas não escreviam há muito tempo, então, ele preferiu “enxugar” essa seção e deixar aqueles com “postagens mais recentes”, ou seja, com postagens de 2012 para cá.

A periodicidade das publicações e os temas dos colunistas são definidos por cada um dos colaboradores, que tem liberdade para postar, sem aprovação prévia. É o que ilustra o diálogo que travei com Valentim Santos cuja coluna é voltada para fatos históricos relacionados ao bairro, à Fortaleza e ao Ceará; e que teve como motivação inicial as pesquisas, feitas pelo historiador, sobre o personagem mais ilustre do bairro, o escritor Antônio Bezerra:

- Quando eu resolvi escrever sobre o Antônio Bezerra e pesquisar, eu fiquei fascinado pela vida dele; o que ele fez, o que produziu. O homem dedicou a sua vida a escrever a história do Ceará, ele achava importante que tudo que acontecesse fosse escrito e eu fiquei tão fascinado que eu comecei a escrever sobre a história do Ceará, a história do bairro Antônio Bezerra. Eu pesquisei muito em biblioteca [...] foi um trabalho difícil.
- E quando você escreveu os textos que existem no site, o Inácio mexeu neles ou não?
- Não, eu entrego o texto e ele publica.
- E você ainda pensa em escrever alguma coisa? Como tá a sua relação com o site?
- O Inácio todo dia me dá um carão, porque tenho que voltar a escrever de novo, mas eu estou dando aula em escola pública, em duas universidades, trabalhando no Frontinha. Às vezes, falta tempo, mas com a revista, eu já escrevi algumas coisas. Já até comecei a escrever sobre a estação ferroviária e as nossas antigas “bodegas” que hoje só existem duas praticamente. A do Cordeiro e a do Nonato, são as duas que ainda vendem fiado com a caderneta. A do Cordeiro é perto do supermercado João Pinheiro e a do Nonato na Martim Neto (Valentim dos Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

“Mas no que se refere a pessoas que não têm esse acesso direto, é nos passada a informação, mas a gente vai, antes de colocar no site, primeiramente vai verificar a veracidade daquilo.”. Esclarece Inácio Rocha (entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Por fim, a página principal do site BAB termina com um rodapé em que estão os créditos de criação da página (“Desenvolvido por BAB © (85) 3235-4270 // (85) 8633-9404 O Site do Bairro / BairroAntônioBezerra.Com.Br © Desde 2005 Theme Design by XOOPS Desgin.com”) e um link Fale Conosco, seguidos por um banner animado intitulado Museu Virtual (página em construção).

Navegando pelo site, é possível identificar que muitas ferramentas são utilizadas, embora haja certa confusão pelo aglomerado de informações em uma mesma página. Também é bem fácil perceber que, apesar de trazer assuntos gerais, grande parte do conteúdo veiculado no BAB se refere ao Antônio Bezerra, fazendo jus, portanto, ao título de site de bairro. Entretanto, não há sinais de que esse veículo esteja envolvido a movimentos populares, o que ainda aparece é uma ou outra alusão a mobilizações e reivindicações pontuais dos moradores sobre problemas do bairro.

Por outro lado, o site é um grande canal para que se conheça a diversidade de cotidianos daqueles que moram no Antônio Bezerra. Afinal, ele dá visibilidade às diversas nuances do convívio diário. Apesar de não esconder problemas de infraestrutura (acúmulo de lixo e buracos nas ruas); sociais (violência); de saúde (disseminação das drogas ilícitas e do alcoolismo), apresentando as dificuldades enfrentadas por quem mora no Antônio Bezerra e nas imediações. Seu conteúdo, seja o publicado pelos administradores e colaboradores ou o que vem dos comentários dos usuários, expressa as várias facetas culturais, que vão desde as relações de vizinhança, manifestações artísticas até hábitos como a ida à feira ou à igreja.

Por fim, ao entrar em contato com os universos da Costa Oeste e do BAB – tanto pelas entrevistas feitas, como pela escuta da rádio e navegação pela internet – é fácil observar que tais experiências se reivindicam da comunidade e donas de um caráter popular e alternativo. Ambos, com mais de dez anos de existência, mantêm um funcionamento regular, sem interrupções significativas; indicativo de experiências já consolidadas. Mas, embora os dois veículos se apresentem como “da comunidade do Antônio Bezerra”, eles possuem equipes e trajetórias independentes uma da outra. E, se em algum momento houve proximidade entre tais meios, atualmente, não há mais nenhuma aproximação entre suas rotinas de produção.

Além disso, na perspectiva dos movimentos populares, tanto a rádio como o site são alvos de questionamentos que colocam em cheque suas naturezas popular, comunitária e alternativa, feitas por atores que compõem a cena da comunicação popular, alternativa e comunitária de Fortaleza⁹⁹. Contudo, não se pode ignorar a presença desses veículos no cotidiano do bairro, reconhecida pelos próprios moradores do Antônio Bezerra.

⁹⁹ Esta informação foi obtida em conversas informais com membros de outras rádios comunitárias, sites de bairro e com alguns profissionais da comunicação.

7 DAS IMAGENS QUE OS MORADORES CONSTROEM: “É QUE NARCISO ACHA FEIO O QUE NÃO É ESPELHO”¹⁰⁰

Um homem dos vinhedos falou, em agonia, junto ao ouvido de Marcela. Antes de morrer, revelou a ela o segredo:

– A uva – sussurrou – é feita de vinho.

Marcela Pérez-Silva me contou isso, e eu pensei: se a uva é feita de vinho, talvez a gente seja as palavras que contam o que a gente é (GALEANO, 2009, p. 16).

“O homem dá sentido a tudo.” (BRETON, 1999, p. 26), porque possui uma consciência significante. E “desde o começo pesa sobre ‘o espírito’ a maldição de estar ‘contaminado’ pela matéria, que aqui se apresenta sob a forma de camadas de ar em movimento, de sons, ou seja, de linguagem.” (MARX; ENGELS, 2012, p. 56). Por conseguinte, somos feitos da linguagem verbal e não-verbal, ambas imersas nos discursos.

Mas, é principalmente através da palavra que representamos o mundo em que vivemos, interpretamos as realidades com as quais nos deparamos, e construímos sentidos. A palavra está na base que institui a consciência do que somos e de que lugares ocupamos, estando presente nos atos de compreensão e interpretação¹⁰¹. Entretanto, *a priori* ela é neutra, porque pode ganhar qualquer configuração, seja estética, científica, moral ou religiosa (BAKHTIN, 2006). Necessita, portanto, de significação para existir, ou seja, não se pode compreendê-la desligada do processo de sua produção, isto é, desligada de sua enunciação.

A palavra, como enunciado, traz as marcas dos sujeitos envolvidos: tanto de quem a emite como de quem a recebe. Ganha sentido, a partir do uso que se faz dela, porque locutor e ouvinte se apropriam dos elementos da língua para formatá-la e colocá-la em funcionamento, ao mesmo tempo em que se instituem como *eu* e como *tu*. A palavra é, portanto, dialógica, sendo determinada pelos interlocutores envolvidos em sua enunciação; e se apresenta como “o modo mais puro e sensível de relação social.” (BAKHTIN, 2006, p. 34).

O ser humano nomeia, enfim, as coisas que interpreta e toda compreensão conduz ao diálogo, pois está prenhe de resposta (BAKHTIN, 1992). A palavra se torna, então, a principal condutora das interações em todas as esferas da vida social, cultural, política,

¹⁰⁰ Trecho da música Sampa, de Caetano Veloso, álbum Muito Dentro da Estrela Azulada, 1978.

¹⁰¹ Não há, contudo, intenção de supervalorizar a *léxis*, como se o discurso – e todos os significados que este possa construir; e todas as relações de poder que este acione – estivesse restrito à língua. Como se o texto não verbal não fosse também discurso ou fosse um discurso menor. É preciso sempre se perguntar se as significações do signo não-verbal necessitam sobremaneira da palavra para se constituir. Consideremos o ato de olhar álbuns de família: fotografias que narram a relação entre pessoas, lugares e o tempo. Elas são, em si, significantes, por conseguinte, são discursos. A inserção da palavra para nomear rostos, lugares ou datar o tempo, por exemplo, construirá novas significações, novos discursos, os quais não, necessariamente, devem se sobrepor aos discursos e significados da imagem fotográfica. Rendê-la ao jugo da palavra – principalmente, da palavra escrita – é valorizar um poder que sustenta a visão hegemônica de uma humanidade baseada no saber escrito; num saber socialmente excludente.

econômica... Cria modos de comunicação tão privativos que distinguem o ser humano dos outros animais e “das máquinas cuja aptidão para comunicar-se à sua maneira é conhecida.” (BRETON, 1999, p. 23).

Contudo, mesmo constituído pelo verbo, ou melhor, pela linguagem, o ser humano é antes composto pela carne. Afinal, não se pode esquecer que o primeiro pressuposto da existência humana é, antes de tudo, a satisfação das necessidades de comer, beber, ter onde morar, o que vestir e outras tantas coisas que permitem a manutenção e continuidade da vida. A produção da vida material é, por conseguinte, fundamental para que os seres humanos se mantenham vivos.

Atendida essa primeira exigência, novas necessidades são produzidas e, cotidianamente renovamos a vida, ou seja, enquanto estiver vivo, o ser humano é fonte de sonhos e desejos e quanto mais vivo, mais vigorosa é a fonte. Diante disso,

[...] os homens, ao desenvolverem sua produção material e relações materiais, transformam, a partir da sua realidade também o seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida é que determina a consciência (MARX; ENGELS, 2012, p. 52).

Essa assertiva, porém, não deve ser compreendida de forma mecânica, como uma relação simplista de causa e efeito. Na vivência coletiva, as condições materiais e as práticas concretas estão intrinsecamente ligadas às representações simbólicas, à abstração e à imaginação que dão sentidos ao que se vive. E embora pareçam apartadas, a materialidade e a força imaginativa fazem parte do mesmo fenômeno que é a vida humana, melhor dizendo, a vida em sociedade.

Diante dos distintos aspectos da vida (biológica/social) que resultam em experiências múltiplas, cada indivíduo vai construindo seus meios de sobrevivência, trilhando seu legado, fazendo sua história. Ao mesmo tempo em que tenta compreender, interpretar e explicar tudo que está a sua volta. Nessa dinâmica, ele vai se constituindo e dando sentido à sua existência.

Ao se perceber, o indivíduo, como sujeito, vai se tornando apto a julgar seus próprios atos; passa a ter consciência de si e do lugar que ocupa. Todo esse processo – embora aconteça de forma interiorizada, individualizada e única – está envolvido nas relações que o sujeito tem com o diferente, ou seja, com o que (ou quem) não é ele. Essa tomada de consciência implica, portanto, uma dimensão social. Assim,

a única definição objetiva possível da consciência é de ordem sociológica. A consciência não pode derivar diretamente da natureza [...] A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas

relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento [...] Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem (BAKHTIN, 2006, p. 33-34).

Assim, enquanto vive, o ser humano constrói seu mundo material e simbólico e faz isso sempre de uma posição histórica e cultural específica. Em suas práticas de significação e nos sistemas simbólicos, produz significados e se posiciona como sujeito. A isso denominamos representação. “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentidos à nossa experiência e àquilo que somos.” (WOODWARD, 2012, p. 17-18).

Compreende-se, então, que “toda prática social é simbolicamente marcada” (WOODWARD, 2012, p. 33) e “diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais.” (p. 31). Daí, para se compreender um sistema de representação é preciso interligá-lo à cultura, cujos valores e padrões públicos intermediam as experiências dos sujeitos.

Por isso – numa rápida alusão à pesquisa que desenvolvi –, o esforço para identificar os processos de elaboração de imagens e autoimagens perpassa a compreensão de que tais processos estão submersos na convivência, nas práticas cotidianas, vivenciadas na relação dos moradores com o bairro Antônio Bezerra, mas também na relação destes com a cidade. Cotidianos que estão marcados pelo ritmo incessante de Fortaleza, que – como toda metrópole – segue os ditames da sociedade das mercadorias.

Uma sociedade que, por estar imersa na lógica do capital, força a mecanização das relações entre os indivíduos e destes com as coisas do mundo. Por conseguinte, quebra referenciais e se torna obstáculo para que os indivíduos se percebam como sujeitos ao passo que se mantém no âmago de uma crise de sentidos que se alastra na contemporaneidade.

Porquanto, mantive constante a preocupação em buscar os sentidos que emergiam nas falas dos meus interlocutores, tentando não perder de vista as posições sociais ocupadas por esses sujeitos. Uma tentativa de alcançar os sentidos implícitos, visto que, muitas das representações construídas têm origem em um intrincado jogo de relações cotidianas, tantas vezes, nebuloso.

Quando assinalo a exigência do convívio, pressuponho a presença da comunicação, inerente à atividade social. E existe um tipo de comunicação que se destaca porque não se vincula apenas a uma única esfera ideológica: a comunicação na vida cotidiana que se interliga aos processos de produção e tem a palavra como material privilegiado. “É justamente nesse domínio que a conversação e suas formas discursivas se situam.” (BAKHTIN, 2006, p. 35).

As práticas comunicativas devem ser vistas, aqui, como práticas de mediações socioculturais, pois, nesse jogo da convivência social, as interações se dão no campo da cultura, que se apresenta não como coisa dada ou transmitida, mas como um ininterrupto processo de conflitos de interesses e negociação de sentidos. Seus infindáveis matizes agem, então, como elos e fronteiras entre os indivíduos, entre o indivíduo e o grupo e entre grupos.

Ao pensar nas mediações socioculturais como práticas de comunicação, é imediato associá-las à linguagem. Mas, é pensar a linguagem não de forma instrumentalizada, e sim, processual, que se (re)constrói na dinâmica da interação social ao mesmo tempo em que é elemento essencial na formação das interações em sociedade, como refletiu-se no capítulo anterior. Por conseguinte, é pensar na capacidade de interpretação e representação dos aspectos da realidade, tão inerente à condição humana. Entretanto,

[...] por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem (FOUCAULT, 1999, p. 25).

Nesse sentido, o real descrito é o real aceitável, porque é dada à pessoa que o descreve a autoridade de fazê-lo, de ser o autor daquela representação. Quem estaria, então, autorizado a expressar suas percepções sobre o bairro Antônio Bezerra? A mídia? Inácio Rocha, através do site BAB? Os comunicadores da Costa Oeste? Moradores antigos? Políticos ou outras pessoas públicas do bairro? Seja quem for, essa autoridade, obviamente, deve ser aceita pelo coletivo que, por sua vez, deve aceitar como verossímil a descrição proposta.

Ora, fica evidente que tais descrições estão imbrincadas nas relações de poder que estruturam as relações em sociedade, fazendo “do saber um poder” (BRETON, 2003, p. 79). É o que Foucault (2010) chama de a “vontade de verdade” como parte do sistema de exclusão que controla os discursos produzidos. Sistema que se sustenta por meio de um conjunto organizado de instituições, estando sujeito às contingências históricas, e que não se realiza sem pressão, sem pelo menos “alguma violência”.

Essa vontade de verdade seria reforçada pelo modo como o saber é aplicado na sociedade, “como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.” (FOUCAULT, 2010, p. 17). É ela que interdita e exclui ao selecionar quem fala, estando os discursos a exercerem seu próprio controle, a partir de distintas formas de interdições. Foucault chama atenção para uma rede de saberes e de poderes que institui uma sociedade disciplinar. O poder agiria tanto na esfera pública como na privada, remodelando não somente a forma como se interpretam as coisas, mas inclusive, a forma de o indivíduo se ver e ver seus pares.

Ressalta-se, porém, que é ingênua a concepção moderna de o poder ser uno e inserido em uma relação dicotômica entre aqueles que têm e aqueles que não têm poder. Pois, como sinaliza Barthes (1987, p. 6), o poder “está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social [...] até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo.” O poder passa a ser entendido de forma relacional. Ele não é coisa, mas uma rede capilar que constitui e permeia toda a sociedade.

Ao revelar as entrelinhas das disputas de e pelo poder, presentes em todos os aspectos da vida cotidiana, Foucault (2010) aponta o autor não mais como indivíduo que fala, elaborando representações, mas como “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência.” (p. 26). Como consequência, representação alguma teria o status de original. Elas devem ser vistas como processos culturais, mesmo quando aparentam ser construções individualizadas.

Por fazer parte da cultura, esses saberes, de certo modo, vão se impregnando em cada indivíduo, mas seguindo um compasso próprio, fazendo com que a apropriação não seja uniforme. Cada representação é um ponto de vista sobre o mundo em que se vive. Por isso, fazemos uso das representações para convencer, visto que “cada indivíduo, na sua vida cotidiana, é confrontado com inúmeras situações de argumentação [...]” (BRETON, 2003, p. 23). Com elas, negociamos sentidos e disputamos valores e em torno desses valores é que nos organizamos como grupo.

É devido a esse processo que se encontra lugar para as táticas de resistência às homogeneizações tão próprias do capital. São as reinvenções do cotidiano tão bem expostas por Certeau (2012) e que vêm à tona nas falas dos meus interlocutores quando lembram, por exemplo, situações vivenciadas no Antônio Bezerra. Vizinhos que se ajudavam numa época em que transporte público era precário. Festas para comemorar futebol ou São João que ganham as ruas. Ações espontâneas ou organizadas que ganham sentidos e constroem imagens de um bairro bom de viver, contrariando a ideia de bairro perigoso tantas vezes reproduzida pelo discurso hegemônico.

Entretanto, quando tais representações são alocadas em meios de comunicação, elas ganham uma repercussão que amplia seu poder de interferência na criação e reprodução de imagens sobre a realidade. A mídia – com sua ligação intrínseca com a tecnologia e o mercado – é quem mais força emprega nessa tarefa de nomear as coisas, dando-lhes significados e sentidos. Sua proximidade com as classes sociais mais altas a torna a porta-voz do discurso hegemônico, um dos pilares que sustenta a ordem vigente; a mesma ordem que ampara tais visões de mundo. Diante disso, experiências comunicativas que se diferenciam da lógica e da

dinâmica que constituem a mídia podem servir como contrapontos na constituição das representações sobre o mundo.

Mesmo sem garantia, afinal, não é porque está fora da mídia que a postura será automaticamente contestatória, foi preciso considerar a possibilidade do contraponto nas experiências comunicativas no Antônio Bezerra diante dos processos de construção das imagens sobre o bairro. Afinal, os dez anos de existência do site BAB e as experiências de radiocom (103,5 e 87,9), que juntas já chegam a cerca de 16 anos, acumulam vivências que interferem na imagem que se tem do Antônio Bezerra, por conseguinte, de si. Se não para todos os moradores do bairro, pelo menos para aqueles que com elas tiveram contato.

7.1 Imagens de si e estigmas sociais

Tenho a consciência de minha existência porque diviso a existência do outro, pois é no contato com o diferente, quando identifico o que faz dele um ser que não sou eu, que elaboro quem sou. Essa afirmação de si, amparada na negação do outro, vai ser fundante na demarcação das posições sociais. Afinal, o contato com o outro só se dá no convívio, seja em um grupo restrito, seja em sociedade.

Entretanto, a relação *eu e o outro* não significa uma relação exclusiva de oposição. Como Freud (2011) identificou, os processos de vivência em grupo da relação *pai-mãe-filho* exercem uma influência significativa na formatação das pulsões elementares e na criação das funções de autocontrole ainda na primeira infância. O outro é aquele que me apresenta a linguagem, que me aproxima de padrões e normas de convivência que vão moldando minha forma de viver e de saber do mundo.

No convívio social, o ser humano vai, então, internalizando as formas de conduta para viver em sociedade, que se estendem também ao controle das emoções e sentimentos. Essa internalização, contudo, não acontece de forma espontânea, imediata e nem externa ao indivíduo ou ao grupo. Ela deriva de um controle interno das relações cotidianas entre os indivíduos, entre o indivíduo e o grupo e entre grupos, por meio de instrumentos coercitivos firmados pela convivência.

Haveria, pois, uma transformação lenta e gradual do indivíduo em sociedade, desembocando em uma disciplina do corpo de que fala Foucault; ou nas autoregulações das condutas e dos sentimentos, sinalizadas por Elias (PACHECO, 2009). Assim, ao acatar ou não as normatizações – usando as definições de Elias e Foucault, respectivamente – indivíduos e grupos se diferenciariam entre civilizados e incivilizados ou entre normais e anormais.

Nesse sentido, para falar das autoimagens que construímos é preciso falar das imagens que formamos do outro, talhadas na convivência social, porque preciso estar junto para me distinguir. Mais ainda, é preciso também falar do ideal de imagem que fantasiemos, pois “a imagem do nós e o ideal do nós de uma pessoa fazem parte de sua auto-imagem e seu ideal do eu tanto quanto a imagem e o ideal do eu da pessoa singular a quem ela se refere como eu.” (ELIAS, SCOTSON, 2000, p. 42).

Nas ciências sociais, o termo autoimagem foi tomado por Norbert Elias e John L. Scotson (2000) para discutir as situações de conflito e disputa de poder, identificadas a partir de uma pesquisa etnográfica realizada em Winston Parva¹⁰². As autoimagens – ou seja, o estar ciente de si e do grupo do qual se faz parte – seriam formadas pelos processos de estigmatização que lapidariam as distinções entre aqueles enquadrados nos padrões daqueles considerados desviantes. Para usar os termos de Elias e Scotson (2000): as autoimagens distinguiriam os estabelecidos dos outsiders.

Estigmatizar seria manipular as representações que se têm do outro (e de si) enquanto são estabelecidas relações mútuas. O estigma se formaria, portanto, da sociabilidade, mais precisamente das disputas de poder que marcam de forma visceral a vida em sociedade. Ele teria acento na compreensão de que um grupo é superior a outro. Assim, a autoimagem vai identificar as possibilidades que um grupo tem de si em contraposição às imagens (e às possibilidades) que se tem do outro, numa relação de exclusão.

Já Foucault (*apud*, SILVA et al, 2014, p. 267)

argumenta que a produção dos “normais” e dos “anormais” é resultado das práticas de assujeitamento¹⁰³ e governamentalidade¹⁰⁴ que impõem e, em tão presente forma, fazem com que os indivíduos imponham a si mesmos um controle sutil e refinado, assimilando como virtude relações e práticas fundadas na arbitrariedade e que tendem a se travestir sob o aspecto irrefletido da naturalização.

Imagens e autoimagens seriam, pois, identificações sociais – diferenças e identidades que ajudam a definir quem somos (e quem não somos), formatadas no convívio

¹⁰² Nome fictício dado pelos autores ao povoado inglês investigado.

¹⁰³ Assujeitamento seria uma adaptação do indivíduo aos discursos normativos, ou seja, é adequação às normatizações da forma de viver em sociedade. Foucault entende que o indivíduo não é autônomo, porque ele é cerceado por dispositivos disciplinadores, por isso, seria necessário transgredir a disciplina para ser livre. Concordo com a assertiva de Foucault, discordando, portanto, de Elias, para quem o indivíduo teria autonomia racional para escolher; e o autocontrole das condutas e emoções, cada vez mais internalizado e automatizado, permitiria que o indivíduo agisse de forma livre.

¹⁰⁴ Na sociedade contemporânea, haveria uma série de dispositivos de segurança que o Estado usaria contra grupos considerados perigosos para a sociedade. O Estado teria um tipo de poder cuja função seria conter as desordens provocadas pela exclusão social. A governamentalidade seria, então, uma estratégia de criminalizar indivíduos ou grupos descontentes com o *status quo*, produzindo uma responsabilização individual enquanto um sentimento de insegurança é disseminado (SILVA et al, 2014).

quando são também definidas as posições sociais. São, portanto, construções codependentes que, para serem construídas, precisam estar dotadas de sentido. Esse processo de padronização e diferenciação nutre e é nutrido pelas práticas socioculturais, que se desenvolvem mediante as tramas de poder.

Tendo em vista o poder como uma espécie de rede capilar que permeia a sociedade, perpassando o indivíduo que, por ser um efeito de poder, é o centro de sua transmissão – conforme propõe Foucault (2001) –, haveria um grupo que detém o poder, seja pelo saber, pela política/Estado ou pelo econômico. O poder não seria, portanto, espontâneo ou sem planejamento, como pensava Elias, mas um projeto disciplinador de um grupo sobre outro (SILVA et al, 2014).

Diante disso, “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. [...] Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder.” (SILVA, 2012, p. 81). Infere-se, então, que as operações de classificação e desclassificação acontecem no coração das relações de interdependência entre indivíduos e entre grupos, estruturadas e reguladas pelas disputas de e pelo poder.

Nas conversas com os moradores do Antônio Bezerra, percebi em diversos momentos o uso do argumento de autoridade, embora esta autoridade fosse constituída de maneiras distintas por cada interlocutor. “Vou perguntar à minha mãe”; “minha avó deve saber”, como me disseram tantas vezes Paulo Gleison e Léo Facundo para falar sobre coisas antigas do bairro. “O Rondinelle pode saber mais”, “melhor perguntar pro pessoal do Rondinelle”, respostas que ouvi de dona Carol e de dona Regina quando indagadas sobre as experiências com radiocom no Antônio Bezerra.

Mas, apesar dessas referências a quem tem o poder do saber – por ter vivido o fato por exemplo –, no dia a dia elas não são tão visíveis. Para Elias e Scotson (2000), como também para Foucault (2001), as padronizações seriam erigidas ao longo do tempo. Nas relações de vizinhança, os estigmas se formatariam pelo convívio.

Paulatinamente, padrões de convivência normatizariam a vida daqueles identificados como os estabelecidos (ou como os normais, para usar o termo foucaultiano). Os laços antigos dessa associação e seus desdobramentos teriam, então, força suficiente para criar os elementos de coesão social que distinguiria os estabelecidos dos demais, enquadrando esses últimos como outsiders (ou anormais).

A dimensão temporal presente no convívio torna-se fundamental para a estruturação de padrões e estigmas sociais. Ela me faz pensar que esses indivíduos estabelecidos – no caso as famílias antigas do Antônio Bezerra – têm um passado comum que os mantém

coesos. Visto que recordações de experiências vividas pelo indivíduo em um processo grupal vão dar a cada membro do grupo um “estoque de lembranças, apegos e aversões comuns.” (ELIAS, SCOTSON, 2000, p. 38).

Entretanto, parte significativa desse “estoque” é formada por acontecimentos não vivenciados pelo indivíduo, mas que fazem parte da memória, porque compõem o imaginário do grupo do qual ele pertence. Junto a essas situações, há personagens e lugares que formam a memória que “é, em parte, herdada, [porque] não se refere apenas à vida física da pessoa.” (POLLAK, 1992, p. 204).

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos (POLLAK, 1992, p. 201-202).

Assim, tais acontecimentos ganham tamanho relevo que, muitas vezes, fica difícil saber se o indivíduo participou ou não do acontecido. Ouvi Léo Facundo, por exemplo, contar como a Rádio Comunitária Antônio Bezerra (103,5) foi fechada pela Anatel, sem ele fazer parte do grupo de comunicadores; ou Mateus Miranda falar de como o bairro era mais tranquilo em uma época em que ele era uma criança. E ainda vi o relato de Paulo Gleison sobre antigos eventos do bairro, como São João e festas no clube Menfis, que pararam de acontecer por causa de alguns casos de violência. Tais narrativas me pareceram mais frutos das narrativas de outrem do que de acontecimentos vivenciado por eles.

Pode-se também inferir que o sentido subjetivo que os indivíduos atribuem ao próprio percurso é elaborado por uma junção entre "identidade pessoal" (o que sou/o que gostaria de ser) e "identificação social" (como gostaria de ser definido/o que dizem que sou). Nesse processo, “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos. [...] constituem um ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas.” (POLLAK, 1992, p. 205).

As falas dos comunicadores ligados às radiocom do Antônio Bezerra estão carregadas dessa relação indivíduo/grupo. Praticamente, todos falaram das emissoras a partir dos programas que produziam ou faziam parte. A emissora tinha popularidade, era mais atuante no bairro, porque o programa A ou B era popular ou atuante. Rondinelle Mendes, por exemplo, falou das trajetórias das emissoras 103,5 e 87,9 associando, de maneira bem direta, à sua trajetória política. Chico Tavares foi o único que, ao falar da Costa Oeste, tratou a emissora

como um todo, certamente por sua condição de diretor da rádio; o que não o exclui da relação particular/coletivo.

Assim, laços afetivos e de desafetos vão prolongando-se na vivência coletiva que, por sua vez, está associada às fantasias e à crença que se tem do grupo, disseminadas pelas conversas informais ou ainda pela fofoca, tão própria do convívio grupal. Recordo-me o boato que ronda os comunicadores do Antônio Bezerra de que a Costa Oeste esteja arrendada aos evangélicos; boato que fortalece a imagem de que a emissora hoje não é mais da comunidade. Ou ainda, a reprodução da fala de que o Inácio “cobre tudo” que acontece no bairro dá ao site BAB o título de site do bairro, da comunidade.

Na relação com o convívio, portanto, os estigmas sociais são naturalizados. Aparentam ser não o resultado da ação do grupo, mas de uma força externa, eximindo o grupo estigmatizador de qualquer responsabilidade. Importante dizer que esse convívio coletivo sofre forte interferência das condições materiais, ou seja, a forma como o grupo se organiza para obter sua sobrevivência e o lugar que cada indivíduo ocupa nessa relação são fundamentais na elaboração de quem se é e de quem é o outro.

Ao observar situações de pesquisa, por exemplo, Dubar (1998, p. 16) aponta que

nas sociedades contemporâneas, a trilogia formação/emprego/trabalho parece ser a mais estruturante dos “espaços-tempos” individuais e, portanto, da maneira segundo a qual as pessoas – especialmente os homens – “narram sua vida” e categorizam suas situações [...].

Em vários momentos das entrevistas com os moradores do Antônio Bezerra, eles me disseram que era gente de fora, de bairros vizinhos cujas condições de vida são mais precárias, que cometiam os crimes no Antônio Bezerra e quando se referiam a algum infrator que morava no bairro, associavam o problema ao uso de drogas. E mais, a referência a algum morador do bairro que comete crime vinha sempre acompanhada de uma associação à lealdade, eles não “mexeriam” com gente do bairro. Mas, na maioria das vezes, eles não sabiam explicar porque os que cometiam crimes eram de fora ou porque haveria essa lealdade.

Observa-se, então, que as identificações sociais são construídas pelas pequenas percepções: sei quem e o que sou, sei quem e o que não sou, mas sei sem saber como aprendi a ser. Mas,

ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros (POLLAK, 1992, p. 204).

A consciência de si é forjada, portanto, pela opinião que o grupo faz desse indivíduo. Quando Chico Tavares insiste em dizer que voltou para a Costa Oeste para que a rádio volte a ser verdadeiramente a “rádio do bairro”, ele fala isso insistindo que o motivo de ele ter voltado é porque as pessoas ligadas à emissora “conhecem o jeito” que ele trabalha. E ainda, quando Rondinelle se refere à sua atuação política falando sempre na primeira pessoa do plural, reforça essa necessidade de aceitação de si pelo coletivo.

Nesse processo, há também uma carga emocional embutida, porque por mais que haja as autonomias individuais, a autoimagem se interliga à autoestima de cada um. Ambas estão, portanto, associadas à representação, que, como qualquer sistema de significação, é uma forma de atribuir sentidos por “[...] um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder.” (SILVA, 2012, p. 91).

Além disso, estar em grupo é, ainda, aceitar como sua a imagem do coletivo e, assim, arcar com os bônus e ônus dessa condição. De um lado, pertencer a um grupo conduz a uma sensação eufórica de segurança ao se pressupor que haveria aí uma aceitação e ajuda recíproca entre seus membros. Por outro lado, é preciso submeter sua conduta às regras específicas de convivência comum, sujeitando-se a “padrões específicos de controle dos afetos.” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 26).

Na contemporaneidade, porém, a vida na metrópole é atropelada pela dinâmica imposta por uma sociedade das mercadorias. Abarrotados, os espaços urbanos vivenciam tensões por não comportarem o contingente de indivíduos que os habita. E estar próximo não é garantia de interação, muito menos de vida em comum, que levaria a um sentido de comunidade. Afinal, os tempos de hoje, são “tempos de desengajamento que definem o estágio ‘líquido’ da modernidade” (BAUMAN, 2003, p. 79). Nesse sentido,

a proximidade já não garante a intensidade da interação [...] Supõe-se que os problemas sejam sofridos e enfrentados solitariamente e são especialmente inadequados à agregação numa comunidade de interesses à procura de soluções coletivas para problemas individuais. Uma vez perdido o caráter coletivo das queixas, podemos também esperar o desaparecimento dos “grupos de referência” que ao longo dos tempos modernos serviram como padrão de medida da privação relativa. A experiência da vida como procura inteiramente individual redundando numa percepção das fortunas e infortúnios de outras pessoas como resultado principalmente de seu próprio esforço ou indolência, com a adição de um toque pessoal de boa sorte ou um golpe individualmente desferido de má sorte [...] (BAUMAN, 2003, p. 79).

A tendência atual, então, é de que, cada vez mais, os problemas individuais sejam vivenciados solitariamente (no máximo no núcleo familiar); o que torna inadequada a disposição em procurar soluções coletivas para questões individuais. Como consequência, pagar o ônus de viver sob regras estabelecidas (como acontece em uma comunidade) perde

muito do sentido, pois a segurança já não pode ser mais garantida. Além disso, a mundialização do capital – que internacionaliza a produção e o consumo – diminui a experiência de pertencer a um lugar em especial (CANCLINI, 2001). Talvez, venha daí a dificuldade dos meus interlocutores em definir o Antônio Bezerra como uma comunidade; e quando apontam o bairro como comunidade não sabem definir quem são seus integrantes.

Todavia, essas situações de isolamento provocam ações refratárias. Até como autodefesa, os indivíduos, para se protegerem das tensões do cotidiano e restabelecerem suas forças, precisam encontrar um lugar seguro. “Na explicação de Richard Sennett, o sentido de lugar se baseia na necessidade de pertencer não a uma ‘sociedade’ em abstrato, mas a algum lugar em particular; satisfazendo essa necessidade, as pessoas desenvolvem o compromisso e a lealdade.” (BAUMAN, 2003, p. 100-101).

Na metrópole, esse ambiente livre de sobressaltos, à prova de intrusos pode ser representado pela casa (pelo privado). Mas, muitas vezes, estende-se à rua e ao bairro, ou pelo menos, estende-se ao que Magnani (2003) conceituou como pedaço (e que alguns dos meus interlocutores chamam de “as áreas”). Um espaço que não é a casa (o parentesco), que não é a rua (o desconhecido), mas que é “de mediação cujos símbolos, normas vivências permitem reconhecer as pessoas diferenciando-as, o que termina por atribuir-lhes uma identidade [...]” (MAGNANI, 2003, p. 117); e que não necessariamente é um espaço físico, pois o pedaço também se move, acompanhando seus integrantes.

Outra estratégia para burlar a solidão do isolamento da metrópole é a aproximação por interesses e preferências culturais. Afinidades de ordens distintas – da crença a preferências musicais; do lugar de moradia, renda a modos de se vestir ou falar; da idade, raça ou orientação sexual – que compõem as tribos dos tempos atuais. O tribalismo – identificado por Mafesoli (2010) como tendência da natureza humana e condição da contemporaneidade – expande-se, mas não de forma autônoma, pois segue o ritmo do capital. Haja vista que sua expansão tem aliados importantes, como a indústria cultural que une consumo à identificação social.

Ao passo que tais identidades estimulam certos indivíduos a formarem suas tribos, elas também expulsam e mantêm em distância segura outras tantas pessoas pertencentes a outras tribos. E para que cada grupo se firme e se mantenha coeso, é preciso que de certa maneira sejam preservadas as imagens que ele tenha de si. Ou seja, é preciso que fiquem intactas as dinâmicas do cotidiano que distinguem esse grupo dos demais. A distinção entre “nós” e “eles” deve, pois, se mostrar transparente, sem espaço para dubiedades e incertezas. Cada comunidade ou melhor, cada tribo, precisaria de um lugar seguro, um invólucro, que manteria as autoimagens; e as identificações sociais em segurança.

É por isso que quando surge alguém que não segue as regras de convivência estabelecidas, este indivíduo é visto como uma ameaça à ordem posta, mesmo quando ele, indivíduo, não tem dimensão do perigo que representa. O risco de se contaminar com o diferente, com o anormal que está livre das normas de conduta é tão evidente quanto é a necessidade de manter a imagem do grupo em segurança. Daí, as reações adversas diante da presença de outsiders.

Importante ainda dizer que, com Winston Parva, Elias e Scotson (2000) têm o mérito de discutir o problema da estigmatização social sob um prisma coletivo, elevando essa categoria a uma esfera macro. Para eles, não seria mais uma questão individual, fechada no nível de preconceito de alguns indivíduos com relação a outros. Eles assumem a perspectiva de que é preciso entender a natureza da interdependência entre os que se sentem superiores e aqueles relegados a um plano inferior. E que essa ligação seria não somente entre indivíduos, mas fundamentalmente intergrupual e que teria como origem as disputas de e pelo poder. Assim,

a peça central dessa figuração é um equilíbrio instável do poder, com as tensões que são inerentes. [...] Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. [...] Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso enfraquecê-lo e desarmá-lo. Consequentemente, a capacidade de estigmatizar diminui ou até se inverte, quando um grupo deixa de estar em condições de manter seu monopólio das principais fontes de poder existentes numa sociedade e de excluir da participação nessas fontes outros grupos interdependentes – os antigos outsiders (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 23-24).

Quando a mídia de Fortaleza trata, através de suas notícias, o bairro Antônio Bezerra como um local perigoso, com altos índices de criminalidade, e quando generaliza o bairro e sua vizinhança como um único território cujas condições de vida são precárias, ela reforça os estigmas sociais, estereotipando o lugar. Mas, se de alguma maneira há meios de comunicação alternativos a essa mídia – como o site BAB e até mesmo a Costa Oeste FM – que apresentam o Antônio Bezerra como um bairro residencial, que até pode ter alguns problemas, mas traz uma série de atividades e eventos de ordem cultural e educativa, demarcando as fronteiras entre o bairro e os seus vizinhos, abrem espaço para uma imagem positiva do lugar. Daí, a importância de se quebrar a hegemonia midiática.

A mídia de Fortaleza diz que o bairro Antônio Bezerra é violento porque ele está na periferia da cidade e a periferia é assim. Esta é, por sinal, a explicação costumeira para os estigmas sociais, cujas causas são, historicamente, associadas a diferenças de raça, gênero, credo ou de classe social. Essas explicações, porém, seriam insuficientes, inclusive porque esses

conflitos seriam, também, tipos específicos de estabelecidos e outsiders. Afinal, os estigmas precisam ser explicados numa relação com a dinâmica das disputas de e pelo poder.

Nesse sentido, a percepção da relação estabelecidos-outsiders (ou normais-anormais) como próprias dos jogos nas disputas de poder é importante, porque trata de forma complexa a construção dos estigmas sociais e todos os danos que deles advém. Não se conforma com explicações simplistas e exige que se amplie a compreensão das relações em sociedade para além da superfície dos fenômenos.

Por outro lado, esses estigmas que se firmam em características bem inerentes ao indivíduo (ou ao grupo), como cor da pele, orientação sexual, crença religiosa ou poder aquisitivo, possuem forte poder destrutivo da autoimagem e da autoestima daqueles estigmatizados. Apesar e também por causa disso, membros de grupos estigmatizados historicamente encontram nessas características consideradas excludentes a estratégia para burlar o poder instituído.

Essas condições sociais são, então, reforçadas para servirem a ações de resistência dos outsiders; presentes, de forma organizada ou não, ao longo de toda a história. Por isso, não se pode tirar delas sua importância, inclusive porque protagonizaram (e protagonizam) grandes embates entre estabelecidos e outsiders. A citar as mobilizações de moradores da periferia, especialmente na década de 1970, que se fortaleceram exatamente pela condição de ser da periferia. Diante da complexidade dessa discussão, o que interessa aqui é não esquecer que até na dinâmica interna de grupos estigmatizados, existem disputas de e pelo poder, pois há também, entre eles, estabelecidos e outsiders.

Na relação com Fortaleza, o Antônio Bezerra sofre com o estigma peculiar de bairro da periferia. Mas, quando observo as falas de seus moradores, identifico muitos estigmas sociais, presentes internamente. Falavam, por exemplo, que o bairro é pacato e apontavam como violentos os locais do bairro com pior infraestrutura e com terrenos baldios, as favelas, as áreas dos conjuntos habitacionais populares, ou ainda, os limites do bairro. Em outros momentos, alguns moradores chamavam de “invasão dos crentes” a crescente presença de igrejas evangélicas no bairro.

Essas falas apontam para padrões de convivência entre as famílias antigas do Antônio Bezerra, ligados às diferentes esferas da vida em sociedade, não se restringindo a apenas um padrão, mas a uma série de normas que agiria nas diferentes situações da vida. Observa-se também certo incômodo dos moradores mais antigos com as mudanças dessas normatizações. O problema, por exemplo, não é a crença evangélica. A igreja Betesda, antiga

no bairro, é vista de forma amistosa pelas famílias. Mas, as novas igrejas que estão modificando os hábitos religiosos no lugar, não.

Recordo, por exemplo, a fala do Inácio Rocha sobre a mudança que vem ocorrendo em pontos comerciais do Antônio Bezerra. Comprados por negociantes que não moram no lugar, esses estabelecimentos vêm perdendo a característica, bem comum em décadas anteriores, de serem propriedades de “filhos do bairro”. Há, em sua fala, certa insatisfação, especialmente quando ele tenta explicar os conflitos que há entre aqueles que moram no bairro há gerações e os recém-chegados.

Por essas pessoas não terem um histórico no bairro, acabam querendo modificar aquele contexto que existe lá, fazendo obras que não têm nada a ver com o bairro, modificando a estrutura. Mas acho que isso é em toda Fortaleza, porque somos uma cidade onde a maioria dos moradores vem do interior onde tiveram problemas com a seca, com dificuldade de moradia; e quando vem, acaba fazendo essa modificação. Acho que é isso que acontece no Antônio Bezerra, tanto a estrutura física como nos relacionamentos entre as pessoas (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Interessante observar que Inácio fala de “obras que não têm nada a ver com o bairro”. Mas, ao caminhar pelo Antônio Bezerra – com exceção das áreas em que se construíram condomínios fechados – é nítida a falta de uma padronização arquitetônica. As casas – apesar de aparentarem estruturas similares, o que indica situações econômicas semelhantes – não possuem uma uniformidade estética. E há variações também nas estruturas das moradias de uma rua para outra; algumas ruas possuem casas maiores do que as de outras ruas.

Deduz-se que o “nada a ver com o bairro” tem relação muito mais com o agente dessas mudanças: pessoas de fora ou recém-chegadas ao Antônio Bezerra. Mesmo com a fala queixosa, Inácio transparece certo conformismo quando identifica que esse fenômeno não é exclusividade do Antônio Bezerra, mas algo que acontece “em toda Fortaleza”. Como se fosse o preço a pagar pelo “desenvolvimento da cidade”. Além disso, ele exime os moradores do bairro (e ele próprio) “da culpa” por essas mudanças; elas seriam causadas por agentes externos.

Situações como as descritas acima sinalizam que, nos dias de hoje, as cápsulas foram ou estão sendo rompidas. Consequentemente, não se pode mais falar de grupos intactos, porque as fronteiras estão fluidas e as imagens de si (e dos outros) se tornam difusas. Haja vista que,

a partir do momento em que a informação passa a viajar independente de seus portadores, e numa velocidade muito além da capacidade dos meios mais avançados de transporte (como no tipo de sociedade que todos habitamos nos dias de hoje), a fronteira entre o “dentro” e o “fora” não pode ser mais estabelecida e muito menos mantida (BAUMAN, 2003, p. 18-19).

Nesse sentido, as práticas comunicativas que, como ligas flexíveis e aderentes, ajudam a dar forma às dinâmicas internas dos grupos, fortalecendo a coesão social entre os estabelecidos, ganham outras tarefas. Provocam encontros antes não imagináveis, aproximam as alteridades e fomentam o palco de conflitos que é a cultura. Tornam ainda mais possível o risco de contaminação que ameaça a estabilidade, a ordem ditada pelo grupo que se estabeleceu como superior. Turvam as representações de si, fazendo ruir estigmas que pareciam cristalizados.

Quando mudanças nas significações são sentidas, que resultam em reelaborações das figurações sociais, é possível pensar que de algum modo as relações sociais sofreram modificações (ELIAS, 1994). Mas, toda ação em andamento vai guardar resíduos das ações que a precedem; das interpretações e representações antes construídas. E por mais que haja uma aparência de novo, haverá resquícios do vivido naquilo que se vive no presente. Muitos desses resíduos estão impregnados nos discursos. Entretanto, esses resquícios – apesar de serem elementos de difícil alteração, que se prolongam, simulando uma perenidade que não existe – também são mutáveis.

Como pesquisadora, restou-me o desafio de identificar essas sutis alterações na forma de representar o bairro e a si, não somente para identificar as mudanças, mas também para encontrar os processos que as originaram. Foi o que tentei fazer e cujos resultados expressei nos próximos tópicos. As imagens do bairro, dos comunicadores e das experiências comunicativas, apresentadas aqui, são um misto do que observei nas conversas com os meus interlocutores, no conteúdo do site e da Costa Oeste, juntamente com as minhas impressões ao andar pelo bairro.

7.2 Antônio Bezerra: imagens que constroem um bairro

Na verdade, eu acho que é um bairro que conserva algumas características da periferia, o que me lembra muito a cidade do interior. É um bairro onde tem uma área onde todo mundo se conhece. As pessoas ainda colocam a cadeira na calçada, onde você conhece o barbeiro, o pedreiro... Você sabe quem é quem, então, é um bairro que ainda tem muitas relações de sociabilidade. Tem a feira, tem a missa onde todo mundo se conhece. É o espaço onde eu vivo, onde eu tenho os meus amigos, o espaço onde eu interajo com as pessoas (Léo Facundo, morador do Antônio Bezerra, entrevista concedida dia 26 de novembro de 2013).

É a Mister Hull, com sua pista múltipla (dez faixas ao todo), quem recebe aqueles que chegam ao Antônio Bezerra, vindos da avenida Bezerra de Menezes. Uma mancha de pontos comerciais que se estende pela larga avenida em direção à saída de Fortaleza e divide o bairro em dois lados. O vai e vem dos carros e de gente ocupada traz uma sensação familiar

para quem vive nas grandes cidades, a indiferença do frenético mundo do trabalho. Cenário que remete a uma solidão urbanoide; de quem vive próximo, mas apartado, sem convívio e interação que fortaleçam laços de afetividade.

Já do alto, de cima do viaduto da Perimetral (avenida Coronel Matos Dourado), que fica logo após o Terminal de Ônibus de Antônio Bezerra e corta o começo da Mister Hull, o sentimento é de amplidão. A metrópole Fortaleza está ali em sua plenitude, varando aquele que é o último bairro do lado noroeste da cidade; no limite com o município de Caucaia. A proximidade com o fim da cidade – a avenida Mister Hull é um trecho urbano da BR 222 – e a movimentação fácil de ver nos pontos de ônibus, de pessoas com sacolas de viagens provocam ainda uma sensação de passagem. É como se aquele local servisse somente para entrada e saída de Fortaleza.

A cena muda quando se adentra o bairro que se torna predominantemente residencial e vai desacelerando à medida que a Mister Hull e a Perimetral ficam distantes. Ao andar pelas ruas internas de ambos os lados do bairro, a impressão inicial é de uma disposição difusa de residências e pequenos estabelecimentos comerciais e de serviços, como butiques, salões de beleza, mercearias e lanchonetes. Da mesma forma que quase toda Fortaleza, não se percebe uma ocupação planejada e as construções, com estéticas distintas, parecem postas aleatoriamente.

Também não há uniformidade entre as ruas, algumas são mais largas e asfaltadas, outras estreitas e de calçamento irregular; ainda há ruelas, travessas e becos. A desordem arquitetônica e a falta de sinalização em algumas áreas – ruas sem placas, números de casas desordenados – dificultam a orientação espacial. Só os acostumados com o local é que andam com desenvoltura por entre as ruas e calçadas irregulares onde ainda se pode encontrar vários focos de lixo e mato. Mas, algumas edificações se sobressaem pelo tamanho, tipo e tempo de construção.

Os 400 metros e os 213 anos da chácara Salubre, por exemplo, não deixam dúvidas sobre a importância histórica da construção mais velha do bairro. Apesar disso, nem ela e nem outras construções antigas do bairro – como a estação ferroviária e o cemitério público – foram espontaneamente citadas pela maioria dos meus contatos. Fora Valentim Santos que é historiador e que fez, diversas vezes, alusão à história local, apenas Inácio Rocha falou de pontos e fatos históricos do bairro, citando informações que estão disponíveis no site BAB.

Como era de se esperar, em geral, as lembranças mais espontâneas trouxeram acontecimentos e locais ligados diretamente às vidas dos moradores com quem conversei. Entretanto, quando perguntados sobre locais de referência do bairro, quase todos indicaram os

mesmos pontos. Contando uma história parecida, os relatos convergiam, praticamente, para um mesmo discurso, enaltecendo construções apontadas como símbolos de crescimento do bairro e de Fortaleza, e reforçando a ideia de que o bairro tem história e que é importante para a cidade.

Algumas edificações ganham, então, relevância, ao se destacarem não apenas pela arquitetura, mas principalmente pelos sentidos que carregam. É a fábrica de castanha Cione (as duas sedes, uma na entrada e outra quase na saída do bairro), o supermercado Extra e o Terminal de Ônibus de Antônio Bezerra. As ruínas da Ceará Industrial, fábrica que produzia farinha e óleo de algodão para cozinha, entre outros produtos. O Cemitério Público e a bucólica igreja da Paróquia Jesus, Maria e José. O estádio de futebol Antony Costa, conhecido como o campo do Rio Branco Esporte Clube. Os condomínios fechados e a bela capela de Santa Edwirges.

Há ainda os extensos muros das escolas que, entre públicas (7) e particulares (15), chegam a 22. O Patronato da Sagrada Família, grupo Antônio Bezerra (EEFM – Escola de Ensino Fundamental e Médio Antônio Bezerra), Cidrack (EEFM Mário Hugo Cidrack Vale), que integram a rede pública do bairro, são as mais lembradas. Entre as particulares, os colégios José de Alencar, Essencial e o Júlia Fialho são sempre citados. Há ainda a faculdade particular Ateneu, que ocupa o prédio do São Vicente, um dos colégios mais tradicionais que existiu no bairro. O Frotinha de Antônio Bezerra (Hospital Distrital Evandro Aires de Moura). A 6ª Companhia do 5º Batalhão da Polícia Militar e o 10º Distrito Policial (delegacia civil). A Rodoviária dos Pobres (Terminal Rodoviário de Antônio Bezerra) e a estação ferroviária que também leva o nome do bairro.

Precisa-se de algum tempo para que sejam encontradas as normas e padrões do lugar, tanto aquelas refletidas nas estruturas de concreto como as que emergem das relações entre os indivíduos. Acostumando a vista, percebo que algumas casas têm o “puxadinho”, cômodos construídos como anexo para abrigar novos membros da família ou virar ponto comercial. Muitas das casas têm desgastes nos muros e paredes e várias apresentam reformas relativamente recentes, o que dá ideia de que elas já estão ali há muito tempo. Ideia essa que é reforçada pelas falas dos meus interlocutores que moram no bairro.

É também nas falas deles, ao se referirem aos vizinhos, a locais do bairro ou a eventos antigos, que vão surgindo os sinais de vivência mútua. Na forma como eles andam pelo bairro, percebo também indícios da familiaridade com o lugar e com a vizinhança. Assim, percebo que o Antônio Bezerra é mais do que geográfico. Ele é um lugar de interações sociais que pode até não cristalizar uma comunidade, mas que dá sinais de certas padronizações nas práticas de convivência. Apesar de o bairro também estar inserido na dinâmica homogeneizadora da metrópole Fortaleza.

Continuando a andar pelo bairro, pequenos trechos arborizados aparecem espremidos entre as construções, enquanto o rio Maranguapinho se confunde com um esgoto a céu aberto. A relação dos moradores com o rio mereceria uma pesquisa à parte. Mas, reservo-me a dizer que a situação de degradação em que o rio se encontra tirou dele toda e qualquer referência positiva à natureza, para grande parte dos moradores.

Para nós garotos era diversão ir para a lagoa do Tabapuá, tomar banho no rio. Coisa que hoje ninguém nem pensa. Quando eu falo para os meus netos, **eles perguntam logo se eu tomava banho naquele local poluído**. Aí, eu explico que não, que antigamente era tudo limpinho, água cristalina. Mas não faz muito tempo. Até 1970, a gente conseguiu tomar banho ainda lá; entre 70 e 75 (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015) [grifo meu].

Hoje, o Maranguapinho aparece muito mais como estorvo, um motivo de vergonha e desgosto. Em geral, é lembrado, pelos moradores, por causa do lixo nele acumulado e “pelas inundações que causa”, a mesma imagem fácil de ser observada na mídia de Fortaleza. Apesar disso, são perceptíveis a tristeza e saudade, expressas nas falas dos moradores, com quem conversei, e que tiveram mais contato com o rio no passado.

Hoje, **eu me sinto com uma tristeza de ver o rio poluído**. A gente vê a história que muitos rios deixaram de ser poluídos, mas eu acho que o nosso rio Maranguapinho é muito difícil [...] **O rio acabou**. Quando nós chegamos aqui, ele ainda era limpo, hoje, é só o esgoto mesmo. Só corre mesmo quando chove. O rio era limpo, a água limpinha, a piabinha. Aí existia a ponte do *Pau da Véia*¹⁰⁵. Não existia ponte, era só uma viga grande que a gente passava por cima, pra ligar com o Autran Nunes, o *Pau da Véia*, entendeu? E na rua Joaquim Leitão não existia a ponte, era só uma viga pra gente passar por cima... Água limpa mesmo. Isso só faz 30 anos. E hoje, o rio é um esgoto parado (Carolina Rodrigues, a dona Carol, entrevista concedida dia 22 de setembro de 2013) [grifo meu].

O rio não é a única lembrança de uma natureza que se perdeu com o crescimento do bairro.

Tinha um ponto de encontro lá. Era a mangueira, a gente chamava de mangueira. Era um local com um monte de mangueira onde a gente se reunia, tinha um time, tinha um campinho de futebol. Então, os meninos se encontravam naquele local. Hoje não... tá totalmente, hoje lá tem construção de condomínios. Não tem mais a mangueira... eu tenho uma foto. Encontrei uma foto, da minha casa, eu tiro com os meus pais e no fundo está a copa das mangueiras. Só que essa foto, com o tempo, meu rosto já sumiu

¹⁰⁵ O *Pau da Véia* é referência a uma moradora, chamada dona Ana, cuja casa ficava às margens do riacho Alagadiço (ou riacho do Genibaú), afluente do rio Maranguapinho. Segundo contam os moradores, ela seria a responsável por construir, na década de 1950, uma ponte de madeira sobre o riacho, ligando os bairros Antônio Bezerra, Autran Nunes e Dom Lustosa. A ponte rustica foi substituída por uma de concreto e a comunidade no entorno (também chamada *Pau da Véia*), atualmente, faz parte do bairro Dom Lustosa. Apesar disso, em 2011, a ONG Movimento Pró-Cultura criou o Bloco *Pau da Véia*, que sai no pré-carnaval do Antônio Bezerra. Segundo o site BAB, o bloco foi “criado por **Márcio Andrade** (ONG Movimento Pró-Cultura)”, a partir de “uma brincadeira entre os moradores do bairro”, sendo, hoje, “referência no pré carnaval de nossa comunidade”. Disponível em: <<http://www.bairroantoniobezerra.com.br/BAB/modules/news/article.php?storyid=1427>>. Último acesso: 23/07/2015.

um pouquinho. Mas, tá lá, só a pivetada; é muito legal porque é uma imagem que praticamente ninguém mais tem daquele local. Eu tinha mais ou menos 9 anos (Inácio Rocha, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 23 de outubro de 2013).

A falta de uma relação harmoniosa com a natureza é bem própria nas cidades grandes, cujas imagens quase nunca se interligam com o que é natural. Apesar de a maioria das cidades ter surgido à beira de rios e riachos, o “progresso urbano” pouco ou nada se preocupou com essa questão. Fortaleza e o Antônio Bezerra não fugiram à regra e a imagem primária que se forma desse bairro é constituída apenas por elementos urbanos. Ruas e avenidas, pontes e viadutos, casas e prédios formam o cenário principal e qualquer relação saudável com a natureza local ficou retida no passado.

O envolvimento dos moradores com questões ambientais também não tem relevo nas falas dos meus interlocutores. A exceção é Jailson Pereira, justificada por sua ligação com a ONG Gedam, que trabalha com educação ambiental, e com o antigo programa radiofônico *Consciência Ecológica*. Até mesmo em sua fala, Jailson transparece a dificuldade para tratar o tema no Antônio Bezerra.

Sempre tivemos altos e baixos. Tem época que a gente tem ali em torno de 50 participantes. **A gente consegue mobilizar, às vezes, 300 participantes em um movimento, em um evento de passeio, numa manifestação.** Mas tem certa época que só tem três pessoas participando. Eu digo três participantes ativos, porque cadastrados nós temos mais. **Se for preciso um manifesto, algo que precisa ser mobilizado, é possível que a gente consiga reativar e chamar esses antigos participantes.** A gente consegue fácil, mas infelizmente, também tem a questão da participação ativa. Hoje, sou eu, tem o Camelo, tem a Vânia, são pessoas que estão realmente engajados. Mas, realmente... o movimento, assim no local Antônio Bezerra, não posso dizer que esteja ativo. Existe um movimento através da internet, por parte da minha pessoa. Devido eu ser bastante engajado na questão da informática, eu tento manter a ONG com participação *on line* [www.conscienciaeco.com.br]. A ONG oferece curso *on line*... Tenta manter o site ativo, através dos cursos e eu comando para fazer toda essa coordenação de tutores virtuais, novos alunos e divulgação [...] Tudo é voluntário (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015) [grifo meu].

Por outro lado, em uma rápida pesquisa no site BAB a partir da palavra Gedam, é fácil encontrar matérias que divulgam ações ambientais, promovidas pela ONG, mas com a participação dos moradores. As 13 notícias – todas entre 2007 e 2012 – que aparecem apontam para momentos de mobilização do bairro que foi palco de caminhadas ambientais (“Blitz ecológica abre semana ecológica em nosso bairro”, veiculada dia 05/06/2012) e de atividades educativas, como o dia “R”:

Aconteceu no dia 18/03/2008 no bairro de Antônio Bezerra uma passeata para conscientizar os moradores a fazer coleta seletiva, implantando o projeto “**Dia R – o dia Reciclagem**” organizada pela **ONG GEDAM** – Grupo de Educação Ambiental em parceria com a rede de ensino público e particular, os comerciantes, rádio comunitária e os moradores do bairro (Trecho da matéria, “Dia R (Passeata em Defesa

do Meio Ambiente no Bairro de Antônio Bezerra)”, veiculada dia 19 de março de 2008¹⁰⁶) [grifos no original].

Ampliando a busca com novas palavras-chave, surgem outras notícias que denunciam o descaso ambiental, mas que sugerem certa mobilização dos moradores, porque são eles que chamam atenção para os problemas. Um exemplo é a matéria – “Esgoto a céu aberto depositado no leito do afluente do rio Maranguapinho”, veiculada dia 10 de abril de 2013 –, que diz

Moradores de nossa comunidade reclamam da quantidade de esgoto depositado diretamente no rio e pelo odor que exala no local, constataram que havia sido retirado uma tubulação de esgoto que interligava os bairros Autran Nunes com o Antônio Bezerra, impossibilitando saírem de suas casas no final da rua Hugo Vítor (BAB, 2013¹⁰⁷) [grifo meu].

Ou ainda notícias sobre o acúmulo de lixo, como a veiculada dia 13 de maio de 2015 (“Rua Dr. Vale Costa tem Lixo acumulado 72h após término da feira livre”) e que, segundo Inácio Rocha, repercutiu junto aos políticos do bairro. Nessas matérias, é mais forte a ideia de um Antônio Bezerra com problemas ambientais e de infraestrutura, mas mobilizado, embora, essa imagem também surja nas falas de Jailson e Rondinelle.

Com relação às radiocom, acompanhando a atual programação, não consegui identificar falas ou notícias que tivessem este mote. Quase sempre os locutores se restringem a comentários sobre as músicas que tocam nos programas. Mas, nas falas com meus interlocutores, nas recordações que eles compartilharam algumas referências aos antigos programas *Consciência Ecológica* e *A Voz da Comunidade* davam o tom de mobilização ao bairro, que enfrentava problemas semelhantes aos atuais.

Nos dias de hoje, os moradores vivenciam transtornos que são constantes nas periferias das metrópoles: desemprego, lixo, falta de saneamento básico, violência, especulação imobiliária... Mas também usufruem das parcas melhorias que chegam e o Antônio Bezerra é apresentado por seus moradores como um bairro que possui uma gama de serviços; e, mesmo que tenham qualidade questionável, meus interlocutores gostam de ressaltar essa variedade. Chamar atenção para os equipamentos que o bairro tem parece-me uma forma de diferenciá-lo

¹⁰⁶ BAB, BairroAntonioBezerra.Com.Br. Disponível em: <<http://www.bairroantoniobezerra.com.br/BAB/modules/news/article.php?storyid=1203>>. Último acesso: 23/07/2015.

¹⁰⁷ BAB, BairroAntonioBezerra.Com.Br. Disponível em: <<http://www.bairroantoniobezerra.com.br/BAB/modules/news/article.php?storyid=1225>>. Último acesso: 23/07/2015.

dos bairros vizinhos que possuem bem menos recursos e mostrar uma imagem positiva do lugar em que moram.

Ainda no caminhar pelo Antônio Bezerra, são quase inexistentes as áreas públicas de lazer; e as quatro praças que encontrei pareciam deslocadas. Com exceção da praça da igreja Jesus, Maria e José (Praça Professor Serrano Bezerra) na qual sempre encontrei pessoas conversando, as demais pareciam servir apenas como ponto de passagem. A praça José Moreira Leitão fica espremida entre prédios comerciais, como a agência do banco Bradesco, já a Dr. José Acioli é a praça da estação ferroviária. Uma grande quadra ocupa quase todo o espaço da praça Padre Josefino Cabral, a única no lado B (à direita da Mister Hull, sentido Fortaleza/Caucaia). Mas, nas várias vezes que por lá passei, eu a vi desocupada.

Soube depois que ali acontecia um dos São João mais movimentados do bairro, com apresentação de quadrilhas, mas que também era uma praça perigosa, onde já havia ocorrido tiroteios e morte. Por sinal, a criminalidade é uma sombra que acompanha a vida no Antônio Bezerra, rondando o imaginário dos moradores, embora, todos os entrevistados insistam em dizer que o bairro não é violento. Eles rejeitam a imagem negativa de criminalidade e violência, que costuma sair na mídia e quando assumem que há crimes no bairro, eles os associam a fatores externos.

O nosso Antônio Bezerra não é perigoso, **não acredito nele violento**. A cidade se torna violenta pra quem anda com celular na mão. Na Bezerra de Menezes, a parada de ônibus cheia de gente e eu com celular na mão?! Aqueles pequenos furtos, que aparecem aqui, não é do pessoal do bairro é de gente de fora. Mas aí dizem “já aconteceu morte aqui na sua rua”. Só que não era própria do nosso bairro. As pessoas que atiraram foram feridas no Autran Nunes e vieram a ser socorridas aqui. [...] **Eles entra aqui no meio das famílias**. O Ronda pelo menos uma vez no dia passa. **Mas aqui mesmo, violento não é**. Uma família que mora ainda aqui na rua, que era uma família perigosa, dizia logo: “ninguém mexa com a minha rua”. Mas hoje, eles mudaram de vida, não faz mais isso. **Eles eram gangueiros, mas não mexiam com ninguém aqui da rua; eles não deixavam mesmo**. Aqui tem isso. É muito raro, mas muito raro acontecer, se tiver uma tentativa de assalto corre todo mundo pra cima que não dá tempo de levar nada não. Todos os vizinhos são assim (Carolina Rodrigues, a dona Carol, entrevista concedida dia 22 de setembro de 2013) [grifo meu].

Há um misto de insegurança pela violência e segurança pela familiaridade com o lugar, revelado em várias falas e atitudes de quem por lá mora. Observei isso em vários momentos das minhas andanças pelo bairro, como quando perguntei para um rapaz, que passava ao meu lado, onde ficava o restaurante Copacabana. Ele não somente me disse, como sugeriu que eu o acompanhasse: “Eu vou por lá. Eu moro aqui. Ei, mas eu não vou te roubar.”. Ele se chamava Laércio e estudava Letras na Universidade Estadual do Ceará (Uece) e, de fato, ele me mostrou onde era o restaurante, mas deu de ombros e sorriu um tanto envergonhado quando perguntei por que havia falado que não me roubaria.

Conversando com Paulo, ele tentou me explicar:

Creio que [o bairro] **ainda não chegou ao patamar de violento** (como nós conhecemos comparando com Serrinha, Pirambu, Serviluz e outros), mas está ficando violento sim. Há alguns anos atrás, **nosso bairro era bastante pacato**, andava-se muito tarde da noite e ninguém mexia com vc. Hoje em dia, isso não acontece mais, a criminalidade está espalhando-se de uma forma que os “pilantras” não se incomodam nem com horário. Hoje de manhã, por exemplo, eu indo trabalhar, vi um rapaz que estava esperando o ônibus e foi alvejado com 2 tiros (isso às 7hs da manhã). **Há um processo de aumento de criminalidade em toda a nossa cidade**, pois o crime se tornou banal (eu vejo isso todos os dias com meus alunos). E existem sim pessoas que estão vindo de outros bairros para fazer assaltos, assassinatos e tráfico... e digo-lhe mais, a tendência é piorar (Paulo Gleison Cordeiro, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 24 de outubro de 2013) [grifo meu].

As falas nos levam a crer que não haveria criminosos entre os moradores do Antônio Bezerra. A violência viria de fora. Morar entre criminosos traz para si uma associação que a maioria das pessoas não quer ter e é compreensível a rejeição dos moradores a essa imagem de violência. Assim, é previsível, quando ao reconhecer que há crimes no bairro, que haja a responsabilização das áreas vizinhas, que possuem, inclusive, piores índices socioeconômicos e concentram as favelas da região; ou que os criminosos do bairro sejam apresentados como pessoas leais aos vizinhos.

Entretanto, andando pelo bairro, o que se observa é que quase todo o seu território é mesmo residencial e bem familiar, pois é muito fácil encontrar famílias nas ruas. Tanto em dias úteis como em finais de semana, vi pessoas trabalhando em pequenos comércios ou se ocupando em afazeres domésticos. A sensação que passa é de que algumas casas (principalmente, as menores) se estendem até a calçada e que aquelas pessoas se conhecem e conduzem suas vidas nutrindo relações de vizinhança. Como diz dona Carol, “aqui todo mundo se ajuda. Se alguém der um grito, sai todo mundo na calçada para ajudar.” (Carolina Rodrigues, a dona Carol, entrevista concedida dia 22 de setembro de 2013).

Essa é uma das imagens mais fortes que identifiquei no bairro – quem mora ali se conhece e costuma se respeitar – e certamente esse cotidiano sustenta a afirmação de que o bairro não é perigoso.

Aqui vc ainda ve as pessoas nas calçadas conversando todo mundo se conhece é tranquilo, vez por outra tem um barraco de visinho pra animar. Pois é assim, **os chefões da criminalidade do bairro são filhos do bairro**, então **eles não mexem com quem é “das áreas”**. Eu por exemplo ando a qualquer hora pelo bairro, pois sou muito conhecido neste bairro, então ninguém mexe comigo. A maioria dos criminosos estudaram comigo... E é isso que eu não entendo. A escola dele era a mesma que a minha, o professor era o mesmo que o meu e os amigos eram os mesmos que os meus. Aí vem o pai e culpa a escola por isso exatamente... Aconteceu alguns casos interessantes comigo de eu caminhando pelo bairro de madrugada, voltando de uma festa, chegou um cara querendo me assaltar, extremamente drogado, aí quando eu vi, o reconheci, um cara conhecido pela alcunha de papelão - estudou comigo inclusive,

então falei com ele: poxa papelão, vai querer ganhar o nego mesmo? aí ele fechou os olhos, chegou mais perto e viu: AAAAAAAAAAAAAAAAAA MERMAO É O PAULO, OLHA O VACILO DO NEGÓ. O irmão metralha, eu ia ganhar o irmão metralha, olha o vacilo. Foi mau doido, foi mau. Eu ri muito nesse dia e ainda dei 50 centavos pra ele ficar feliz. Irmão metralha é como alguns nos conhecem no bairro (os mais jovens), pois eu sou filho de uma mãe solteira com mais 3 irmãos; fazendo alusão ao desenho animado do tio patinhas (Paulo Gleison Cordeiro, entrevista concedida pelo Facebook dia 24 de outubro de 2013) [grifo meu].

Foi bem fácil identificar que essa relação de proximidade com os “bandidos” do bairro é corriqueira e chega até a ser vista como algo natural. O diálogo com Léo Davi é bem representativo nesse sentido.

– Ah! Eu conheço alguns também, porque **quando você é criança, estuda junto ou você jogou bola junto**. E os caras hoje roubam, traficam, alguns já morreram, tem muito isso, de trajetórias que as pessoas tomam rumos diferentes e acabam se envolvendo mesmo. Teve um que era amigo mesmo meu e foi preso recentemente. Mas eu vejo muito assim, hoje o cara comanda uma boca, o outro o tráfico. Teve um cara que abriu uma academia com um sócio, e o sócio era um dos maiores traficantes lá das áreas e pouco antes de abrir a academia mataram o cara. Tem amigas minhas que casaram com traficantes.

– E você se sente seguro?

– Mas é porque, assim, **se eu te conheço desde criança, eu não vou te roubar**. Eles sabem quem anda no bairro, com quem podem mexer. [...] me reconhecem e não mexem. **Me consideram um nativo de lá**. Mas **assalto a mercantil já é outra lógica**, o pessoal chega mesmo (Léo Davi, entrevista concedida dia 26 de novembro de 2013) [grifo meu].

Também não é só uma atitude defensiva que provoca essa negação da violência no bairro. De fato, no Antônio Bezerra há poucas áreas de risco, mas ele está cercado por áreas com péssimas condições de vida e altos índices de pobreza e criminalidade.

Fora tem a favela do Sossego, que é uma das mais perigosas, fica entre o Antônio Bezerra e Pio Saraiva. A favela do Gugu que fica ali no viaduto. Tem a Papoco, Muriçoca. [...] a do viaduto que é uma das mais perigosas, o consumo de drogas lá é o tempo todo. Nós aqui do BAB, às vezes temos medo de passar por ali que era uma fábrica de algodão, agora é uma favelinha ali. Já descendo pro lado do Frotinha, tem a favela do Mingau, uma favela perigosa. Tem a do Manguelal. [...] Só ao redor do bairro (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015) [grifo meu].

Os moradores costumam ainda responsabilizar a mídia por essa imagem de bairro violento, atribuída ao Antônio Bezerra. A fala de dona Carol é bem significativa. “Às vezes, eu fico triste quando eu assisto à TV e vejo que eles falam mal do BAB. Aqui não é favela, tem nos arredores, mas aqui não é.” (Carolina Rodrigues, a dona Carol, entrevista concedida dia 22 de setembro de 2013). Para Valentim Santos, essa ligação que a mídia faz entre violência e o Antônio Bezerra tem mais relação com o distrito do que com o bairro propriamente dito.

Na verdade, dentro dessa zona aqui o bairro Antônio Bezerra é o maior, se comparar o espaço físico com o Autran Nunes, Pio Saraiva, Bom Sucesso, Granja Portugal, o Antônio Bezerra é o espaço maior. E **algumas pessoas ainda tem a imagem do**

Antônio Bezerra como distrito, por isso, a expressão **Grande Antônio Bezerra**, é como o Grande Mucuripe, a Grande Messejana (Valentim Santos, entrevista concedida em 13 de janeiro de 2015) [grifo meu].

Esse imbrincado território que reúne distintas condições estruturais e de vida é nomeado o “Grande Antônio Bezerra”, especialmente pelas notícias que saem na mídia de Fortaleza. Essa nomenclatura revela um caráter homogeneizador que estereotipiza o lugar, porque a expressão “Grande Antônio Bezerra” é usada para se referir aos problemas sociais, como a violência, falta de saneamento e infraestrutura e leva junto o nome de um dos bairros. Assim, apresentado como bairro “da periferia”, o Antônio Bezerra sofre com o estigma de lugar distante, precário, violento e ruim de morar, ganhando uma homogeneidade que contrasta com os índices demográficos e com as falas de seus moradores.

Essa generalização incomoda. No diálogo com dona Carol o incômodo fica evidente.

- E para a senhora, qual é o seu bairro Antônio Bezerra?
- É aqui. O meu Antônio Bezerra, hoje, é assim: umas duas ruas do trilho pra cá é Antônio Bezerra, a nossa divisão é um rio, o Maranguapinho. E eu acredito que ali da Cione pra cá é Antônio Bezerra. [...] **Porque, às vezes, sai no Barra Pesada...** Tem uma favela ali próximo ao colégio militar, tem a favela lá. Ai dizem: ah! Aconteceu tal crime no Antônio Bezerra. Mas não é verdade, lá já fica tão distante, o Buraco da Gia... Então **lá, não faz parte do Antônio Bezerra. É o Grande Antônio Bezerra.** Entendeu? [...] As pessoas ficam dizendo assim, que tá acontecendo algum crime no Antônio Bezerra. Mas não, porque **no nosso Antônio Bezerra** – aqui; da Mister Hull pra cá, do trilho pra cá, do rio pra cá, ali do aterro pra cá e da castanha pra cá – **ele não é tão violento.**
- Não?
- Não. Ele não é tão violento.
- Dá pra ficar na calçada?
- Dá sim!
- E a senhora fica?
- Fico sim! Aqui em casa é muita gente do interior, de vários interior, e muitas vezes... Agora é que as muriçoca não tá deixando... A gente ficava até meia noite na calçada. [...] Aqui já somos conhecidos. [o filho dela, Paulo, interrompe] Eu chego da faculdade meia noite e é tranquilo.
- É. (Carolina Rodrigues, a dona Carol, entrevista concedida dia 22 de setembro de 2013) [grifo meu].

É fácil observar o constrangimento que os moradores têm quando o bairro é associado à violência, principalmente quando isso é repercutido pela mídia. Em alguns casos, percebi até certa vergonha e irritação com essa visão de que o Antônio Bezerra é perigoso. Isso é algo esperado afinal, antes de qualquer coisa, aquele é o lugar em que eles vivem e uma imagem negativa de sua casa respinga na imagem que se quer de si. Mas, de certo modo, o estigma de violento é injusto, porque generaliza a condição de um bairro que, dia após dia, vivencia diversas situações e é recortado em distintas áreas.

Afinal, cada morador, ou grupo de moradores, no ir e vir de seus cotidianos, delimita seus pedaços, suas áreas.

Nesse pedaço aqui não é violento. Mas lá praulá, matam gente e tudo. Mas aqui na esquina, você pode ir e vir. Mas eu vou praulá fazer a hidroginástica, e nunca vi nada não. [...] A gente fica na calçada até as 22h da noite. Aí às vezes, a Ronda chega e pergunta o que nós estamos fazendo (Margarida Terto Araújo, a dona Margarida, entrevista concedida dia 18 de dezembro de 2013) [grifo meu].

O pedaço a que dona Margarida se refere são as adjacências da Rua Hugo Vitor onde fica sua casa. No quadrante que forma o pedaço de dona Margarida, fica também a casa do avô de Rondinelle Mendes – o ex-vereador Didi do Frifor – hoje ocupada por alguns dos seus tios e primos. Era ali que funcionava a antiga Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM e, quase vizinho, está a sede do Grupo Recreativo de Antônio Bezerra (GRAB).

Esta é uma das ruas principais do bairro, porque é onde se localizam alguns equipamentos, como um dos dois postos de saúde do bairro (o posto Humberto Bezerra), a delegacia (10º Distrito Policial) e o campo de futebol Antony Costa. Ela também é referência para algumas festas que acontecem no bairro, como comemorações em épocas de Copa do Mundo de Futebol e festejos juninos.

Outras ruas também são destacadas por vários moradores, embora a maioria deles não se refira às ruas pelos nomes oficiais, mas por construções de referência. A Rua Dr. Vale Costa (ou a Rua da Feira, como eles costumam chamar), a Professor José Leite Gondim (a Rua do Cemitério) e a Martins Neto. Esta última, paralela à avenida Mister Hull, cruza com a Hugo Vitor quase na altura da avenida e também reúne vários pontos comerciais e equipamentos.

Na minha rua [Martins Neto], **tenho quase tudo que eu preciso** a menos de um quarteirão, delegacia, posto de saúde, academia, banco e vários mercadinhos. Onde eu moro é bem calmo, os assaltos não são tão frequentes, **diferente de outras partes do bairro** que são um pouco mais perigosas (Mateus Miranda, entrevista concedida pelo Facebook dia 24 de outubro de 2013) [grifo meu].

Já Valentim Santos é bem enfático ao falar da Martins Neto. Para ele, a rua “é a nossa Copacabana dos acontecimentos históricos.” (entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015). Reforça, a partir da rua, a imagem de que o Antônio Bezerra é um bairro que foi centro de importantes momentos da história de Fortaleza.

Além disso, tanto Mateus como Valentim asseguram que o Antônio Bezerra é um lugar bom de viver. A imagem de bom lugar ganhou coro entre os moradores, inclusive entre aqueles com quem conversei informalmente, sem entrevistar. Mas, cada um me apresentou as suas áreas como a melhor parte do bairro, embora as opiniões positivas sobre suas áreas sejam generalizadas a todo o bairro (o Antônio Bezerra é bom, porque minha rua é boa).

E se para uns são os serviços ofertados nas áreas o ponto positivo, para outros, é a familiaridade com os vizinhos o ponto alto.

[gosto] demais [do bairro]; minha rua é cheio de comédia; tem o bebo corno; tem a mulher barraqueira. meu vizinho todo final de semana fica escutando aqueles bregas rasgados e bebendo, ai depois fica bebado e botando boneco. Tem a vizinha da frente que é a rádio antonio bezerra sabe tudo da vida de todo mundo, zuadenta que só ela (quando os filhos dela eram menores eles podiam estar onde fossem, ela só chamava eles gritando). Vc imagina acordar de manhã: O RODOLFO, O LETICIA, NATALIA, PASSA PRA CA MARIANA pra chamar 1 ela chamava os 4 HAAAAAAAA (Paulo Gleison Cordeiro, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 24 de outubro de 2013).

Mesmo com as preferências por suas áreas, os moradores são uníssonos ao apontar o centro, o coração do Antônio Bezerra. Segundo eles, o “lado A” (lado esquerdo da Mister Hull no sentido Fortaleza/Caucaia) reúne os principais pontos do bairro, onde há maior concentração de equipamentos e serviços.

Então, **os grandes pontos do bairro ficam do lado de lá**, que eu acho que é a esquerda. E **à direita quando passa a Mr. Hull, ele vai tendo umas bifurcações e vai deixando de ser Antônio Bezerra** e vai emendando para Quintino Cunha. [...] O lado de lá [lado A] é o que eu consideraria o centro do Antônio Bezerra, do lado de cá [lado B] já seria mais os limites do bairro, entendeu? [...] Da Bezerra, é o lado esquerdo, onde tem o cartório, o Bradesco, a igreja, ali é o centro do bairro. [...] As pessoas que moram do lado de lá tem mais aquele sentimento de bairro, de terra, de pensar o local e quem mora do lado de cá já não sente tanta essa identificação com o bairro. [...] Eu acho que aquilo que dá liga, que faz essa sociabilidade tá do lado de lá. É a igreja, a feira, o campo, o Grab que é um clube muito conhecido. Nas eleições, os candidatos atuam mais do lado de lá, então, eu acho que esse sentimento é criado por pessoas que estão mais próximas. Do lado de cá, eu acho que é outro tipo de sociabilidade, não tem aquela identificação com o local, é onde você reside, que você frequenta, mas eu acho que não cria esse sentimento de pertença (Léo Davi, entrevista concedida dia 26 de novembro de 2013) [grifo meu].

Um ponto curioso a destacar é que o Antônio Bezerra foi apresentado também como um bairro peculiar, cheio de “personalidades” e histórias inusitadas, algumas até engraçadas.

[...] **tudo no antonio bezerra é mais acentuado**, um bairro ao extremo, lembrando dos ultimos acontecimentos, greve dos policiais: todo mundo com medo em casa, quando vejo uma reportagem com populares no meio da rua armados com pé de cabra, onde era? no antonio bezerra e onde era o QG da policia na epoca? Antonio bezerra... (Paulo Gleison Cordeiro, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 25 de outubro de 2013) [grifo meu].

Situações insólitas e tipos singulares parecem povoar o imaginário de muitos moradores do Antônio Bezerra, inclusive, quando perguntado como definiria o bairro, Paulo apressa em dizer:

Definiria este bairro como **o bairro das personalidades**. Pois existem e existiram grandes personalidades locais que fizeram parte da infância e adolescência de todos que moram aqui (geralmente pessoas irreverentes, muito conhecidas ou com

problemas mentais). Há um ditado que percorre por aqui (principalmente entre os mais novos) que **no Antônio Bezerra, em cada casa, existe pelo menos um doido** [...] Ah, aqui no bairro existem váaaarias personalidades. Luiz da Zena que carregava os filhos e a mãe (a Zena) em seu carrinho de geladeira pra ir à escola. O "Thu" que sempre que ele passava na rua e gritasse o nome dele ele ria e gritava também. A varredeira (uma versão) mulher que fica varrendo as ruas por dinheiro. Tem o Toim Bizarro, um ancião alcólatra que sempre perambulava pedindo dinheiro pra comprar mais cachaça... (Paulo Gleison Cordeiro, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 24 de outubro de 2013) [grifo meu].

Embora dificilmente sejam encontradas em suas casas e só casualmente se esbarra com elas pelas ruas, várias dessas “personalidades” povoam as recordações de quem mora há muito tempo no bairro.

São quase todos da minha geração rrsrrsr ahhhh tem um que a gente vivia correndo dele; ele marcava carreira e se pegasse... depois agora já velho tive contato com ele, às vezes eu conversava porém sem entender nada do que fala. Na segunda [21/10], ví correndo atrás de uns meninos que faziam hora com ele do mesmo jeito de antigamente [...] (Inácio Rocha, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 23 de outubro de 2013).

Duas dessas personalidades estão, inclusive, retratadas no site BAB, que Inácio me mostra com certo orgulho e humor.

Sim temos muitos [doidos]. Vou procurar dois muito queridos pela galerinha do bairro (vídeos), um minuto. [...] é casuamente que os encontramos n param em suas casas. Esse segundo vive chorando pedindo pra entrar em casa. E n deixam, sempre tem barraco quando ele vai pra casa (Inácio Rocha, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 23 de outubro de 2013).

Inácio se refere a Top Less¹⁰⁸, o Douglas que mora no Antônio Bezerra há 40 anos. Ele e Francisco de Assis¹⁰⁹ – catador de materiais recicláveis que mora “no bairro do Sossego¹¹⁰, casa 99”, como ele diz no vídeo – aparecem na listagem dos vídeos do BAB, com o título “Nossa Gente”, dentro da seção “Entrevista”, que reúne 67 vídeos com diversos entrevistados. Interessante que no site BAB os “doidos” dividem a cena com as autoridades e artistas do bairro, pois, nesta seção, os vídeos são anunciados pela chamada **“Veja aqui as entrevistas de alguns moradores de nosso bairro”**.

Mas, a jocosidade, nos relatos de meus interlocutores sobre essa gente esquisita que causa riso e espanto, soa como subterfúgios para encobrir graves problemas sociais, que

¹⁰⁸ Disponível em: <<http://www.bairroantoniobezerra.com.br/BAB/modules/videotube/index.php?vid=385>>. Acesso: 15/07/2014.

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://www.bairroantoniobezerra.com.br/BAB/modules/videotube/index.php?vid=381>>. Acesso: 15/07/2014.

¹¹⁰ Sossego é uma comunidade pobre que fica entre o Antônio Bezerra e o Quintino Cunha. Da mesma forma que em outras comunidades pobres, é dúbica a sua localização. Observei isso tanto na fala dos moradores como em notícias do site BAB e da mídia local.

desencadeiam outros tantos problemas como os de saúde mental; ou ainda fortalecem preconceitos. E como diz o velho ditado “quem conta um conto aumenta um ponto”, nem sempre essas histórias que cercam essas personagens podem ser comprovadas.

Na minha rua tinha muitos moradores de rua q com certeza possuíam algum distúrbio psicológico, e também tinham vários "papudim de bar". alguns sumiram e outros faleceram. alguns eram bem famosos, **verdadeiras celebridades do bairro rsrs** não lembro de muitos. eu so lembro de uma mulher, bem recente, q ela era muito conhecida por possuir um forte odor. a historia dela, se eu não estou enganado é que ela era uma modelo em alguma cidade do interior. ela recebeu uma boa herança e alguns familiares dela enganaram ela e roubaram a herança. depois disso ela surtou. **isso é tudo q eu sei, e nem se é verdade rsrs** (Mateus Miranda, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 24 de outubro de 2013) [grifo meu].

Os relatos em torno desses “moradores especiais”, estigmatizados por suas doenças ou condições financeiras, não quebram a boa imagem que os meus interlocutores têm do bairro ou que se esforçam para transparecer. Esses moradores – apresentados como personalidades – dão ao bairro certo ar fantasioso, como se fossem lendas urbanas que enriquecem o bairro com histórias, em geral, engraçadas. Mas servem também para demarcar as diferenças entre indivíduos e famílias do próprio bairro, revelando as relações de superioridade e inferioridade dentro do Antônio Bezerra.

Esses estigmas internos são compartilhados por todos, inclusive por quem é estigmatizado. Pode-se dizer que as pessoas permitem ser classificadas abaixo de outras, porque não podem evitar esse estigma, pois não possuem poder suficiente para se contrapor (ELIAS E SCOTSON, 2000).

Outro aspecto interessante de observar foi o fato de que, no início das entrevistas, os moradores assumiam que suas famílias moravam no bairro há gerações com certo tom de conformação, apenas como uma constatação. Demonstravam que essa condição não fora planejada, que ela era apenas consequência de uma adaptação e que não haveria motivo para se vangloriar, afinal, ela seria mais um fruto do acaso ou das circunstâncias. Fico pensando que talvez o fato de morar há décadas em um bairro da periferia – que sofre estigmas com relação às áreas consideradas nobres de Fortaleza – não seja motivo para comemorações.

Mas, no decorrer de nossas conversas – quando percebiam que o fato de morarem no Antônio Bezerra fora o que motivou a entrevista e quando começavam a falar sobre experiências vividas no bairro – certo sentimento de orgulho transparecia. A sina se transformara em dádiva, talvez, pela minha aprovação (quando o outro aprova quem sou, valorizo-me), mas certamente, pelas recordações aflorarem bons sentimentos.

Afinal, a permanência no bairro tem forte relação com as ligações afetivas entre os parentes. Muitos filhos, mesmo depois de casados, recusam-se a morar longe dos pais. Mas, não é apenas o afeto que os mantém perto. A comodidade de morar próximo dos seus e as questões financeiras também são incentivos para permanecer no Antônio Bezerra. Seja por causa do apoio nas atividades diárias, como cuidar das crianças enquanto os pais trabalham; por se fazer “um puxadinho” na casa dos pais ou avós; ou por continuar morando na mesma casa.

Eu sempre morei no antonio bezerra, ja tenho 23 anos, na rua Martins Neto atras do banco bradesco. Os parentes q moram no bairro são a minha avó, meu tio, meu pai e minha mãe, minha irmã e meu irmão, e alguns primos e tios de casamento. Acho q só (Mateus Miranda, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 24 de outubro de 2013) [grifo meu].

A fala de Mateus reforça essa impressão que foi bem recorrente nas entrevistas que realizei, inclusive na fala dos comunicadores, como a de Rondinelle Mendes, que mora há 38 anos no bairro (desde que nasceu).

Minha família... minha mãe mora [no bairro], o meu pai mora aqui pertinho, aqui no Pici. [...] E eu tenho um irmão que também mora aqui... O meu avô que foi vereador, desde que ele não se candidatou mais, ele mora na Caucaia... Desde o ano 2000, ele passou a morar definitivamente na Caucaia. E eu tenho um filho de seis anos. Minha esposa veio de outro bairro, do Jóquei Clube (Rondinelle Mendes, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

Ou na fala do também comunicador, Inácio Rocha, que mora há 45 anos no bairro.

Moro na mesma rua em que nasci, por trás da igreja matriz do Antônio Bezerra; logo após o viaduto, a uns três quarteirões da casa dos meus avós. Muitos primos foram crescendo e saindo do bairro Antônio Bezerra, mas grande parte ainda mora no bairro. **O bairro do Antônio Bezerra... para mim, é minha inspiração, minha paixão** (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013) [grifo meu].

Inácio hoje é casado e sua esposa Viviane Rocha, com quem divide as responsabilidades pela manutenção do site BAB, mora no bairro há 20 anos. Eles têm juntos uma filha, com 18 anos, que nasceu no bairro.

Não é de causar espanto que esses vínculos, criados dia após dia, fortaleçam um sentimento de pertença entre os moradores do Antônio Bezerra, pois eles vão, em seus cotidianos, criando táticas de sobrevivência. Mais que isso: acostumam-se ao lugar numa simbiose que acaba por construir tanto os sujeitos como as coisas. São criados laços de afetos, mesmo diante das adversidades ou das diferenças entre os indivíduos. Há certa intimidade, forjada possivelmente pela convivência cotidiana quando as fronteiras entre o privado (a casa) e o público (a rua) se tornam maleáveis.

É possível inferir, então, que as imagens que os moradores criam do bairro Antônio Bezerra têm uma ligação bem forte com os laços de afetos que eles nutrem com o bairro. Então, se há violência, ela vem de fora, porque aqueles que habitam o bairro são pessoas de bem, e mesmo quando envolvidos com a criminalidade, com o tráfico por exemplo, são pessoas leais, que respeitam (e até protegem) os seus conhecidos, os amigos de infância, os vizinhos, os filhos dos amigos. Afinal, há laços de amizade a serem respeitados.

Por sua vez, essas imagens se chocam com as representações sobre o bairro feitas por quem é de fora (como as que saem na mídia). O conflito é estabelecido, especialmente porque em geral, aqueles que não vivem no bairro pintam um Antônio Bezerra precário, perigoso, ruim de se viver. Uma imagem bem distante daquela que os moradores defendem. Qual das duas versões estaria mais próxima da realidade? As duas ou nenhuma, pois a imagem se constrói pelo lugar em que o sujeito ocupa. E tanto a distância como a proximidade podem desfocar a visão.

Mais do que encontrar uma imagem verdadeira sobre o Antônio Bezerra é fundamental pensar sobre as consequências que cada versão do bairro pode trazer a seus moradores e até à Fortaleza como um todo. Estigmatizar o lugar como precário, perigoso e ruim de viver é obscurecê-lo e abandoná-lo. Enaltecê-lo como o lugar de gente boa, pacato como o interior e bom de viver pode mascarar seus problemas e imobilizar reações.

Além disso, para esta pesquisa, é importante também pensar em como as experiências comunicativas do bairro se inserem nos processos que constroem as imagens sobre o Antônio Bezerra, se causam modificações e quais seriam.

7.2.1 O bairro pelo site e as radiocom

A imagem que o site BAB constrói do Antônio Bezerra é a de um bairro familiar, cheio de atividades culturais e artísticas. Um bairro de moradores religiosos, povoado por escolas, que tem espaço para atividades esportivas, como a capoeira e, principalmente, o futebol; até porque tem o Campo do Rio Branco (Antony Costa), o Grab (com o futsal) e a Liga de Futebol que já existe há mais de 30 anos. Mostra, ainda, que o bairro tem história e tradição (com seus filhos ilustres e pontos históricos) e que acompanhou de perto o desenvolvimento de Fortaleza.

Mas, aponta problemas presentes no cotidiano de seus moradores, como a questão da infraestrutura (lixo, esgotos e buracos) e outros aspectos mais sociais como a pobreza e o tráfico de drogas. Em geral, no site, as causas desses problemas estão associados a fatores

externos – má gestão pública, crescimento da violência e do uso de drogas em Fortaleza. Desse modo, o que se observa ao ler o conteúdo do BAB é que seu discurso reverbera as falas dos moradores com os quais conversei e os comentários que li. Mais que isso, o site unifica as falas dos moradores em um único discurso.

Claro que não se pode negar a relação macro que tais questões possuem, pois não estão restritas ao bairro, mas a quase nenhuma ligação com os moradores do bairro parece isentá-los de responsabilidade (a culpa é do outro). Além do mais, quando há referência aos moradores, eles aparecem inconformados e até mobilizados diante desses problemas. Isso dá certa positividade às questões; diante dos problemas, o bairro se organiza para enfrentá-los. Tais discursos, construídos pelos processos culturais da vivência cotidiana, denotam uma postura de ação diante do que é vivido no bairro e quando expressos em um meio de comunicação ganham certa hegemonia.

O site, ao dar visibilidade a situações positivas – ações e eventos educativos e culturais, presença de construções de relevância histórica à Fortaleza, mobilizações à frente de problemas e até mesmo àquelas atividades corriqueiras, comuns a qualquer lugar (ir à igreja, jogar futebol, festejar etc.) –, fortalece de maneira positiva a imagem do Antônio Bezerra perante a cidade, que em geral associa o bairro à criminalidade e à precariedade. Forma-se uma espécie de resistência que vai de encontro às padronizações da metrópole que criam e perpetuam estigmas sociais.

A construção dessa imagem é intencional, pois na fala de Inácio Rocha, é notória sua vontade de mostrar o Antônio Bezerra de maneira positiva, contrapondo-se ao que é veiculado sobre o bairro na mídia local.

– O que tem no site que faz ele ser diferente do que já existe por aí? [pergunto]
 – Que tipo de matéria? Eu acho que... aquelas notícias, aqueles acontecimentos que a gente não vê na mídia, sabe? É... a coisa mais simples que está acontecendo lá. Digamos, um grupo de idosos que toda semana estão lá fazendo suas atividades, pessoas que trabalham com crianças carentes que buscam tanto a evangelização como... Sei lá! [risos] Qualquer outra atividade que, mesmo simples, a gente divulga. Eu acho que só isso dá um... mostra que no Antônio Bezerra acontecem aquelas coisas, que estão acontecendo, mas muitas vezes são abafadas e ninguém sabe da existência (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 25 de outubro de 2013).

Ao mesmo tempo, o conteúdo do BAB contribui para que o bairro ganhe destaque na relação com os bairros vizinhos que estariam em situação pior dada à maior precariedade social. É bem possível que essas relações de poder com a vizinhança, vivenciadas pelas representações criadas, não se apresentem de forma consciente a Inácio e àqueles que colaboram com o site. Nas conversas que tive com ele e Viviane Rocha, não percebi uma intenção explícita de sobrepor o Antônio Bezerra aos vizinhos, apesar de isso acontecer quando

eles demarcam as fronteiras do bairro. Revelam-se, pois, as tramas inconscientes que compõem a imagem que temos de nós e dos outros, inclusive porque diferenças e identidades tendem a ser naturalizadas pelos processos da vida cotidiana.

Desse modo, o site BAB reúne um conjunto de informações positivas sobre o Antônio Bezerra, o bairro aparece coeso, residencial, traz um tom de comunidade, com problemas, mas mobilizado. Os textos informativos do site constroem, então, uma imagem de organização dos moradores, envolvendo escolas e instituições e movimentos do bairro, como a Gedam, Movimento Pró-Cultura; a Costa Oeste FM e o próprio site. Eles também demonstram um sentimento de pertença em torno do bairro e fortalece a autoestima dos moradores do lugar ao contribuir para uma imagem positiva do bairro.

Quando o site faz isso, ele condensa uma representação do Antônio Bezerra, fortalecendo os pontos positivos que seus moradores individualmente enaltecem. O BAB mostra um bairro com múltiplas possibilidades, palco de diversas experiências. Mostra peculiaridades que distingue o Antônio Bezerra de qualquer outro lugar da cidade. Dá visibilidade a seus problemas, mas também a suas venturas. Tira os moradores do anonimato, ao mostrar seus rostos e nomes. O bairro já não é uma mancha, ele é um lugar.

A imagem condensada e positiva que o BAB cria tem origem na própria natureza do meio. O BAB é um site e, como meio de comunicação, recorta a realidade a cada postagem, criando representações que, embora sejam recortes da realidade, apresentam-se como um todo que repercute quando o site se estende para além do bairro. Ademais, o BAB guarda em suas páginas dez anos de memória e as imagens que ele cria parecem se cristalizar como hegemônicas. Em outras palavras, suas postagens sinalizam que são o que os moradores do Antônio Bezerra vivem e pensam.

A programação atual da Costa Oeste, por sua vez, tem como unidade o discurso da indústria cultural. Apresenta um Antônio Bezerra difuso, fragmentado, muito igual a qualquer outro bairro de Fortaleza. Essa imagem também existe no bairro, que sofre interferência da homogeneização da metrópole. Mas é uma imagem que pouco ou nada contribui para o fortalecimento dos laços afetivos e da autoestima dos moradores, pois a imagem do esfacelamento das relações sociais leva a um isolamento que imobiliza. E por mais que abra espaço a indivíduos que na mídia não teriam espaço (o que é louvável), a radiocom reforça estigmas e contribui para a mesmice.

Entretanto, o fato de ser uma experiência com certa autonomia diante da lógica do mercado, feita por moradores, dá à Costa Oeste a possibilidade de se reinventar. O passado da 87,9 FM – que emergiu nos relatos dos comunicadores e ex-comunicadores da emissora –

mostra que a radiocom já foi mais próxima da comunidade e ajudou a construir uma imagem mais positiva do Antônio Bezerra. Programas como *A Voz da Comunidade*, *Consciência Ecológica* e *Rondinelle em Ação por Um Mundo Melhor* – que tiveram sua origem na radiocom antecessora, a 103,5 FM – traziam a imagem de um bairro diverso, mas coeso e que se mobiliza quando é preciso.

As imagens construídas pelos veículos em questão resultam dos processos e das dinâmicas que constituem os próprios veículos. Nesse sentido, infere-se que tanto o site como as radicom não podem ser vistos somente pela técnica e tecnologia. Sem dúvida, esses elementos são inerentes a tais meios, pois a comunicação que produzem é mediada tanto pela técnica como pela tecnologia. Entretanto, tão ou mais importante que esses elementos são os indivíduos, principais sujeitos das experiências, pois são eles que devem direcionar os caminhos que cada meio de comunicação deve seguir.

Infelizmente, a condição de meio alternativo, melhor dizendo, que se distancia da lógica de mercado, não é garantia que se haverá uma postura e conduta em prol de uma coletividade, que conteste o *status quo* e tenha como fim transformações sociais. E até entre aquelas experiências em que se busca essa contestação, muitas vezes, os produtos finais apresentam-se como algo bem próximo ao que já está instituído pela indústria cultural, demonstrando o poder de padronização que a cultura industrializada possui dada a sua ligação intrínseca às bases que fundam o sistema do capital e à sua posição hegemônica.

Assim, com base no que Hall (2003) propõe, de que é importante estar atento não somente aos objetos culturais, mas fundamentalmente ao “estado do jogo de relações culturais: cruamente falando e de uma forma bem simplificada, o que conta é a luta de classes na cultura e em torno dela” (p. 258), é interessante observar não somente os resultados dessas experiências, mas também suas trajetórias e dinâmicas. Desse modo, foi com esse pensamento que optei por refletir também sobre como os comunicadores veem as experiências das quais fizeram ou fazem parte, tentando também encontrar as autoimagens que eles possuem.

7.3 As tantas faces das experiências de comunicação

Pensar e falar sobre cada experiência resulta em opiniões distintas, porque cada um encontra caminhos próprios para lidar com as emoções e ideias que a vivência possa provocar. Existe uma distância entre o que se viveu e o que é relatado não apenas por causa da natureza e estrutura dos discursos, mas também porque nas percepções que idealizamos sobre nós e o outro há sempre uma mescla entre o que se pensa que é e o que de fato é. Relatos são antes

interpretações, versões daquilo que se vive. Entretanto, é possível encontrar pontos em comum em narrativas sobre as mesmas experiências.

As falas dos comunicadores entrevistados, por exemplo, apontam para uma legitimidade no que é veiculado pelo site BAB e por conseguinte, no discurso a ele atribuído. Tal legitimidade está vinculada às atitudes e ao caráter de Inácio Rocha cujo nome é diretamente associado ao site. “Eu personalizo no Inácio porque esse trabalho é feito realmente pelo Inácio e pela esposa dele também, a Viviane. E o Inácio conhece a cidade toda e leva o nome do Antônio Bezerra e as suas virtudes lá pra fora, através do site.” (Rondinelle Mendes, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

O BAB tem um rosto, o rosto de Inácio Rocha cuja credibilidade é medida por sua conduta na forma de conduzir o site, mas também por ele ser um morador antigo do Antônio Bezerra. Os comunicadores entrevistados sinalizam que há uma boa intenção no que ele produz, reforçam o compromisso que ele tem com o bairro e tratam a comunicação do BAB como uma ação em prol do coletivo, da comunidade do Antônio Bezerra. “Considero o site importante por divulgar informações locais, assim como, anuncia apoiadores culturais do bairro, dessa forma, interage com a comunidade.” (Graça Tavares, entrevista concedida pelo *Facebook* dia 08 de junho de 2015).

Um aspecto interessante é que o fato de o BAB ser feito “por uma só pessoa” não invalida sua importância social junto ao bairro.

Importância como mais um meio de comunicação social e comunitária para o bairro já que ele foca bem e deixa bem claro o bairro. O primeiro site de um bairro aqui de Fortaleza, depois disso surgiram outros, como, se não me engano, o do Conjunto Ceará, que eu não sei se ainda tem. O Inácio, ele fez uma ideia boa, porque apesar de ser só ele o único a cuidar do site, quando tem uma campanha contra a dengue ou qualquer outra coisa de cunho social ele não tem nenhum problema em fazer a divulgação e ainda a cobertura do evento de forma gratuita para esses eventos sociais (Jailson Pereira, entrevista concedida dia 24 de janeiro de 2015).

A produção individualizada do site, inclusive, é vista por alguns como positiva. Valentim Santos, por exemplo, é da opinião que envolver muita gente causa confusão. Além disso, os comunicadores, em geral, ressaltam que no site, há abertura para sugestões e até mesmo para escrever matérias. “É porque muitas cabeças pensantes têm muitas divergências, e ele conta com uma equipe de colaboradores. O Inácio administra o site e se dedica ao site com a esposa; e tem as pessoas que escrevem.” (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

Já Inácio – apesar de não deixar dúvidas de que ele é quem mais se dedica ao site – sempre faz questão de reforçar a participação de Viviane Rocha, dos colunistas e de moradores

do bairro quando comentam ou encontram o casal e sugerem pautas. Viviane também reforça que o site está aberto à participação dos moradores. “Os moradores tem um canal para falarem sobre necessidades do bairro e assim obterem uma resposta mais rápida dos órgãos competentes, contribui também para seu desenvolvimento social bem como o comercial.” (Viviane Rocha, entrevista concedida pelo *Facebook*, dia 17 de julho de 2015).

Essas falas parecem uma forma de legitimar o BAB como do bairro, da comunidade, mesmo que os níveis e as formas bem distintas de participar não sejam problematizadas. Por sinal, há muitas nuances nos processos participativos do site que mereceriam uma pesquisa exclusiva. Os colunistas, por exemplo, mesmo com autonomia para escrever, não mantêm regular a alimentação de suas colunas, enquanto alguns jovens ligados ao Programa Mais Educação¹¹¹, do qual Inácio é instrutor, ajudam na cobertura de eventos. Infelizmente, essa investigação teria deixado esta pesquisa mais extensa.

Agora, com relação aos comentários dos usuários – muito embora não seja descartada a interferência da moderação que define o que será ou não publicado – o site é tratado como um veículo de comunicação e não é feita nenhuma ligação direta ao nome de Inácio (com duas exceções). Esse distanciamento entre produto e produtor, crédito à ausência de uma proposta coletiva – uma organização ou movimento popular do bairro – cujas ações pudessem mobilizar um número maior de moradores, ganhando visibilidade.

A falta de uma produção coletiva deixa o site nas mãos de especialistas, melhor dizendo, nas mãos de quem é autorizado a fazê-lo. Cria-se, entre os usuários e o BAB, uma relação em que não há interesse e nem estímulo para se pensar sobre como e por quem o site é produzido. O produto final, ou seja, o conteúdo publicado é que dialoga com o usuário. Algo bem parecido com o que acontece na mídia quando quase nunca se questiona sobre como e quem produz seu conteúdo. Por conseguinte, os polos emissor e receptor quase não sofrem alteração, pois a equação produção/particular e recepção/coletiva permanece.

Apesar disso, os usuários sabem que o site é feito por alguém do bairro e esse é um grande diferencial, que deixa esse veículo mais próximo deles. Além disso, os conteúdos

¹¹¹ Instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, o Mais Educação é um programa do Ministério da Educação (MEC) com vistas na ampliação da jornada escolar, tendo como perspectiva a Educação Integral. No contraturno das aulas, os estudantes das escolas das redes públicas de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal, que integram o Programa, desenvolvem atividades ligadas ao: acompanhamento pedagógico, educação ambiental, esporte e lazer, direitos humanos em educação, cultura e artes, cultura digital, promoção da saúde, comunicação e uso de mídias, investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica (MEC, Ministério da Educação, 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=16690&Itemid=1113>. Último acesso: 11/008/2015).

publicados – especialmente, as notícias sobre o Antônio Bezerra e as fotos de locais e pessoas do bairro – inspiram muitos usuários a tratar o BAB como do bairro, pois eles não encontram o mesmo espaço na mídia. E mesmo que haja críticas à qualidade do que é publicado, não há dúvidas de que o BAB está ligado ao bairro Antônio Bezerra, que ele “é do bairro”.

Achei um site bem feito, muito bom da perspectiva histórica, tem muita coisa sobre os moradores que fizeram parte da história do BAB, tem muita memória e fotografia. Quanto aos textos e as colunas, eu não gostei muito não. Mas essa parte mais histórica eu achei bem legal. Eu acho que apresenta bem o bairro (Léo Facundo, entrevista concedida dia 26 de novembro de 2013).

A condição de site do bairro, reproduzida tanto por usuários como por outros comunicadores, dá novos sentidos a esse veículo. Não seria, pois, exagero considerar correta a definição de Viviane Rocha sobre o site ser “um porta voz da comunidade e um referencial de pesquisa para as escolas.” (entrevista concedida pelo *Facebook*, dia 17 de julho de 2015). De certa forma, o sentimento transmitido é de que aquele site está mais perto deles do que a mídia em geral. E eles sabem a importância daquela visibilidade, expressada em vários elogios e parabenizações.

Ótimo saber do trabalho de jornalismo do Bairro Antônio Bezerra. Parabéns. Ficou ótimo a lembrança (Vila Notícias, comentário publicado em 15/08/2012).

Parabenizo a todos os organizadores do site, no qual, passa todos os informativos aos moradores do grande Antonio Bezerra. Sao os votos- George Couto (George Couto, comentário publicado dia 09/10/2011).

Muito bom o nosso bairro ter um site so dele, parabens pela ideia (Roberto Macedo da Costa, comentário publicado dia 25/11/2010).

O Bairro de Antonio Bezerra esta de parabens por tão grandiosa iniciativa (Paulo Henrique, comentário publicado dia 18/04/2012).

A razão disso acontecer é que grande parte do conteúdo do BAB é fidedigno ao cotidiano do bairro. Isso o legitima como site do bairro, inclusive, junto a outros meios de comunicação de Fortaleza, que usam o BAB como referência aos acontecimentos ligados ao Antônio Bezerra. Ele também é reconhecido por moradores de outros bairros, alguns, inclusive, expressam a vontade de que o site se amplie aos seus locais de moradia.

muito bom o site, moro no bairro padre andrade mas gosto muito do antonio bezerra. parabens!!!! (Edval Gomes, comentário publicado dia 31/05/2011).

o site é muito bom, mas gostaria de ter visto mais informações sobre os bairros. QC, Jardim Guanabara. Bjs (Rejane, comentário publicado dia 29/06/2010).

Desse modo, embora não seja comandado por uma associação, grupo ou movimento que represente o bairro, o BAB acaba por se legitimar – com o aval dos próprios usuários e moradores – como uma experiência comunicativa do Antônio Bezerra. Certamente, essa ligação

tão forte com o bairro venha pelo fato de Inácio morar lá desde que nasceu e ter laços de afetos bem fortes com o lugar; que por sinal, são estimulados pela própria atividade comunicativa.

Aumentou mais ainda esse amor, não que eu queira me chamar de bairrista, de eu apenas me preocupar direto com o bairro Antônio Bezerra, não é isso. Mas, esse desejo de ver o bairro sempre estampado em algum veículo de comunicação, um morador do Antônio Bezerra sendo referência em alguns pontos de Fortaleza e a gente indo lá registrando, é super legal. Só em ouvir o nome do bairro Antônio Bezerra, a gente já fica encantado com o que possa tá sendo representado de todo o nosso bairro que é positivo (Inácio Rocha, entrevista concedida dia 18 de maio de 2013).

Por ser o responsável direto pelo BAB, o cuidado em manter a imagem de credibilidade do site se estende a uma autoimagem de credibilidade que Inácio procura manter. Afinal, caso o site fosse descredenciado, visto como tendencioso, haveria um efeito cascata na imagem que Inácio quer de si, assim, se o site é visto de maneira positiva, ele também se vê positivamente. Dessa maneira, o BAB reflete muito a visão que Inácio tem não apenas do bairro, mas principalmente de como deve ser a postura de um comunicador que resolve falar de uma comunidade da qual faz parte; dar visibilidade a um bairro, que em geral não tem espaço na mídia senão aquele da marginalidade e dos estereótipos.

Ouso dizer que essa imagem reflete um fortalecimento da autoestima de Inácio que, mesmo com um jeito tímido e reservado, percebe-se valorizado pelo que faz. Não economicamente, mas socialmente; embora ele procure também essa valorização econômica muito mais para melhorar a renda familiar, do que por vincular a repercussão social do site a um retorno financeiro. “O lucro não é o mais importante”, é uma frase que Inácio repete demais.

Com relação à Costa Oeste 87,9 FM, os comunicadores que entrevistei apresentam imagens tão diferentes entre os primeiros anos e a fase atual da Costa Oeste que é possível pensar que são duas rádios distintas. As lembranças das experiências vividas na produção de antigos programas, na repercussão que eles alcançavam e na própria dinâmica de funcionamento da rádio que aproximava os comunicadores (entre si e do bairro) constroem uma representação de radiocom mais coletiva, preocupada com o Antônio Bezerra e a serviço da comunidade.

A fase da Costa Oeste entre 2006 e 2008 seria herdeira imediata do ímpeto que mobilizou a Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM que, apesar de ser vista como caseira, amadora, é apontada como fruto de mobilização de moradores do bairro. Pioneira, a 103,5 é lembrada como “a rádio do Rondinelle”, e, embora traga essa personificação, ela também é associada ao “pessoal do Rondinelle”, “ao grupo da rádio”, ou seja, há a ideia de um coletivo conduzindo as ações da radiocom, embora se destaque a presença de um líder. Como

primeira experiência, é dela também o impacto que um veículo de comunicação pode causar; como diz Valentim Santos, a rádio “mexeu com o bairro”.

Considero que a Costa Oeste tenha herdado essa imagem porque, de 2006 a 2008, Rondinelle Mendes foi o diretor da emissora e além dele, comunicadores como Valentim Santos e Jailson Pereira, que participavam da 103,5, migraram para lá. Havia de certa forma um grupo mobilizado que utilizava a radiocom para fazer valer as reivindicações do bairro e dar visibilidade às atividades culturais e esportivas que aconteciam no Antônio Bezerra. Essa imagem é expressada, inclusive, na fala de moradores que não possuem ligação direta com as experiências de comunicação do Antônio Bezerra.

Parabéns ao site, assim fico informado dos movimentos e projetos que ocorrem no meu saudoso bairro 'Antonio Bezerra'. Morando na Bahia pouco mais de três anos, vejo que os amigos de sempre, Rondinele Mendes, Nazareno, Claudenir (MINHA PRIMA). Estão mandando muito bem em seus campos de atuação. Abraços e saudades. José Antonio "Zé". (José Antônio, comentário publicado dia 14/10/2010).

Já nos dias de hoje e entre os comunicadores entrevistados, a 87,9 FM carrega uma imagem pesada de descrédito e quase nunca é apresentada como uma experiência de comunicação do bairro. É como se tivesse passado o tempo de comunidade da Costa Oeste, que agora estaria distante do cotidiano do bairro, tanto que a maioria dos meus interlocutores apontou o BAB como o veículo do bairro, assumindo o papel que antes era da radiocom (Inácio e Viviane evitaram essa comparação).

Se você comparar a rádio e o site, o site é de maior importância para a divulgação do bairro, porque foi o primeiro e o Inácio já ganhou muitos prêmios com esse trabalho do site. Hoje, quando a imprensa precisa saber de alguma coisa do bairro Antônio Bezerra, entra no site e está lá tudo registrado. [...] o site hoje tem uma credibilidade muito grande. Existem muitos sites, blogs, mas o nosso do BAB tem uma referência de trabalhar com fatos e fontes. Todas as minhas informações eu checo vou em fontes primárias, referências bibliográficas, para colocar algo que tenha conteúdo, jamais você vai colocar algo sem fundamento, porque aí perde a credibilidade do site (Valentim Santos, entrevista concedida dia 13 de janeiro de 2015).

A imagem de a Costa Oeste estar distante é expressada principalmente pelos comunicadores que se afastaram da emissora, e reforçada por Inácio e Viviane Rocha. Mas, até mesmo aqueles que permanecem ligados à radiocom, como Chico Tavares, também não negam o distanciamento. A diferença é que este último expressa uma vontade de “erguer a emissora”, de “torná-la novamente a rádio do bairro”. Enquanto os demais apresentam uma descrença de que isso seja possível, pois segundo eles, a Costa Oeste se tornou “totalmente comercial” e sofreu o último golpe quando foi “vendida para os evangélicos”.

Não há dúvidas de que a radiocom mudou de estilo, uma rápida olhada na programação da emissora já deixa isso explícito. Ela é praticamente musical e a maior parte dos

horários se destina a músicas religiosas. Além disso, todos os comunicadores entrevistados são unânimes em apontar que o tempo em que a radiocom foi arrendada pelo vereador Adail Júnior (de 2009 a 2012) serviu para afastar muitos dos comunicadores (inclusive, Rondinelle) e torná-la mais distante do bairro.

Mas, há uma questão a ser levada em consideração e que nenhum dos meus entrevistados levantou: de quem é a responsabilidade por esse estado de coisas? Do vereador que “tomou conta da emissora” após a saída de Rondinelle; ou do próprio afastamento de Rondinelle? Dos comunicadores que se afastaram ou do arrendamento para os evangélicos? É bem possível que uma série de fatores tenha levado à Costa Oeste a se distanciar dos moradores, e essa seria uma boa pergunta de partida para novas pesquisas. Aqui, porém, limito-me a pensar sobre as imagens que os comunicadores possuem da emissora e de si.

Pelo que me relataram, quase todos os comunicadores dos tempos áureos da Costa Oeste se afastaram da emissora por motivos pessoais. Evitar conflitos eleitorais. Escolher entre ensinar na universidade ou continuar na rádio. Optar por uma emissora com maior alcance. Não encontrar tempo para manter o programa. Atos individualizados que refletiram na atuação coletiva da emissora. Se ela “se perdeu”, “o vereador tomou de conta”, “ficou cheia de dívidas”, “foi vendida a evangélicos”; se tudo isso aconteceu foi como resultado de ações e omissões não de um ou outro indivíduo, mas do coletivo como um todo.

Entretanto, não é essa a percepção dos antigos comunicadores, que se eximem da responsabilidade ao afirmarem que fizeram a parte deles, mas que isso foi antes. Avalio que esse sentimento em que prevalece o individual e não o coletivo tem estreita ligação com a prática de arrendar horários, presente desde o começo da Costa Oeste. Senti também que havia certo cansaço nos comunicadores em ter que conciliar produção do programa com vida profissional ou ter que lidar com conflitos políticos. A emissora ficara como uma boa lembrança, mas um momento que não volta mais.

Ademais, os comunicadores que não se mantiveram na emissora quebraram o vínculo daquele grupo, poderia até dizer da comunidade de comunicadores do Antônio Bezerra. Eles não associam que a desaceleração das mobilizações em torno da Costa Oeste tem forte ligação com a desmobilização deles próprios em torno da radiocom. Eles também se diferenciam daqueles que ficaram, pois quem permaneceu na rádio leva consigo a positividade dos tempos de maior atuação da emissora, procurando manter a 87,9 funcionando.

Por outro lado, nessa longa caminhada de 2009 para cá, outros comunicadores foram se integrando à emissora (em um fluxo bem intenso de entradas e saídas). Traziam, porém, motivações bem individuais: fazer um programa sobre o gosto musical que aprecia ou

sobre a sua crença religiosa. A imagem passada é a de que o espaço da rádio foi ocupado sem uma preocupação coletiva com o bairro Antônio Bezerra. E por mais que pareça irônico, o grupo evangélico, que vem galgando espaço na programação, parece-me o único grupo com um projeto coletivo, mas, por estar associado a uma fé religiosa isso implica certa segregação.

Agora, um aspecto interessante que percebi entre os ex-comunicadores com quem conversei e que moram no Antônio Bezerra é que eles encontraram outras formas de contribuir com o bairro, seja dando aula, atuando em organizações não-governamentais ou participando de outros meios de comunicação. Como diz Rondinelle Mendes

independente da rádio, a gente já tem uma relação muito estreita com a comunidade porque eu sou muito bairrista. Eu sou a favor de que todos os equipamentos públicos devam existir nos bairros, principalmente no bairro onde eu moro, onde eu tenho filho, onde eu tenho uma família, meus amigos. Aí não pode faltar uma praça pública, um posto de saúde, uma escola... (Rondinelle Mendes, entrevista concedida dia 22 de junho de 2013).

Nas entrevistas que realizei, especialmente com Rondinelle, Jailson e Valentim, isso ficou muito evidente. Em diversas vezes, eles se referiam a outras atividades que realizam e entendiam a radiocom como mais um espaço para ação coletiva. Jailson, por exemplo, além de professor, participa da Gedam e de outras mobilizações que acontecem no bairro, também foi candidato a vereador (derrotado); o que denota uma atuação política, além da social. Valentim, como historiador, costuma dar visibilidade a história do local, revelou-me inclusive que um projeto futuro é se dedicar a uma pesquisa sobre as bodegas antigas do bairro.

É interessante a visão de que há diferentes formas de intervir socialmente e que os meios de comunicação alternativos à mídia são uma dessas formas. Por outro lado, individualizar a experiência comunicativa, sem observar que seu caráter coletivo precisa ser levado em conta juntamente com as motivações pessoais, acaba fragilizando esses meios de comunicação. Eles ficam vulneráveis às preferências, vontades e intenções individuais, e correm o risco de se tornarem instrumentos de grupos particulares.

Quando isso acontece o prejuízo é grande, porque oficialmente são apresentados como da comunidade, do coletivo, enquanto na prática, seguem em direção oposta. Tal postura pode afastar aqueles que deveriam fazer parte dessas experiências, ou seja, os membros da comunidade, no caso, os moradores do Antônio Bezerra. Fica a imagem de que a radiocom é igual a qualquer outra rádio. Ela perde seu valor simbólico e ao invés de mobilizar, acaba desmobilizando, decepcionando.

Entretanto, a Costa Oeste continua no ar e possui ouvintes que não se envolvem diretamente na produção da radiocom, mas que dão um *feedback* à emissora. No que consegui

observar, o retorno dos ouvintes é em geral positivo. Na *fanpage* da rádio, por exemplo, eles deixam comentários que demonstram um carinho pela emissora, por locutores e pelos programas. Mas, expressam uma proximidade com os programas, a partir das preferências religiosas ou musicais, e quase nenhuma referência ao bairro Antônio Bezerra é feita por esses ouvintes/usuários.

Em suma, a Costa Oeste continua como uma emissora comunitária tanto legalmente como no discurso de quem dela faz parte. Mas, perdeu o sentido de radiocom como sinônimo de mobilização em prol da democratização da comunicação e como instrumento para dar visibilidade às reivindicações populares.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando criança, ganhei um caleidoscópio e com um olho só, espiei. Mas nada de especial aconteceu e suspirei incrédula e frustrada. Soube em seguida que precisava movimentá-lo, insistir e apurar ainda mais a vista. Assim, fiz. De repente, como num passe de mágica, um mundo colorido se formou! E eram tantas as imagens e cores que as angulações da luz criavam que fiquei tonta e feliz... Nunca mais tive um caleidoscópio, mas, tenho a sensação de que para olhar a vida, preciso encontrar seus pequenos fragmentos de vidro e luz (Klycia Fontenele, 2015).

É preciso não perder de vista o impulso criador da vida cuja capacidade para reinventar-se é uma fonte de vitalidade. A vida, em sua dimensão holística, encontra maneiras para sobreviver às ameaças que sofre. É da natureza encontrar estratégias para combater, resistir ou simplesmente fugir daquilo que aprisiona, que a massacra. Sejam a poluição, o aquecimento do planeta, a caça e a pesca predatórias ou as formas de opressão do ser humano sobre outro ser humano pela relação trabalho e mais valia. A vida se impõe, apesar e por causa das intempéries e, talvez por isso, permaneça, modificando-se, resiliente, ininterrupta.

Diante deste pulsar, um elemento se tornou o foco de minha atenção, o ser humano. Não como um sujeito racional e atomizado, mas como parte dessa dinâmica vital. Indivíduos que, ao viverem encontrando formas de perpetuar material e simbolicamente suas vidas, fazem história. Foi com os olhos voltados para esses indivíduos – cuja complexidade se expressa em sua racionalidade e subjetividade – que enveredei pela investigação da vida em sociedade, tentando compreendê-la a partir das relações sociais, ou seja, das mediações culturais, mais precisamente, tentando entender a sociedade pela práxis comunicativa.

No que concerne a esta pesquisa, procurei investigar os processos de construção das imagens e autoimagens que criamos e que contribuem para apontar quem somos, através das diferenciações sociais. Refleti sobre a imbricada relação entre padronizações e estigmas sociais e como esta se constitui pelos jogos de poder, tão inerentes à condição humana. Mas, principalmente, tão apropriados pela sociedade contemporânea que se apresenta como uma sociedade das mercadorias na qual as estratificações são condição *sine qua non*. Para dar vazão a essas discussões, precisei manter o ser humano como o pivô de meu estudo, o ponto de partida.

Mais precisamente, procurei pensar no indivíduo como produtor e resultado de sua cultura, vista não como algo estanque, mas como linguagem em constante movimento. Um indivíduo que precisa do outro para se constituir, que é dotado de uma razão sensível e que tem na gênese de sua sociedade a comunicação que é multifacetada, dinâmica, simbólica e permissível ao diferente, ao novo. Um sujeito que se forma pelo conflito, que constrói uma vida em sociedade cheia de contradições de distintas ordens e, por conseguinte, que é dono de uma individualidade que é também social.

Para aprofundar tais discussões, direcionei meu olhar a um lugar específico, o bairro Antônio Bezerra. Procurei entender esse bairro no seu diálogo com Fortaleza, a metrópole que o abriga, que o constrói e da qual ele é parte. Observei como as discrepâncias sociais da capital cearense propiciam a proliferação de estereótipos e de estigmas que alargam as fronteiras entre seus habitantes. Problematizei sobre a necessidade que o capital tem de homogeneizar, padronizar a vida social (e por consequência, os indivíduos) em prol de sua perpetuação que se sustenta pela produção coletiva e apropriação privada da riqueza material e pela reprodução dessa lógica nas relações entre os indivíduos, em suas práticas socioculturais.

No contato com os moradores do Antônio Bezerra – não somente com aqueles que compuseram minha rede de contatos, mas também com tantos outros nos quais esbarrei nas vezes em que andei pelo bairro – observei que, se por um lado há esse ritmo ditante do capital, por outro, há também táticas de sobrevivência, elaboradas pela convivência cotidiana. Vi e ouvi falarem de hábitos que vão de encontro às regras da sociedade das mercadorias, como a venda/compra fiado sem garantias e a ajuda mútua entre vizinhos. Formas de interação que permitem a construção de elos de afetos, de identificações sociais, que constroem sentidos, tornando o território em que se vive um lugar.

Inferi, então, que no trânsito caótico e veloz da cidade, aqueles que habitam a urbe procuram estratégias para ordenar o tempo e o espaço necessários à convivência dia a dia. Enquanto são empurrados pelo ritmo alucinante da sociedade das mercadorias, vão construindo suas resistências para que, a partir delas, possam construir suas identificações sociais que irão incidir na definição de quem si é.

Percebi, ainda, os fragmentos que formam o Antônio Bezerra, não porque o bairro esteja esfacelado, mas porque é diversa a vida social. Observei ações e reações que permitem um diálogo entre o antigo e o novo, o tradicional e o moderno, mas fundamentalmente, entre a indiferença e a solidariedade. É fato, porém, que o recorte que fiz do bairro foi a partir de famílias estabelecidas há gerações no território e, de certa forma, elas representam o que é constante na fluidez das cidades que não ousei investigar.

Ao me aproximar desse cotidiano, identifiquei incontáveis formas de interação – linguagens, estilos, estéticas, hábitos, crenças, valores, preferências – convergindo em um mesmo espaço, que também é físico e que expressa em seus muros, ruas, construções, monumentos e calçadas sua história, seus cotidianos de lutas internas e com o resto da cidade. Percebi mais do que a geografia, do que a arquitetura do bairro, e o entendi como um ecossistema, uma articulação retroalimentada pelas práticas comunicativas, que se apresentam como mediações culturais.

Dentre as tantas maneiras de se comunicar vivenciadas pelos moradores do Antônio Bezerra, dediquei atenção especial àquelas mediadas pela tecnologia e voltei parte de meu trabalho a conhecer as experiências do site BAB e das radiocom Costa Oeste 87,9 FM e Antônio Bezerra 103,5 FM. Esse direcionamento se justificou pela interferência midiática no cotidiano social, que incide sobre as representações sociais. Mas também pela preciosidade que é encontrar experiências comunicativas que fogem à lógica e dinâmica do mercado e que se mantém há pelo menos dez anos em um bairro de periferia, como é o Antônio Bezerra.

Entretanto, me empenhei por compreender tais experiências não apenas pelo aspecto social de seus possíveis projetos coletivos, mas também, pelo que elas poderiam falar aos envolvidos. Por conseguinte, não houve intenção em classificá-las como popular, comunitária ou alternativa ou em buscar argumentos para legitimá-las. Afinal, meu interesse sempre foi em compreender como as imagens se formam, partindo do pressuposto de que a construção de imagens e autoimagens resulta das convergências entre indistintos processos de produção de sentidos, a partir da vida em grupo.

Para chegar até essas experiências como também até as vivências no bairro, optei por uma metodologia que desse vazão às recordações do que se viveu. No trato com os relatos de memória, observei de perto que o ato de lembrar exprime uma relação com o contexto. O passado que se torna presente é mais fruto da (re)interpretação de lampejos da memória do que de uma reprodução fiel do vivido. No ato de vasculhar o olvido, evocam-se afetos e sensações, aparentemente de outrora, mas, em uma visada mais atenta, tais afetos e sensações apresentam-se em uma relação com o presente.

Se de um lado, o aflorar da memória aciona emoções adormecidas, de outro, impõe uma racionalidade necessária à construção da fala, especialmente quando esta é provocada durante uma entrevista. Afinal, apesar de a palavra falada ser muito mais imediata e espontânea do que a palavra escrita, há também na primeira traços de reflexão e de elaboração na escolha do que é revelado e/ou ocultado. Tais mecanismos tornam a narrativa uma experiência sensorial e analítica, cuja profundidade vai depender, principalmente, da disposição e potencial reflexivo daquele que relembra e conta, ou seja, do sujeito-narrador.

Ao trabalhar com a memória, entrei em contato com emoções que afloravam à medida em que meus interlocutores falavam, e que vinham à tona pelos gestos, expressões faciais, semblantes e tons de voz. Mas, fui surpreendida ao ver que as minhas recordações também foram despertadas e me vi diversas vezes pensando nos lugares onde morei e naqueles com quem convivi. Esse momento esteve mais farto de emoção do que de razão. Entretanto,

posso dizer que presenciar as lembranças de outrem – e, de certa forma, vivenciar junto, porque era eu a espectadora – parece acionar dispositivos de nossa própria memória.

Diante disso, se a proposta da cartografia já antevê objeto e pesquisador integrantes de um mesmo processo, estando ambos sujeitos a serem afetados e até modificados, ousar dizer que o uso da memória, através da quebra de isolamentos que a entrevista pode proporcionar, é um caminho certo para se viver uma experiência dialógica na construção de conhecimentos, que extrapolam o campo científico.

Por fim, minha investigação levou-me a constatar que os moradores do Antônio Bezerra nutrem relações de afeto com o bairro. Embora percebam suas adversidades, foi aquela parte da cidade que os acolheu e que, de alguma forma, foi construída por eles. Há, em pontos distintos do bairro, lembranças do vivido, daquilo que também os constrói. Diante disso, a imagem do lugar se funde com a imagem que eles têm dos seus e de si. Há, portanto, uma atitude de defesa, e até de resistência, diante dos tantos estigmas a que estão sujeitos por morarem em um território identificado como periferia.

Ademais, os moradores do Antônio Bezerra reivindicam suas diversidades, seus hábitos, costumes que os distinguem dos demais moradores de Fortaleza, até mesmo daqueles que são seus vizinhos. Reforçam a ideia de viverem em um lugar familiar onde as pessoas se respeitam e que, apesar dos problemas estruturais, os acolhe, porque é ali que eles dialogam com a cidade de Fortaleza, criam sentidos para a vida e para si. Apegam-se aos elos de afetos tecidos dia após dia, guardando na memória as marcas da convivência que os ajudam a se perceberem como indivíduos, melhor dizendo, como sujeitos sociais.

Entre aqueles envolvidos com o site e as radiocom, há uma percepção das contribuições que suas atividades comunicativas promovem (ou promoveram) no bairro. Mas, há variações dessa consciência, sendo mais evidente naqueles cuja trajetória de vida permitiu pensar na coletividade. Demonstrando, assim, que os meios de comunicação por si só não são suficientes para garantir que surja uma consciência da força para intervenção social que tem a junção comunicação e tecnologia. Os indivíduos que vivenciam essas experiências comunicativas precisam estar atentos ao papel que desempenham, assumindo eles próprios o controle de suas decisões.

Por fim, o meu olhar junto com os 16 interlocutores, que me apresentaram o Antônio Bezerra e as experiências de comunicação com site e rádio, moldaram aquele bairro como um grande caleidoscópio de onde brotam incessantemente múltiplas imagens. Afinal, as imagens se modificam porque elas se formatam pelo cotidiano que, embora pareça monótono

e mecânico, traz a possibilidade de reinvenções quando está em jogo a sobrevivência, mais ainda, quando se concebe o ser humano como sujeito histórico e imaginativo.

REFERÊNCIAS

ABRAÇO, Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária. **Site oficial**. Disponível em: Disponível em: <<http://abraconacional.rom232.com.br/>>. Último acesso: 28/05/2015.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro-RJ: FGV, 2004.

ALVES, Andréa Moraes. Fazendo antropologia no baile: uma discussão sobre observação participante. In VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. **Pesquisas urbanas**. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 2003.

ANATEL, Agência Nacional de Telecomunicações. **Site oficial**. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/>>. Último acesso: 17/06/2015.

BACH, Richard. **Longe é um lugar que não existe**. 27ª ed. São Paulo: Record, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Os problemas fundamentais do método sociológico na ciência da Linguagem. 12ª ed. São Paulo-SP: HUCITEC, 2006.

BARRETO, André Luís Garcia. O que é uma OSCIP?. In.: **SAGRES**, Instituto. Disponível em: <<http://www.sagres.org.br/artigos/oscip.pdf>>. Último acesso: 06/06/2015.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓCIA, Liliana da (orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre-RS: Sulina, 2009.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓCIA, Liliana da (orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre-RS: Sulina, 2009.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo-SP: Editora Cultrix, 1987).

BASTOS, Núbia M. Garcia. **Introdução à Metodologia do Trabalho Acadêmico**. 5 ed. Fortaleza-CE: Editora Nacional, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2003.

_____. **A confiança e o medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Belo Horizonte-MG: Autêntica Editora, 2012.

BENTO, Victor Régio da Silva. **Centro e Periferia em Fortaleza sob a ótica da disparidade na infraestrutura de saneamento básico**. Dissertação. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologias. Fortaleza, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças dos velhos. 3 ed., São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo-SP: Editora UNESP, 2004.

BRETON, Philippe. **A manipulação da palavra.** São Paulo-SP: Edições Loyola, 1999.

_____. **A argumentação na comunicação.** 2 ed., São Paulo: EDUSC, 2003.

CALDEIRA, Teresa Piresdo Rio. **A política dos outros.** O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e Cidadãos;** conflitos multiculturais da globalização. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007.

Disponível em:

<http://gesp.ffiich.usp.br/sites/gesp.ffiich.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf>. Acesso: 19 de março de 2015.

CERTEAU, Michel de [1925-1986]. **A invenção do cotidiano:** 2. morar, cozinhar. 11ª ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2012a.

_____. **História e Psicanálise:** entre ciência e ficção. Coleção História & Historiografia, v. 3. 2 ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica Editora, 2012b.

COGO, Denise. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In. PERUZZO, Cicilia M. Krohling (org.). **Vozes Cidadãs:** aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina. Coleção Comunicação e Mídia. São Paulo: Angellara Editora, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1989.

COSTA, Caio Túlio. Modernidade líquida, comunicação concentrada. In. **Revista USP**, São Paulo, nº 66, p. 178-197, junho/agosto, 2005. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13446/15264>>. Último acesso: 17/05/2015.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. Urbanização da sociedade fortalezense. In **Revista do Instituto do Ceará**, v. 122, p. 183-204, 2008.

_____. Planejamento e expansão urbana. In. DANTAS, Eustógio Wanderley Correia, SILVA, José Bozarcchiello da, COSTA, Maria Clélia Lustosa (org.). **Da cidade à metrópole:** (trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. O centro de Fortaleza na contemporaneidade. In. DANTAS, Eustógio Wanderley Correia, SILVA, José Bozarcchiello da, COSTA, Maria

Clélia Lustosa (org.). **Da cidade à metrópole:** (trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In. DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2ª ed. São Paulo-SP: Editora Atlas, 2010.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. In. **Revista Educação & Sociedade.** ano XIX, n. 62. Caderno de Estudos de Educação e Sociedade - Unicamp. Campinas-SP, abr, 1998. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br/revista/rev/rev62.html>>. Acesso: 09/09/2014.

DURAN, Marília Claret Geraes. Colocar-me por escrito – escrever um memorial. In. **Educação & Linguagem,** Vol. 12, N. 20, p. 132-147, jul-dez, 2009.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2000.

FACUNDO, Léo David Terto. **E do barro se fizeram os votos:** estratégias políticas dos pré-candidatos a vereador no espaço do bairro Antônio Bezerra. Monografia de graduação do curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2012. Disponível em: <http://www.cienciasociais.ufc.br/monografias/2012_Leo_Facundo.pdf>. Acesso: 20/09/2014.

FESTA, Regina. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In. FESTA, Regina, SILVA, Carlos Eduardo Lins da (org.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil.** São Paulo: Paulinas, 1986.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. 8ª ed. Coleção Tópicos. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1999.

_____. **A Ordem do Discurso.** São Paulo-SP: Edições Loyola, 1987.

_____. **Microfísica do poder.** 28ª reimpressão. Rio de Janeiro-RJ: Graal, 2010.

FRAGOSO, Suely. Redes urbanas e redes digitais: considerações sobre governança eletrônica. In. PRYSTHON, Angela; CUNHA, Paulo (org.). **Ecossistemas urbanos:** a cidade e suas articulações midiáticas. Porto Alegre: Sulina, 2008.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos [1920-1923].** Obras completas vol 15. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2011.

GADELHA, Jane Fontes; PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. Registros do Mapa de Inclusão Digital: radiografia, estatística e indicadores de acesso à internet de centros comunitários digitais no Brasil. In. **Revista IBICT.** Inc. Soc., Brasília, DF, v. 5 n. 2, p.43-61, jan./jun. 2012. Disponível em: <www.revista.ibict.br>. Último acesso: 17/06/2015.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

_____. **Pequena história do Ceará**. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1971.

GOHN, Maria da Glória. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Memorial de formação** – registro de um percurso. s/a. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-AnaGuedes.pdf>>. Acesso: 06/09/2014.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In. _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte/MG: Autêntica Editora, 2013. Coleção História & Historiografia.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro-RJ: Aeroplano, 2000.

IANNI, Octavio. **Karl Marx: sociologia**. São Paulo-SP: Editora Ática, 1979.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas de População**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2014/estimativas_2014_TCU.pdf>. Acesso: 23/04/2015.

_____. **Atlas do Censo Demográfico 2010/IBGE**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/>>. Acesso: 24 de abril de 2015.

IPECE, Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. MENEZES, Adriano Sarquis Bezerra de e MEDEIROS, Cleyber Nascimento de (org). **Perfil socioeconômico de Fortaleza**. vol. 2. Fortaleza-CE, 2012. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/Perfil%20Socioeconomico%20Fortaleza%20final-email.pdf>>. Acesso: 12/07/2014.

IPLANFOR, Instituto de Planejamento de Fortaleza. **Iniciando o diálogo** – por uma Fortaleza de oportunidades, mais justa, bem cuidada e acolhedora. Edições Iplanfor. Série Fortaleza 2040, nº 2, ano II. Fortaleza, Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2015.

ITI, Instituto Nacional de Tecnologia da Informação. **Site oficial**. Disponível em: <<http://www.iti.gov.br/>>. Último acesso: 17/06/2015.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais?. In. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** 4 ed., Belo Horizonte-MG: Autêntica Editora, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEAL, Ondina Fachel. **A leitura social da novela das oito**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1986.

LEMOS, André; LEVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. Coleção Comunicação. São Paulo: Paulus, 2010.

LISPECTOR, Clarice. Sobre escrever. In: **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Rocco, 1999.

LOPES, Valmir. **As lógicas da representação política**: o processo de mudança de lideranças políticas em Fortaleza. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, 2005. Disponível em: http://www.lepem.ufc.br/vl/Lopes_2005_Logicas_da_representacao_politica.pdf. Último acesso: 25/07/2015.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco**: Cultura popular e lazer na cidade. 3ª ed. São Paulo/SP: Hucitec/Unesp, 2003.

_____. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In. MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (org). **Na Metrópole**: textos de antropologia urbana. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2008.

MALERBA, João Paulo Carrera. Rádios comunitárias brasileiras e a questão espacial. In. **XVII Compós**: Bauru/SP, 2008. Disponível em: http://compos.org.br/data/biblioteca_309.pdf. Acesso: 23/12/2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Quem manipula quem?** – poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **A Saga dos cães perdidos**. Coleção Comunicação e Jornalismo. 2 ed. São Paulo-SP: Hacker Editores, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MARX, Karl. **A miséria da filosofia**. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. vol. 77. São Paulo-SP: Editora Escala, 2007.

_____. In. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Feuerbach – A contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista. 5ª impressão. São Paulo-SP: Martin Claret, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã [1845-1846]. In. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Feuerbach – A contraposição entre as cosmovisões

materialista e idealista. Coleção Obra-prima de cada autor. vol. 192. 5ª impressão. São Paulo-SP: Martin Claret, 2012.

_____. **Manifesto do Partido Comunista**. Coleção Obra Prima de Cada Autor. 2ª ed. 13ª reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2013.

MATOS, Teresa Cristina Furtado. **Rádios Comunitárias: sintonia dissonante e autoimagem**. Coleção Textos nômades, vol. 5. Fortaleza-CE: Banco do Nordeste do Brasil, 2011.

MATTOS, Geísa. **A Favor da Comunidade - modos de viver a política no bairro**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2012.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia: um produto à venda: Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo-SP: alfa ômega, 1978.

_____. **Entrevista, o diálogo possível**. 4ª ed. São Paulo-SP: Editora Ática, 2001.

MELO, José Marques de. A Muralha Digital: Desafios brasileiros para construir uma sociedade do conhecimento. In.: PERUZO, C.M.K. e BRITTES, J. (org.). **Sociedade da Informação e Novas Mídias: participação ou exclusão?**. São Paulo: Intercom, 2002.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e a questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MONTES, Maria Lúcia Aparecida. Posfácio. In. MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (org). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2008.

MOREIRA, Diego Gouveia. *Coproduções na Rede Globo: protagonismo da periferia, sob a ótica da elite*. In.: **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, Rio de Janeiro, Unisinos, v. 11, n 3, p. 211-218, setembro/dezembro 2009.

MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. 1ª ed especial. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

OBSCOMCOM, Observatório de Comunicação Comunitária. **Site oficial**. Disponível em: <<http://artigo19.org/obscomcom/radcom/mapa/includes/Imprime.php>>. Último acesso: 28/05/2015.

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. **Escuta sonora – recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

OLIVEIRA, Klycia Fontenele. Da sociedade da informação à sociedade do conhecimento: reflexões sobre os processos comunicativos. In. **Faculdade Cearense em Revista**. v. 3, 2012. Disponível em: <<http://www.faculdadescearenses.edu.br/revista2/edicoes/vol3-1-2012/artigo6.pdf>>. Último acesso: 15/06/2015.

_____. A sociedade da informação na lógica do capital. In. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de**

Ciências da Comunicação. Fortaleza-Ce, 3 a 7 de setembro, 2012. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0040-1.pdf>>. Último acesso: 05/07/2015.

PACHECO, Leonardo Turchi. Norbert Elias e Michel Foucault: diálogos sobre poder e sexualidade. In. **Caderno Espaço Feminino**. vol 21, nº 01. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, jan/jul 2009, p. 255-267. Disponível em:
<<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/3698>>. Acesso: 02/09/2014.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2ª ed. (rev. e ampl.). Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓCIA, Liliana da (orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre-RS: Sulina, 2009a.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política da narratividade. In. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓCIA, Liliana da (orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre-RS: Sulina, 2009b.

PEREIRA, Raimundo Rodrigues. Vive a imprensa alternativa. Viva a imprensa alternativa!. In.: FESTA, Regina, SILVA, Carlos Eduardo Lins da (org.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Sociedade da informação no Brasil: desafios de tornar a internet de todos para todos. In.: PERUZZO, C.M.K. e BRITTES, J. (org.). **Sociedade da Informação e Novas Mídias: participação ou exclusão?**. São Paulo: Intercom, 2002.

_____. **Comunicação nos Movimentos Populares - A Participação na Construção da Cidadania**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

_____. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília-DF: Intercom, 2006.

PMF, Prefeitura Municipal de Fortaleza. **Anuário de Fortaleza 2012-2013**. Disponível em:
<<http://www.anuariodefortaleza.com.br/administracao-publica/ex-prefeitos-de-fortaleza.php>>. Acesso: 26/04/2015.

PNAD, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Suplemento Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoa, 2011. In. **IBGE**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acesoainternet2011/default.shtm>>. Último acesso: 15/06/2015.

_____. Ano 2013. In. **IBGE**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2013/>>. Último acesso: 17/06/2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In. **Estudos Históricos**. vol. 2. nº. 3. Rio de Janeiro-RJ, 1989. p. 3-15. Disponível em: <<http://sistema.bibliotecas.fgv.br/>>. Acesso: 10/08/2014.

_____. Memória e identidade social. In. **Estudos Históricos**. vol.5 nº 10. Rio de Janeiro-RJ, 1992. p.200-212. Disponível em: <<http://sistema.bibliotecas.fgv.br/>>. Acesso: 10/08/2014.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)**. 5ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2014.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In. **Projeto História**. nº 15. São Paulo-SP, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História, PUC-SP, 1997, p. 13-33. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria15.pdf>>. Acesso: 20/09/2014.

PRYTHON, Angela; CUNHA, Paulo (org.). **Ecos urbanos: a cidade e suas articulações midiáticas**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

ROSSI, Paolo. **O Passado**, a Memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias. São Paulo-SP: Editora UNESP, 2010.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo-SP: Companhia das Letras; Belo Horizonte-MG: UFMG, 2007.

SCHLEMMER, Eliane; LOPES, Daniel de Queiroz. Redes sociais digitais, socialidade e mdv3d: uma perspectiva da tecnologia-conceito ecodi para a educação online. In. **Redes Sociais e Educação – desafios contemporâneos**, 2013. Disponível em: <<http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/view/204/157>>. Último acesso: 13/05/2015.

SECOM, Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República do Brasil. **Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira**. Brasília: Presidência da República, 2010. Disponível em: <www.secom.gov.br>. Último acesso: 18 de junho de 2015.

_____. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br>>. Último acesso: 19 de julho de 2015.

SILVA, José Borzacchiello da. Formação socioterritorial urbana. In. DANTAS, Eustógio Wanderley Correia, SILVA, José Bozacchiello da, COSTA, Maria Clélia Lustosa (org.). **Da cidade à metrópole: (trans)formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SILVA, Marcelo Moraes et all. Norbert Elias e Michel Foucault – apontamentos para uma tematização relacional da noção de poder. In. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**. vol 11, nº 01, jan/jun 2014, p. 254-275. Florianópolis-SC: UFSC. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2014v11n1p254/26895>>. Acesso: 02/09/2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da diferença e da identidade [2000]. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 11 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Redes e cidades**. Coleção Paradidáticos. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

SOUZA, Maria Salete de. Análise da estrutura urbana. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia, SILVA, José Bozarcchiello da, COSTA, Maria Clélia Lustosa (org.). **Da cidade à metrópole: (trans)formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

TOMICCH, Dale. A Ordem do Tempo Histórico: a Longue Durée e a Micro-História. In: **Almanack**. Guarulhos, nº 02, p. 38-51, 2º semestre de 2011. Disponível em: <XXX>. Acesso: 23 de março de 2015.

TRF, Tribunal Regional Federal – 5ª região. Apelação Criminal: ACR 5685 CE 0007690-442006.4.05.8100. In: **JusBrasil**, 2010. Disponível em: <<http://trf5.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/14405438/apelacao-criminal-acr-5685-ce-0007690-4420064058100/inteiro-teor-102899420>>. Último acesso: 20/07/2015.

UECE - Universidade Estadual do Ceará. **Mapa da criminalidade e da violência em Fortaleza - perfil da SER III**, 2011. Disponível em: <http://www.uece.br/covio/dmdocuments/regional_III.pdf>. Acesso: 14/07/2014.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. [organizadores Hermano Vianna, Karina Kuschner, Celso Castro]. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VOGEL, Daisi. **Borges e a entrevista: performances do escritor e da literatura na cena midiática**. Florianópolis-SC: Insular, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 11 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.